ÓCIO, LAZER E DISTINÇÃO

VILEGIATURA MARÍTIMA E A INVENÇÃO DO GUARUJÁ (1893-1913)

CARLOS EDUARDO COLLET MARINO

orientação: Prof. Dra. Ana Lúcia Duarte Lanna

ÓCIO, LAZER E DISTINÇÃO

VILEGIATURA MARÍTIMA E A INVENÇÃO DO GUARUJÁ (1893-1913)

CARLOS EDUARDO COLLET MARINO

orientação: Prof. Dra. Ana Lúcia Duarte Lanna

Versão Original

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre no
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da
Universidade de São Paulo.

Área de concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e
Urbanismo.

São Paulo, 2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa desde que citada a fonte.

Email do autor: cadumarino@gmail.com

Catálogo na Publicação
Serviço Técnico de Biblioteca
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Marino, Carlos Eduardo Collet

Ócio, lazer e distinção. Vilegiatura marítima e a invenção do Guarujá. (1893-1913) / Carlos Eduardo Collet Marino; orientadora Ana Lúcia Duarte Lanna. - São Paulo, 2018.

274p.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Área de concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo

1. São Paulo. 2. Modernização. 3. Lazer. 4. Beira-mar. 5. Vilegiatura. I. Lanna, Ana Lúcia Duarte, orient. II. Título.

ÓCIO, LAZER E DISTINÇÃO

Vilegiatura marítima e a invenção do guarujá (1893-1913)

Carlos Eduardo Collet Marino

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre no
Programa de Pós- Graduação em Arquitetura e Urbanismo da
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São
Paulo na área de concentração de História e Fundamentos da
Arquitetura e do Urbanismo

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof. Dr.: _____

Julgamento: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Julgamento: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Julgamento: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Imagem da capa

A Capa dessa dissertação foi elaborada a partir de pintura intitulada “Guarujá” de autoria do engenheiro-arquiteto Ernest Robert de Carvalho Mange.

A praia é representada de maneira geometrizada, sugerindo uma natureza controlada e reinterpretada pela ação humana. Os limites da imagem são indicados pelas montanhas (seria a pequena ilha a Ilha da Moela?) e pela árvore e sua sombra, elementos que circunscrevem a paisagem, a tornam passíveis de uma contenção pelo olhar e repõem a condição híbrida do sítio. A praia vazia e o observador sob a sombra sugerem a sensação de descanso mas sobretudo de isolamento.

Esse quadro ficou pendurado na sala da casa do meu avô como presente do Mange desde minha mais antiga lembrança. Após sua morte, fiquei com o quadro, que foi pendurado na parede de minha casa sobre a mesa onde essa dissertação foi escrita e revista. A imagem se abriu então como um janelar com vista constante e desimpedida à praia do Guarujá, conectando tempos, espaços, pensamentos e memórias dispersos.

para D. Linda

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Ana Lanna, pelas longas conversas que extrapolaram os limites da pesquisa, pelas indicações bibliográficas precisas e preciosas e sobretudo pelo incentivo e confiança constantes que animaram o desenvolvimento do trabalho.

Aos professores Fernando Atique e Paulo Garcez, pela leitura dedicada e pelas fundamentais indicações durante o exame de qualificação.

À Capes pela bolsa concedida que permitiu a realização plena da pesquisa durante os longos últimos meses. Aos funcionários dos arquivos consultados, em especial IEBUSP, MPUSP, FAMS, e BN, pela disposição e paciência em percorrer inúmeras cartas, álbuns, desenhos, mapas e documentos e pelo auxílio em desvendar parte das fontes que deram corpo fundamental à dissertação.

Aos colegas da pós graduação que tornaram esse trajetória menos solitária: Thales Marretti, Pedro Beresin, Amália dos Santos, Otávio Melo, Leandro Leão. À Ana Castro, Camila Rossatti, Heloisa Pontes, Joana Mello, Juliane Bellot, pelas discussões que seguem contribuindo na formulação de novos questionamentos, descobertas e leituras.

Aos amigos que ao longo dos anos fizeram parte do trabalho, acompanhando com interesse e contribuindo com discussões em momentos diversos: Julia Rettmann, Marina Rago, Andre Turazzi, Mariane Klettenhoffer. A Gregory Valente pelo incentivo inicial e companhia nas andanças pelas ruas, *cliffs* e inúmeras casas de Newport. Às amigas que me acolheram em Santos durante a pesquisa e escrita na cidade: Bruna Leite e Marina Tiezzi. Meu agradecimento imenso também pelos muitos anos juntos.

A Bia Falleiros, Guido Otero e Hannah Machado pela reinvenção da vida familiar e pela parceria cotidiana, com quem as angustias e alegrias são compartilhadas. À Bia ainda pela ajuda intensa com a diagramação do trabalho e dos mil pensamentos.

A Marina e Milton que me receberam no Rio para a longa estadia de braços abertos e que incentivaram à realização da pesquisa desde o início. À Mariane pela curiosidade constante e ajuda operacional.

A Raphael Daibert pelo apoio e presença essenciais, desde a ajuda com as leituras em francês à companhia na temporada de escrita na Florestinha, mas sobretudo pela intensidade das trocas e por mergulhar comigo e emergir sempre avistando o mais lindo dos horizontes.

RESUMO

Esta dissertação trata sobre a invenção, constituição e sucessivas renovações da Vila Balneária do Guarujá, inaugurada no ano de 1893, evidenciando o estreito vínculo entre a expansão territorial paulista e os avanços tecnológicos, o desejo pela diversificação de investimentos de parte da elite cafeicultora, o avanço de novas práticas sociais e o crescente trânsito de ideias do Mundo Atlântico, que articula o litoral brasileiro à Europa setentrional, a pontos específicos do cone sul e sobretudo à costa noroeste dos EUA. Elevando o lazer à posição de centralidade no processo de expansão urbana, a Vila Balneária construída na Ilha de Santo Amaro, ao longo dos primeiros 20 anos de sua existência, pode contribuir para a compreensão da complexidade inerente ao processo de urbanização do território paulista.

9

A ênfase no modo como as práticas culturais se relacionam dialeticamente com o processo de urbanização se constitui como chave interpretativa para a leitura do empreendimento e é a partir dessa relação de interdependência que se estudarão os discursos que embasam a conformação da Vila, presentes em sua arquitetura e urbanismo. São ressaltados dessa forma aspectos que buscam reconstruir o universo desse novo invento e dão concretude ao projeto de modernização do território paulista.

Palavras Chave: São Paulo, modernização, lazer, beira-mar, vilegiatura.

ABSTRACT

Idleness, Leisure and Distinction.

Maritime villegiatura and the invention of Guarujá. (1893-1913)

This work approaches the invention, constitution and successive renovations of the Guarujá Seaside Village, inaugurated in 1893, stressing the close link between the territorial expansion of São Paulo and technological advancements, the desire for diversification of investments by the coffee producers, the advance of new social practices, and the growing transit of ideas between the Atlantic World, connecting Brazilian coast with northern Europe, specific points of the Southern Cone and most of all with the northeast coast of United States. Raising leisure to a central role in the process of urban expansion, the beach resort city built on the Santo Amaro island may contribute to the understanding of the complexity inherent to the process of urbanization in the state of São Paulo.

The emphasis on the way in which cultural practices relate dialectically to the process of urbanization constitutes an interpretive key for the comprehension of the whole development. The arguments that support the conformation of the village, present in its architecture and urbanism, will be therefore analyzed based on this interdependent and mutual relationship. Aspects that seek to rebuild the universe of this new invention will be emphasized and, thus, give concreteness to the project of modernization of the territory of São Paulo.

Keywords: São Paulo, modernization, leisure, seaside, villegiatura.

LISTA DE FIGURAS

1.01	Santos - Guarujá, praia de banhos [s.d.]. Fonte: FAMS.	37
1.02	Perto do Guarujá [s.d.]. Fonte: Impressões do Brasil no Século XX . Sua história, seu povo, comércio, indústria e recursos.	37
1.03	Lembrança de Santos. Guarujá [s.d.]. Fonte: FAMS.	39
1.04	Arredores de Santos. Guarujá. Hotel e parque. [s.d.]. Fonte: FAMS	39
1.05	Primeira versão do Hotel. Guarujá/SP [s.d.]. Fonte: Acervo Geraldo Anhaia Mello	47
1.06	Lembrança de Santos. Novo Hotel do Guarujá. Guarujá/SP [s.d.]. Fonte: FAMS	47
1.07	Arredores de Santos. Novo Hotel do Guarujá[s.d.]. Fonte: FAMS	49
1.08	Chegada do Trem vindo de Santos. Guarujá/SP [s.d.]. Fonte: FAMS	49
1.09	Cassino Grande Hotel Guarujá. Guarujá/SP [s.d.]. Fonte: FAMS	51
1.10	Salla de pedras. Guarujá/SP [s.d.]. Fonte: FAMS	51
1.11	Corpo principal do Hotel em sua segunda versão, com casino no primeiro plano e chalés ao fundo [s.d.]. Fonte: IEB USP. Acervo Geraldo Anhaia Mello	53
1.12	Filhas do Conde Álvares Penteado acompanhada de crianças não identificadas [s.d.]. Fonte: IEB USP. Acervo Caio Prado Junior	53
1.13	Chalé de Madeira [s.d.]. Fonte: IEB USP. Acervo Caio Prado Junior	55
1.14	Conde Alvares Penteado e sua filha Antonieta Penteado [s.d.]. Fonte: IEB USP. Acervo Caio Prado Junior	57
1.15	Eglantina Penteado e seu esposo Antonio Prado Junior [s.d.]. Fonte: IEB USP. Acervo Caio Prado Junior.	57
1.16	As irmãs Penteado acompanhadas de sua mãe Ana Paulina de Lacerda Franco, a condessa Penteado, e Antonio Prado Junior [s.d.]. Fonte: IEB USP. Acervo Caio Prado Junior.	57
1.17	Stella Penteado, Antonieta Álvares Penteado e Eglantina Penteado[s.d.]. Fonte: IEB USP. Acervo Caio Prado Junior.	59
1.18	Antonieta Álvares Penteado [s.d.]. Fonte: IEB USP. Acervo Caio Prado Junior.	59
1.19	Guarujá - Salla de Pedras. [s.d.]. Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil	61
1.20	Guarujá- Um canto da Praia [s.d.]. Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.	61

1.21	Anúncio do Hotel do Guarujá. Fonte: Correio Paulistano 24/11/1902.	63
1.22	Anúncio de revestimento de piso Xilolite. Fonte: Correio Paulistano, década de 1910.	63
1.23	Guarujá. A pérola das praias. Santos-Brasil [1926]. Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil	65
1.24	Estação do Guarujá. Guarujá. A pérola das praias. Santos-Brasil [1926]. Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil	65
1.25	Grande Hotel- Guarujá. Guarujá. A pérola das praias. Santos-Brasil [1926]. Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil	67
1.26	Frente do Grande Hotel. Guarujá. A pérola das praias. Santos-Brasil [1926]. Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil	67
1.27	Hall do Grande Hotel. Guarujá. A pérola das praias. Santos-Brasil [1926]. Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil	69
1.28	Salão de Jantar. Guarujá. A pérola das praias. Santos-Brasil [1926]. Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil	69
1.29	Panorama visto do Grande Hotel. Guarujá. A pérola das praias. Santos-Brasil [1926]. Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil	71
1.30	Praia de banhos (Guarujá). Guarujá. A pérola das praias. Santos-Brasil [1926]. Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil	71
1.31	Planta mostrando a usina elevatória e mecanismos para os esgotos projetados. Companhia Guarujá. [1919]. Fonte: FAMS.	73
1.32	Companhia Guarujá. Subestação elétrica de transformação. [1914]. Fonte: FAMS.	73
2.01	Carta parcial do litoral do Estado de S. Paulo. Compreendida entre Santos e o Estado do Rio de Janeiro. Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo. Acervo Cartográfico.	91
2.02	Carta parcial do litoral do Estado de S. Paulo. Compreendida entre Santos e o Estado do Rio de Janeiro. Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo. Acervo Cartográfico. (Ampliação)	91
3.01	Planta da Cidade de Santos e seus arredores. Levantada pela comissão de saneamento [1903]. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo. Acervo Cartográfico.	101
3.02	Canal e Porto de Santos [1881]. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo. Acervo Cartográfico.	101

3.03	Casas de Banho na praia de Santa Luzia, Rio de Janeiro Brasil. [s.d] Fonte: O'Donnell. A invenção de Copacabana, p. 96.	107
3.04	Vista da Praia de Santa Luzia. [circa 1910]. Augusto Malta. Fonte: Pedro Corrêa do Lago. Instituto Moreira Salles.	107
3.05	Cabine de banhos do Rei Alphonso XII, San Sebastian, Espanha. [circa 1908]. Fonte: http://www.laboiteverte.fr/des-cabines-de-bain-mobiles-pour-se-baigner-en-toute-dignite (acessado em 22/02/2018).	107
3.06	Elias Fausto Pacheco Jordão, Class of 1875 [s.d]. Fonte: http://rmc.library.cornell.edu/ezra/exhibition/anyperson/ (acessado em 02/03/2017).	117
3.07	Panorama da serra do mar durante viagem entre São Paulo e Santos pela Estrada de Ferro Inglesa. [cerca 1897]. Fonte: IEB USP. Acervo Caio Prado Junior.	127
3.08	Panorama da travessia do canal do porto entre Santos e Itapema. [cerca 1897]. Fonte: IEB USP. Acervo Caio Prado Junior.	127
3.09	Página do álbum de fotografias que contém imagens da viagem de São Paulo ao Guarujá, trazendo cenas retratadas em São Paulo, Santos e Guarujá [cerca 1897]. Fonte: IEB USP. Acervo Caio Prado Junior.	127
3.10	Panorama travessia do canal do porto entre Santos e Itapema. [s.d.]. Fonte: FAMS	129
3.11	Barca que conduz de Santos ao Guarujá. [1926]. Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.	129
3.12	Lembrança de Santos. Itapema. [s.d.] Fonte: FAMS.	131
3.13	Quioque ou bungalow construído na área do parque. [s.d.] Fonte: FAMS.	131
3.14	Ocean House, Newport, R.I. [s.d.] Soule, John P. Fonte: NY Public Library The Miriam and Ira D. Wallach Division of Art, Prints and Photographs: Photography Collection	133
3.15	Ocean House. [s.d.] Williams, Joshua Appleby. Fonte: NY Public Library The Miriam and Ira D. Wallach Division of Art, Prints and Photographs: Photography Collection.	133
3.16	Ocean House, Watch Hill, R.I. [s.d.] Webster, E. Z. Fonte: NY Public Library The Miriam and Ira D. Wallach Division of Art, Prints and Photographs: Photography Collection.	133
3.17	Panorama do Grande Hotel. Benedito Calixto. Fonte: Benedito Calixto. - Um pintor à beira-mar - A painter by the sea, edição da Fundação Pinacoteca Benedito Calixto, agosto de 2002, Santos/SP.	139
3.18	Álbum Fotografias de São Paulo 1900 - Balneário do Guarujá. [circa 1894]. Guilherme Gaensly. Fonte: Mestres do Séc. XIX. Instituto Moreira Salles.	139

3.19	Imagem de uma das alamedas da Vila Balneária[s.d.]. Fonte: acervo pessoal Geraldo Anhaia Mello.	141
3.20	Chalé de Madeira [s.d.]. Fonte: IEB USP. Acervo Caio Prado Junior	141
3.21	03.21 Traçado geral do Tramway. Itapema - Guarujá. [1923] Fonte: FAMS	149
3.22	Planta dos terrenos da Comp. Guarujá na Ilha de Santo Amaro. Santos. [1915]. Fonte: FAMS.	149
3.23	Mapa conjunto Vila Balneária	151
3.24	Arredores de Santos. Guarujá, vista geral. [s.d.] Fonte: FAMS	153
3.25	Imagem ilustrando alguns dos chalés de madeira e em primeiro plano a igreja. [s.d.]. Fonte: acervo pessoal Geraldo Anhaia Mello.	153
3.26	Cabines de banho móveis. [s.d.]. Fonte: 100 Anos de República - Volume I - 1889-1903, Ed. Nova Cultural, São Paulo/SP, 1989.	155
3.27	Cabines de banho instaladas na primeira versão do Hotel. Fonte: Acervo pessoal Geraldo Anhaia Mello.	155
3.28	Planta primeiro pavimento Grande Hotel.	165
3.29	Planta pavimento térreo Grande Hotel.	165
3.30	Corpo principal do Hotel em sua segunda versão, com casino no primeiro plano e chalés ao fundo [s.d.]. Fonte: IEB USP. Acervo Caio Prado Junior	167
3.31	Anúncios de bicicletas publicados no ano de 1898. Fonte: Correio Paulistano.	167
4.01	Mapa ampliado da Vila Balneária.	197
5.01	Planta pavimento superiores Hotel de Luxo. [s.d.] Fonte: FAMS	221
5.02	Elevação frontal Hotel de Luxo. [s.d.]. Fonte: FAMS	221
5.03	Página álbum de fotografia pertencente à família Prado [cerca 1888]. Fonte: IEB USP Acervo Caio Prado Junior.	229
5.04	Página álbum de fotografia pertencente à família Prado [s.d.]. Fonte: IEB USP Acervo Caio Prado Junior.	229
5.05	Um grupo de alegres banhistas, na praia do Guarujá, em Santos, posando especialmente para "A Cigarra". Fonte: Revista A Cigarra 09/08/1914. Acervo de periódicos do Arquivo Público do Estado de São Paulo.	231
5.06	Família e cavalheiros em passeio pela pitoresca praia, em uma linda manhã. Fonte: Revista A Cigarra 01/08/1914. Acervo de periódicos do Arquivo Público do Estado de São Paulo.	231

5.07	A Cigarra no Guarujá. Imagem publicada nas páginas da revista A Cigarra em 01 de Agosto de 1914, retratando o encontro de hóspedes do hotel nas areias da praia.Fonte: Acervo cartográfico e de periódicos do Arquivo Publico do Estado de São Paulo.	233
5.08	A Cigarra no Guarujá. Imagem publicada nas páginas da revista A Cigarra em 01 de Agosto de 1914, retratando o encontro de hóspedes do hotel e em uma das entradas do Hotel.	233
5.09	Terrenos da Companhia Guarujá. Guarujá. [1924]. Fonte: FAMS	237

SUMÁRIO

21 APRESENTAÇÃO

- 23 PREMISSAS INICIAIS OU O DESEJO DA PESQUISA
- 26 APRESENTAÇÃO DOS CAPÍTULOS

31 O ESPETÁCULO BEIRA-MAR

- 33 INTRODUÇÃO: A VILA BALNEÁREA DO GUARUJÁ
- 45 CADERNO DE IMAGENS

75 EM TRÂNSITO

- 77 ENTRE ESPAÇOS
- 82 TRAMAS DE FERRO
- 87 TÃO LONGE, TÃO PERTO: A DISTÂNCIA PRECISA

97 O PROJETO DA VILA BALNEÁREA

- 99 DOMÍNIO DAS NATUREZAS
- 113 ELIAS FAUSTO PACHECO JORDÃO: INTERNACIONALIZAÇÃO E EXPANSÃO DO CONHECIMENTO APLICADO
- 121 PINHOS DE GEORGEA: A ARQUITETURA DE MADEIRA
- 156 THOMASSO BEZZI E A PRIMEIRA REINVENÇÃO DO GUARUJÁ

173 ENTRE PORCELANA, ZINCO E PÓLVORA

- 175 UM MÉDICO NA BALNEÁREA
- 184 O CRIME DO GUARUJÁ
- 200 BILHETES DE EXCURSÃO
- 206 TRABALHO E DISTINÇÃO

213 DA VILEGIATURA ÀS FÉRIAS

- 215 RAMOS DE AZEVEDO E O CAPITAL INTERNACIONAL
- 224 DOS ÁLBUNS DE FAMÍLIA ÀS PÁGINAS DAS REVISTAS
- 235 CONSIDERAÇÕES FINAIS

243 BIBLIOGRAFIA

255 ANEXOS

APRESENTAÇÃO

PREMISSAS INICIAIS OU O DESEJO DA PESQUISA

A presente pesquisa ainda que evoque outro tempo-espço surge de inquietações origina-
das fundamentalmente a partir de um olhar à cidade contemporânea. Se tal observação
pode soar duvidosa, conduzindo a uma possível leitura anacrônica, ela sobretudo se assen-
ta sobre a interrelação entre passado e presente.

É difícil esclarecer concretamente as motivações iniciais que levaram à delimitação de um
determinado recorte espaço temporal de análise, a medida que no próprio fazer da pesqui-
sa o objeto de estudo é constante alvo de indagações, expandindo e retraindo seus limites
continuamente. Retomemos então a pergunta central que gerou os esforços necessários
à elaboração do presente trabalho: de que maneira, no decorrer do desenvolvimento da
cidade de São Paulo, o lazer foi incorporado como condição fundante no processo de sua
expansão? Em uma cidade marcada pela imagem do trabalho, dos sujeitos que fizeram
riqueza a despeito de sua suposta condição periférica colonial, do conflito constante e das
disputas entorno de sua construção material e simbólica, que papel desempenharam as
práticas culturais associadas ao ócio e aos divertimentos?

23

Cabe de antemão destacar que as perguntas encontram respaldo em uma observação
preliminar de que o lazer – seja ele o direito ao lazer, ou ainda sua conquista espacial - tem
sido com frequência alvo de acirradas disputas. Para além de práticas e lugares institucio-
nalizados, há em São Paulo, uma curiosa e potente assimilação de espaços e hábitos que
transformam o cenário e tecido urbano a despeito de sua concepção/função original para
abrigar tais práticas em movimentos de resistência. Surge assim uma outra cidade que
tensiona a cruel estratificação do tempo imposta pela organização do trabalho ou ainda as
brutais clivagens sociais, raciais, de gênero, identitárias entre outras, cujas profundas mar-
cas são experienciadas no cotidiano da cidade e na construção aparentemente *natural* dos
distintos estilos de vida ou nos padrões de vida alcançados. Confronta-se assim o conge-
lamento de certas concepções e narrativas enraizadas da cidade e de seus habitantes.

Tendo em vista as profundas mudanças levadas a cabo na cidade a partir da década de 70
do século XIX, identificado por historiografia já consagrada como momento importante
de introdução na cultura nacional de temas e percepções associados ao ideário da *moder-
nidade* responsáveis por alterar tanto materialmente quanto simbolicamente a paisagem
da cidade¹, buscou-se pistas que pudessem responder os questionamentos levantados.

¹ Hardman (1988), Sevcenko (1992), Rago (2005), Bruno (1954).

Encontrou-se a partir desse momento e de décadas seguintes a profusão do surgimento de um conjunto de espaços destinados quase exclusivamente ao lazer. Em grande parte associando ideais científicos médicos, práticas tradicionais e religiosas, ritos de sociabilidade urbana e uma distância necessária dos existentes núcleos urbanos mais consolidados, foi instalado um conjunto de *estâncias* balneares em uma relação paradoxal de alteridade ao tecido e principalmente à experiência urbana, cada vez mais conflituosa. A partir do consórcio entre médicos, estadistas, coronéis, fortalecidos pela ação política, econômica e social da nova elite dirigente, que passava a se distinguir por sua *formação de escol*², pretendia-se filiar o território nacional ao curso da modernidade, cujo espelho permanecia, ainda após a independência e, pouco depois, após a proclamação da república, o território europeu, mas também, como veremos a frente, o norte-americano e pontos do território sul-americano. Foi nesse contexto que surgiram cidades no interior das províncias de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, como Águas da Prata, Águas de Lindoia, Caxambu e Poços de Caldas, ou ainda, Petrópolis, de certo modo distante das outras por sua relação direta com a instituição monárquica e a corte³.

Enquanto essas cidades e empreendimentos balneares despontavam distantes dos centros urbanos, no interior das grandes cidades, entre elas São Paulo, transformações materiais enalteciam novas facetas da vida dos cidadãos, onde a rua e o espaço público passavam a compor espaço fundamental da vida, ritualizada por momentos de sociabilidade onde :

“muitos buscavam, [...], novas formas de convívio e diversão. Inspirando-se em hábitos europeus, principalmente importados da Paris haussmaniana, os paulistanos passavam a frequentar espaços que espelhavam o requinte da sociabilidade europeia, como teatros, cinemas, restaurantes e cafés. Participavam de saraus literários e de audições musicais, no ambiente das elites, ou nos centros de cultura social dos meios operários. Competições esportivas de natação, remo e ciclismo, promovidas pelos clubes recreativos privados passavam a ser valori-

² Marras (2004: 39)

³ Ainda que inicialmente associada à existência monárquica, Petrópolis, na virada dos séculos XIX e XX, se consolida frente a sua relação de alteridade com as demais cidades brasileiras, em especial com a capital, a partir da chave da exclusividade de seu desfrute. Como afirma Marins: “...*Petrópolis permanecia como referência de bem viver, uma pequena Europa serra acima, ornada de elaboradas moradias neoclássicas e ecléticas, e isolada dos calores e epidemias tropicais do Rio. Mais do que uma refinada fantasia europeia, Petrópolis era ainda uma cidade de pobreza quase invisível, eclipsada nas dependências domésticas dos palacetes ou no comércio restrito. Ideal, paradigmática para as mentes que, desterradas nos trópicos, imaginavam poder “civilizar” as capitais das antigas províncias e a própria sede nacional segundo os ditames da sonhada Europa, Petrópolis transformou-se em espaço mítico de um presente republicano livre dos incômodos herdados do passado escravista que embalava o Rio de Janeiro, e que expunha as mazelas e vizinhanças da pobreza em todos os pontos centrais da cidade. Saneada dos convívios bárbaros e aviltantes às ambições dos dirigentes republicanos que veraneavam no alto da serra da Estrela, Petrópolis transitou do Império à República como lembrança preciosa dos “bons tempos” dos Bragança, em que cada um dos viventes sabia seu “lugar” - mesmo que tal lugar fosse bastante fluido em cada uma das movimentadas ruas da antiga corte, atacadas a partir de 1904 pelas demolições e remoções de Pereira Passos.*” (Marins:1998;149)

zadas, como formas de libertação do corpo e como meios através dos quais a sociedade podia identificar-se como moderna. A vida social fechada nas fazendas e restrita às missas era substituída pela busca cada vez mais constante das ruas e praças, dos passeios e encontros na esfera pública, da vida em sociedade que se constituía referenciada pelos padrões do mundo dito civilizado.”⁴

A efervescência da cena urbana no fim do século XIX com sua ampla gama de teatros, surgimentos dos clubes esportivos, das associações operárias, novos loteamentos e novas tramas de sociabilidade etc, se conjuga dessa forma com o surgimento dessas novas localidades, fora da mancha urbana *stricto sensu*, porém marcadas profundamente por suas inúmeras relações de reciprocidade. A ritualização de determinadas práticas sociais, a crescente *necessidade de lazer*⁵ bem como a *inserção dessas preocupações na organização temporal das atividades humanas*⁶ frente o avanço do modo de produção capitalista e a formação da sociedade burguesa, marcam dessa forma uma vertente interpretativa do processo de expansão urbana e metropolização, latente tanto na produção de novos artefatos urbanos e na morfologia da cidade quanto em suas representações, conduzidos de modo dialético pelas práticas sociais em curso a partir das últimas décadas do século XIX. Dessa forma se em um primeiro momento, a invenção desses espaços inspira parcelas privilegiadas da população a realizar migrações estivais em busca da devida recomposição do equilíbrio entre corpo e espírito, com o tempo elas dão lugar a noção de *direito do lazer* onde o tempo livre, em uma sociedade cada vez mais marcada pelo tempo das fábricas e do trabalho, passa a se associar ao tempo das diversões, das viagens, da natureza e por fim das férias, dando luz a novos corpos sociais.

Neste processo, as transformações levadas a cabo na Ilha de Santo Amaro, situada na porção central do litoral paulista, seguramente desempenham papel importante. A invenção e constituição da Vila Balneária do Guarujá, que dá início a exploração significativa da Ilha de Santo Amaro e da ocupação beira-mar em fins do século XIX, anuncia um tipo de incursão, onde o lazer e os prazeres do homem são lançados a componente fundamentais do processo de constituição do tecido urbano, dentro de uma lógica de expansão territorial impulsionada pela crescente desigualdade sócio-espacial. A capacidade de evidenciar o estreito vínculo entre a expansão territorial paulista e os avanços tecnológicos, o desejo pela diversificação de investimentos de parte da elite cafeeira, o surgimento de novas práticas sociais, a influência de ideais de modernidade europeus e norte-americanos, a atuação de capital internacional, entre outros, até certo ponto conseguem responder as perguntas levantadas inicialmente e acabam por inserir o conjunto na ampla teia de significações relativas ao período de *modernização* e metropolização de São Paulo e portanto podem iluminar a compreensão da complexidade inerente ao processo de urbanização do território paulista cimentando diversas relações de interdependência. A Vila se concreti-

⁴ Rago (2004 : 6)

⁵ Martin-Fugier, 2009:176

⁶ Boiraud, H. apud Anne Martin-Fugier

za, pois, como ponto de partida para a compreensão das relações entre a cultura material e a história da cultura, enaltecendo suas trocas e influências ao invés de estabelecer uma relação de causa e consequência. Busca-se, deste modo

“reconstruir diferentes aspectos da ruptura com o mundo da ordem estabelecida do século passado, e interpretar em múltiplas temporalidades e diversos níveis de experiência as dimensões do fenômeno da urbanização através de um esforço amplo de crítica da vida cotidiana e da cultura.”⁷

APRESENTAÇÃO DOS CAPÍTULOS

26

A partir dessas premissas, do confronto entre as fontes analisadas e bibliografias consultadas estruturou-se a presente pesquisa em cinco capítulos, cujos conteúdos estabelecem inevitáveis contatos de variados graus de aproximação. Por meio deles, busca-se destacar algumas dimensões que remontam ao esforço de circunscrever em alguma medida a invenção e renovações da Vila Balneária do Guarujá.

De modo amplo servem como fontes essenciais para a construção de toda a análise os inúmeros relatos publicados nas páginas de conhecidos jornais como o *Correio Paulistano* e o *Estado de S. Paulo*, que de modo frequente publicavam com grande entusiasmo aspectos relativos ao novo invento; artigos publicados pelas revistas de variedades já na década de 1910 - das quais há um efetivo destaque para a revista *A Cigarra* -; a iconografia e a cartografia coletadas que surgem como potente fonte na elaboração de análises materiais e simbólicas; e demais documentos encontrados nos diversos acervos e arquivos consultados⁸. O marco temporal percorrido pela pesquisa concentra-se sobretudo nos anos últimos anos do século XIX, mais especificamente naqueles entre 1893 e 1902, quando ocorrem as duas primeiras inaugurações do conjunto, incidentes que permitem entrever tensões relativas à seu funcionamento e ainda agências de personagens importantes que apontam a transformações expressivas na constituição do beira-mar. Com frequência, no entanto, esse recorte temporal é alargado e ampliado, ora atingindo momentos anteriores, em especial a década de 1870 que resguarda importantes conformações do território da província e na trajetória de determinados personagens, ora posterior, chegando até o início década de 1920 indicando adaptações e renovações do conjunto, materiais e simbólicas.

⁷ Maria Odila Leite da Silva Dias, “Hermenêutica e Narrativa”. In Sevcenko, 1992:xv.

⁸ Durante a pesquisa foram consultados o acervo do IEBUSP, onde foram consultadas cartas, fotografias, anotações envelopes entre outros documentos pertencentes à coleção Caio Prado Junior; a Fundação Arquivo e Memória de Santos, onde foram encontradas imagens, mapas e plantas do conjunto; a Fundação Biblioteca Nacional, onde encontraram-se imagens e encartes produzidos pela empresa balneária; o acervo do Museu Paulista, onde foram encontrados vestígios da articulação do engenheiro Thomasso G. Bezzi com o empreendimento, e o Acervo Público do Estado de São Paulo onde encontraram-se alguns dos mapas reunidos.

O primeiro capítulo – *Espetáculo beira-mar* – é composto por uma breve introdução que descreve de maneira rápida a fundação da Companhia Balneária Ilha de Santo Amaro e as sucessivas transformações e renovações que incidiram sobre o empreendimento construído na ilha entre os anos de 1893 e 1913. O capítulo indica, assim, tanto as origens da Vila Balneária, quanto destaca brevemente alguns dos sujeitos envolvidos com sua criação, o contexto de seu surgimento e as profundas transformações do conjunto, que foi alvo de 3 inaugurações sucessivas, cada uma delas repleta de significações. Dessa forma, pretende-se apresentar o empreendimento e situar o leitor em relação à pesquisa e ao objeto central de estudos. À descrição sucede a apresentação de parte do conjunto iconográfico, ampliando as possibilidades de narrativas a partir do estabelecimento de inter-relações visuais. O capítulo é construído principalmente a partir do confronto entre fontes iconográficas e artigos de jornais e periódicos de época.

Sob o título *Em trânsito*, o segundo capítulo procura evidenciar os inúmeros movimentos e circularidades atrelados à formação da experiência de modernidade, que incidiram de maneira efetiva na constituição da Vila. São deslocamentos tanto de ordem simbólica, quanto física e material, representados nessa parte em três momentos: a partir do desejo marítimo associado à prática da vilegiatura, que mesmo em formação, impulsionou um trânsito crescente pelo Mundo Atlântico, conectando práticas, saberes, atores e localidades da Europa setentrional, da costa norte americana bem como de trechos litorâneos do cone sul. Posteriormente são trabalhadas as tramas que articularam os sujeitos organizadores e financiadores desse novo invento, segundo as contradições e potenciais de expansão econômica, espacial e simbólica promovidos pela inter-relação entre o capital cafeeiro e as empresas ferroviárias. Aqui o movimento é percebido pela atuação econômica e política de atores, e pelos jogos de aproximação territorial da província. Finalmente, em um movimento de maior aproximação ao objeto são tratadas as características físicas e de ocupação da Ilha de Santo Amaro antes de seu processo de exploração pela Companhia Balneária; a condição insular do sítio, tratada de maneira ambígua – ora próxima ora distante, ora acessível ora remota –; bem como a contribuição de determinados agentes e outras características que indicam os esforços empreendidos nas transformações propostas pela Cia. Profundamente conectadas, essas instâncias buscam enfatizar e ampliar alguns dos sentidos da formação da sociedade burguesa e sua relação com o desenvolvimento territorial e urbano do Estado de São Paulo desde a meados do século, onde um sistema de ambiguidades e contradições pode ser encarado enquanto chave para a compreensão de seu processo⁹. O espaço temporal surge nesse momento alargado, tateando vestígios da ocupação da Ilha de Santo Amaro desde o fim do século XVI, porém concentra a observação em estratégias e transformações colocadas em confronto a partir principalmente da década de 1870.

O terceiro capítulo – *O Projeto da Vila Balneária* – trata especificamente sobre a constituição material do empreendimento e do primeiro processo de renovação do conjunto. Busca-se destacar o estreito vínculo entre os avanços de ordem material e simbólica que per-

⁹ Schwarz (1973)

mitiram domar aquele território, antes ermo e remoto, cujas forças naturais, simbolizadas pelo mar e pelo sol, reiteradas por sua força e imprevisibilidade, passam a constituir nova fonte de cura, prazeres e distinção. À beira-mar, em um cenário devidamente aparelhado, respeitando preceitos da ciência, do conforto e da privacidade, buscava-se o apaziguamento das ansiedades da elite paulista e o devido restabelecimento do equilíbrio entre espírito e corpo, que então desponta como elemento chave para o ingresso na modernidade¹⁰. Seja por meio de práticas esportivas ou ainda por meio da busca de eliminação de males físicos e psíquicos através de novas práticas ritualizadas em um cenário devidamente construído, corpo e mente surgem renovados e transformados. As análises sobre o conjunto edificado, sobre a transformação do sítio, o avanço das práticas de banho, alavancado pelo poder curativo das águas e pela configuração de um cenário adequado ao seu desfrute, servem de base para constituição dessa perspectiva. Nesse sentido são de suma importância o trânsito de influências entre as culturas nacionais e estrangeiras responsável principalmente pela expansão da prática burguesa da vilegiatura e identificados na arquitetura da Vila e na trajetória de alguns de seus principais propagadores, dos quais há destaque para a figura de Elias Fausto Pacheco Jordão. O capítulo remonta então essencialmente ao período de 1893 a 1897, anos em que ocorreram as duas primeiras inaugurações do empreendimento, um deslocamento temporal mais amplo, no entanto é percorrido para tratar da trajetória de Elias Fausto, bem como para indicar balizas no surgimento da praia terapêutica.

A quarta parte – *Entre porcelana, zinco e pólvora* – busca iluminar a contribuição individual de alguns personagens da história da Vila, e a partir de então construir um panorama amplo que associa a uma só vez materialidade, experiência e tensionamentos da vida cotidiana na Vila. Para além dos viajantes, pretende-se nesse momento tratar da experiência mais rotineira da Vila e para tanto são fundamentais trajetórias de diferentes trabalhadores da Cia. Balneária. A noção de trabalho, que encontra desde o início da constituição da estação balnear, imbricadas relações, ora contrapondo-se à noção de retiro e ócio, ora sendo absolutamente intrínseca a essa experiência é nesse momento central. O capítulo percorre o período de 1897 a 1902; o primeiro marco temporal remonta ao ano em que o hotel foi destruído por um incêndio ao que se sucedeu a primeira renovação do conjunto, e o segundo se refere ao ano em que começaram a ser comercializados bilhetes de excursão com destino à praia, indicando transformações em relação às práticas, à exploração comercial do conjunto, e ao fortalecimento da associação entre as ferrovias e a noção de turismo, que foram alavancados na década seguinte. No período entre esses anos um incidente retratado como crime serve de ponto de partida para importantes associações e interpretações da experiência beira-mar que situam novamente as enormes clivagens sociais e raciais absolutamente consonantes com a exploração da ilha pela Cia.

Finalmente, o último capítulo, *Da Vilegiatura às Férias*, refere-se à transformação essencial ocorrida em relação às práticas ali desempenhadas na virada do século XX, revelando indícios da passagem de uma prática exclusiva das elites nacionais a um hábito burguês de popularidade crescente. O capítulo, em tom mais sugestivo e indicativo que os demais, ini-

¹⁰ Corbin, 1988; Vigarello, 2006; Sant’anna (2001).

cia-se no último momento de inauguração do conjunto ocorrido em 1913 e pretende apontar transformações no processo de ocupação beira-mar que rumou desde então à formação de um fenômeno de massas, constituidor de novas tipologias urbanas e de novas paisagens. A consolidação de um novo tempo e corpo sociais atrelados a um modo específico de vida metropolitano surge associado ao crescente papel das representações e das construções imaginárias. Partindo das premissas difundidas por Roger Chartier e calcado nas relações de interdependência existentes entre práticas e representações, acredita-se que

“as representações coletivas que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e estruturam os esquemas de recepção e de apreciação a partir dos quais estes classificam, julgam e agem...”¹¹

Neste momento são fundamentais para a estruturação do capítulo as revistas de variedades que começaram a circular a partir da década de 10, em sua maioria, voltadas às crescentes camadas médias urbanas. Com uma linguagem jornalística fundamentada no uso intensivo de imagens, vinculadas direta ou indiretamente a pequenos textos e ilustrações armados por meio de uma diagramação cuidadosa, leitura agradável e conteúdo bastante diversificado, essas revistas contribuíram, de modo distinto dos jornais e demais periódicos publicados até então, para uma espetacularização do cotidiano urbano, articulando em suas edições temas e lugares da cidade que até então só se reconheciam de modo fragmentado. Do vasto conjunto de revistas que eram publicados desde a primeira década do século XX, das quais se destacam *A Avenida*, *Kosmos*, *Fon-fon*, *O Pirralho* dentre outras, a especial ênfase recai sobre a revista *A Cigarra* que teve seu primeiro número publicado em março de 1914, concomitante, pois, à reorganização do empreendimento e à reabertura do Hotel. Hoje completamente digitalizada e disponibilizada pelo Arquivo Público do Estado de São Paulo, já foi tema de pesquisa de trabalhos sobre periodismo, imprensa e vida urbana dispensando dessa forma um estudo aprofundado sobre a publicação.¹² As fontes derivadas da imprensa escrita possuem frequência constante e publicações seriadas dando visibilidade a inúmeros projetos e concepções do viver urbano no período; tanto os jornais quanto as revistas deixam, dessa forma, de serem vistos como meros depositários de acontecimentos e passam a ser entendidos como vetores ativos do fazer histórico¹³, reforçando a premissa de Chartier. A divulgação de *nítidos clichês* e crônicas da vida mundana nas *estações das águas* pelos novos periódicos acompanhou e constituiu portanto o processo de renovação material e simbólica de todo o conjunto, reforçando o encantamento e o culto pelas transformações levadas a cabo nas areias do Guarujá e fortalecendo as relações entre cultura e vida urbana. A vilegiatura marítima bem como outras práticas de lazer surgem fortalecidas em oposição ao inevitável *struggle-for-life* urbano, o Hotel a beira-mar e a prática de banhos despontam efetivamente como *a consagração da moda e o dístico da celebridade*.¹⁴

¹¹ Chartier apud Padilha, 1997: 15.

¹² Ver Padilha, Cruz, Martins, Mauad.

¹³ Cruz, 2013:12.

¹⁴ Banhos de mar, revista *A Cigarra*, edição de 30 de março de 1914.

O ESPETÁCULO BEIRA-MAR

CAPITULO 01

A data de 1896 tem importância porque guarda a minha primeira viagem. Na minha memória afetiva ficou a ideia de, aos seis anos, meus pais me levarem ao Guarujá. O Guarujá é uma praia linda, na ilha de Santo Amaro, em Santos, que se desenvolveu com o desenvolvimento do Estado, mas que já naquele tempo era o recanto marítimo que reunia as elites de calção comprido que banhavam as pundonorosas canelas e dissimulavam as bundas, ante o mar rancoroso e verde, onde se erguia em frente a Ilha da Moela.

Oswald de Andrade. Um homem sem profissão.¹⁵

INTRODUÇÃO: A VILA BALNEÁRIA DO GUARUJÁ

Em 14 de abril de 1891 o jornal *Correio Paulistano* publica em sua terceira página, em seção intitulada *Commercio e Finanças* a *Acta da Assembleia Geral de Instalação da Companhia Balneária “Ilha de Santo Amaro”*. A pequena notícia relata a reunião, ocorrida dois dias antes de sua publicação, na sede da Companhia Central Paulista, dedicada a certificar a constituição de capital social da Companhia e a eleição dos acionistas que assumiriam cargos relevantes, tais como presidência, diretoria, conselho fiscal e suplentes. Entre os acionistas presentes, constam inúmeras figuras ilustres, conhecidas por sua atuação ampla e diversa no cenário econômico e político paulista, tais como Elias Antonio Pacheco Chaves, Martinho da Silva Prado, Martinho Prado Junior – o Martinico Prado – Frederico de Souza Queiroz, entre outros. Passada a reprodução da ata da reunião, o artigo acaba por indicar o devido atendimento da Companhia aos decretos que então estabelecem a normativa para a formação de sociedades anônimas; dessa forma pôde-se anunciar em edição do mesmo jornal do seguinte dia que, a Companhia, dirigida pelo recém eleito Elias Fausto Pacheco Jordão, começava então a funcionar.

33

O estatuto da companhia, publicado pelo mesmo jornal alguns dias antes, foi, segundo a reprodução da ata, *aprovado sem debates* e anuncia no artigo primeiro os fins buscados por meio da nova *sociedade anonyma*:

- 1o Adquirir terrenos e casas na ilha de Santo Amaro, município de Santos, Estado de S. Paulo.
- 2o. Criar uma povoação com a denominação de Villa Valenciana afim de facilitar o uso de banho de mar.
- 3o. Montar um estabelecimento balneário, edificar hotéis e casas para alugar e vender.
- 4o. Montar estabelecimentos comerciais que sejam necessários para ocorrer as necessidades da povoação e promover de modo que os outros montem tais estabelecimentos, como melhor convier aos interesses da companhia.
- 5o. Vender e arrendar terrenos.
- 6o Proporcionar por si ou por outrem divertimentos úteis e agradáveis aos habitantes, dentro das conveniências da sociedade.
- 7o. Explorar a pesca ou promover de modo que terceiros explorem, como for mais conveniente.

8o. Estabelecer comunicação cômoda e barata ligando a cidade de Santos à nova povoação, por meio de bondes a vapor marítimo e terrestres.¹⁶

Cabia à companhia então a exploração inédita de parte de território previamente ocupada por sítios, cuja atividade econômica era pequena e restrita à extração de madeira e à pesca, fruto talvez de sua condição insular, que dificultava o acesso de pessoas e escoamento de mercadorias¹⁷. Alguns dos antigos proprietários de sítios da região, como aqueles integrantes da família Leomil, como veremos a frente, tornaram-se acionistas da empresa, e passaram, portanto a compactuar com a transformação física e simbólica prevista para aquelas terras. Nesse sentido a pesca, que até então se constituía como uma das poucas atividades econômicas estabelecidas, deveria ser regulamentada e normatizada garantindo que não interferisse na constituição da vila que se pretendia edificar. A ideia de construir uma estância balneária, já expressa no nome da companhia, e reiterada pelos fins elencados no estatuto, eleva à centralidade uma prática que induziria a nova exploração econômica desse território, agora integralmente sob controle da companhia. Existia, pois, uma busca por reorientar o desenvolvimento econômico da ilha e ressignificar sua ocupação por meio de novos usos marcados por uma sociabilidade tipicamente urbana em torno de *divertimentos* e fundamentalmente condicionada por uma relação com mar que aparecia renovada.

Inúmeras transformações físicas e um grande aporte financeiro foram realizadas nos anos que se seguiram para que finalmente em setembro de 1893 fosse inaugurada a *Vila Balneária do Guarujá*, a qual curiosamente nunca foi referida como *Villa Valenciana* como indicado em seu estatuto¹⁸. Notícias eram frequentes em periódicos como o *Correio Paulistano* e o *Estado de S. Paulo* referindo-se à construção do empreendimento, reiterando o avultado capital necessário e a liderança de *grandes e distintas* figuras para sua realização, bem como as características do sítio escolhido, sendo frequentes menções à sua natureza pitoresca, sua salubridade, temperatura amena, ventilação constante e proximidade com o mar cuja *água é límpida e fortemente salgada*. Aspectos da viagem até a ilha também eram noticiados de modo a reforçar as condições de acesso ao sítio antes remoto e os investimentos da Companhia; faz-se menção desde a encomenda dos *bondes marítimos*, que a princípio seriam adquiridos na Europa mas que finalmente têm sua saída de Nova York noticiada no dia 12 de março de 1892 pelo *Estado de S. Paulo*, até os tempos de viagem estimados:

a Viagem de Santos à nova povoação será feita em 40 minutos, sendo 30 em vapor da companhia, já em Santos, e depois em estrada de ferro, bitola de um metro, numa linha de 6 quilômetros, já em tráfego com 2

¹⁶ Estatuto da Companhia Balneária “Ilha de Santo Amaro”, *Correio Paulistano* edição de 12/04/1891.

¹⁷ Sousa, 1950.

¹⁸ A adoção de um nome de matriz indígena, ao invés de um nome de raiz europeia como previamente pensado atrelado portanto ao modelo de ocupação imaginado, é um aspecto de curioso interesse que será abordado mais a frente.

locomotivas e 5 carros de passageiros.¹⁹

Demais detalhes sobre a construção física da Vila eram aos poucos revelados, como a construção dos mais de 30 chalés de madeira, cuja estrutura fora toda importada do noroeste dos Estados Unidos, em grande parte já pertencente a membros da elite paulista como Viridiana Prado, Francisco Xavier Paes de Barros, entre outros. A construção de um luxuoso hotel devidamente acompanhado de um elegante cassino, executados também em madeira, era tema recorrente uma vez que não só possuíam posição de destaque dentro do conjunto edificado, situados em frente ao mar, próximos à estação de desembarque da linha ferroviária e providos do devido abastecimento de água, esgoto e energia elétrica²⁰ mas também porque eram responsáveis por garantir os *divertimentos* desejados, complementares à privacidade familiar oferecida pelas casas. Mesmo antes de sua inauguração o conjunto já despontava nas páginas dos jornais como grande fonte de progresso e civilidade, incidindo em múltiplas dimensões da constituição urbana paulista, considerada sua instalação de “*inestimável alcance para os nossos costumes, para a economia da vida paulista, para a hygiene do corpo...e do espirito*”.²¹

35

A detalhada cobertura jornalística que precedeu à inauguração do conjunto, seguiu durante os primeiros anos de seu funcionamento, destacando os momentos de inauguração do Hotel e abertura das temporadas da estação de banhos em geral ocorrida no fim do mês de abril. Tanto o jornal o *Correio Paulistano*, quanto o *Estado de S. Paulo*, que publicavam com grande entusiasmo aspectos relativos a esse novo invento, serviam a seus criadores como os maiores veículos de informação de seus ideários, associados em um primeiro momento às ideias do Partido Conservador (no caso do *Correio Paulistano*) e depois servindo como órgão vinculado ao Partido Republicano Paulista. São comuns então em ambos a celebração de figuras integrantes dessas filiações políticas, que viriam constituir um grupo de cafeicultores do oeste paulista cada vez mais interessado em diversificar suas atividades econômicas e articulá-las com um ideário específico de progresso e civilidade atrelados fundamentalmente a um modo de viver urbano. As areias do Guarujá serviriam nesse sentido como palco fundamental para a reprodução de determinados ritos de uma elite que, em vilegiatura, ensaiava as práticas sociais destinadas à difusão e assentamento simbólico da modernidade paulista, desejosos de livrarem-se de quaisquer mazelas, sinais de pobreza ou conflitos passíveis de serem encontrados serra acima. Fica evidente portanto o papel desempenhado ali pela estrutura social organizadora da produção cafeicultora na ampliação do êxito da mesma e principalmente para a centralidade alçada a seus agentes.

¹⁹ Villa Balneária, *Correio Paulistano* edição de 19/02/1893.

²⁰ À Cia coube também o papel de prover toda a infraestrutura necessária ao funcionamento da Vila. Dessa forma foram construídas a usina elétrica e todo o sistema de abastecimento de água e esgoto.

²¹ Villa Balneária, *Correio Paulistano* edição de 19/02/1893.

1.01 Santos- Guarujá, praia de banhos [s.d.]. Fonte: FAMS.

Postal ilustrando o conjunto edificado da Vila Balneária do Guarujá. Em primeiro plano o parque ainda em obras que constrói a transição entre as edificações e a praia, ao fundo, à esquerda se enxergam os chalés de madeira, no centro destaca-se o edifício principal do hotel, e à direita o edifício do Cassino.

1.02 Perto do Guarujá [s.d.]. Fonte: Impressões do Brasil no Século XX . Sua história, seu povo, comércio, indústria e recursos.

Imagem ilustrando parte do percurso realizado sob trilhos na Ilha do Santo Amaro para a chegada na Vila Balneária.

37

1.01

1.02

1.03 Lembrança de Santos. Guarujá [s.d]. Fonte: FAMS.

Cartão postal ilustrando a segunda versão do Hotel construída após incêndio destruir parte do edifício existente. Permanecem, no entanto, a edificação do cassino - que foi também em parte alterada e aqui aparece ampliado em relação à imagem anterior - e ao fundo os chalés de madeira. O parque aparece aqui completo com destaque para o quiosque presente desde a primeira versão do conjunto e uma das poucas estruturas que permanecem apesar das transformações sucessivas, e que aqui aparenta estar um pouco destorcido em seu tamanho original.

1.04 Arredores de Santos. Guarujá. Hotel e parque. [s.d]. Fonte: FAMS.

Cartão postal ilustrando a terceira versão do Hotel que conta com edifício anterior reformado e ampliado e o novo edifício do Hotel de Luxo situado na área ocupada previamente pelo Cassino. Em primeiro plano encontra-se o parque, e à esquerda da imagem avista-se novamente o pequeno quiosque.

39

1.03

Tereza Serie No. 27

1.04

O complexo empreendimento construído no Guarujá contava além do hotel e respectivo conjunto de apartamentos, com, conforme indica o relatório da Cia Balneária publicado no jornal o *Estado de S. Paulo*, em 28 de Março de 1897:

o cassino, o teatro, a casa de máquinas para a iluminação eléctrica, quarenta casas, sendo 33 de madeira e 7 de tijolos, a estação em Guarujá e os quartos dos banhistas, a olaria, a linha férrea bifurcada para a Costeira e Itapema com o respectivo trem rodante, diversos ranchos no Guarujá e no Itapema e os quartos junto á ponte na Costeira, cinco lanchas a vapor, 4 alimentadas a carvão e 1 a querosene, botes e lanchas para carga, a oficina, as pontes na Costeira, Itapema e Paquetá.²²,

ficando evidente a formação de um enorme e custoso negócio. Para além de constituir portanto um novo espaço de sociabilidade, pretendia-se ampliar os ganhos econômicos por meio de uma atuação direta sobre a ordenação do território. Se é certo que tal movimentação já estava sendo articulada pelos mesmo agentes serra acima na construção de novos bairros e loteamentos, a expansão do modelo urbano a localidades situadas fora da área urbana *strictu sensu* apresenta curioso interesse.²³

Após um incêndio comprometer parte da estrutura do antigo hotel existente, em setembro de 1898, o hotel é reinaugurado com a construção de um novo pavilhão, desta vez construído em alvenaria de tijolos, segundo projeto do engenheiro italiano Thomasso G. Bezzi. Os motivos que causaram o incêndio do principal edifício da vila, possível brecha para o rompimento do ideal harmônico associado ao conjunto graças a suas representações nas páginas dos periódicos, permanecem desconhecidos. É interessante porém notar que a completa substituição do modelo arquitetônico do Hotel ocorre em sintonia ao processo de renovação urbana e estilística levado a cabo serra acima. É justamente a partir de meados da década de 1890, quando já haviam despontado como índice distintivo e iniciado um avanço significativo pelos bairros mais afastados de São Paulo, que grande parte dos chalés que até então existiam nas áreas centrais da cidade passam a ser demolidos e substituídos por edificações que seguiam outros preceitos arquitetônicos; como sugere Eudes Campos *a ampla aceitação do chalé acabou por contribuir seriamente para o crescente desprestígio social desse tipo de edificação e, também, de seus elementos arquitetônicos constituintes*.²⁴ Soma-se a isso a presença crescente, a partir de 1896, de outros empreendimentos que oferecem serviços similares ao Hotel do Guarujá, em trechos do litoral atlântico santista e mesmo na ilha de Santo Amaro. Dessa forma, ainda que associado a um incidente aparentemente fortuito, a primeira renovação ocorrida no conjunto construído

²² Jornal O Estado de S. Paulo, 28/03/1897

²³ Em um balancete de Martinho da Silva Prado, referente a 31 de Dezembro de 1900, além das enormes e lucrativas fazendas produtoras de café, como a Guatapará e a São Martinho, representam parcela signitiva dos ativos listados ações em distintas companhias de Estrada de Ferro e terrenos e edifícios, tanto em São Paulo como em demais cidades do Interior e na própria estância Balneária, indicando uma importante fonte de recurso, cada vez mais explorada por esses agentes de tradição agrícola.

²⁴ Campos, 2008

pode ser também interpretada como uma das sucessivas transformações que pretendiam alargar simbolicamente a presença do hotel no imaginário paulista, renovando-o segundo os preceitos então em voga.

Os últimos anos da primeira década do século XX representaram para a Companhia Prado Chaves, cujos membros eram os principais acionistas da Companhia Balneária, bem como para demais membros da elite paulista, grandes transformações em seus negócios. A superprodução de café a partir de 1906 implicou em uma reorganização de suas empresas e em uma reorientação na aplicação de capital nos demais investimentos.²⁵ Além disso, muitas dessas figuras faleceram nesse início de século, passando para outras mãos, normalmente membros da mesma família, o comando das distintas empresas e companhias que até então conduziam.²⁶ Tais transformações podem ter afetado o gerenciamento da Companhia Balneária que passa nos anos iniciais da década de 1910 às mãos da Brazil Railway, grupo econômico internacional liderado por Percival Farquhar, importante capitalista norte-americano com diversos investimentos no Brasil e no restante da América, que desde 1906 atua na reordenação e exploração da rede ferroviária nacional, bem como na exploração de gado, madeira, fundação de colônias de imigrantes e demais áreas de exploração econômica que fortaleciam a sua presença e a demanda por novos ramais de ferro e concessão de terras, compondo um complexo círculo de atuação econômica inteiramente sob domínio da companhia. Sob o comando desse novo grupo econômico, um acordo se firma com a célebre empresa hoteleira Ritz e Carlton para reordenar e gerir novos empreendimentos hoteleiros, em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Santos, com especial destaque a reordenação do Grande Hotel do Guarujá. A associação portanto entre o desenvolvimento ferroviário e o aproveitamento turístico surge nesse momento ampliada, uma vez que:

Rio de Janeiro e São Paulo são cidades de grande prosperidade, com uma população que já é de mais de 1.300.000, para as duas. Nenhuma delas possui, presentemente, hotéis de primeira ordem, em número suficiente, não havendo, pois, dúvida que tais empresas darão grandes resultados, ao mesmo tempo que fomentarão o tráfego de passageiros nas linhas da companhia.²⁷

Se em um primeiro momento a constituição da vila aparece como um empreendimento

²⁵ Levi, 1977; Sousa, 1950; Saes, 2002

²⁶ Dos principais acionistas da Companhia Balneária no ano de 1891, já haviam falecido na primeira década do século XX: Martinho da Silva Prado em 1891, Valencio Teixeira Leomil em 1900, Elias Fausto Pacheco Jordão 1901, Elias Antonio Pacheco Chaves em 1903, Martinico Prado em 1906, Frederico de Souza Queiroz em 1908. Juntos eles possuíam, no ano de fundação da companhia, cerca de 43% das ações da empresa.

²⁷ Trecho retirado do livro “Impressões do Brasil no Século XX. Sua história, seu povo, comércio, indústria e recursos.” editado em 1913 e impresso na Inglaterra por Lloyd’s Greater Britain Publishing Company, Ltd., com 1.080 páginas, ricamente ilustrado, buscando dar um panorama geral sobre a ocupação do território nacional e atividades econômicas então desempenhadas. A obra teve como diretor principal Reginald Lloyd, participando os editores ingleses W. Feldwick (Londres) e L. T. Delaney (Rio de Janeiro); o editor brasileiro Joaquim Eulalio e o historiador londrino Arnold Wright. (Lloyd:1913; 239).

híbrido que visava atender aos anseios de uma determinada elite tanto de ganhos econômicos como reduto exclusivo para a reprodução de determinados ritos de sociabilidade, passados exatos 20 anos de sua inauguração, esse sentido é reformulado contando com o apoio de inúmeros signos de alcance mundial, fortalecido pelo capital internacional, os quais acabam por sustentar novas *correspondências histórico-culturais entre técnica e sociedade, entre progresso material e estado de espírito, entre o estado das coisas e maneiras de apreendê-las*.²⁸

Além dos relatos nas páginas dos já conhecidos jornais, o Hotel passou a figurar nas páginas das novíssimas revistas de variedades que começaram a circular no período, muitas das quais, eram voltadas às crescentes camadas médias urbanas. Com uma linguagem jornalística fundamentada no uso intensivo de imagens, vinculadas direta ou indiretamente a pequenos textos e ilustrações, essas revistas contribuíram para uma espetacularização do cotidiano urbano, articulando em suas edições temáticas e lugares da cidade que até então só se reconheciam de modo fragmentado.

42

Nas páginas dessas revistas, não só as representações materiais da Vila e principalmente do Hotel apareciam renovadas, mas sobretudo as práticas sociais ali desempenhadas. Em edição publicada no 1º de janeiro de 1923, a revista *A Cigarra*, que então se autoconferia o título de revista com maior circulação no estado de São Paulo, buscando situar a abertura de um mais novo salão de chá e cinema na região do centro de São Paulo, traz a seguinte afirmação:

S. Paulo vai-se pondo em rápido contacto, em matéria de diversões familiares, com os grandes centros civilizados do mundo. Multiplicam-se, dia a dia, os pontos de recreio, onde nossa sociedade se pode entregar comodamente a todos os prazeres do espírito. Não faltam os bons cinemas, os ótimos clubes, as excelentes confeitarias, os lindos parques e as beneméritas sociedades de cultura artísticas. No centro da urbe ou longe dele, ha sempre um lugar aprazível, em que a gente se refaz para o “*struggle-for-life*”. Conforta notar isto, que é uma prova evidente de que nossa educação se refina.²⁹

Ainda que posterior ao período em análise desta dissertação, o pequeno trecho ilustra com clareza parte do processo de urbanização em curso desde o último quartel do século anterior, por meio do qual a constituição de uma rede de *diversões e pontos de recreio* urbanos, não só colocaria a cidade em pé de igualdade com os grandes centros civilizados do mundo, representando, segundo determinada perspectiva, um avanço do progresso alcançado pelo homem ilustrado, como também seria responsável pela retomada do equilíbrio entre corpo e espírito, furtado, paradoxalmente, pelo mesmo crescente desenvolvimento

²⁸ Hardmann, 2005:47

²⁹ Revista A Cigarra 01/01/1923

urbano. A cidade é retratada, portanto, como sendo território tanto dos prazeres da vida humana como das lutas e conflitos pela sobrevivência, aspectos a princípio antitéticos mas que assumem uma intensa relação de interdependência. Inerente à essa profunda contradição, surge um novo conjunto de hábitos sejam eles físicos, sensoriais ou mentais, incorporados no cotidiano dos habitantes da cidade, funcionando, dialeticamente, como signos e paliativos do processo de metropolização:

esportes, danças, bebedeiras, tóxicos, estimulantes, competições, cinemas, shoppings, desfiles de modas, chás, confeitarias, cervejarias, passeios, excursões, viagens, treinamentos, condicionamentos, corridas rasas, de fundo de cavalos, de bicicletas, de motocicletas, de carros, de avião, tiros-de-guerra, marchas, acampamentos, manobras, parques de diversões, boliches, patinação, passeios e corridas de barco, natação, saltos ornamentais, massagens, saunas, ginástica sueca, ginástica olímpica, ginástica coordenada com centenas de figurantes nos estádios, antes dos jogos e nas principais praças da cidade...³⁰

43

A crescente presença e difusão dessas práticas por toda a cidade, seja dentro dos tradicionais clubes das elites, e já na década de 20 disseminados pelos bairros e zonas mais periféricas da cidade em desdobramentos de uniões operárias, fortalecidos pelo empenho e mobilização da imprensa, constituem um conjunto de experiências atrelados a nova identidade e modo de vida metropolitano, dos quais a estância balnear no Guarujá é parte fundamental. Aos poucos, o descanso, a prática esportiva e os benefícios alçados pelo desfrute de uma controlada natureza, deixam de funcionar como contrapartida ao modo de vida urbana restrito às elites e passa a se configurar, mesmo que somente no campo das representações, como necessidade de todo o *ser moderno*.

CADERNO DE IMAGENS

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa um vasto conjunto de imagens foi reunido e serviu tanto para suscitar contínuas problemáticas e reflexões históricas, quanto para estimular o fascínio diante a construção do espetáculo da metrópole insurgente. Nesse sentido, pareceu-nos oportuno apresentar, de forma condensada, parte desse conjunto de imagens, acreditando que mais do que *criar um clima*, ambientando o leitor às páginas que seguem, o conjunto visual apresentado se configure como criador de um determinado contexto histórico e social, objeto central sobre o qual se deseja discutir e pensar.

45

Estão aqui reunidas imagens provenientes de distintos acervos, produzidos por intenções diversas, distantes em sua materialidade, sentidos de produção, circulação, comercialização e modos de consumo e apropriação, cuja aproximação, no entanto, acredita-se ser capaz de evidenciar um conjunto de relações de interdependência e significações relativas à experiência do cotidiano e suas profundas transformações. Compreende-se, assim, o sentido das imagens não só como importantes fontes documentais da pesquisa - afastando-as de uma pretensa função ilustrativa - mas também por sua “*capacidade de provocar efeitos, produzir e sustentar formas de sociabilidade, tornar empíricas as propostas de organização e atuação de poder, etc.*”³¹. Entendidas enquanto *práticas materiais*³², as imagens aqui apresentadas assumem múltiplos sentidos e pretendem fortalecer a associação entre o papel das representações com o conjunto de práticas sócias e mentais analisadas.

O conjunto é composto por postais, imagens retiradas dos álbuns de fotografia da Família Prado, fotografias de divulgação da Vila Balneária e do Hotel, anúncios, cenas cotidianas publicadas na revistas de variedades, fotografias autorais entre outros. Ao longo da dissertação os sentidos específicos de cada uma dessas fontes visuais serão também confrontados com o restante das fontes trabalhadas, constituindo a base para a reflexão proposta.

31 Menezes, 2003: 15.

32 Menezes, 2003: 14.

1.05 Primeira versão do Hotel. Guarujá/SP [s.d.]. Fonte: Acervo Geraldo Anhaia Mello
Imagem da primeira edificação do hotel construída em madeira. Ao fundo, à esquerda se enxergam os chalés de madeira, no centro destaca-se o edifício principal do hotel e em primeiro plano o parque.

1.06 Lembrança de Santos. Novo Hotel do Guarujá. Guarujá/SP [s.d.]. Fonte: FAMS
Cartão postal ilustrando a segunda versão do Hotel construída após incêndio destruir parte do edifício existente. Permanece no entanto a edificação do cassino e ao fundo à esquerda se veem os chalés de madeira.

47

1.05

1.06

1.07 Arredores de Santos. Novo Hotel do Guarujá[s.d.]. Fonte: FAMS

Cartão postal ilustrando a última versão do Hotel, projeto do Escritório Técnico Ramos de Azevedo. O antigo Cassino de madeira é substituído pelo novo Hotel de Luxo de quatro pavimentos. Ao fundo avistam-se as montanhas que delimitam um dos lados da praia e o sítio eleito para a implantação da Vila.

1.08 Chegada do Trem vindo de Santos. Guarujá/SP [s.d.]. Fonte: FAMS

Cartão postal ilustrando a última versão do Hotel à esquerda e a chegada do trem na estação ferroviária da Cia à direita no limite entre o largo arruamento proposto e a faixa de areia.

1.07

1.08

1.09 Cassino Grande Hotel Guarujá. Guarujá/SP [s.d.]. Fonte: FAMS

Fotografia retratando a edificação do cassino do Grande Hotel Guarujá. A estrutura de madeira importada dos Estados Unidos reforça as trocas e trânsitos entre as culturas nacionais e estrangeiras. As amplas varandas serviam ainda de abrigo ao sol intenso e permitiam os hóspedes e visitantes observar o parque e o mar em pequenas mesas e bancos. As grandes superfícies envidraçadas correspondem à uma primeira mudança na estrutura física do edifício, substituindo as portas balcão anteriormente dispostas no eixo entre os pilares.

1.10 Salla de pedras. Guarujá/SP [s.d.]. Fonte: FAMS

Postal ilustrando visitantes na conhecida Salla de Pedras, um dos cantos da praia do Guarujá- atual Pitangueiras – que possuía uma estreita passagem para a próxima praia – hoje Astúrias. Lugar intensamente retratado pelos visitantes é símbolo da transformação do espaço natural que surge domesticado. O antigo nome do espaço de matriz indígena seria adotada para nomear a Vila.

51

1.09

No. 142. GUARUJA. Salla das Pedras.

1.10

1.11 Corpo principal do Hotel em sua segunda versão, com cassino no primeiro plano e chalés ao fundo [s.d.]. Fonte: IEBUSP. Acervo Geraldo Anhaia Mello
Se alcance ver de perto aspectos do arruamento, os postes de iluminação elétrica e arborização, alguns detalhes da arquitetura do edifício e ao fundo os chalés.

1.12 Filhas do Conde Álvares Penteado acompanhada de crianças não identificadas [s.d.]. Fonte: IEBUSP. Acervo Caio Prado Junior
Imagem retirada do álbum de fotografias da família Prado. Encontram-se sentados na varanda do Hotel já em sua segunda versão Antonieta Álvares Penteado e Stella Penteado acompanhadas de crianças.

53

1.11

1.12

1.13 Chalé de Madeira [s.d.]. Fonte: IEBUSP. Acervo Caio Prado Junior
Imagem retirada do álbum de fotografias da família Prado. Chalé de madeira possivelmente pertencente a família Penteadó construído nos arredores do Hotel e do Cassino, que recupera elementos - como o rendilhado presente no guarda-corpo das varandas - da arquitetura do Hotel recobrando o senso de unidade do conjunto.

1.14 Conde Alvares Penteado e sua filha Antonieta Penteado [s.d.]. Fonte: IEBUSP. Acervo Caio Prado Junior

1.15 Eglantina Penteado e seu esposo Antonio Prado Junior [s.d.]. Fonte: IEBUSP. Acervo Caio Prado Junior.

Nota-se a presença da máquina fotográfica no registro, outro elemento do desponte tecnológico. O casal Eglantina Penteado e Antonio Prado Jr. se tornaria célebre na cidade de São Paulo, símbolos da nova geração atrelada ao modo de vida urbano da Belle Époque, ele considerado *“um dos mais brilhantes rapazes da sociedade paulista e um dos mais ativos organizadores da vida elegante esportiva de São Paulo”* e ela *“uma paulista quase parisiense que constitui um dos mais belos ornamentos da nossa sociedade feminina”* (trecho da revista São Paulo Magazine, 15/06/1906).

1.16 As irmãs Penteado acompanhadas de sua mãe Ana Paulina de Lacerda Franco, a Condessa Penteado, e Antonio Prado Junior [s.d.]. Fonte: IEBUSP. Acervo Caio Prado Junior.

1.14

1.15

1.16

1.17 Stella Penteadó, Antonieta Álvares Penteadó e Eglantina Penteadó[s.d.]. Fonte: IEBUSP. Acervo Caio Prado Junior.

Aparecem aqui as três filhas do Conde Álvaro Penteadó com o parque e mar ao fundo. Todas seriam futuras esposas de membros da família Prado reforçando os vínculos - também matrimoniais - entre os membros da elite paulista.

1.18 Antonieta Álvares Penteadó [s.d.]. Fonte: IEBUSP. Acervo Caio Prado Junior.

Futura esposa de Caio Prado, conhecido por sua atuação política. Antonieta, aparece aqui registrada sobre as pedras da praia do Guarujá trajando vestimenta distinta das demais fotos do álbum, sozinha e em pose, indicando o surgimento de um novo corpo social feminino.

1.17

59

1.18

1.19 Guarujá - Salla de Pedras. [s.d.]. Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

1.20 Guarujá- Um canto da Praia [s.d.]. Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

Na imagem a antiga Salla de Pedras já aparece ocupada, ali seria edificada, em um primeiro momento, a Pensão Orlandi, que ofereceria hospedagem mais singela e ampliaria os sentidos do desejo marítimo e a ocupação beira-mar.

61

1.19

1.20

1.21 Anúncio do Hotel do Guarujá, destacando sua relação com a Rotisserie Sportsman sob comando do ilustre Daniel Soquieres. Fonte: Correio Paulistano 24/11/1902.

1.22 Anúncio de revestimento de piso Xilolite que destaca o Grande Hotel de La Plage e sua relação com a empresa Ritz e Carlton e escritório Técnico de Ramos de Azevedo. O Hotel se insere numa ampla teia de significações, marcada tanto pela projeto arquitetônico quanto pelos seus agentes financiadores e se reconstitui como elemento de prestígio e distinção. Fonte: Correio Paulistano, década de 1910.

Ilha Balnearia

HOTEL DO GUARUJA'

Succursal da Rottisserie Sportsman

—♦♦♦—
Tendo tomado de arrendamento e assumido a gerencia deste importante estabelecimento, communico que fiz nelle as reformas necessarias de modo a proporcionar o maior conforto possivel ás exmas. familias e cavalheiros que o honrarem com a sua preferencia.

Outrosim communico que as exmas. familias gozarão de abatimento nos preços e que em breve serão emitidos bilhetes de excursão, a preços reduzidos, de ida e volta desta capital ao Guarujá, podendo os interessados se dirigir verbalmente ou por escripto á

ROTTISSERIE SPORTSMAN
RUA DE S. BENTO N. 61
Souquieres A. Daniel

63

1.21

XILOLITE

PATENTE 6707 — Revestimento continuo para pavimentação de habitações. — Incombustivel, impermeavel e Isolado r. — Inatacavel, pelos insectos, acidos e Rôedores.

J. FERRER & C.

R. da Quitanda 48-50 — Rio de Janeiro

Este edificio construido pelos afamados architectos

RAMOS DE AZEVEDO & C.

de S. Paulo, tem todas as suas salas, salões, aposentos de luxo e dependencias, pavimentadas com a

XILOLITE

GRANDE HOTEL DE LA PLAGE

Construido e recentemente inaugurado na encantadora praia do Guarujá pela poderosa empresa «Ritz Carlton».

1.22

1.23 Guarujá. A pérola das praias. Santos-Brasil [1926]. Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

Encarte publicado pelo Hotel em 1926 em quatro idiomas (português, italiano, francês e inglês). Servia de divulgação das instalações do Hotel e atrativos da ilha de Santo Amaro, que passava na década de 20 a se configurar como um completo território de atrações turísticas. A facilidade de locomoção advinda com o uso do automóvel que chega na ilha quando da inauguração do sistema de ferry-boat da Cia em 1918 e o redirecionamento da exploração turística, contribuem para a construção desse novo cenário. A primeira página do encarte sugere: *Going to Brazil don't forget to visit the "Grande Hotel Guarujá". The most beautiful beach in the world.*

1.24 Estação do Guarujá. Guarujá. A pérola das praias. Santos-Brasil [1926]. Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

"Guarujá é a mais interessante das praias da América do Sul. Há banhos, diversões, como pesca, passeios em botes, em carruagem, a cavallo, a pé, de automóvel, tennis, golf, bilhares, e à noite, dança e roleta. O Hotel está vizinho ao Rio de Janeiro e a Santos. [...] O conforto do Hotel é completo e a cozinha excelente. Há cinco milhas de praia sobre a qual se destacam banhistas e barracas de cores vivas."

1.23

1.24

1.25 Grande Hotel- Guarujá. Guarujá. A pérola das praias. Santos-Brasil [1926]. Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

1.26 Frente do Grande Hotel. Guarujá. A pérola das praias. Santos-Brasil [1926]. Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

“Ao tomardes chá ou cock-tail, na varanda, sentireis alguma coisa de inédito nesta terra, tão grande será o vosso prazer e alegres pensamentos para o dia seguinte. O grande hotel é espaçoso, separado somente da praia pela estrada e alguns metros de parque. Viçam flores por toda a parte, e durante o anno todo, pois no Brasil, os jardins florescem em todas as estações.”

67

1.25

1.26

1.27 Hall do Grande Hotel. Guarujá. A pérola das praias. Santos-Brasil [1926]. Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

1.28 Salão de Jantar. Guarujá. A pérola das praias. Santos-Brasil [1926]. Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

“O restaurante tem vista para a praia, e forma um dos melhores aspectos do Hotel. Pelas amplas janelas se desdobra uma larga vista do Oceano. Cerca o jardim particular do Hotel um largo terraço, todo florido. O mobiliário e as decorações do Restaurante são do mais moderno estilo, com um tom de elegância e de harmonia, todo em branco e ouro. O Grande Hotel é, sem contestação possível, um dos mais finos da América do Sul. Os arranjos são perfeitos e compreendem as mais altas criações do Século XX. Sob alguns aspectos são únicos, tendo cada quarto banho particular e vestiário. Os apartamentos são mobiliados com elegância e gosto; e dispostos em tamanhos diferentes, de modo a corresponder a todos os desejos. Os aparelhos sanitários e de iluminação foram objeto de estudo acurado dos mais celebres especialistas, de modo a nada deixarem a desejar.”

69

1.27

1.28

1.29 Panorama visto do Grande Hotel. Guarujá. A pérola das praias. Santos-Brasil [1926]. Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

1.30 Praia de banhos (Guarujá). Guarujá. A pérola das praias. Santos-Brasil [1926]. Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

71

1.29

1.30

01.31 Planta mostrando a usina elevatória e mecanismos para os esgotos projetados. Companhia Guarujá. [1919]. Fonte: FAMS.

01.32 Companhia Guarujá. Subestação elétrica de transformação. [1914]. Fonte: FAMS.

01.31

01.32

EM TRÂNSITO

CAPITULO 02

Depois que o trem continuou a andar, foi que o Palha reparou na pessoa de Rubião, cujo rosto, entre tanta gente carrancuda ou aborrecida, era o único plácido e satisfeito. Cristiano foi o primeiro que travou conversa, dizendo-lhe que as viagens de estrada de ferro cansavam muito, ao que Rubião respondeu que sim; para quem estava acostumado a costa de burro, acrescentou, a estrada de ferro cansava e não tinha graça; não se podia negar, porém, que era um progresso.

Machado de Assis. Quincas Borba.³³

ENTRE ESPAÇOS

A presença simultânea de elementos do mundo natural e do mundo civilizado constituem hoje bases para uma interpretação do beira-mar como um território ambíguo que interpõe características *naturais e culturais*³⁴. A produção desse espaço ao longo do tempo sofreu constantes reconstruções e interpretações, a medida em que os significados atribuídos a esse espaço e a seu processo de produção tem sido organizados por indivíduos dotados de diferentes espécies de capital: simbólico, econômico e social. Como afirma Pierre Bourdieu³⁵ a “*percepção do mundo natural não tem, em si, nada de natural*”, existindo um forte condicionamento social na elaboração de comportamentos e categorias de percepção dirigidos à natureza.

77

Partindo dessa reflexão inicial, e tensionando a matriz interpretativa que confronta praia e cidade ou natural e civilizado, podemos entender o processo de urbanização iniciado com a implantação da Vila Balneária do Guarujá em 1893 na Ilha de Santo Amaro. A ordenação do território será tratada como um processo de construção compreendido mutuamente ao nível do imaginário (enquanto construção e reinterpretação de mitologias e representações coletivas sobre os lugares), quanto ao nível de intervenção humana na paisagem.³⁶ A agência dos atores sociais e o contexto e modos como mobilizam tanto os recursos simbólicos, como os propriamente físicos, em relação a constituição espacial do Guarujá, passam nesse sentido a ser centrais para sua análise.

É difícil definir o momento preciso em que desponta o desejo marítimo no país. Conforme historiografia³⁷ esse início é marcado pela difusão dos saberes médicos e científicos, que, ao longo do século XIX, transformam os mares em um importante remédio e tonificador, cujos efeitos consistem em “*consolidar os músculos, dar força a toda a economia, em uma palavra, em aumentar a energia de todas as funções podendo portanto ser aplicados no tratamento de moléstias caracterizadas pela fraqueza e diferentes afecções nervosas*”³⁸ O movimento contínuo das ondas, a imersão completa ou parcial do corpo sob as águas e a exposição à brisa marítima são “*excitantes e contribuiriam poderosamente para a saú-*

³⁴ Nesse sentido o beira-mar é entendido como uma paisagem e portanto como uma construção, definida também pelas práticas ali desempenhadas.

³⁵ Machado; 2000,203

³⁶ Machado; 2000.

³⁷ Pires, 2001; Camargo, 2007; O'Donnell, 2013.

³⁸ Dicionário de Medicina Popular – Pedro Luiz Napoleão Chernovz, 1890. pp. 288

de”³⁹. Tais preceitos, tornaram a Ilha de Santo Amaro, antes mesmo da constituição da Vila Balneária, já conhecida e alguns anos antes de sua inauguração, visitantes rumavam a suas areias e ao oceano para a realização de banhos, entendidos a partir de seu potencial terapêutico.

Se por um lado destacam os dicionários de medicina daquele momento, “*os habitantes da borda do mar são geralmente sãos e vigorosos; o costume da navegação, o ar vivo, que respiram, a alimentação que tiram da pesca, contribuem para lhes dar atividade e força*”⁴⁰, não serão essas figuras que as transformações propostas pela Vila Balneária buscarão contemplar. A valorização do espaço beira mar estaria atrelado ao *conhecimento* dos preceitos que são capazes de incidir e transformar os corpos a eles expostos, estratégia que seria sobretudo mobilizada pelas elites.

A emergência de novas fontes de poder econômico proporcionada pelo modo de produção capitalista, o fim da escravidão, a aurora do regime republicano, transformações demográficas e sociais fortalecidas pelos movimentos migratórios, entre outros fatores fizeram com que as práticas de lazer beira-mar se tornassem, mais do que nunca, elementos importantes nas estratégias simbólicas de ostentação de uma posição social elevada.⁴¹ O desejo marítimo, a assimilação do potencial terapêutico dos banhos, propagandeado pela nova ciência médica, em conjunção com o devido desfrute dos *divertimentos* oferecidos pelas estações balneares, constituíam, pois, um novo modelo de convívio, trespassado pelas estratégias de especialização dos espaços e segregação social. Para além dos benefícios colhidos pela imersão dos corpos nas águas salgadas, o espaço beira-mar era recriado a partir de seu afastamento da vida cotidiana e pela conjunção de prazeres oferecidos com o devido conforto e higiene.

Transformar, pois, o espaço da natureza, dominá-lo, e aparelha-lo afim de que servisse ao interesses na formação de um novo corpo culto, letrado, sadio e moderno, seria tarefa de distintos cavalheiros⁴². Com a ritualização dos hábitos e a transformação espacial, o beira-mar ultrapassa um estado de *pré-civilização*, deixa de ser o “*território do vazio*”⁴³, despoja-se como espaço de efetivação dos banhistas e sobretudo dos *viajantes*.

Já desde meados do século XIX, viagens a longínquos territórios eram empreendidas por membros da elite brasileira, seja com objetivo de adquirir uma formação profissional, seja para a realização de compras e visitas a exposições universais, seja ainda para a recomposição de corpo e espírito em estações termais e balneares. A prática de vilegiatura, marcada pelo afastamento da vida cotidiana, consolidava-se como um marco de civilidade que

³⁹ Dicionário de Medicina Popular – Pedro Luiz Napoleão Chernovz, 1890. pp. 378

⁴⁰ Dicionário popular medicina, p. 378.

⁴¹ Ver Machado, 2000 e Marins, 1998.

⁴² Nesse sentido, cabe ressaltar a importante distinção do papel do gênero neste processo, em consonância com o postulado por Helena Machado durante o processo de transformação do beira-mar europeu, às mulheres estariam reservados o efeito terapêutico da temporada beira-mar prescrito pelos médicos homens, enquanto aos homens caberia a efetiva domesticação do espaço e das práticas.

⁴³ Corbin, 1989.

servia como contraponto ao cenário de “atraso” do país, “visível na aparente confusão dos espaços urbanos, povoados de ruas populosas e barulhentas de habitações superlotadas, de epidemias que se alastravam com rapidez”.⁴⁴ As migrações estivais em hotéis em diversas cidades europeias, pelo litoral da França e Alemanha, em apartamentos próprios em Paris ou no noroeste dos Estados Unidos, assumiam importantes traços distintivos dessa elite que buscava nos países setentrionais referências de modelos e padrões de vida que desejavam cultivar nos trópicos.

Visitas frequentes a Paris, foram realizadas por membros das famílias paulistas desde a década de 1870, cidade onde alguns como Eduardo Prado e os filhos do Conde Álvares Penteado dispunham de apartamentos próprios que serviam como abrigo em longas permanências, e eram entremeadas por temporadas dedicadas à vilegiatura marítima e termal⁴⁵. O hotel Majestic em Nice, por exemplo se tornara um destino comum a integrantes das famílias Penteado, Prado e Chaves, já no início do século XX. Com mais de 500 quartos, organizados em 9 pavimentos, o Hotel situava-se na parte central da cidade e construído em concreto armado conformava-se como um audacioso e imponente edifício.⁴⁶

79

Já a estação de águas de Baden-Baden se tornou, em 1892⁴⁷, o destino eleito pelo Conde do Pinhal, importante cafeicultor da região de São Carlos e Jau, durante sua longa estada com a família na Europa. As antigas tradições germânicas de banhos terapêuticos⁴⁸ puderam assim ser desfrutadas por toda a família, em meio ao recorrido pelas principais capitais europeias.

Além de Nice e Baden-Baden, Dieppe na França, bem como Brighton na Inglaterra se colocavam como modelos paradigmáticos na prática da vilegiatura marítima. Desde o início do século XIX, essas duas cidades, atreladas a Paris e Londres respectivamente, convertem-se durante os meses do verão europeu em importantes destinos estivais e residências aristocráticas onde o mar poderia ser contemplado e aproveitado, como também servem de palco de encontro resumido a um pequeno círculo de franceses e ingleses. Em ambas as cidades a arquitetura proposta e o urbanismo balnear irão atuar como importantes dispositivos para o assentamento de determinadas práticas e ritos, que buscam marcar com

⁴⁴ Marins; 1998, 133.

⁴⁵ Pires; 2001, 203.

⁴⁶ Consta no acervo de Caio Prado sob controle do IEBUSP, um vasto material sobre as viagens da família empreendidas no começo do século, dentre os quais, fotografias, envelopes, anotações em papel timbrado, e contas do hotel Majestic nos anos de 1909 e 1910. Para mais sobre o Hotel ver: (NAISSANCE DES PALACES SUR LA CÔTE D'AZUR EVOCATION DE LA GRANDE HÔTELLERIE A LA BELLE EPOQUE Bruno Lavelle

⁴⁷ Pires; 2001, 201.

⁴⁸ Alain Corbin destaca que foram os germânicos os precursores dos banhos marítimos terapêuticos realizados no mar báltico. Muito diferente da costa sul francesa ou noroeste italiana, as águas frias do norte eram ainda no século XVII prescritas como as mais indicadas para a cura dos males físicos. Ver Corbin. Território do vazio.

clareza esses limites sociais⁴⁹.

Para além das cidades setentrionais, no sul do continente americano Buenos Aires, Montevideo e o litoral uruguaio se consolidavam também como importantes destinos de vilegiatura. Era para a região Punta del Este, Piriapolis, Pocitos ou Mar del Plata onde desde as últimas décadas do século XIX já encontravam-se implantados hotéis e cassinos aos moldes europeus e estadunidenses, que rumavam fazendeiros, empresários e alguns profissionais liberais, especialmente do sul do país.⁵⁰

Ainda que a palavra *vilegiatura* tenha sido incorporada aos dicionários brasileiros somente no ano de 1899, sua prática, mesmo que restrita a círculos das classes mais abastadas, já se consolidava como importante dispositivo de distinção que teria no processo de marcação de classe que teria respaldo no desenvolvimento das grandes cidades brasileiras.⁵¹ O hábito das migrações estivais incidiu sobre a transformação de áreas distintas do país, desde os arredores do Rio de Janeiro, como Botafogo, Flamengo, como arredores de Rio Grande no Rio Grande do Sul, a região das águas em Minas Gerais, em especial a área de Caldas, ou ainda o litoral paulista, onde o Guarujá será testemunho inicial. Nesses lugares para além da provisão de *divertimentos* associados a preceitos científicos, a oferta de casas de veraneio, constituiu um programa amplo que organizou fluxos sazonais intensos, garantindo a uma só vez a devida provisão de uma determinada sociabilidade coletiva entremeada pela manutenção da privacidade e conforto familiar e de vizinhança.⁵²

A vilegiatura era ainda propagandeada nas páginas dos periódicos, seja por meio de histórias narradas em folhetins, onde as temporadas de afastamento eram essenciais para a construção social dos personagens retratados, seja por meio do anúncio das viagens empreendidas por figuras importantes, políticos e capitalistas, seja ainda por meio de transcrições de relatos e crônicas, como, por exemplo, aqueles produzidos por Ramalho Ortigão.

De origem portuguesa, Ramalho Ortigão era um jornalista que desde 1877, e por mais de

⁴⁹ Conforme destaca Boris Veblen: “Les grandes familles emboitent les pas et la haut société parisienne se trouve, comme dit Morny, “Pour ainsi dire chez elle”: entre aristocrates, financiers et personnalités politiques. Comme l’expliquent les sociologies Michel Pinçon et Monique Pinçon-Charlot, “le public intéressé est constitué par des familles fortunées qui réalisent un placement en même temps que le désir de disposer d’une résidence en bord de mer. D’ailleurs banquiers et homes d’affaires achètent des terrains beaucoup plus importants que ce qu’il serait nécessaire pour construire la villa familiale, et parfois en lots spécialement agreeable pour les vacances d’été les benefices probables d’opération foncières ou immobilières fructueuses, tout en gardant un droit de regard sur le peuplement de Deuville.” (Monopoly-sur-mer: Le duc. Le Maire et le casinotier. Boris Veblen, p. 15. (in Deuville, La vitrine Balnéaire des elegances. Paul Smith et Boris Veblen.

⁵⁰ Enke; 2013, 78.

⁵¹ Nesse sentido ver Julio Ambrozio Viagem, Turismo, Vilegiatura. In: GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 18, pp. 105 - 113, 2005.

⁵² Nesse sentido cabe destacar que à noção de privacidade se via naquele momento profundamente marcada não apenas pela noção de domesticidade, ou seja entendida a partir dos limites da casa, mas sim pela noção de vizinhança, abarcando, pois, convívios mais amplos ordenados conforme uma mesma gramática de comportamentos. A provisão dos chalés pela Cia e a relação de convivência entre cada um de seus proprietários ou inquilinos, era assim alinhada ao processo de exclusão e segregação social que se desejava implantar. Nesse sentido ver Paulo Cesar Garcez Marins. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras.

35 anos, publicou com frequência artigos com destaque na *Gazeta de Notícias*, importante periódico nacional com intensa circulação. Entre seus escritos, sejam eles o conjunto de folhetins, crônicas ou cartas, encontram-se muitos que tratam da prática de vilegiatura, do papel das estações termais e balneares na constituição de um modelo de vida atrelado ao padrão de vida burguês europeu associados a postulados contra os maus costumes⁵³. Conforme destaca Zan, Ortigão colocou sua literatura a serviço do esclarecimento, da instrução e da orientação, em um esforço de superação do suposto atraso do país⁵⁴.

Em seus relatos e crônicas, ainda que os cuidados com a higiene assumissem com frequência importante papel, eram os divertimentos e as noções de novos prazeres que efetivamente se constituíam como fundamental dispositivo para transformação dos modos de vida. Nesse sentido o deslocamento rumo a cidades civilizadas, o tempo dedicado ao ócio, e a permanência em estações balneares eram centrais:

As pessoas que geralmente frequentam durante o período das águas os Cassinos da Bélgica e da Alemanha não são propriamente doentes. São as pessoas ricas e ociosas que procuram Baden ou Spa, como outras escolhem Mônaco ou o Cairo, como simples lugares de prazer e de jogo, como prazos anuais dados à moda, ao chic, ao amor fácil, à toilette ligeira. Nessa população ruidosa e garrida figuram principalmente os jogadores de profissão, as cocotes e os *crevés*, que não vão diretamente às águas, mas sim a roleta. O que para eles se trata de fazer saltar não são os reumatismos, são as bancas.⁵⁵

81

A construção da Vila Balneária do Guarujá na então remota Ilha de Santo Amaro pode ser entendida como parte desse esforço por meio do qual lazer, distinção e exclusividade se unem e configuram um universo relativo à modernidade burguesa que lentamente se formava. A condição controlada de acesso à ilha, cuja ordenação e operação estava sob as mãos da Companhia se tornava, mais do que um obstáculo para a realização do empreendimento, ferramentas que fortaleciam seu aspecto distintivo. A exploração econômica do território ganhava assim complexos contornos. A relativa distância dos centros urbanos mais próximos (São Paulo, Santos e Rio de Janeiro), somada à natureza remota e insular do sítio não se colocam como dificuldades ou obstáculos para a instalação de um grande complexo, muito pelo contrário, de início, configuram-se como características desejosas para sua realização. Lá, o urbano surge ensaiado por meio de ritos de sociabilidade, em

53 Dentre os livros de Ortigão que tratam especificamente sobre o tema cabe destacar: Banhos de caldas e águas minerais. As praias de Portugal. Entre os artigos publicados pela *Gazeta de Notícias*: A vilegiatura e a questão do duelo (13/09/1877), Aspectos do verão (28/06/1879), Estação de Vilegiatura (21/09/1879), Banhos e Banhistas (25/10/1879), À borda d'água (04/11/1881 e 20/11/1881) entre outros. Para lista completa dos artigos de Ortigão no periódico ver Zan.

54 Para mais sobre Ramalho Ortigão ver: João Carlos Zan. Ramalho Ortigão e o Brasil. Tese de Doutorado FFLCHUSP, 2009. Marras e Enke também indicam a importância de Ortigão no espraiamento das práticas termais e balneares no país.

55 Ortigão, Ramalho. Banhos de caldas e águas minerais. Livraria Universal, 1875, p.17. Apud Enke; 2013,105

ambiente bucólico, de retiro e sobretudo exclusivo.

Em Fevereiro de 1893, pouco antes da conclusão as obras da Vila e da inauguração do conjunto, o Correio Paulistano traz o seguinte relato:

A povoação será dotada de todos os melhoramentos modernos, água em todas as casas, esgoto e luz elétrica. Não será uma cidade suntuosa, mas será extremamente confortavel e faceira. Além dos predios que a companhia construiu por conta propria, estão também concluidos os dos dr. Carlos Paes de Barros, Francisco Xavier Paes de Barros, sras. dd. Viridiana Prado e Francisca Paes de Barros. Vendeu também a companhia terrenos aos srs. conselheiro Antonio Prado, drs. Eduardo, Martinho Prado e Elias Fausto, Benedicto Barboza, Antonio Monteiro de Barros, Joaquim Franco de Camargo.⁵⁶

82

Se por um lado, a Vila, segundo o periódico se constitui de modo não *suntuoso* ou *pedante* – faceiro – distanciando-se dessa forma dos típicos palacetes urbanos que aos poucos pululam nos novos loteamentos da cidade de São Paulo, a presença e reunião de distintas figuras, conhecidas por seus empreendimentos econômicos, atuação política e presença nos mais distintos eventos sociais ocorridos serra acima, seja nos salões da *Rotiseerie Sportsman* ou nos saguões do Teatro São José, revela o cenário que se constitui naquela localidade, reforçando, desta vez, simbolicamente, uma conformação social também insular, ou seja isolada, cujas fronteiras estão claramente demarcadas.

Ocorre dessa forma um deslocamento também físico do eixo central dos ritos de sociabilidade associados a um ideal de *modernidade* essenciais para a afirmação e consagração do papel desempenhado por essas figuras no momento de formação de uma sociedade burguesa. As areias do Guarujá despontam como modelo do bem-viver, associando um conjunto de práticas realizadas entre iguais, destacados do convívio conflituoso das cidades, em um cenário devidamente controlado e aparelhado.

TRAMAS DE FERRO

Ao longo da última metade do século XIX inúmeras mudanças no interior do tecido urbano da cidade e no território da província de São Paulo passaram a constituir transformações significativas nos modos de viver, fortalecidas, principalmente, pelo desenvolvimento e concentração do capital cafeeiro. É certo que desde a década de 20, com a proclamação da independência e o estreitamento das relações com o Rio de Janeiro, somado à instalação da

56 Correio Paulistano 19/02/1893.

Academia de Direito do Largo São Francisco e ao estabelecimento de veículos de imprensa próprios⁵⁷, a cidade perdia seu pretensão isolamento e autonomia. Assim, já na década de 1860 despontavam algumas casas comerciais que cobravam, a despeito das feições coloniais da cidade, um certo cosmopolitismo, que correspondiam a novos interesses e se vinculavam ao modelo de vida burguês de origem setentrional.⁵⁸

Segundo historiografia, é, no entanto, a partir da década de 1870, que esse processo se vê intensificado, quando a crescente presença física e simbólica das estradas de ferro se torna perceptível por uma grande extensão da província. Articulando territorialmente inúmeros produtores agrícolas do oeste paulista com o porto exportador de Santos, e dessa forma alavancando a exportação de seus produtos, em especial do café, as ferrovias contribuíram para a consolidação de São Paulo como um importante ponto para onde convergiam as linhas – e assim fluxos de cargas e passageiros –, garantindo sua centralidade no desenvolvimento da província, bem como seus vínculos com o mercado internacional.

Entre os anos de 1870 e 1875 formaram-se quatro empresas nacionais que estabeleceram, a partir de São Paulo e de Jundiaí, os principais troncos da rede ferroviária paulista. Impulsionado pela promulgação da Lei Imperial 641⁵⁹, que determinava o regime geral de concessão das estradas de ferro um grupo de agricultores, em geral associado à produção cafeeira, passou a investir vultuosos capitais para a construção, manutenção e operação de novos ramais. A garantia de juros às empresas concessionárias, somadas aos demais privilégios concedidos pelo governo transformaram as empresas ferroviárias em um investimento seguro, que além de servirem a um controle mais amplo da cadeia produtiva agroexportadora, efetivamente fizeram com que os antigos fazendeiros assumissem feições próprias de empresários capitalista.

As empresas ferroviárias eram em geral constituídas por sociedades anônimas organizadas por um conjunto de ações. A organização e estruturação das empresas ampliava relativamente o controle exclusivamente familiar do empreendimento e sua manutenção e operação exigia a introdução constante de inovações que ajudassem a garantir sua rentabilidade e um alto padrão de serviços.

Para além da multiplicação, como veremos mais adiante, dos ganhos econômicos que passariam a montar o chamado *complexo cafeeiro*⁶⁰, às ferrovias agregou-se a imagem do progresso e da modernidade, simbolizada sobretudo pela velocidade e articulada com o avanço das práticas capitalistas, sejam elas entendidas a partir de seus postulados eco-

⁵⁷ Morse, 1970.

⁵⁸ É o caso das casas Garraux e Levy, bem como das primeiras confetairias, como a Leão, que conforme destaca Barbuy, já estariam operando na década de 1860, em grande medida fomentadas pela circulação dos estudantes da Academia de Direito do Largo São Francisco. Barbuy; 2006:27.

⁵⁹ SAES, Flávio Azevedo Marques de. Estradas de ferro e diversificação da atividade econômica na expansão cafeeira em São Paulo, 1870-1900. In: SZMRECSÁNYI, Tamás; LAPA, José Roberto do Amaral (Org). História Econômica da Independência e do Império. São Paulo: Hucitec, 2002

⁶⁰ Cano, 1977

nômicos, políticos ou ainda pela incorporação de doutrinas, valores e modos de vida⁶¹; “o que vale dizer, nesse caso, que a forma fetiche das mercadorias estava definitivamente liberada para encantar toda a humanidade”⁶². Transportando sobre os trilhos cargas e passageiros, entremeadas por novos edifícios que correspondiam a novos programas, cuja arquitetura correspondia ainda a preceitos renovados das ciências, as ferrovias filiavam o território paulista ao curso da modernidade. Assim, por meio de sua articulação com os trilhos ferroviários, os paulistas passavam não só a integrar como também constituir um universo estimulado

sobretudo por um novo dinamismo no contexto da economia internacional, [quando], essas mudanças irão afetar desde a ordem e as hierarquias sociais até as noções de tempo e espaço das pessoas, seus modos de perceber os objetos ao seu redor, de reagir aos estímulos luminosos, a maneira de organizar suas afeições e de sentir a proximidade ou o alheamento de outros seres humanos⁶³.

Associados ao avanço dos trilhos sobre o território, surgem em cena novos personagens - engenheiros, técnicos, administradores - que em consórcio com médicos, advogados, políticos e cientistas e creditados por sua formação profissional, atuam como verdadeiros patronos e propulsores de um novo modo de vida, impulsionados pelo crescente contato com as nações europeias e norte-americanas, consagrando a racionalidade técnica e o discurso científico-tecnológico atrelado a ideais positivistas de progresso.⁶⁴

É nesse contexto que se funda, na cidade de Campinas em 1868, a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, sociedade anônima com 25.000 ações distribuídas entre 654 acionistas, dentre as quais algumas presenças familiares se destacam: Silva Prado, Sousa Queiroz, Vergueiro e Pais de Barros. Ou ainda, em 1872 a Mogiana, controlada novamente pelos Silva Prado conjuntamente a Antonio Queiros Telles e Jose Estanislau do Amaral; a Ituana em 1873, controlada pelas famílias Pacheco Jordão e Pais de Barros; e finalmente a Sorocabana em 1875, que à diferença das anteriores, não se articulava com a produção de café mas sim de algodão e era comandada por Luis Matheus Mailasky.⁶⁵

A articulação de cafeicultores com as distintas ferrovias, reforçava não só a inter-relação fundamental entre a produção cafeeira com as empresas ferroviárias, que constituiu a base para a diversificação do capital acumulado, como também serviu para estreitar ainda mais os vínculos entre famílias produtoras do oeste paulista. As alianças formadas entre os Silva Prado, os Monteiro de Barros, os Jordão, os Chaves, os Pacheco, os Queirós Teles, os Sousa Queirós, os Costa Pinto e os Costa Carvalho, serviam de um lado para ampliação dos in-

⁶¹ Lanna, Brazil Railway p.2

⁶² Hardman: 2005;29

⁶³ Sevcenko: 1998; 7.

⁶⁴ Sevcenko, 1998; Hardman, 2005.

⁶⁵ Saes, 2002

gressos econômicos, e por outro como importante fonte de reconhecimento mútuo, status que seria fortalecido com o compartilhamento contínuo de tarefas econômicas, políticas e ainda pela assimilação compartilhada de determinados padrões de vida.⁶⁶

Desde cedo os grandes fazendeiros de café não ficaram restritos à atividade agrícola. A produção de café dos Silva Prado, por exemplo, e seu escoamento via estradas de ferro por eles controladas - Paulista e Mogiana - foram complementados pela empresa dedicada a suas vendas e comissões internacionais, e por bancos que asseguravam a devida destinação e reprodução do capital adquirido. A companhia Prado Chaves Exportadora, fundada em meados da década de 1880, por Martinho, Antonio e Martinico Prado e seus sócios Elias Antonio Pacheco e Chaves, e Elias Fausto Pacheco Jordão, cuidava da exportação dos produtos de diversas famílias acima elencadas e inter-relacionadas, e nos anos de 1912-13 alcançou a participação de mais de 16% das exportações realizadas pelo porto de Santos.⁶⁷ O Banco do Comercio e Industria em São Paulo, fundado por Antonio Prado em janeiro de 1890, e por ele dirigido até 1920, tornou-se em pouco tempo principal instituição privada de crédito em São Paulo, com, conforme destaca Levi, um ativo de 100 mil contos de réis, correspondente a um terço dos ativos dos bancos privados existentes no estado no mesmo período.⁶⁸

85

O crescimento das empresas controladas pelos Prado Chaves, coincide não apenas com o fortalecimento das alianças com as demais famílias de fazendeiros-empresários, como também com seu relacionamento privilegiado com o governo. A independência em relação ao capital internacional na montagem de todo o sistema de exploração econômica era tido como importante alavanca para a participação crescente dos paulistas no cenário político nacional. Rangel Pestana, jornalista, político e jurista brasileiro, já em outubro de 1870 clamava por essa distinção na Gazeta de Notícias:

O fato memorável, entre nós de a incorporação das companhias Campineira e Ituana com capitais próprios, sem recursos às praças estrangeiras nem mesmo às outras do país prova que a Província de São Paulo há de em muito em breve pesar muito na balança política do Império.⁶⁹

Nesse sentido, o capital econômico e político dessas figuras se constituiu mutuamente, e, ao longo dos anos, na mesma medida em que se ampliavam os ganhos financeiros oriundos do complexo cafeeiro, foram muitos os cargos públicos relevantes ocupados por integrantes dessas famílias, seja durante o período imperial, seja ainda nos primeiros anos após a proclamação da República.

Os recursos originários da exploração cafeeira, em associação com as empresas ferroviá-

⁶⁶ Levi, 1977: 72

⁶⁷ Levi, 1977: 272

⁶⁸ Levi, 1977: 278

⁶⁹ Gazeta de Notícias 10/02/1870 Apud Saes A grande empresa de serviços públicos na economia cafeeira 1850-1930. P. 42

rias fundadas na década de 1870 e com a atuação política, passaram a servir ainda como importante fonte capitais que seriam redirecionados em especial aos serviços de utilidade publica urbanos. A cidade em associação ao binômio café-ferrovia se conformou como um importante campo de investimentos, e a urbanização de diversos núcleos a partir da implantação de um conjunto de melhoramentos e a provisão de serviços e divertimentos se conformou como mais um espaço de intensa circulação dos antigos fazendeiros.

Em um balancete pertencente a Martinho Prado Junior, datado de 31/12/1900, além das grandes quantias correspondentes às posses e produções agrícolas das fazendas Guatapará, São Martinho e Brejo Grande, encontram-se diversos terrenos, em São Paulo, Ribeirão Preto e Guarujá, ações de empresas ferroviárias, de bancos, de empresas de transporte e loteadoras, valores correspondentes a edificações em São Paulo e valores relativos a debentures de outras empresas, permitindo assim entrever o amplo espectro de atuação econômica que essas figuras irão desempenhar.

86

As tramas que se estabelecem de maneira articulada ao avanço dos trilhos são, dessa maneira, múltiplas e terão incidência direta nas transformações futuras da ilha de Santo Amaro. Ao mesmo tempo em que os trilhos garantem um contato mais veloz entre distintas localidades do território paulista, aproximando a Ilha de Santo Amaro, a São Paulo, Campinas, Itu ou Jundiaí, articulam figuras (fazendeiros-capitalistas-políticos) que estarão intimamente relacionadas com a exploração da ilha. Os novos modo de vida marcados pelo avanço da ciência e de determinadas noções de progresso, civilidade e modernidade, serão acompanhados pelo desejo crescente de distinção, que se assentará em um amplo conjunto de hábitos, dentre os quais, a vilegiatura e a realização de práticas terapêuticas tanto se prestavam. Soma-se ainda a esse rede o desejo pela expansão de investimentos, que, como vimos, associará de maneira definitiva a experiência urbana ao avanço das práticas capitalista. Em síntese, conforme destaca o Correio Paulistano:

Ao mesmo tempo em que se pensava em suprir para as classes mais abastadas desta capital e do interior, a uma necessidade que se fazia urgente, qual a de dotar o Estado de S. Paulo com uma povoação, um estabelecimento confortável para a estação calmosa e o uso de banhos de mar, tão preconizado para a restauração do organismo em pessoas de toda a idade, sexo e profissão, não descuravam também os iniciadores da luminosa ideia de obter sedutora remuneração para os capitais que iam empregar.⁷⁰

TÃO LONGE, TÃO PERTO: A DISTÂNCIA PRECISA

A ilha de Santo Amaro se localiza na porção central do litoral paulista, limitada a leste pelo canal de Bertioga e a oeste pelo canal de Santos, sendo sua maior face banhada pelas águas do oceano Atlântico. Com uma extensão aproximada de 143km², é cerca de duas vezes maior que a ilha de São Vicente, onde se situa parte das cidades de Santos e São Vicente, e dista cerca de 90km da cidade de São Paulo. Sua condição insular, a presença marcante do oceano e a proximidade relativa com os núcleos urbanizados de Santos e São Paulo - ora tida como isolada ora amplamente conectada - foram e seguem sendo características centrais na produção de seus espaços e em seu processo de urbanização.

A ocupação da ilha teve suas origens nos pontos extremos leste e norte, onde foram construídas as primeiras fortalezas, ainda no início período colonial, destinadas ao controle da entrada de embarcações nos canais de Santos e Bertioga. Junto à cada uma das fortalezas, foi ainda edificada uma capela: nas imediações do forte da Barra Grande, situada na borda oriental do canal de Santos, foi edificada a capela de Santo Amaro, que abrigaria a imagem do Santo que se tornaria padroeiro da Ilha; e junto à fortaleza de São Felipe, nas proximidades de Bertioga, a capela de Santo António do Guaibê, que remonta ao nome indígena atribuído à ilha. Mais tarde, nas últimas décadas do século XVII, uma terceira edificação seria construída na ilha para proteger a margem oriental da cidade de Santos: a fortaleza de Itapema que no século XVIII passaria por transformações e receberia um farol. Diferentemente das construções anteriores, que se situam no limite do estuário com o oceano, o forte do Itapema estaria localizado a cerca de 6km da desembocadura do rio, e estaria relacionado diretamente com a segurança do porto e da cidade de Santos, que até então encontrava-se concentrada na porção setentrional da Ilha de São Vicente. Até meados do século XIX todas essas construções sofreram com as intempéries e com a falta de recursos, econômicos e sociais, que assegurassem a sua integridade e pleno funcionamento. No Itapema, por exemplo, em 1839, registra-se apenas uma família residente que deveria cuidar de sua manutenção e funcionamento.

O restante da ilha permaneceria, em sua maioria, coberto por mata virgem e dividido em grandes propriedades controladas por um número reduzido de proprietários. Sabe-se da existência nessas propriedades de alguns engenhos de cana-de-açúcar que teriam sido construídos no início do período colonial, cuja atividade econômica não foi possível rastrear. Efetivamente, é a partir do século XVIII, quando junto ao canal de Bertioga se constrói uma armação de baleias, que a Ilha passa a ter uma exploração econômica mais reconhecida. A caça dos mamíferos era realizada ali, bem como todo o beneficiamento de seus subprodutos, cujo óleo servia para a impermeabilização de barcos, preparação de sabão além de prover iluminação nas vilas de Santos e São Paulo. Essa exploração teria durado até o início do século XIX, quando relatos publicados em periódicos informam que além de demandarem altos recursos, as fazendas encontravam-se em estado de abandono, “*achando-se retalhadas por posseiros e intrusos*”.⁷¹ Em censo de 1765, período auge da ex-

ploração baleeira na ilha, constam 536 moradores em toda a ilha, sendo grande parte deles negros escravizados, trabalhadores cativos nesses processos de beneficiamento.⁷²

A exploração econômica mais conhecida da Ilha, no entanto, foi aquela desempenhada por Valencio Augusto Teixeira Leomil, português que teria aportado na ilha alguns anos antes do decreto imperial de 10 de julho de 1832, que elevaria o pequeno povoado situado nas proximidades da armação das baleias em Vila, e que posteriormente será um dos sócios fundadores da Cia Balneária. Proprietário de uma grande extensão de terras, Leomil, teria construído uma fazenda de enormes proporções junto ao mar na região até hoje conhecida como Perequê, e lá teria explorado, além da pesca e produção de gêneros agrícolas, o tráfico de escravos africanos. A contínua exploração do tráfico à despeito das sanções imperiais que proibiram a partir de 1850 sua realização, levaram à expulsão de Leomil das terras do Império em 1851, para onde retornaria passados 4 anos, uma vez prescrita sua pena.

O vínculo entre os ganhos financeiros do português e de sua família com a exploração da mão de obra cativa de origem africana, contudo, não se interrompe nesse período, nem finda após seu retorno. Se pouco se conhece sobre a continuidade ou não do tráfico clandestino, Leomil e seus familiares passaram a publicar, durante as décadas de 1850, 60 e 70 inúmeros anúncios nos jornais propagandeando recompensas para aqueles que encontrassem escravizados fugidos, seja na região santista, ou ainda em áreas do interior paulista, servindo, pois, como intermediadores dos fazendeiros e demais produtores na manutenção da exploração da mão de obra negra.

Nos anos subsequentes à sua volta ao país, com o avanço de epidemias junto ao porto e com a dificuldade de vigilância das cargas e passageiros no estuário de Santos, a fazenda de Leomil no Perequê passou, por um curto período de tempo, a funcionar como lazareto onde se trataram doentes egressos de portos infectados, e a baía a sua frente serviu como pouso de quarentena dos navios que rumavam a Santos, sendo um parada obrigatória a determinados navios e carregamentos. A eleição das terras de Leomil para abrigar tal atividade é acatada pelo governador da província após o oferecimento que parte do próprio português, evidenciando vínculos importantes entre o imigrante e as estruturas administrativas. Após a determinação de funcionamento do lazareto, são enviados técnicos, móveis e animais para a casa de Leomil, que comportaria a chegada de mais de 200 pessoas doentes ao mesmo tempo. É surpreendente o tamanho anunciado da fazenda, revelando a intensidade da atividade econômica provavelmente relativa à exploração do tráfico e seguramente ociosa após sua proibição. A instalação do lazareto em suas propriedades, que ficou a cargo do sanitarista Saturnino de Souza e Oliveira durante os primeiros meses de 1856, além de reinserir Leomil nas redes político-sociais da região, inaugura uma associação fundamental para a construção posterior da Vila Balneária: a associação entre as características físicas e climáticas da Ilha e o seu poder curativo. Ainda que o lazareto tenha funcionado efetivamente por pouco mais de um mês, a ideia de que ali se poderiam

⁷² Ver DAMASCENO, Monica de Barros; MOTA, Paulo. Pérola ao Sol. Apontamentos para uma história do Guarujá.

sanar males coléricos e miasmáticos, seja por meio do afastamento dos núcleos adensados, seja pela vigilância e controle dos corpos e espaços, ou ainda pela presença do oceano, é traço fundamental para a materialização da Vila Balneária e ressignificação da Ilha como um todo passados poucos anos.

No fim da década de 60, pouco depois de inaugurada a estrada de ferro que conectaria Santos a Jundiaí, Leomil passa explorar um conjunto de Armazéns de Comissões nas proximidades das estações da Luz, Rio Grande e Jundiaí, onde além de vender uma sorte de gêneros, dentre os quais destacam-se tainhas e camarões, provavelmente adquiridos em sua fazenda no Perequê, receberia e remeteria gêneros de Santos a São Paulo ou ao interior e vice versa, estabelecendo portanto um contato contínuo entre os territórios da Ilha de Santo Amaro, Santos e o restante do território paulista:

O abaixo assinado convenientemente estabelecido com escritório e armazém de comissões em frente à estação da estrada de ferro na Luz, convida a todos os seus amigos afeiçoados de todas as localidades da província, a que lhe dirijam todo e qualquer gênero alimentício das sobras de seus estabelecimentos agrícolas, inclusive algodão e café, quer para remeter para Santos, quer para vender nessa cidade, e sobretudo cafés baixos, ou ordinários que tem pronta venda nesta capital. O abaixo assinado com as habitações que tem neste comércio, e relacionado como está com todos os compradores, e a colocação de seu estabelecimento oferece vantagens a todas as pessoas que o queiram honrar com suas ordens, no desempenho das quais será incansável. Também tem seu estabelecimento filial desta casa na estação do Rio Grande, e cujos serviços oferece da mesma forma a todos os srs fazendeiros e negociantes do Norte, a quem pede seu apoio a um dos primeiros estabelecimentos criados naquela localidade.

89

São Paulo, 22 de janeiro de 1868.⁷³

Reforça-se, nesse momento, o vínculo de Leomil com os fazendeiros paulistas que acabam por inseri-lo em uma ampla estrutura de exploração, seja inicialmente da mão-de-obra seja, neste momento, da produção mercantil do período, que seguramente contribuiram para sua participação na transformação futura da Ilha de Santo Amaro. Neste processo é fundamental destacar o papel central desempenhado pela estrada de ferro para que não só o território paulista passe a se articular de maneira mais ampla e veloz, como também para organizar um conjunto de tramas sociais que será marcante no desenvolvimento econômico e político de São Paulo.⁷⁴

⁷³ Correio Paulistano, 23/01/1868.

⁷⁴ Para mais sobre o papel das ferrovias na articulação econômica e social paulista ver: Saes, 2002; Levi, 1977.

2.01 Carta parcial do litoral do Estado de S. Paulo. Compreendida entre Santos e o Estado do Rio de Janeiro. Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo. Acervo Cartográfico. Mapa realizado no início da década de 1910, situando a Ilha de Santo Amaro na porção litorânea paulista.

2.02 Carta parcial do litoral do Estado de S. Paulo. Compreendida entre Santos e o Estado do Rio de Janeiro. Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo. Acervo Cartográfico. Ampliação do mapa anterior com destaque para a ilha de Santo Amaro, onde encontra-se indicado o trajeto a ser percorrido em trem desde o Itapema até a Vila Balneária do Guarujá.

2.01

2.02

A Ilha de Santo Amaro, portanto, ainda que remota e pouco ocupada não era desconhecida para os habitantes de Santos, São Paulo ou ainda do interior paulista e teria presença, ainda que ligeira, dentro das rotas comerciais do território paulista. Conforme veremos mais a frente, já no último quartel do século, as propriedades de Leomil na ilha recriarão seus sentidos curativos e receberão outras figuras que também se associariam à Cia Balneária, e que buscariam nas distintas praias, antes da construção da Vila Balneária, momentos de prazer lúdicos e realização de atividades terapêuticas.

Na década de 1860, outra figura importante aportará na Ilha de Santo Amaro e terá papel essencial em seus processos de transformação. É quando, Miguel Francisco Bueno Chaves, cafeicultor paulista com grandes fazendas na cidade de Itu, compraria um vasta porção de terras na Ilha e ali constituiria o sítio Glória. Nada se sabe sobre a produção ou ocupação efetiva desse sítio até a década de 1880, no entanto, é a partir da compra de uma sexta parte dessas terras, realizada pela Cia Prado Chaves – comandada pelo filho de Miguel, Elias Chaves e seu cunhado Antonio Prado – que a Cia Balneária irá incidir diretamente na ilha. Distante da região povoada do Perequê, essa porção do sítio adquirida pela Cia, se afasta do canal de Bertioga e se aproxima do canal de Santos. A área, com uma extensão de areia de cerca de 9km, é rodeada de montanhas, e cercada de mata, que não só garantem condições climáticas reiteradamente elogiadas, como também delimitam e isolam claramente o espaço definido para a instalação da Vila, como atestam descrições futuras:

Há um anfiteatro de montanhas, e em frente, a praia, a praia extensa, branca, de areia fulva, espelhenta, sem um sargaço, deliciosamente limpa e bela, limitada a Este por uma montanha e a sul por grandes pedras sobrepostas, cobertas até dois metros por pequenos mariscos, já em madreperla nos planos inferiores. À praia larga e lisa vem as ondas em séries ininterruptas, ondas de uma alvura que fascina, estendidas a perder de vista, rendando a branco de neve o azul profundo do mar alto – porque o mar alto que banha a ilha daquele lado; a barra ficou aquém, depois da montanha que limita a praia contígua, que se estende para além das grandes pedras sobrepostas. É mar alto. A brisa que refresca a ilha das 10 horas da manhã até a noite, é brisa virgem de terra, vem do mar largo, levemente salitrada, tão pura, tão benéfica, que parece especialmente encomendada pela empresa Balneária para revigorar a saúde de seus futuros hóspedes.

Ao centro do semicírculo, em frente à praia maravilhosa, defendido por traz pela alta serra das Pitangueiras, que não deixa chegarem à praia os ventos impuros da cidade e do porto distante, ergue-se o edifício do Hotel e Restaurante Balneário.⁷⁵

Há portanto, a partir desse momento, um claro deslocamento físico das atividades desempenhadas na Ilha. Se até então o Perequê e a barra da Enseada⁷⁶ concentravam contingente populacional e atividade econômica, com a implantação da Vila, o Itapema e a área hoje conhecida por Pitangueiras se converteram nas duas principais áreas da Ilha e passaram a operar como um binômio, onde o beira-mar se constituirá como reduto exclusivo de lazer e cura e a porção do estuário junto ao forte e ao Farol como porta de entrada da Ilha e espaço destinado aos trabalhadores pobres. Fortalece-se também a articulação com Santos, realizada por meio da travessia do estuário a partir do Itapema e com chegada no cais do porto, nas proximidades da estação do Valongo e portanto de todo o território paulista cruzado pelos trilhos do trem. Se por um lado a condição insular e o isolamento do sítio eleito permaneciam inalterados, por outro o deslocamento em sentido oeste facilita a conexão da Ilha com os núcleos mais adensados e o restante da província. A definição dessa localidade para a implantação da Vila Balneária, assenta-se, pois, nessa tensão entre longe perto, isolado e conectado, exclusivo e acessível, e que se constitui de maneira propositalmente precisa, respeitando todo o sentido ambíguo do termo.

Esse deslocamento implicará também na apropriação simbólica da ilha, que deixará de ser amplamente conhecida como Ilha de Santo Amaro e adotará o nome Guarujá. Segundo alguns historiadores, a palavra Guarujá teria sua origem no termo indígena Guarú-ya, que se referiria à passagem estreita entre as pedras que dividem as praias hoje conhecidas por Astúrias e Pitangueiras, trecho próximo aos terrenos de posse da Cia. Posteriormente conhecido como Sala de Pedras, em meio ao processo de domesticação da paisagem natural, esse trecho se converteria em cartão postal e destino recorrente dos visitantes do hotel e da Vila Balneária como um todo. A conversão da Ilha de Santo Amaro em Guarujá, passa, portanto, pela assimilação desse pequeno trecho da ilha, assimilação esta que só será concretizada a partir da construção da Vila e de seu assentamento físico e imaginário.

Pra além de pitoresco a Sala de Pedras desempenha papel central dentro da mitologia da ilha que seria retomada pela Cia. Teria sido ali, onde Hans Staden teria supostamente escapado de ser devorado em um ritual pelos indígenas tupinambás. O espaço guardaria então outro interessante duelo entre a ordem civilizada (Hans Staden é tido como o primeiro homem civilizado a habitar a ilha, e portanto nomeará posteriormente a principal avenida do conjunto, a via Beira-mar) e a natureza selvática representada pelos indígenas. A assimilação dessa relação híbrida entre civilizado e natural apareceria dessa forma mais uma vez pela eleição do nome dado à Vila, que nunca será conhecida como Valenciana, conforme previsto na ata de fundação da Cia e atenderá desde o início sob o nome de Guarujá.

Se veem esboçadas então as bases para as transformações físicas e simbólicas que seriam empreendidas pela Cia Balneária alguns anos mais tarde. A articulação de figuras com crescente capital econômico e social, dadas aí pelas figuras de Miguel Chaves, Elias Pacheco Chaves, Antonio da Silva Prado e Valêncio Teixeira Leomil, somada à estruturação

⁷⁶ A barra da enseada aparecerá nos relatórios produzidos pela Comissão Geológica, que a partir de 1912 organizará missões pelo litoral paulista, a fim de tratar de sua ocupação e potenciais usos.

territorial realizada pelas rede ferroviária na província, que uniria não só o litoral a hinterlândia, como também agricultores, capitalistas e negociantes dispersos pelo território, bem como o fortalecimento de preceitos que articulam o beira-mar com noções de salubridade, higiene, isolamento e cura.

O PROJETO DA VILA BALNÉARIA

CAPITULO 03

Eu vinha vindo com o frescor da manhã por aquele trecho da praia de Santa Luzia, tão suave e tão formoso, onde se amontoam as cousas lugebres da cidade - a Santa Casa, o Necrotério, o serviço de enterramentos. Entre as árvores fronteiras ao hospital, vendedores ambulantes vociferavam os pregões de canjica, de mingau, de pães doces; dos bondes pejados de gente saltavam criaturas doentes, paralíticas algumas, de óculos outras. Pelas escadas de pedra lavada formigava constantemente a turba doente, mostrando as mazelas como um insulto e uma afronta aos que estavam sãos...

João do Rio. Os urubus, 1907.⁷⁷

DOMÍNIO DAS NATUREZAS

Em 20 de fevereiro de 1889, o jornal *Diário de Santos* publica o seguinte anúncio:

Barra.

Para Banhistas

Alugam-se quartos e mobílias nos Dous Rios junto a linha de bondes da Vila Matias. Os proprietários do estabelecimento, tendo grande sortimento de bebidas de todas as qualidades, participam que haverá grande redução nos preços, tanto nas bebidas como nas comidas frias, a qualquer hora do dia ou da noite.

Os mesmos encarregam-se de alugar casas com ou sem mobílias. Aceitam-se pensionistas por mês.

Igualmente participam às pessoas que se acharem em tratamento e em uso de banhos, que terão sempre que precisem os Ilmos. Srs. Drs. Soter de Araujo, Arlindo Esquivel e outros que se acham de assistência muito próximo.⁷⁸

Direcionado especificamente para banhistas, o anúncio indica a existência, em Santos, de ao menos um estabelecimento onde a prática terapêutica de banhos era oferecida em fins do século XIX. Instalados junto ao rio Dois Rios,⁷⁹ próximo ao oceano, e relativamente distante da área mais adensada da cidade bem como do porto, que enfrentavam desde meados da década de 1880 a propagação de epidemias e males atribuídos aos miasmas e à condição higiénica da região, o estabelecimento desponta como equipamento destinado a práticas curativas, onde a figura do banhista estaria intrinsecamente ligado à figura do *curista*.

⁷⁸ Diário de Santos, 20/02/1889.

⁷⁹ O rio Dois Rios é um rio de traçado bifurcado, característica que dá origem a seu nome. De um lado tinha início no morro do Jabaquara, passando pelo bairro de Vila Matias e de outro tinha início no atual bairro do Macuco, vindo a desembocar no Atlântico, já com seus dois braços unidos, percorrendo traçado paralelo ao antigo caminho da Barra de Santos.

03.01 Planta da Cidade de Santos e seus arredores. Levantada pela comissão de saneamento [1903]. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo. Acervo Cartográfico. No mapa, representado com o norte para baixo e portanto dando destaque à crescente ocupação Atlântica, estão representados o rio Dois Rios, próximo ao oceano, as novas avenidas Conselheiro Nébias e Ana Costa, que partem em direção ao mar, bem como a esparsa ocupação beira-mar santista. Alcança-se ver também indicado na Ilha de Santo Amaro, à esquerda no mapa, o Farol de Itapema, ponto de chegadas e partidas dos trens rumo à Vila Balneária.

03.02 Canal e Porto de Santos [1881]. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo. Acervo Cartográfico. O mapa indica a ocupação santista em fins do século XIX, concentrada na porção norte da Ilha, e indica na Ilha de Santo Amaro duas das fortalezas existentes - Itapema, e Barra Grande.

101

03.01

03.02

Também em Santos, e possivelmente muito próximo ao estabelecimento propagandeado acima, Antônio Luiz Gonzaga, figura que posteriormente nomearia o conhecido bairro santista, edificou junto à orla um pequeno botequim, dotado também de quartinhos para banhistas⁸⁰. Mesmo que aliada ainda à oferta de outros serviços - provisão de alimentação, aluguel de casas e cômodos mobiliados - os estabelecimentos citados se destinavam fundamentalmente à prática de banhos, oferecida conjuntamente ao devido acompanhamento de assistentes.

Ao longo das décadas de 1830 a 1870, decorrentes do aumento da produção acadêmica nacional encontrada nos novos centros acadêmicos fundados no Rio de Janeiro e na Bahia no início do século XIX foram produzidos inúmeros artigos científicos que, “*ao mesmo tempo em que ressaltavam as propriedades medicinais e os usos das águas, pregavam o auxílio financeiro do governo para o aproveitamento adequado das fontes para fins terapêuticos*”⁸¹. O termalismo e o poder das águas virtuosas passavam, dessa forma, a serem discutidos segundo bases científicas frente o avanço das análises e experimentos que tratavam de suas propriedades químicas, e o devido aproveitamento de suas propriedades era reclamado às autoridades provinciais⁸². Concomitantemente, diversas viagens foram empreendidas por cientistas às já famosas estações termais francesas de modo a esclarecer não só as especificações técnicas das águas, mas também se debruçarem sobre aspectos relativos ao funcionamento e aparelhamento dos balneários, conhecimento que seria então codificado para posteriormente ser utilizado na construções das estruturas nacionais. Paulatinamente, como destaca Marras, *as virtudes medicinais das águas foram sendo traduzidas em linguagem médico-positivistas de inspiração francesa*.⁸³

É nesse sentido que se publicam importantes manuais no país que associam as qualidades das águas a práticas e ritos que asseguravam que seu uso fosse controlado e assim destinado corretamente à distintas práticas terapêuticas. Os banhos, sejam eles muito frios, frios, frescos, temperados, quentes, muito quentes, ou ainda os banhos a vapor, salinos, emolientes, sulfurosos, termais e marítimos passaram a figurar como práticas diversas, prescritas em função de características mais ou menos específicas e constantes seja em manuais como o publicado pelo médico carioca Manuel Vieira de Fonseca, intitulado *Manual do Banhista ou estudo sobre os banhos de mar*, publicado em 1876, seja ainda nos dicionários de medicina que, traduzidos, prescreviam as recomendações e descreviam suas práticas:

⁸⁰ Santos, Jany Ellete Rabelo. Atlântico Hotel: preservação e modernização, desafios para sua sobrevivência. IN Revista Patrimônio: lazer e turismo. Março, 2004.

⁸¹ Franco, 2005. Dentre os trabalhos realizados nas academias de medicina da Bahia e do Rio de Janeiro que relacionam nesse momento o poder das águas com possibilidades curativas, estão: Acerca da hidroterapia, 1855; Da medicação hidroterápica, 1858; Hidroterapia, 1871; Das indicações e contra-indicações da hidroterapia no tratamento das moléstias do sistema nervoso, 1877. (Marras:2004; 369).

⁸² Nesse sentido Franco destaca livro produzido pelo médico Fortunato Raphael Nogueira Penido, intitulado Tratado de Medica e de outros variados interesses do Brasil e da Humanidade, onde salienta o estado precário de aproveitamento das águas de Caldas, e se queixa às autoridades o seu devido aparelhamento. A medicina dessa forma apoiada em sua metodologia científica assume papel central na ordenação territorial destes espaços.

⁸³ Marras, 2004; 58

Banhos de mar: Estes banhos tomam-se ordinariamente frescos; isto é de 19 a 24 centígrados. Os seus efeitos consistem em consolidar os músculos, dar força a toda a economia, em uma palavra, em aumentar a energia de todas as funções. Os banhos de mar podem ser aplicados no tratamento de diversas moléstias que são caracterizadas pela fraqueza; convêm principalmente nas moléstias escrofulosas, nas flores brancas e diferentes afecções nervosas. Concebe-se, portanto o efeito que devem produzir os banhos frios, em uma água sobrecarregada de princípios excitantes, acompanhados do exercício salutar que se faz nadando ou pelas emborçações produzidas pelo movimento continuo das ondas.

Os banhos de mar não devem durar mais de vinte a trinta minutos; logo que a pessoa sentir frio no banho deve sair fora da água, porque então a reação se faria muito lentamente e seria perigosa; se bem que essa reação pode ser ativada por meio de um exercício moderado, bebendo a pessoa um cálice de rum, de vinho da Madeira ou do Porto. (...) ⁸⁴

103

Ainda que em profunda transformação, devido aos avanços dos estudos sobre a medicina microbiótica de Pasteur ou Robert Koch, que tiveram seu devido reconhecimento somente na primeira década do século XX, a medicina seguia naquele momento guiada por preceitos associados à teoria dos miasmas, e o corpo, como destaca Machado, ainda era entendido como uma “*entidade porosa, extremamente permeável às agressões exteriores, nomeadamente ao ar impregnado de doenças*”.⁸⁵ Os cuidados com o corpo e a higiene corporal articulam-se aos banhos, em suas mais variadas formas, que mantiveram, assim sua relevância como prática terapêutica até a década de 1940, quando se intensifica a utilização dos medicamentos e antibióticos sintetizados em laboratórios no país.⁸⁶ Distinguindo-se das estações termais, o beira-mar não culminou a partir deste momento em um processo de decadência, mas enfrentou e enfrenta até hoje um sucessivo processo de significação positiva.

É curioso também, o papel que os banhos adquirem de maneira crescente ao longo dos anos como prática curativa, não só dos males físicos, como também daqueles que incidem sobre a psique, noção que se fortalece com o avanço das ciências psicoterapêuticas e por certo em sintonia com os avanços dos modos de vida urbana e com a crescente estratificação do tempo⁸⁷.

⁸⁴ Dicionário de Medicina Popular – Pedro Luiz Napoleão Chernovz, 1890. (p. 289 e 378)

⁸⁵ Machado, 2000:210

⁸⁶ Marras, 2004: 126.

⁸⁷ Ver E. P. Thompson Tempo, disciplina de trabalho e capitalism industrial. In. THOMPSON, E. P. Costumes em Comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Trecho publicado pela revista *A Cigarra* em 1914, torna evidente a manifestação de tais preceitos aliados à prática terapêutica:

Os banhos de mar saturam-no de iodo. Encouraçam-nos contra a anemia. Afugentam de nós a tristeza, sócia da doença, enrijando-nos os nervos, tornando-nos ativos e vigorosos. São eles que nos retemperam para as lutas do trabalho, lutas cotidianas que renascem, a cada momento, das dificuldades vencidas, com a tenacidade das cabeças das hidras da fabula. Àqueles mesmo para quem lampeja melancólica a mocidade no seu ocaso, os banhos de mar emprestam uns clarões de juventude, remoçando-os. Eles são sempre propícios às mulheres.⁸⁸

104

É fundamental portanto o papel que desempenham os banhos como práticas curativas da melancolia, do *spleen* - como se refere Corbin - e da tristeza. A recomposição dos corpos se alia ainda à renovação do espírito, e o contato com mar forneceria as bases necessárias para o enfrentamento das lutas cotidianas.

Cabe destacar que não à toa o breve texto recomenda os banhos especificamente às mulheres, a psicanálise difundida por Freud a partir do fim do século XIX também incide diretamente sobre elas, que até então desempenhavam papel central nas teorias a cerca da histeria e enfrentam um momento de ressignificação do seu corpo social em uma sociedade em constante mutações.⁸⁹ Um conjunto de normas e diretrizes específicas são direcionadas às mulheres, variando desde orientações sobre a temperatura apropriada da água, o tempo de duração dos banhos, modos como deveriam ser realizadas as imersões ou ainda relacionando os banhos aos ciclos menstruais e a períodos de gestação. Para além de buscar o bem estar físico, as receitas médicas atuavam como importante reguladoras do papel de gênero e os banhos de mar, como importantes dispositivos organizadores e educadores dos corpos capazes de controlar os sentidos femininos e formar uma adequada consciência moral a partir da regulação das energias corporais, fortalecendo ânimos, tonificando o corpo e corrigindo distúrbios como a anemia e a histeria⁹⁰.

Na cidade do Rio de Janeiro, já por volta de 1870, existiam cerca de sete estabelecimentos, administrados por imigrantes europeus em áreas centrais da cidade destinados à prática terapêutica de banhos, servindo tanto às elites quanto aos trabalhadores da região central.⁹¹ Os banhos eram realizados em estabelecimentos situados junto ao oceano, e concentravam-se na então praia de Santa Luzia, que anos mais tarde seria aterrada para dar lugar

⁸⁸ Os banhos de mar. *A Cigarra* edição de 30/03/1914.

⁸⁹ Roudinesco, 2014: 58

⁹⁰ Machado, 2000:208

⁹¹ O'Donnell, 2013:95

ao aeroporto Santos Dumont.⁹² Imagens de Augusto Malta, importante fotógrafo carioca que registra as transformações urbanas da cidade naquele período, ilustram tais estabelecimentos e revelam que mesmo na capital, apesar do empenho em organizar esse tipo de prática, ela se consolidava ainda de modo muito precário sendo inclusive alvo de alguns cômicos relatos do período:

Entre os velhos casarões, servindo de instalação aos grêmios esportivos, existem, junto a uma praia cheia de pedras, casa de banho onde, não raro se vê um boletim escrito assim: “ É expressamente proibido fazer furos nestas cabines a verruma ou pua, os encontrados nesta prática devendo ser entregues à ação da polícia” [...].

Literatura inócua e vã, porque muitos desses casinholos continuam a lembrar verdadeiras peneiras, de tantos furos, As senhoras são obrigadas a forrar as paredes de tábuas com lençóis, se quiserem fugir ao olhar atrevido do vizinho inconveniente e ousado.⁹³

105

Em Salvador, relatos indicam que, individualmente ou em pequenos e discretos grupos, banhos eram realizados ainda no século XIX durante as madrugadas ou no nascer do sol, horários em que as práticas eram prescritas aos curistas.⁹⁴

Mesmo, pois, com o avanço da normatização e codificação das práticas prescritas pelos médicos e embora, como indicado pelo anúncio, pelos relatos e pelas imagens, a prática de banhos entendida enquanto atividade terapêutica provocasse certo fluxo de visitantes, é somente alguns anos mais tarde, quando a essas práticas se associam novos modelos de sociabilidade, que outros equipamentos despontam pelo território litorâneo, renovando a figura do banhista bem como o espaço beira-mar. Para o efetivo desenvolvimento e florescimento das estruturas balneares se torna necessário, nesse sentido, não só o devido manejo das águas como fonte terapêutica, mas também o controle amplo da experiência beira-mar, garantido por dispositivos e estratégias que correspondem a uma só vez ao domínio da natureza física dos espaços e dos corpos.

Os banhos de mar ou de demais águas virtuosas, sofreram assim a partir de meados do século XIX atravessamentos de distintos campos do saber, que contribuíram para a ampliação de suas práticas e para seu assentamento simbólico, que mais tarde estariam presentes nas representações variadas da Vila Balneária e que marcariam profundamente seus espaços durante os recorrentes processos de transformação. As águas que inicialmente in-

⁹² Feijão, Rosane As praias cariocas no início do século XIX: sociabilidade e espetáculos do corpo. (Escritos, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, v.7, n.7, pp229-47, 2014)

⁹³ Edmundo, Luiz. O Rio de Janeiro do meu tempo. Rio de Janeiro: Conquista, 1957 v.4 Apud Feijão; 2013.

⁹⁴ SCHOSLLER, Joana Carolina. “Nossas praias”. Os primórdios da vilegiatura maritime no Rio Grande do Sul (1900-1950). Dissertação de Mestrado Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas PUC-RS.

03.03 Casas de Banho na praia de Santa Luzia, Rio de Janeiro Brasil. [s.d] Fonte: O'Donnell. A invenção de Copacabana, p. 96.

03.04 Vista da Praia de Santa Luzia. [circa 1910]. Augusto Malta. Fonte: Pedro Corrêa do Lago. Instituto Moreira Salles.

Ainda que respondendo ao alargamento das práticas de banhos, as estruturas montadas para a sua realização ainda eram bastante precárias e no Guarujá estariam associadas a um conjunto de outros dispositivos que assegurasse elegância às práticas.

03.05. Cabine de banhos do Rei Alphonso XII, San Sebastian, Espanha. [circa 1908]. Fonte: <http://www.laboiteverte.fr/des-cabines-de-bain-mobiles-pour-se-baigner-en-toute-dignite> (acessado em 22/02/2018).

A imponente cabine móvel do Rei da Espanha responde ao desejo premente de ordenar as práticas e ritos segundo determinadas noções de elegância e costumes. A arquitetura de traços orientais seria evocada com frequência, na Europa, nas estâncias balneares.

03.03

03.04

03.04

fluem sobre o espírito curista e retraído daqueles que buscavam a partir delas restituir seus corpos e espíritos, saneando-os dos mais diversos males, passam, de maneira crescente, a integrar a experiência do veraneio festivo, a medida que a figura do banhista vai ganhando contornos mais joviais, associada a atividades esportivas, práticas de lazer e ritos de sociabilidades típicos de uma vida que se desejava ao mesmo tempo sã e moderna, distando esses novos corpos de quaisquer sinais de impotência e decrepitude. Simultaneamente o espaço é reconfigurado e é alvo de novas significações, devendo-se eliminar quaisquer traços de rusticidade, perigo ou contaminação, sejam eles físicos ou sociais e será marcado pela sua condição de afastamento dos núcleos urbanos mais adensados.

Inicialmente, para tanto, às noções médicas que transformam o poder das águas, soma-se influência central desempenhada por membros da aristocracia portuguesa, para os quais além de terapêuticas, essas mesmas águas se tornam ferramentas de uma civilidade a ser conquistada. Nesse sentido, aponta Pires, a

própria vinda da Família Real e, ao que parece, foram os seus membros, os maiores propagandistas, na proporção em que, por exemplo, outros integrantes do palácio e a população em geral, se dispuseram a tomar águas minerais e banhos salgados.⁹⁵

É curioso notar, à semelhança do processo ocorrido de modo esparso na Europa desde início do século XVIII, como destaca Corbin, a incidência dos membros da aristocracia para a propagação da vilegiatura marítima, em especial quando se desejam evidentes as marcas de distinção.⁹⁶ Os mergulhos frequentes D. João acompanhados de sua corte nas águas do Caju no Rio de Janeiro⁹⁷, ainda que não guardassem semelhança com os espetaculares banhos realizados pela realeza britânica em Brighton⁹⁸ ou aqueles desempenhados pelo Rei Alphonso XIII a bordo de suntuoso pavilhão rolante no mar de San Sebastian na Espanha⁹⁹, por certo devem ter contribuído na transformação das praias cariocas e de outros trechos do litoral brasileiro. Mais que isso, a frequente ida de membros da família real, a partir da década de 1820, entre eles Carlota Joaquina e as filhas de D. Pedro I ao então distante bairro Botafogo para temporadas de recreio junto ao mar em residenciais estivais, seguramente propiciou que os banhos salgados de imersão e a céu aberto, associa-

⁹⁵ Pires, 2001: 56. Franco também destaca “a presença de membros da Família Real portuguesa passando temporadas em diversas estâncias do país: Petrópolis, no Rio de Janeiro, onde em 1840 é construído o Palácio Imperial de Verão, residência de veraneio oficial da Família; Caldas da Imperatriz, em Santa Catarina, e Poços de Caldas, em Minas Gerais, visitados por D. Pedro II e pela Imperatriz Tereza Cristina em 1845, e em 1886, respectivamente; e Caxambu, também em Minas Gerais, onde a Princesa Isabel e o Conde D’Eu hospedaram-se por diversas vezes entre 1860 e 1880, tendo, inclusive, construído um chalet particular”, apontando que a presença de “personalidades tão ilustres contribuíram decisivamente para conferir o caráter de prestígio que esses núcleos passariam a ter no século seguinte” (Franco, 2005).

⁹⁶ Corbin, 1989: 289

⁹⁷ O’Donell, 2013:95

⁹⁸ Camargo, 2007:305.

⁹⁹ Balducci, 2017: 152. In: Tous a la plage! Villes balnéaires du XVIII siècle à nos jours. Paris: Lienart Édition, 2016.

dos a temporadas afastadas do cotidiano urbano se difundissem amplamente.¹⁰⁰

Em São Paulo, o trânsito constante entre membros da aristocracia portuguesa e parte da elite agrária contribuiu para que esses hábitos por ali ecoassem.¹⁰¹ Mas não exclusivamente. Como visto anteriormente a presença frequente de fazendeiros-capitalistas paulistas em território europeu e norte-americano, seja em longas temporadas dedicadas à formação profissional, ou naquelas dedicadas à recreação, estabelecia o contato direto com distintas estações balneares que lá estariam montadas e operando largamente desde o início século. Seja em Dieppe, Brighton ou Newport o beira-mar além de respeitar o primado dos discursos medicinais a partir do qual as águas salgadas, o movimento constante das ondas e o sopro da brisa marítima garantiriam o bem estar físico e emocional, se constitui como espaço luxuoso de passeio e recreio, marcado por hotéis, cassinos, restaurantes, botiques, jardins, piers, promenades...

Permite-se assim entrever novas significações e modalidades sociais aliadas a esse processo de alargamento das práticas de banho: não bastava somente aderir aos preceitos da mais nova ciência médica, por certo característica já indicativa de um determinado recorte de classe, mas sobretudo dispor de um tempo para cultivar corpo e espírito, mobilizando ainda, de maneira recorrente serviços remunerados.

109

Dito isso, mesmo que escassos, alguns relatos permitem construir a imagem não só do pitoresco sítio escolhido para implantação da Vila Balneária, como também dos modos como as práticas de banho de mar se realizavam por parte da população paulista no período anterior à montagem da estação. A presença intermitente de algumas famílias em chácaras situadas na região da Barra de Santos, território próximo à entrada do porto, onde a ocupação era ainda muito rarefeita, como indicam alguns mapas da cidade, evidencia a existência de alguns desses hábitos exercidos com grande dificuldade. Ina von Binzer, educadora alemã que permanece no Brasil entre os anos de 1881 e 1884 encarregada da educação de crianças da elite paulista e carioca, traz um relato de uma dessas estadias, que teria durado ao menos um mês e meio durante os meses de agosto e setembro do ano de 1882. Vindo da região de Americana, a cerca de 200km de Santos, Ina se instalaria em uma chácara na Barra de Santos pertencente a firma Sousa Queiroz, da qual alguns mem-

100 Nesse sentido Camargo alerta que se o bairro de Botafogo passa a ser frequentado por membros da família real, e posteriormente ocupado por estrangeiros residentes na capital, sobretudo ingleses, em busca da fresca brisa marítima que garantia uma sensação térmica mais amena, e ainda da proximidade com o mar que tornava possível a prática de banhos, o bairro estava longe de se consolidar como uma estação de veraneio propriamente dita. Segundo o autor o bairro iria, a partir dessa ocupação embrionária, se configurar como um bairro efetivamente urbano, atrelado a um modo de vida europeu. (Camargo, 2007: 283)

101 A atuação da família Real para a disseminação dessas práticas incidia de modo concreto nos modelos de sociabilidade desempenhado por parte da elites brasileiras, inclusive aquela residente em território paulista, uma vez que partes do mundo que habitavam era compartilhado. Como exemplo dessa existência comum, vale apontar, por exemplo, que um dos genros de Antônio Prado, Carlos Augusto Monteiro de Barros, estudou no mesmo colégio em Petrópolis frequentado por filhos das principais famílias da antiga Corte, como o Príncipe D. Pedro de Alcantara, filho mais velho da Princesa Isabel e Conde D'Eu. Além disso a presença de algumas figuras paulistas no Rio de Janeiro, é constante, e muitos desempenham cargos políticos importantes nas estruturas burocráticas do Império, como é o caso do próprio Antônio Prado, Eduardo Prado ou ainda do Marquês de Monte Alegre, revelando intenso trânsito entre a aristocracia real e a elite cafeeira. (Sousa, 1950)

bros tornar-se-iam posteriormente acionistas da Balneária, e afirma em carta à sua amiga Grete:

De manhã, lá pelas cinco horas, quando a lua ainda está careteando para o sol, todos os habitantes de nossa casa atiram-se às ondas. Homens e mulheres, pretos e brancos, o bando todo corre em trajes de banho feitos de flanela e atravessa o jardim em direção à praia, entrando n'água e refrescando-se à luz do luar, na mais completa harmonia, mas tão infernalmente barulhentos que durante o dia inteiro me sinto atordoada...

(...)

Nossa chácara fica situada em lugar ermo, tendo um grande jardim ao lado e do outro, confinada com outra chácara desabitada; do lado da praia não é fechada. À noite, com auxílio de duas cadeiras colocadas sobre uma mesa, construímos uma barricada diante da porta de vidro e confiamos o resto a Deus. Como conheço bastante seus gostos, creio que a você adoraria esta maneira 'idílica' de se viver na praia."

Ina von Binzer, Santos, 20 de Agosto de 1882.¹⁰²

Poucos anos mais tarde, em outubro de 1886, o *Correio Paulistano* publica uma breve notícia veiculada dias antes no jornal *Correio de Santos*, intitulado *Salvo das Ondas*. Nele se informa que

duas interessantes filhas do sr. dr. Aquilino Leite do Amaral, atualmente em banhos na praia de Guarujá, escaparam de ser tragadas pelas ondas, ou esmagadas de encontro aos rochedos do Pombeba, arrebatadas pelo mar extraordinariamente enfurecido, sendo felizmente salvas por bondosos pescadores da mesma praia.¹⁰³

Ambos os relatos são capazes de orientar algumas elaborações sobre o banho de mar e sobretudo contrapô-las ao modo como essas práticas seriam exercidas após a inauguração da Vila, alguns anos mais tarde. Em ambos, o beira-mar, ainda que marcado pela presença de ilustres figuras sugerindo a premência de um desejo latente, é retratado ora como perigoso

¹⁰² Binzer, 1956 :139

¹⁰³ Salvos das Ondas. *Correio Paulistano*, edição de 27 de outubro de 1886. Aquilino Leite do Amaral Coutinho foi bacharel em direito pela Academia de Direito Largo São Francisco, membro do Partido Conservador e deputado provincial em São Paulo nos anos de 1886 e 1887 (In *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889-1930)*, ABREU, Alzira Alves. 2015).

ermo, frente a pouca presença material humana, ora violento e imprevisível por conta da própria natureza do mar, das ondas e das pedras, imagens estas que seriam em grande medida transformadas com a chegada dos melhoramentos trazidos com a construção da Vila. Os dois relatos indicam ainda a prática de banhos como uma prática de múltiplas significações, seja ela entendida em seu sentido mais lúdico, como pode se aferir do primeiro relato, onde se banham conjuntamente adultos e crianças, homens e mulheres, e pretos e brancos, que em certa medida se contrapõe a um comportamento mais civilizado esperado pela educadora europeia tendo em vista seu atordoamento dele decorrente bem como enfrenta as prescrições médicas que sugerem que os banhos sejam realizados separadamente. O artigo do jornal, por sua vez, ao citar estarem as meninas em banhos, sugeriria uma prática sucessiva, mais consonante a experiência de uma estância balnear.

A indicação da presença da família de Aquilino Leite do Amaral nas areias da ilha de Santo Amaro, antes sequer da montagem da companhia que alguns anos mais tarde transformaria a região desperta curiosidade. A ilha, como vimos, naquele momento ainda era majoritariamente dividida por grandes sítios, dentre os quais, o sítio Gloria, da qual uma sexta parte seria comprada pela Cia Prado Chaves para a realização do empreendimento. Pontuada por propriedade de figuras conhecidas, com marcas de ocupação desde o período colonial e ainda com edificações atreladas ao funcionamento do porto, por certo a ilha não seria desconhecida e seu desfrute atlântico, como revela a notícia, ainda que bastante restrito já era praticado. Nota-se, dessa forma, que, assim como parte da frente atlântica santista, parte da Ilha de Santo Amaro, também era provida de chácaras e demais residências de possível uso estival, que, a despeito da precária infra-estrutura capaz de garantir seu acesso franco ou permanência confortável, conformavam-na desde então como um destino possível entre os membros da elite que buscavam lugares aprazíveis e ventilados junto à orla marítima.

Quando noticiado o ocorrido, Aquilino Leite e sua família estariam hospedados já há três meses em sítio de Valêncio Leomil, importante figura sobre a qual já nos referimos no início do trabalho. O sítio, ao contrário do esperado, não estava situado junto às propriedades de Leomil, dispostas no Perequê, mas sim estaria no Guarujá, também conhecida como praia das Laranjeiras, praia onde mais tarde se edificaria o hotel e todo o conjunto da Vila Balneária. Além de indicar as múltiplas posses de Leomil dispersas pela extensão da ilha, a notícia revela que desde então a praia do Guarujá provocava deslocamentos para a realização dos banhos e já era conhecida pela alcunha que mais tarde tomaria a ilha como um todo. A relativamente longa estadia da família, aponta ainda para a prática recorrente da vilegiatura, remontando uma construção social do tempo e do mundo do trabalho específica dentro da experiência de vida das elites.

A partir do início da década de 1890, passados alguns anos e respondendo, de certa forma, ao amplo contexto descrito brevemente acima, se organizaram empresas e sociedades com o objetivo de criar e explorar estruturas destinadas aos banhos e à experiência ampla da vilegiatura marítima, pelo litoral paulista, bem como em outras partes do Brasil.

Em 26 de janeiro de 1890, no litoral do Rio Grande do Sul sob influência de imigrantes germânicos e inicialmente atrelada a *Cia Empresa de Bonds Suburbanos da Mangueira*, se funda a Villa Sequeira que dispunha de um conjunto de chalés em lotes de 100x50m e um hotel cassino com inicialmente cerca de 14 quartos. A Villa esteve em construção durante um período de cerca de dez anos, várias empresas concessionárias estiveram a frente do empreendimento neste processo, revelando as dificuldades em superar os entraves burocráticos bem como garantir a saúde e viabilidade financeira do negócio, obstáculos que no caso do Guarujá seriam sanados pela intensa interferência da Cia Prado Chaves como veremos mais adiante. Ao fim a Vila Sequeira se materializa de maneira distinta daquilo que havia sido projetado devido principalmente a insuficiência de recursos, e já no ano seguinte à sua inauguração um conjunto de casas geminadas, em lotes menores do que os previstos inicialmente despontaram na paisagem. O rápido acesso à cidade de Rio Grande, distante apenas 25km da Villa, e o oferecimento de trens rápidos para o alcance da costa, contribuíram para a chegada de inúmeros e variados banhistas a Villa, que se não desfrutavam de todas as benesses providas pela estruturas ali construídas, ao menos se detinham às práticas de banho¹⁰⁴.

Concomitante à essa experiência, em 1891, fundam-se a Cia Balneária, que transformará a ocupação na ilha de Santo Amaro, bem como a Sociedade Alpestre e Balneária, que anos mais tarde se encarregaria da construção e administração do Hotel Internacional, que acarretaria em transformações brutais na ocupação atlântica da Ilha de São Vicente. Diferentemente da Cia Balneária que se dedicou desde sua fundação à construção exclusiva da Vila Balneária do Guarujá, a Sociedade Alpestre e Balneária tinha como objetivo construir e explorar estâncias balneares diversas, situadas em Santos, Sorocaba, Campos do Jordão e na Serra de Caldas. Os anúncios da empresa, publicados com frequência desde o início do ano de 1891, explicitavam que para além dos convalescentes, os destinos balneários que se desejavam montar se destinavam também aos viajantes. As águas, fossem elas termais ou marítimas, passam a ser entendidas dessa maneira não apenas como fonte terapêutica mas, quando associadas à provisão de demais serviços, como negócio potencialmente lucrativo, e sua exploração será então intensificada em diferentes partes do território.

A Vila Balneária do Guarujá, portanto, desde a sua primeira inauguração, ao dotar a praia de todos os dispositivos necessários à prática de banhos: cabines móveis de troca, pavilhão na praia para trocas, bem como de corpo técnico adequado a fornecer apoio aos visitantes banhistas, reitera o papel central desempenhado pela ritualização dos banhos dentro de um conjunto ordenado e controlado, atendendo às prescrições médicas e científicas. Os chalés, a igreja, o hotel e o cassino, as ruas, não eram, contudo, acessórios a esses equipamentos; projetados e construídos como *acomodações higienicas, bem arejadas, com janelas para o exterior* de modo a receber *em todos os sentidos a fresca aragem de terra e a saudável*

104 Segundo Enke, excursões aos domingos se tornaram rapidamente bastante concorridas contando com uma média de 200 excursionistas a cada domingo que partiam de trem às 5h30 de Rio Grande para a realização dos banhos no oceano. Ver Enke, Rebeca Guimarães. O espetáculo do mar em uma estação balneária do Rio Grande do Sul – A Vilegiatura marítima na Villa Sequeira/Praia do Cassino 1885/1960. Tese de doutorado em História Social, FFLCH USP, 2013.

viração do mar, seriam fundamentais para a que a difusão e o assentamento da experiência da modernidade. O traçado urbano, o qual organizaria sobre o *papel toda a teoria de uma esplendida villa*, iniciando, pois, por uma organização mental e abstrata que finalmente incidiria de modo físico sobre o território, constituiria uma nova paisagem, marcada por meio de determinado parcelamento do solo, arruamento, definição de recuos e demais normas edilícias, arborização etc, respeitando e materializando um conjunto de preceitos sanitaristas e higienistas recorrentes nos debates sobre a ordenação urbana do período. O território antes ermo e perigoso passava, pois, a ser mediado por preceitos científicos, capazes de transformá-lo e torna-lo *extremamente confortável* e desta forma apto a ocupação humana civilizada.

Para além, pois, de um conjunto de preceitos médicos se disseminam pela e para a constituição da Vila Balneária os ecos das noções de urbanização, modernidade e civilização das elites paulistas que com a derrocada do Império assumem cada vez mais um papel de relevância. O Guarujá, como empreendimento único, atuará nesse sentido como mais um espaço onde essas figuras fortalecerão seus traços distintivos, mobilizando para tanto um conjunto de práticas sociais atreladas ao capital econômico e social conquistados.

113

Ao estreito vínculo com a Europa se vê, no caso da Guarujá, ampliado o trânsito e trocas intensas com os Estados Unidos, que se fará presente e visível, tanto na sua arquitetura, seja em sua materialidade efetiva, seja ainda em seu caráter representativo, como na trajetória de alguns personagens centrais para a sua elaboração. Por meio delas, serão tateados outros tantos aspectos que concernem à constituição material e simbólica da Vila, e por consequência aos avanços e renovações do desejo marítimo.

ELIAS FAUSTO PACHECO JORDÃO: INTERNACIONALIZAÇÃO E EXPANSÃO DO CONHECIMENTO TÉCNICO APLICADO.

Elias Fausto Pacheco Jordão, que em 1893 assumiria o cargo de primeiro diretor da *Cia Balneária Ilha de Santo Amaro*, é uma dessas figuras, cuja trajetória indica a ampliação da circulação de membros da elite paulista pelo mundo e em especial pelo continente norte-americano. Nascido em Rio Claro, Elias Fausto era filho de importante cafeicultor, empresário e político do oeste paulista, responsável pela fundação da Companhia Itua-na de Estradas de Ferro e eleito deputado provincial diversas vezes, chegando a assumir, em 1808, o posto de vice-presidente da província - o Dr. José Elias Pacheco Jordão. Com

estreitos vínculos à família Prado¹⁰⁵, esteve à frente de inúmeros negócios liderados pelo grupo Prado e Chaves, correspondendo ao braço técnico dentro dos negócios da família, desempenhando papel chave na ampliação de seus negócios e da diversificação dos capitais e investimentos obtidos por meio da lavoura cafeeira. Assim como parte de seus sócios, colegas e familiares foi um dos fundadores do Partido Republicano Paulista e posteriormente eleito deputado federal em 1898.

A concomitância entre atividades políticas, agrícolas e empresárias, conforme já debatido anteriormente, não se configurava como uma trajetória exatamente individualizada e em grande medida é consoante com os percursos e atividades desempenhados por muitos dos filhos da *velha*¹⁰⁶ geração de empresários-cafeicultores-políticos paulistas. Elias Fausto, no entanto, se destaca pela sua formação profissional, que de certo modo, introduz, dentro do grupo que integra, os ensejos pelo fortalecimento dos saberes das ciências aplicadas a cada uma de suas atividades, buscando legitimar práticas e fortalecer o trabalho por meio de sua afirmação *técnica*. Se por um lado a medicina e o papel dos médicos se fortalecia com a introdução dos centros acadêmicos no país e com o trânsito de saberes produzidos em outras partes do mundo, conforme visto brevemente acima, seu consórcio com as noções trazidas do campo da Engenharia ampliava, por outro lado, as possibilidades de atuação e intervenção sobre o território.

Tendo sido o primeiro brasileiro formado em Engenharia Civil na Universidade de Cornell, nos EUA em 1875¹⁰⁷, Elias Fausto ao longo tanto de sua trajetória técnica quanto de sua inserção política e econômica fortaleceria as fronteiras e balizas da disciplina e de seu campo profissional, contribuindo para que a disciplina, a partir da década de 1870 se aliasse técnica e institucionalmente com as noções de progresso e modernidade. Assim foi um dos fundadores já em 1876 da Associação de Engenheiros da província, que tinha como objetivo, por meio de palestras e escritos, auxiliar nas investigações e aplicações da ciência sobre o território. O então presidente da associação Dr. França Leite, em seu discurso inaugural destaca:

105 A genealogia dessas famílias de elite, em grande parte confusa devido a reprodução dos mesmos nomes e ainda ao vínculos matrimoniais realizados dentro do mesmo círculo familiar, é também perceptível na origem de Elias Fausto, que de ambos os lados, materno e paterno, teria aproximações sanguíneas com a família Silva Prado. Conforme levanta Freitas: Por parte de mãe, era descendente do primeiro Martinho Prado (pai). São quatro os Martinho da Silva Prado: o primeiro nascido em 1750, foi casado com Maria Leme Ferreira; um de seus filhos, nascido em 1779, tem exatamente o seu nome, e vem a ser pai do também Martinho da Silva Prado, nascido em 1811, pai de Antônio Prado e de Martinho Prado Junior; aquele primeiro Martinho da Silva Prado teve, com uma mulher não mencionada nas genealogias, um filho natural de nome Eleutério da Silva Prado (por sinal nome também de um seu filho legítimo que não deixou descendentes). Esse Eleutério teve, com Joaquina do Amor Divino, um filho natural, de nome Joaquim Thomaz da Silva Prado, pai de Maria Marcolina da Silva Prado, casada com José Elias Pacheco Jordão e mãe de Elias Fausto Pacheco Jordão. Pelo lado paterno de Elias Fausto, cabe lembrar que José Elias era primo de Antônio Prado, o Barão de Iguape, pai de Dona Veridiana Prado. (Freitas; 2011:40)

106 O termo “velha” aparece com frequência nos periódicos para descrever a geração de José Elias Pacheco Jordão e busca fortalecer os traços distintivos dessa elite, dotando-a de uma marca temporal que lhes garantiria prestígio a partir de uma suposta tradição.

107 Embora a própria Universidade de Cornell indique Elias Fausto como o primeiro brasileiro formado pela instituição, a Revista Aurora Brasileira, publicada pelos estudantes brasileiros que ali estudam relata a formatura de outros dois outros brasileiros, ambos do Pará: Raymundo da Floresta Miranda e Hidelbrando Barjona de Miranda. Elias Fausto teria, no entanto, sido o primeiro engenheiro civil, já que os outros possuíam bacharel em engenharia mecânica e química analítica, respectivamente. (Bernardini, 2007; 491)

É sempre grata a festa da inteligência que recorda a superioridade da razão sobre a matéria, do homem sobre todos os outros seres da natureza; e tanto mais grata, quando tendo por fim reunir os membros dispersos de um mesmo corpo, procurando construir a perfeição pela homogeneidade do todo.

Há muito que se tornara sensível nesta província, onde encontra o engenheiro meios constantes de aplicar seus variados conhecimentos em proveito da confraternização dos povos e prosperidade de suas riquezas, a falta de uma associação que reunindo-os para discutirem as múltiplas e variadas questões que lhe são afetas, concorresse para a propagação das suas luzes, não só em benefício próprio, como também da província que utiliza seus serviços.

(...)

Obreiros do progresso, representantes da ordem e instrumentos da paz, levareis às mais longínquas populações os benefícios de uma civilização que elas desconhecem, sem, contudo, prejudicar-lhes os costumes, modificar-lhes as crenças e inspirar-lhes o terror, pelo princípio da força, que deixa após si, grandes ressentimentos nos corações dos povos, permitindo-lhes, cedo ou tarde, aspirar vingança.

Sejam as vossas estradas, o engenho das vossas máquinas e a sinceridade de vossas ideias, outros tantos instrumentos que constituam o bem estar e a prosperidade geral, pelas vantagens que lhe trouxerem.¹⁰⁸

Ainda que carregado de grande retórica discursiva e de um enorme euforia em relação a seu campo profissional, o discurso de Leite, aponta para o papel de crescente relevância que as engenharias assumem nesse momento, marcado pela forte crença em sua potência enquanto ciência aplicada. Aos engenheiros, por meio do saber técnico conquistado, caberia incidir sobre a ordenação do território, sobre a geração de novas riquezas e ainda sobre ordenação do mundo social, garantindo o bem estar e a prosperidade da civilização¹⁰⁹.

108 Correio Paulistano 16/03/1873

109 Nesse sentido ver também Maria Alice Rezende Governar por linhas retas: os engenheiros na Belle Époque. In: CARVALHO, Maria Alice Rezende de. Quatro vezes cidade. Rio de Janeiro: Editora Sete Letras, 1994.

03.06 Elias Fausto Pacheco Jordão, Class of 1875 [s.d]. Fonte: <http://rmc.library.cornell.edu/ezra/exhibition/anyperson/> (acessado em 02/03/2017).

“Antes da colação de graus o presidente White, de parte dos estudantes brasileiros em Cornell, fez entrega ao Sr. Elias Fausto Pacheco Jordão, um dos bacharelados, de um riquíssimo estojo de engenheiro, geralmente avaliado em 400\$000. A lembrança foi tão feliz e apropriada como justa: o sr. Dr. Jordão foi o primeiro estudante brasileiro na Universidade de Cornell e é o seu primeiro graduado. Durante o curso de menos de quatro anos, ele fez sempre excelente figura, distinguindo-se não só pela sua aplicação inteligente como por suas maneiras de perfeito cavalheiro; de modo que ficou sendo um predileto dos melhores circuitos de Ithaca. Dos outros brasileiros que foram depois chegando ele foi o guia judicioso e o amigo certo. Por tudo isto ele merece o respeito de seus compatriotas em Cornell e a prova que lhe deram por ocasião da formatura foi calorosamente aplaudida por toda a assembleia que se achava reunida no ato. Ha atualmente em Cornell 23 brasileiros, dos quais 11 já se acham matriculados na universidade. Cremos que dos 23, apenas 5 não são de S. Paulo.” (Estudantes brasileiros nos Estados Unidos. Correio Paulistano 23/08/1874).

Além de Elias Fausto, cerca de outros 50 brasileiros se graduaram em Cornell¹¹⁰ antes da virada do século, dos quais grande parte rumaram a Ithaca desde o território paulista construindo um forte vínculo com o território noroeste dos EUA. Se a visita de D. Pedro II aos EUA, durante a exposição Universal do Centenário da independência na Filadélfia em 1876 é reconhecida como um marco para o fortalecimento da relação entre as duas nações¹¹¹, é inegável que a presença de membros da elite nacional nos EUA haja contribuído de modo significativo para a associação de valores atrelados a noções de desenvolvimento e progresso difundidas por meio das ciência aplicadas nas décadas seguintes¹¹².

A presença de membros da elite cafeicultora em Cornell se deve fundamentalmente ao trabalho do professor de geologia geral, econômica e agrícola de Cornell Charles Frederic Hartt, trazido ao Brasil inicialmente em meio a uma expedição encabeçada por Louis Agassiz, naturalista de origem suíça, naturalizado americano, professor de Harvard e posteriormente Cornell. A expedição que percorreria o Amazonas, seria seguida de outras, já lideradas por Hartt, que em meio a elas ministraria uma série de conferencias científicas no país buscando vincular o conhecimento geológico à produção agrícola “o que tornou o seu nome e a universidade de Cornell conhecidos nos meios intelectuais brasileiros”¹¹³ A partir de então um grupo de jovens, embalados pelo fascínio provocado pelo discurso tecnológico científico e os possíveis proventos daí decorrentes, partiu em busca de um aprimoramento de seu conhecimentos, que não apenas se restringiu à produção agrária, mas sobretudo se relacionou com os símbolos da modernização, entre eles as Estradas de Ferro. Concomitante à realização de seus estudos, a produção dessas figuras e os acalorados debates em que se envolviam foram difundidos, entre os anos de 1873 e 1875, através de uma revista intitulada *Aurora Brasileira*, escrita, editada e produzida pelos estudantes brasileiros. A circulação dos textos e das ideias neles contidas, não se restringiram às páginas da revista e foram com frequência transcritos nas páginas do Correio Paulistano e do periódico Novo Mundo, editado por brasileiros residentes na cidade de Nova York. Em sua primeira edição ficam definidos seus objetivos e se deixam entrever a transposição direta realizada entre o saber científico, em especial da engenharia, e a produção de riqueza, seja ela oriunda da lavoura ou da indústria, reforçando portanto a expansão desse trinômio:

O progredir da agricultura pede o auxilio de máquinas, as vias de comunicação, as estradas de ferro, as pontes, os diques, as docas, as desobstruções dos portos, e o quebramento dos recifes. O aumento da população e da riqueza pública requer a coadjuvação da arquitetura e das belas artes. A época que desponta para o Brasil é da engenharia.

110 Freitas e Bernardini apontam em seus trabalhos, lista detalhada dos estudantes brasileiros presentes na Universidade naquele momento, indicando as áreas de formação, sua origem e period de estadia em território estadunidense.

111 Schwarcz, 2003; Atique, 2007.

112 Cabe nesse sentido lembrar que Elias Fausto é um dos integrantes da comissão nacional na Exposição Universal de Chicago, ocorrida em 1893, mesmo ano de inauguração do Hotel. A sua presença na exposição reforça os sentidos na articulação entre membros da elite paulista e os ideais norte-americanos.

113 Freitas:2015; 33

O movimento começa: para os Estados Unidos partem, em todos os paquetes jovens brasileiros em busca do estudo desta ciência, alimentados pela convicção do grande benefício que prestarão a seu país: só para Cornell vieram quinze, e consta que muitos já se acham em viagem.

Facultar a todos os brasileiros que desejarem vir estudar nesta Universidade, os esclarecimentos precisos; enviar, mensalmente, para o Brasil notícia de seus filhos, narrando os seus progressos e as faces da sua vida e escolástica, publicar o fruto de suas horas de lucubrações, pugnar pela sua união e bem estar; estreitar cada vez mais os laços de amizade existentes entre o nosso país e os Estados Unidos, tal é a missão da Aurora Brasileira.”¹¹⁴

Entre os brasileiros presentes em Cornell há uma predominância efetiva daqueles que se aproximam do campo de estudos das áreas das engenharias, sendo reforçado pelos próprios estudantes a escolha deste campo frente a sua relação com o avanço das ciências aplicadas:

esta Universidade é uma das mais célebres dos Estados Unidos e da Europa, especialmente para os estudos de Engenharia e Agricultura, pelo adicionamento de grandes estudos práticos¹¹⁵

Elias Fausto integra dessa forma parcela de uma elite agrária que não só passa a defender ideais liberais e republicanos a partir da década de 70, como também seria responsável pela transição do capital cafeeiro a um universo marcado por uma modernidade tecnológica, animado pelos preceitos dos estudos técnicos e práticos. Em meio a esse processo surge uma infinidade de sociedades anônimas, em geral constituída pelo mesmo pequeno grupo de agentes, que expande os limites de sua atuação agrária para se aventurar em novos campos produtivos. Para além de sua atuação em companhias de Estrada de Ferro, que em geral se associam ao desejo de ampliação dos ganhos da produção cafeeira, essas figuras passam a empreender nos núcleos urbanos, seja mediante à construção de novos loteamentos, a uma industrialização preliminar, ou ainda por meio da exploração econômicas de novas atividades ligadas a um modelo de vida urbano: teatros, hotéis etc... Conforme destaca Bernardini:

Elias Fausto Pacheco Jordão depois de ter trabalhado na Comissão Geológica do Império ao lado de Derby, tornou-se engenheiro da Companhia Ituana que pertencia a seu pai, utilizando a tecnologia

114 Aurora Brasileira, ano 1 n 1 1873:1

115 Bernardini; 2007:500

norte-americana que absorvera de seus estudos da universidade de Cornell. Divulgando-a em seus artigos no *Aurora Brasileira*, Fausto Pacheco contribuiu para que, em 1892, a Companhia se fundisse com a Sorocabana, sob a intervenção da Secretaria de Agricultura. Fez parte também, ao lado de Domingos de Moraes, da Companhia Cantareira e Esgotos. Ao mesmo tempo, Pacheco alçaria vôo mais tarde fundando a vidraria “Santa Marina”, a partir da tecnologia e industrialização de vidro que buscou na Europa.¹¹⁶

É nesse contexto que se funda então a Cia Balneária Ilha de Santo Amaro, fruto da associação entre distintas figuras ligadas à produção cafeeira e que cada vez mais desempenhavam o papel de empresários investidores. A Cia, fundada na sede da Cia Paulista de Vias Férreas e Transportes Fluviais, companhia esta presidida por mais de 30 anos por Antônio Prado, contava com importantes patronos que para além de sua relevância econômica, comandavam importantes cargos políticos, colaborando, pois, para o assentamento dos ideais civilizatórios e financeiros que pregavam. Elias Fausto, além de primeiro diretor, cargo que lhe garante ingressos mensais previsto de 250\$000 - quantia relativamente alta, equivalente ao salário de um médico contratado pelo poder público¹¹⁷ - conta com 1/10 das ações iniciais da Cia. e estaria articulado com o empreendimento desde sua concepção inicial.

Logo após a conclusão de seus estudos, e alguns anos antes da organização da Cia Balneária, Elias Fausto ocuparia o alto cargo de diretor de obras públicas da cidade de São Paulo. Neste momento Elias Fausto alia os preceitos adquiridos durante a sua estada em Cornell e os materializa por meio da construção ou ampliação de edifícios. Dentre suas obras, a que terá expressivo destaque será a da primeira escola primária erguida pelo governo provincial, a Escola do Arouche. Não apenas o debate pela ampliação da escolarização pública estaria aí colocado, reposicionando o vínculo entre os saberes, o desenvolvimento e o progresso, como também, conforme destaca Eudes Campos, sua arquitetura seria representativa, atuando como mais um dispositivo de fortalecimento desse vínculo que cada vez mais se via associado ao mundo anglo-saxão:

A Escola Americana, levantada entre 1875 e 1876, era típico produto da arquitetura funcional da América do Norte, transplantada para a rua de São João. A planta do edifício, o madeiramento e as esquadrias, e também o mobiliário vieram dos Estados Unidos. Os tijolos no entanto, segundo informações, procediam da olaria do Bom Retiro. A mesma influência americana, explorada porém de modo indireto, pode ser reconhecida na escola provincial de primeiras letras erguida no então campo do Arouche, com projeto do inspetor geral de obras públicas dr. Elias Fausto Pacheco Jordão, formado em Cornell. A escola

116 Bernardini; 2007:525

117 O Estado de S.Paulo 23/09/1890.

Arouche (1876-1877) era sem dúvida a mais bem acabada das três escolas então construídas pela província. Entre outras características apresentava uma bem cuidada elevação frontal, extremamente discreta e cheia de dignidade. De tijolos à vista, possuía platibanda corrida sem nenhuma decoração. Os ornatos quase se reduziam às singelas sobrevergas, que contornavam a parte superior das aberturas, visivelmente inspiradas no gótico perpendicular inglês, e muito populares também na arquitetura historicista norte-americana. Abaixo da platibanda havia como que uma faixa ornamental, a inferir caráter à construção, era um friso que acima da cornija desenvolvia uma decoração à base de tijolos assentados de espelho e dispostos em diagonal, constituindo conjuntamente com as sobrevergas góticas inglesas, a nota mais marcante da edificação.¹¹⁸

O destaque dado aqui para a relação representativa da arquitetura e sua associação com um conjunto de preceitos entrevistados na atuação de Elias, serve de porta de entrada para a análise um pouco mais detida do conjunto edificado da Vila Balneária. Entende-se assim que a decodificação de sua materialidade poderá também levantar algumas questões centrais relativas ao seu funcionamento e implantação, evidenciando trânsitos e circulações e assim articulando esse pequeno ponto geográfico com deslocamentos mais amplos.

121

PINHOS DE GEORGIA: A ARQUITETURA DE MADEIRA

A chegada à Vila Balneária, bem como todas as suas instalações sempre foi digna de nota. Partindo de São Paulo, os viajantes percorriam desde a estação da Luz um trajeto de cerca de 3 horas pelos trilhos da Inglesa, estrada de ferro controlada pela São Paulo Railway, até chegarem à estação do Valongo em Santos. Inaugurado em 1868, o trecho da ferrovia Santos-Jundiá que conectava o mar ao planalto era considerado uma obra fantástica de engenharia; cruzando pontes e viadutos, transpondo riachos, atravessando florestas e percorrendo cortes realizados na topografia acidentada da Serra do Mar, vencia-se o grande declive que separa as duas cidades, onde descortinavam-se belos panoramas, possíveis de serem apreciados graças à implantação da ferrovia, recorrentemente lembrados nos relatos transcritos nas páginas dos jornais ou ainda presentes nas páginas dos álbuns fotográficos. A experiência beira-mar tinha, portanto, para os viajantes que vinham desde São Paulo, início muito antes de efetivamente aportarem na Ilha de Santo Amaro. A rica natureza da Serra, bem como de todo trecho sobre o estuário do rio Cubatão, marcadas pela presença dos trilhos, planos inclinados, pontes e viadutos, despontavam como um cenário que podia ser apreciado através das janelas dos vagões.

Para além da paisagem observada atrás dos vidros, também o interior dos trens despertava interesse e suscitava curiosidade. Ali encontravam-se reunidas inúmeras figuras entre diretores e acionistas da Cia, importantes figuras políticas, membros da elite paulista, esportistas, jornalistas e demais viajantes que desde a saída da gare da Luz, compartilhavam o anseio da chegada, recuperavam algumas horas de sono se preciso mas sobretudo reforçavam seus vínculos sociais e econômicos. Com certa frequência - em geral nos dias de abertura das estações de veraneio, ou nos festejos de inaugurações - a Cia Balneária disponibilizava vagões especiais para percorrer esse trajeto inicial. O comboio era então ricamente decorado e contava com a presença de banda que garantia música por grande parte do percurso e onde ainda servia-se um almoço frio, em geral no trecho do Alto da Serra.

Uma vez em Santos, os viajantes percorriam pequeno trajeto em bonde saindo da estação do Valongo e percorrendo as ruas Santo Antônio (atual R. do Comércio) e 15 de Novembro até chegar à Praça da República, onde deixavam o bonde e rumavam à parte posterior do Edifício da Alfândega junto ao cais do porto para embarcarem nos vapores de propriedade da Cia Balneária. Naquele momento, na Praça da República, além do imponente edifício da Alfândega edificado em 1880, situava-se a Igreja Matriz construída em meados do século XVIII. É somente no ano de 1908 que a igreja seria demolida e que, em seu lugar, seria construído um canteiro central ajardinado, ampliando a área da praça, dando destaque ao edifício da alfandega - que também seria substituído na década de 1930 - e ainda cedendo espaço ao monumento a Braz Cubas, fundador de Santos. A praça, pois, ainda que renomeada, mantinha até o momento de inauguração da Vila Balneária, as características do antigo Largo da Matriz, como era conhecida antes da proclamação da República, e permanecia relativamente pequena, com formato irregular e rodeada de um casario de até dois pavimentos.

O cais do porto, diferentemente do largo, havia sido recém reformado, e em 1892, um ano antes portanto do funcionamento efetivo da Vila, haviam sido inaugurados 260m de sua extensão¹¹⁹. Ainda que as obras de ampliação, reforma e construção do cais tenham sido alvo de acirradas disputas entre as elites locais e o capital estrangeiro e regional, sua concretização representou não só uma solução para o desenvolvimento econômico da cidade e do estado como também se materializou como símbolo de uma modernidade capaz de dar forma ao combate às epidemias, ao aumento do fluxo e circulação de mercadoria e de passageiros e que efetivamente constituiu o porto de Santos como fronteira entre o mar e o sertão¹²⁰.

No cais ficavam aportados além dos navios e transatlânticos de cargas e passageiros procedentes dos mais longínquos portos, as lanchas de propriedade da Cia. No ano de 1898 a Cia dispunha de 5 lanchas para o transporte de passageiros, sendo 4 delas alimentadas a carvão, e portanto também chamadas de vapores, e uma delas alimentada a querosene. Alguns relatos revelam que elas além de servirem à travessia do canal em direção a Ilha de

119 Lanna, 1995:61

120 Para a compreensão mais permenorizada do processo de reforma do porto de Santos ver: LANNA, Ana Lucia Duarte. Uma cidade na transição. Santos: 1870-1913. São Paulo/Santos: Editora Hucitec e Prefeitura Municipal de Santos, 1996

Santo Amaro, funcionavam como cais flutuantes, e devidamente enfeitadas e conectadas por pranchas de madeira compunham parte do caminho a ser percorrido. Cada um dos vapores recebera um nome e todos se referiam ao contexto urbano e geográfico que a vila remontava: Cidade de São Paulo, Cidade de Santos, Santo Amaro e Guarujá. A concessão para a exploração comercial da travessia do canal por barcas havia sido adquirida em setembro de 1891 e poucos meses depois, em março de 1892, anunciou-se no jornal O Estado de S. Paulo, a partida desde a cidade de Nova York com destino ao porto de Santos, do vapor “Cidade de São Paulo”, o primeiro adquirido pela Cia para a realização da travessia dos passageiros com destino à ilha. Os vapores, assim como os trens que desciam a serra, ou os bondes que cruzavam parte do centro de Santos, compunham mais uma parte desse trânsito pelo e em direção ao progresso e à modernidade e novamente serviam como dispositivos para a contemplação da natureza do entorno, que surge de maneira domesticada, ordenada e pontuada pela ação humana.

A travessia do canal, realizada em cerca de 30 minutos, terminava com a chegada no cais de Itapema, situado na Ilha de Santo Amaro e construído junto ao farol e à antiga fortaleza de mesmo nome. Ali, não só os passageiros desembarcavam como também os vapores eram novamente abastecidos de carvão ou eventuais cargas. Já antes da construção da Vila o Itapema vinha sofrendo modificações e serviria de apoio ao funcionamento do porto, ora exercendo funções militares, ora meramente operativas, servindo como depósito de uma série de gêneros. Sendo assim, mais que uma porta de entrada à Ilha de Santo Amaro, funcionava também como importante ponto de articulação portuário e por isso passou a concentrar um conjunto de casas e ranchos que abrigava trabalhadores pobres do porto, cenário que seria fortalecido pela implantação da Vila. Era lá bem como ao longo de toda a ferrovia que conectava o Itapema ao espaço beira-mar, que a Cia edificou mais de duas dezenas de ranchos, construções simplórias executadas em madeira e chapas de zinco para abrigar parte dos funcionários e operários da Vila Balneária. O florescimento da ocupação ao redor do farol, que dá origem a ocupação pauperizada da ilha que permanece até os dias de hoje, ocorre portanto em estreita consonância com o processo de ocupação beira-mar dedicado às classes mais abastadas; ambos os espaços constituem-se mutuamente e operam como um binômio indissociável e absolutamente assimétrico. Conforme retratam os relatos: “*Perto da ponte, até o terceiro quilometro mais ou menos a paisagem é pobre e pouco agradável, tudo é mangue...*”¹²¹

Era das imediações do forte, que naquele momento se encontrava já arruinado e envolto por uma ocupação pobre, que partia o comboio de trens da Cia sobre uma pequena ponte de madeira rumo à praia. Para tanto, foi construído um ramal ferroviário exclusivo da Cia com cerca de 6 quilômetros de extensão, pelos quais percorriam vagões enfeitados de primeira e segunda classe, bem como vagões de carga. A estrada tinha traçado bastante retilíneo e cruzava 3 pequenas pontes de madeira e contava além das estações no Itapema e Guarujá com uma estação intermediária, nomeada Bento Pedro, ao redor da qual, provavelmente estavam instaladas a usina elétrica, oficinas e demais ranchos que garantiam

seu bom funcionamento. Construída em bitola estreita, a linha seguia os preceitos defendidos por Elias Fausto Pacheco Jordão quem, desde seus tempos de estudo em Cornell, dedicou-se a escrever sobre as vantagens dessa tecnologia em detrimento do uso da bitola larga comumente aplicada nas ferrovias paulistas. Ainda que todo o aparato funcionasse devidamente bem e boa parte do percurso, realizado solidamente sobre aterros em território pantanoso, fosse frequentemente retratado por sua condição aprazível garantido pela presença da mata virgem, a linha não estava isenta de problemas e por vezes era marcada por acidentes como relata o jornal *Correio Paulistano*, passados apenas poucos meses de sua inauguração, em janeiro de 1894:

Às 4 horas da tarde de anteontem o trem da companhia balneária, que seguia para o Guarujá levando grande número de senhoras e cavalheiros descarrilhou logo ao sair da ponte no desvio de manobras atravessando-se a maquina entre as duas linhas. Os passageiros ali ficaram até as 6 horas da tarde, seguindo então alguns para o Guarujá e voltando outros.¹²²

124

O trajeto a bordo dos trens em geral era realizado com a presença de músicos, que garantiam uma chegada no mínimo animada à praia e a área da Vila. O recorrido durava cerca de 20 minutos e se concluía com a chegada à estação ferroviária, disposta estrategicamente entre o Oceano Atlântico e o Hotel da Cia, de cujas varandas se ouviam os silvos do trem e se avistava o vapor da locomotiva. Antes da parada final, no entanto, o trem atravessava um pequeno trecho urbanizado, beirando 4 quadras da Vila ocupadas por chalés, sendo três delas edificadas paralelamente ao mar e separadas pelos trilhos de um grande jardim beira-mar. Percorre-se assim, dentro dos vagões dos trem, os espaços mais significativos da Vila; ainda em movimento se alcançam ver parte dos chalés de veraneio, o grande Hotel, o cassino a ele lindeiro, o jardim à beira-mar e o oceano, experiência que condensa em um rápido espaço de tempo um prenúncio do cenário que se poderá vivenciar mais lentamente.

A estação ferroviária, bem como o restante da Vila assentava-se em cota mais alta que a areia e conseqüentemente que o mar, elevada por um pequeno muro de pedras que servia de contenção do terreno. Disposta paralelamente ao oceano e da Vila, a estação, ao longo de toda sua extensão, era pontuada por uma sequencia de pilares de madeira, entre os quais se podiam avistar de um lado a praia e o mar, e de outro as edificações da vila, entre elas o Hotel, o Cassino e alguns chalés dispostos de maneira isolada naqueles que seriam os lotes de maior dimensão da Vila. Um de seus extremos culminava em uma pequena rotonda circular fechada, enquanto o lado oposto permanecia aberto e conectado ao jardim que se projetava em direção à praia. No trecho central, um pórtico que se levantava sobre a altura do restante do pavilhão indicava o acesso à praia, realizado por escadas que interrompiam o muro de pedras. A estação estava conectada, portanto, diretamente a ou-

tros espaços de divertimento que, uma vez articulados, também funcionavam como porta de entrada da Vila Balneária. A conjunção desses espaços (estação – praia – jardim) bem como a arquitetura pavilhonar avarandada da estação permitem também supor que ela, assim como o jardim serviria como uma grande frente para a contemplação marítima. Ao ritmo organizado dos pilares somava-se a presença de uma balaustrada disposta sobre o muro, que se prolongava em direção ao jardim. Ainda que caminhos de traçados sinuosos limitados por canteiros ajardinados organizassem o espaço interno do parque, ao longo do muro que o elevava em relação à praia, uma longa balaustrada linear garantia a continuidade do percurso realizado desde dentro da estação ferroviária.

Ao redor do mundo, um dos espaços centrais construídos nas estações balneares naquele momento, são justamente os passeios beira-mar, que assumem o formato de promenades, esplanadas, decks ou ainda piers - à diferença dos anteriores, dispostos em sentido perpendicular ao oceano. Percorrer esse espaço linear, contemplar o oceano, buscar o frescor da brisa marítima ou ainda satisfazer a necessidade de um horizonte sem limites¹²³, se constituem como práticas fundamentais que recriam o espaço beira-mar, e são encontradas em Brighton ou Dieppe desde a década de 1820. No Guarujá, o jardim, conectado à estação serve também a esse propósito e garante a realização de parte desse passeio protegido do sol, cuja longa exposição deveria a todo custo ser evitada. Além de ponto de entrada e acolhimento, a estação pode ser entendida como mais um espaço de convivência da Vila.¹²⁴

125

No jardim, desde a inauguração da Vila, situava-se um pequeno quiosque de planta circular e estrutura de madeira. Diferentemente do que se vê nos postais, uma fotografia - provavelmente tirada em algum rito de inauguração, frente à presença de figuras masculinas em massa, algumas delas inclusive trajando fardas - indica que seu exterior era limitado por bancos que possuíam duas frentes, voltados tanto para o interior do quiosque, quanto para seu exterior. Sua cobertura seria marcada ainda por uma pequena torre central mais elevada que o restante das outras águas, e delas dissociada, garantido a circulação transversal do ar, bem como aquela gerada pelo efeito chaminé. Na fotografia chama ainda atenção o fato da cobertura ser realizada em algum tipo de fibra natural, que também seria utilizada em uma trama bastante aberta fixada entre os pilares, servindo como uma espécie de elemento vazado no fechamento superior da faces do quiosque. O quiosque parece também se situar em porção elevada do terreno, o que somado às característica acima descritas, nos indicam tratar de mais um espaço privilegiado para a contemplação da natureza domesticada dos jardins, da praia e do movimento contínuo do oceano. Trata-se também, bem como o restante do passeio a beira-mar, de um local para ser visto, onde a ostentação das classes dominantes podia ser francamente realizada.

123 Corbin, 1988:284

124 É interessante notar que ao logo das estradas de ferro, as estações despontam com frequência como pontos de encontro e sociabilidade da população, onde surgem quiosques e demais serviços que irão marcar profundamente o uso desses espaços. Ver nesse sentido: Karen Bowie. *Les grandes gares parisiennes au XIXe siècle* (auteur principal) Délégation à l'Action Artistique de la Ville de Paris, 1987. Gervácio Batista Aranha. *Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-ecômicas e práticas culturais (1880-1925)*. Tese de doutoramento. Unicamp, 2001. Beatriz Kuhl. *Arquitetura do ferro e arquitetura ferroviária em São Paulo: reflexões sobre a sua preservação*. São Paulo: Atelie Editorial, 1998.

03.07 Panorama da serra do mar durante viagem entre São Paulo e Santos pela Estrada de Ferro Inglesa. [cerca 1897]. Fonte: IEB. Acervo Caio Prado Junior.

03.08 Panorama da travessia do canal do porto entre Santos e Itapema. [cerca 1897]. Fonte: IEB. Acervo Caio Prado Junior.

03.09 Página do álbum de fotografias que contém imagens da viagem de São Paulo ao Guarujá, trazendo cenas retratadas em São Paulo, Santos e Guarujá [cerca 1897]. Fonte: IEB. Acervo Caio Prado Junior.

03.07

03.08

03.09

03.10 Panorama travessia do canal do porto entre Santos e Itapema. [s.d.]. Fonte: Fonte: FAMS

Ao fundo da imagem alcança-se ver o Farol de Itapema, destino inicial na Ilha de Santo Amaro para a viagem com destino à Vila Balneária. No meio da imagem desponta um vapor, similar aos utilizados pelos hóspedes na travessia do canal.

03.11 Barca que conduz de Santos ao Guarujá. [1926]. Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

129

03.10

03.11

03.12 Lembrança de Santos. Itapema. [s.d.] Fonte: FAMS.

Cartão postal representando a ponte de madeira e os trilhos da estrada de ferro da Cia. Balneária no Itapema. Ao fundo se avistam algumas construções, podendo servir de apoio às atividades portuárias ou ao funcionamento da Cia.

03.13 Quioque ou bângalo construído na área do parque. [s.d.] Fonte: FAMS.

A presença de inúmeras figuras masculinas, algumas das quais fardadas, indicam se tratar de algum evento oficial ou possível rito de inauguração. A posição da pequena edificação dentro do conjunto e sua particular arquitetura sugerem importantes análises.

131

03.12

03.13

03.14 Ocean House, Newport, R.I. [s.d.] Soule, John P. Fonte: NY Public Library The Miriam and Ira D. Wallach Division of Art, Prints and Photographs: Photography Collection

03.15 Ocean House. [s.d.] Williams, Joshua Appleby. Fonte: NY Public Library The Miriam and Ira D. Wallach Division of Art, Prints and Photographs: Photography Collection.

03.16 Ocean House, Watch Hill, R.I. [s.d.] Webster, E. Z. Fonte: NY Public Library The Miriam and Ira D. Wallach Division of Art, Prints and Photographs: Photography Collection.

A arquitetura dos hotéis construídos em madeira na costa noroeste do EUA são muito similares àquela adotada pelo Hotel do Guarujá em sua primeira versão. A presença de torres, cobertura com forte inclinação e amplas varandas entorno do edifício, bem como toda a sua materialidade serão pontos que aproximam ambas as localidades.

03.14

03.15

03.16

A arquitetura singular do quiosque remete a um certo orientalismo, comumente adotado em estruturas balneares mundo afora, mas que não encontrará respaldo em outras estruturas da Vila do Guarujá daquele momento. Sua feição, que remetia a uma arquitetura típica de bangalôs¹²⁵, cuja origem remontaria às arquitetura asiáticas, seria largamente utilizada em países como a Inglaterra e França, e talvez tenham como seu exemplo mais paradigmático o *Marine Pavillion*, construído em Brighton no fim do século XVIII e cuja arquitetura de inspiração indiana e chinesa seria replicado em inúmeras outras no velho continente.¹²⁶

É evidente portanto o trânsito e a circulação de ideias presentes e difundidas pela arquitetura mundo afora que se farão notar também nas areias do Guarujá. Se Brighton, Dieppe, Deuvielle se colocam como modelos paradigmáticos em relação ao programa da estação que ali se constrói, sua arquitetura, no entanto, seguirá formas e preceitos articulados muito mais com o que se desenvolvia na costa noroeste dos Estados Unidos. Tanto a referida estação ferroviária, o Hotel, o Cassino, a igreja e a maior parte dos chalés, seriam construídos em madeira, que assim como o vapor Cidade de São Paulo, teriam sua origem na costa dos EUA e teriam aportado no porto de Santos prontos para serem levados e montados no Guarujá. Para além da forma arquitetônica, que encontra consonância em edifícios localizados em Newport ou New Jersey, a materialidade e o sistema construtivo eleito remontariam a essa porção do cenário estadunidense e recobririam os preceitos difundidos pelos estudantes brasileiros em Cornell difundidos pela revista Aurora Brasileira.

Desde meados do século XIX, a costa do estado de Rhode Island, situado nas mediações de importantes cidades industriais como Nova York, Boston e Filadélfia, se consolidaria como destino das camadas enriquecidas, seja daqueles relacionados ao avanço das estradas de ferro e industrialização, como os Vanderbilt, seja ainda de alguns agricultores enriquecidos do Sul do país.¹²⁷ É nesse momento, cunhado pela historiografia regional como Gilded Age, que pequenas cidades como Newport ou Watch Hill serão repensadas a partir de sua relação com o oceano e com a provisão de hospedagens e divertimentos: cassinos, restaurantes, e clubes dedicados a práticas esportivas (principalmente do tênis e do iatismo)¹²⁸. Em ambas as cidades são edificadas no alto das falésias que fazem fronteira com o mar, luxuosos hotéis de madeira, dos quais se destacam o Ocean House, de propriedade e arquitetura distinta, porém com a mesmo nome nas duas localidades. Ambos os hotéis possuíam extensas faces avarandadas, em geral marcadas por um rendilhado de madeira e torres que despontam de suas cobertura, cujas águas apresentam forte inclinação. São marcados ainda pela presença ritmada de janelas que perfuram a massa do edifício e o abrem para o exte-

125 Para mais sobre a arquitetura dos bangalôs que teriam se espalhado pelo litoral de todo o globo ver: Anthony King. *The bungalow: the production of a global culture*. London and Boston: Routledge and Kegan Paul, 1984

126 Para uma discussão mais aprofundada sobre as tipologia de arquitetura adotadas na costa europeia ver Corbin em especial o capítulo 5: A invenção da praia e *De l'eau et de l'air. Architecture et therapie climatique du bord de mer*, de Valter Balduccio in *Tous à La plage! Villes balnéaires du XVIII siècle à nos jours*. (Catálogo da exposição ocorrida na Cité de l'architecture & du patrimoine entre 19/11/2016 a 13/02/2017)

127 Freitas; 2011:124.

128 *Tennis and the Newport Cassino*. Charlestone, South Carolina: Arcadia Publishing, 2011.

rior. Em Newport o Ocean House passou por sucessivas transformações também desencadeadas por incêndios. Nos interessa aqui a segunda versão do Hotel, construída em 1846 com projeto do arquiteto estadunidense Russel Warren. O Hotel sofreria novo incêndio em 1898, e em seu lugar, passados 60 anos, seria criada a Bellevue Plaza.

Nos arredores dos hotéis, situava-se um conjunto amplo de casas que funcionaria como residências estivais de parte das famílias enriquecidas, fortalecendo o fluxo sazonal das cidades. Edificadas em sua maioria em shingle-style, são características pela utilização intensa da madeira – seja enquanto elemento estrutural ou ainda como elemento ornamental –, pela presença de grandes varandas e coberturas de forte inclinação. Arquitetos como Charles Follen McKim (1847–1909), William Rutherford Mead (1846–1928) e Stanford White (1853–1906), sócios fundadores da McKim, Mead & White, se tornariam reconhecidos por sua arquitetura que atendia a esses preceitos, e que se estendeu ao longo da década de 1880 por distintas partes do litoral noroeste dos EUA.

Em São Paulo, Eudes Campos destaca que a utilização da madeira e o surgimento de um enorme conjunto de edifícios que correspondia a tipologia arquitetônica que comumente fazia uso de sua técnica, os *chalés* ou *cottages*, despontaram a partir do último quartel do século XIX. Em um princípio associados à construção de casas suburbanas e de equipamentos de recreio¹²⁹ ou ainda aqueles dedicados à atividades ligados à saúde, a modalidade se popularizou, atingindo o centro da cidade de São Paulo, para logo após sua popularização ser combatida e abandonada. É difícil mapear a origem de sua disseminação na província, mas conforme afirma o autor, carpinteiros europeus, franceses e sobretudo os ingleses associados à construção da estrada de Ferro Santos-Jundiaí, teriam sido fundamentais para a divulgação das técnicas e modelos construtivos, bem como para aliar suas características construtivas e funcionais a preceitos de higiene e bem-estar a partir da década de 1870. Mas não foram só eles. Fernando de Albuquerque, engenheiro civil, graduado, assim como Elias Fausto Pacheco Jordão, nos EUA, teria sido um dos maiores propagandadores da técnica, atuando em São Paulo como representante de um fabricante norte-americano, importando chalés inteiramente fabricados nos EUA, restando apenas sua montagem no país. Além disso, conforme atestam notícias publicadas no Correio Paulistano, atuava como intermediário entre o poder público e sociedades anônimas para garantir a aprovação da edificação dessa modalidade de estruturas pela cidade¹³⁰. Ele mesmo, era habitante de um desses chalés, situado na Bela Vista, referido nas páginas do almanaque paulista de 1884 e que poucos anos mais tarde, com a substituição paulatina dessa tipologia arquitetônica se

129 Em São Paulo, hotéis como o Hotel do Oeste, importantes pontos de divertimento como o Velódromo da Consolação (1895) e um conjunto de residências afastadas do centro teriam em um princípio adotado essa tipologia arquitetônica. Ela também despontaria em outras partes do país, sempre associada a essa lógica de vida urbana que buscava um cotidiano voltado para o exterior e a uma vida a ar livre. Sendo assim serão encontrados também em hotéis no Rio de Janeiro, como o Bennet situado na floresta da Tijuca em meados do século XIX (Camargo: 2007:270) e amplamente difundido pela ocupação inicial dos bairros atlânticos, em especial Copacabana (O'Donnell; 2013:171). Em Poços de Caldas, as residências dos principais médicos atrelados à difusão da prática dos banhos também seriam construídos segundo os preceitos dessa modalidade. (Marras; 2004:64)

130 Conforme notícia publicada em 30/04/1880, Fernando de Albuquerque teria sido o engenheiro responsável pela apresentação da planta de um chalé a ser edificado na R. Municipal a mando da Companhia de Ferro Carris da Cidade. A notícia revela que a planta foi aprovada e a construção do chalé autorizada.

tornaria motivo de chacota proferida pelo arquiteto Ricardo Severo¹³¹.

Além de Fernando de Albuquerque, Elias Pacheco Chaves, proprietário da Cia Prado Chaves e portanto um dos maiores acionistas da Cia Balneária, seria outro paulista atrelado à disseminação dos chalés e da arquitetura em madeira em São Paulo. Elias era também proprietário da Serraria Bela-Vista, situada no bairro dos Campos Elíseos até o fim da década de 1880 quando seria desmontada e seu terreno parcelado para a venda. Além do fornecimento de madeiras nacionais e estrangeiras – *pinho de riga, spruce e westernick, peroba, caberuva, jacarandá, cedro etc.*¹³² – para construtores, a Serraria contava ainda com a gerencia de Jose Fachini e “*superintendência do engenheiro-arquiteto alemão Mateus Häussler, que se encarregava de fazer plantas e orçamentos para construções de qualquer gênero, assim como da construção de edifícios, por empreitada ou administração*”.¹³³ Mais do que garantir o simples fornecimento do material, a serraria se prestaria a difundir técnicas, preceitos funcionais aliados a exploração do material e assim favorecer o florescimento dessas estruturas em território paulista.

136

A utilização ampla dos chalés como marco arquitetônico no Guarujá, portanto assume múltiplas significações. De um lado remonta ao cenário suburbano, pitoresco, afastado das convulsões e estímulos das grandes cidades, construções românticas por natureza que despontam isoladamente no lote, cercadas de amplos jardins, sobre os quais se debruçam através das grandes janelas e extensas varandas. Aliam-se ainda aos preceitos de higiene e saúde, buscando a incidência do sol e dos ventos nos diversos cômodos, garantindo áreas de estar sombreadas no espaço exterior, buscando com frequência o afastamento do solo, que garantiria uma maior eficácia térmica, adaptação ao clima, circulação do ar e portanto menos propensa ao espriamento dos miasmas. Ao mesmo tempo seriam símbolos de uma sociedade industrializada, fruto de um trabalho organizado e disciplinado. Por fim faria referencia ainda à ocupação estival de outras partes do mundo, estabelecendo uma conexão direta do Guarujá com as praias europeias e principalmente norte-americanas. Todas essas características seriam centrais para que a arquitetura proposta para a Vila como um todo fosse entendida, pois, pelas balizas do progresso e da modernidade.

A eleição pela pre-fabricação nos parece, nesse sentido, um ponto interessante a ser discutido. É certo, que os sócios da Balneária vinham tateando o tema da industrialização, como mais uma fonte de acúmulo de capitais a partir da diversificação de investimentos do complexo cafeeiro. Ou ainda que parte dessa nova geração da elite, cuja formação acadêmica, em especial no campo da engenharia, enxergava a industrialização como um campo de atuação de seus saberes técnicos e científicos, por meio do qual a força produtiva se transformava a serviço de sua prática. Poderíamos ainda referir a escolha frente à condição remota do sítio

131 Segundo o autor, Severo em 1917 havia se referido à construção de Albuquerque como uma construção “em forma de cazota de cachorro”. (Campos, 2008) Nota-se ainda que Ricardo Severo, sócio de Ramos de Azevedo, estaria posteriormente articulado com o último projeto de renovação do Hotel do Guarujá, tema que será tratado na parte 05 deste trabalho.

132 Anuncio retirado do Correio Paulistano de 25/02/1883.

133 Campos, 2008.

eleito para a implantação da Vila, onde, a chegada dos chalés, cassino, igreja e hotel desmontados em peças, favoreceria a execução de uma obra mais rápida, alinhada aos preceitos definidos em projeto anteriormente, e passíveis portanto de um controle técnico remoto. Ainda que todas essas hipóteses encontrem algum respaldo, elas não são plenamente atendidas na construção da Vila. Conforme apontam os relatos publicados nos periódicos¹³⁴, as obras da Vila teriam tido início em setembro de 1891 e o conjunto seria inaugurado, ainda incompleto, passados cerca de dois anos. Em sua inauguração apenas 11 dos 33 chalés concluídos até 1898, estariam construídos. O Cassino também se apresentaria em um primeiro momento, conforme atestam os postais, apenas com sua porção frontal concluída, sendo o pavilhão perpendicular ao mar concluído apenas alguns anos mais tarde. Soma-se a isso o fato de desmontarem na Vila construções em alvenaria convencional, realizadas com tijolos produzidos pela olaria de propriedade da Cia ou de pedra extraída das imediações do conjunto. Rápida e eficaz, do ponto de vista da representação, a pre-fabricação no caso do Guarujá, não se concretizou dessa maneira, onde a construção aconteceu de forma lenta e por etapas. A união no entanto do binômio técnica-industrialização serviu do ponto de vista imaginário para associar a construção da vila aos passos rápidos e velozes da modernidade. Mais que isso a ideia de que as estruturas teriam vindo completamente prontas, apaga, também do ponto de vista simbólico e imaginado, qualquer dimensão do trabalho na Ilha, noção central para a construção simbólica de um espaço dedicado ao retiro e sobretudo de um espaço que se desejava exclusivo. A pre-fabricação, que a princípio exigiria apenas um pequeno contingente de trabalhadores, em grande medida mais qualificados, serviria também para banir de seus espaços, antes mesmo de sua conclusão, qualquer vestígio de trabalhadores pobres e de todas as noções pejorativas a eles associadas. Mesmo que potente enquanto retórica, como veremos mais a frente, essa ausência não será concretizada e se materializará inclusive por ação da Cia.

Não foi possível rastrear a origem da madeira ou do projeto segundo o qual se edificaram as estruturas pela Cia, mas alguns jornais indicam que as construções haviam sido realizadas com pinho norte-americano. Naquele momento os EUA se consolidavam como grandes exportadores de madeira e sua exploração teria sido também mais uma das razões que impulsionou a marcha para o oeste do continente. Relatório intitulado *The Lumber Cut of USA* produzido pelo *Department of Commerce and Labor - Bureau of the Census* no ano de 1907, revela que nos anos de 1880 foram produzidos nos EUA cerca de 18 bilhões de pés de madeira serrada, equivalentes a 5.5 bilhões de metros, quantia que subiu para 23.5 bilhões de pés na década de 1890, dos quais a maior parcela provinha dos estados de Nova York e Pensilvânia. Os pinhos Spruce e Waternick, fornecidos em São Paulo pela Serraria Bela Vista, constavam, já no início do século XX, entre as cinco espécies de maior produção, e serviam largamente para a construção civil, desde estradas de ferro, estações ferroviárias e demais edifícios.¹³⁵

¹³⁴ O Estado de S. Paulo 17/05/1893

¹³⁵ The Lumber Cut of USA 1907. Department of Commerce and Labor. Bureau of the Census. Documento original pertencente à Universidade de Pensilvânia e acessado em 28/01/2018 <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=pst.000071907802;view=1up;seq=8>

03.17 Panorama do Grande Hotel. Benedito Calixto. Fonte: Benedito Calixto. - Um pintor à beira-mar - A painter by the sea, edição da Fundação Pinacoteca Benedito Calixto, agosto de 2002, Santos/SP.

A pintura de Benedito retrata a primeira versão do Hotel com o parque em primeiro plano. A tela ficaria pendurada nas paredes do Hotel juntamente com uma outra que também retratava o conjunto edificado a partir da praia.

03.18 Álbum Fotografias de São Paulo 1900 - Balneário do Guarujá. [circa 1894]. Guilherme Gaensly. Fonte: Mestres do Séc. XIX. Instituto Moreira Salles.

139

03.17

03.18

03.19 Imagem de uma das alamedas da Vila Balneária[s.d.]. Fonte: acervo pessoal Geraldo Anhaia Mello.

Nota-se a presença de amplas varandas nos chalés, o recuo, frontal e lateral em todas as edificações, além da ampla dimensão da via marcada pela presença de postes elétricos.

03.20 Chalé de Madeira [s.d.]. Fonte: IEBUSP. Acervo Caio Prado Junior

Na imagem, além do detalhe da edificação vemos retratada na varanda do chalé uma pessoa negra estendendo um lençol branco, provavelmente é uma funcionária da família, que surge na imagem de maneira desproposita.

141

03.19

03.20

No hotel e nos chalés da Vila a madeira atendia tanto a seu uso estrutural, quanto à ornamentação. O hotel, de planta em “T” levemente deslocado, possuía dois pavimentos e na fachada, simetricamente ordenada por 17 pórticos de madeira, dos quais os três centrais se elevavam em relação aos demais, salta aos olhos o rendilhado que conformava o guarda-corpo que se espelhava na parte superior junto às lajes. Os pórticos resguardam largas varandas, onde se dispõem *bancos para descanso e mesinhas para refrescos e lunches*¹³⁶. Das varandas se pode aceder ao interior do edifício através de grandes portas duplas, cada uma delas disposta rigorosamente alinhada no centro do pórtico correspondente, garantindo a vista desimpedida desde o interior do edifício. O primeiro pavimento do Hotel possui altura bastante superior do segundo, garantindo uma maior suntuosidade nos espaços aí dispostos, dedicados à sociabilidade dos hóspedes: sala de visitas, sala de leitura, sala para barbeiro. É possível ainda que, num primeiro momento, antes da conclusão do edifício lateral conectado ao cassino, neste pavimento ficassem localizados o salão de jantar e a sala para banquetes. No segundo andar estariam dispostos em linha, conectados também ao espaço da varanda, os quartos dos hóspedes, entremeados por quartos de banhos compartilhados. Sobre a cobertura com forte inclinação do edifício despontam três torres, de onde possivelmente os hóspedes avistavam o mar, a praia, as montanhas localizadas nos fundos do hotel e todo o restante da Vila, já que os mirantes aí localizados possuíam vista livres em todas as direções. As torres eram também cercadas pelo mesmo elemento vazado presente nos guarda-corpos, e as quatro águas de acentuada inclinação que compunham a cobertura, ricamente ornamentadas com lambrequins de madeira. As águas do telhado eram ainda marcadas por um número enorme de janelas semi-circulares que não só serviam como mais um elemento decorativo, como sobretudo se prestavam a leitura de um edifício vastamente iluminado e ventilado. É difícil precisar se esses elementos serviam efetivamente algum cômodos, algumas dessas aberturas parecem se situar junto às amplas varandas, outros no entanto poderiam iluminar um terceiro piso dedicado aos serviços do hotel, como quartos para funcionários, ou ainda servirem como lanternas situadas no entre-forros.

Ao lado direito do hotel, olhando-o de frente, estava situado o edifício do Casino. Como dito, pelos postais e fotografias podemos notar que esse edifício se compõe de duas partes construídas em tempos distintos, no entanto seguindo a mesma estrutura formal e tipológica. De um único pavimento, o edifício também era rodeado por uma varanda perimetral, onde à semelhança do edifício do Hotel, também estariam dispostas mesas e bancos. De planta retangular, tinha na face maior voltada para o oceano, uma sucessão de 8 pórticos enquanto suas laterais 5, todos de altura menor que os pórticos do primeiro pavimento do Hotel. A cobertura, de quatro águas, se elevava bastante, duplicando a altura do edifício e tinha em cada um dos extremos da cumeeira uma torre circular sobre as quais se estendiam bandeiras e entre as quais despontava um grande letreiro com o dizer “Cassino”. Há apenas um registro fotográfico da parte interna da Sala de jogos, onde se alcançam ver duas mesas de bilhar em primeiro plano, cinco mesas de jogos, três grandes e outras duas outras menores e quadradas; e o piso e paredes executados também em madeira. Com

a ampliação do edifício do Cassino, é provável que parte desse trecho voltado ao oceano tenha se convertido na sala de jantar e com isso deslocado a área para jogos para a parte lateral do edifício como atestam as plantas posteriores do conjunto. É provavelmente decorrente desse processo que o edifício tenha ganhado as faces amplamente envidraçadas que estão presentes em uma das fotografias mas é ausente no primeiro postal. A busca pelo panorama externo em consonância com o ambiente de refeição marca portanto uma transformação tanto espacial quanto dos sentidos da presença desse cômodo, indicando possíveis transformações no estar à mesa, como veremos mais à frente¹³⁷.

Os chalés situados ao redor do Hotel possuíam tamanho e formato variados. Havia tanto aqueles de um único pavimento como aqueles de dois e até três pavimentos, sendo que nestes, o último provavelmente seria dedicado aos cômodos dos empregados. Todos eram dispostos de maneira isolada no lote, encontravam-se elevados do terreno sobre pilaretes de alvenaria, e alguns eram contornados por amplas varandas ao longo de boa parte de sua perímetro. Dois deles se destacam, situados provavelmente na mesma quadra, imediatamente à esquerda do Hotel e ocupando lotes de cerca de 50x50m o do fundo e de 50x30m o de frente para o mar. O chalé localizado no maior lote, seria provavelmente aquele pertencente à família Penteado e consta presente nos álbuns de fotografia do acervo de Caio Prado no IEB USP. De planta de base quase quadrada, tinha dois pavimentos, sendo no primeiro deles, três de suas faces envoltas por ampla varanda, ausente na face voltada dos fundos ligada com o quintal – área provavelmente destinada aos serviços, e onde se nota a presença de uma chaminé¹³⁸. No andar superior uma varanda marca o eixo central da residência e situa-se exatamente sobre o acesso inferior. As varandas são definidas pelo guarda-corpo que possui o mesmo elemento vazado das varandas do Hotel, recobrando o sentido de unidade do conjunto. Os pilares são decorados por frisos em baixo-relevo e diferentemente daqueles utilizados no Cassino e no Hotel não possuem junto ao telhado nenhuma terminação que atue como uma espécie de capitel. Todas as faces da casa possuem grandes aberturas, o que, juntamente com as varandas conferem à casa uma sensação de exterioridade e favoreceriam a iluminação e ventilação natural. A ornamentação na cobertura é mais discreta, estando presentes unicamente pináculos nos extremos das cumeeiras, há no entanto uma sucessão hierárquica das águas da cobertura que garantem uma autonomia formal das varandas, tanto a inferior quanto a superior, destacando-a do corpo do edifício e assim ressaltando ainda mais a presença desse espaço.

O outro chalé, situado de frente ao mar, provavelmente foi um dos primeiros concluídos e teria pertencido à família do Dr. Francisco Xavier Paes de Barros. Distinto do anterior, este tinha 3 pavimentos, cobertura em duas águas, e pontuado por uma torre na porção frontal. Frente à sua localização privilegiada, estaria presente em praticamente toda a iconografia encontrada, em especial nos postais, que mostram claramente o desenho de sua

137 O papel da sala de jantar será abordado no capítulo seguinte em trecho intitulado Bilhetes de Excursão.

138 Além da chaminé nota-se na fotografia encontrada no acervo do IEB a presença de uma mulher negra batendo ou estendendo um grande lençol branco. Provável empregada da família, é uma das poucas figuras trabalhadoras retratadas nos registros iconográficos encontradas (ainda que sua presença na imagem provavelmente não tenha sido propositada)

fachada lateral marcada por mais de 10 janelas situadas nos distintos pavimentos.

As diferentes tipologias dos chalés indicam uma importante característica do parcelamento do solo e ocupação da urbana da vila. Conforme dito, na inauguração apenas parte dos chalés estaria construído, encontrando-se assim, até aquele momento grande parte dos lotes da Vila vazios. Mesmo passados vários anos, já no início no século XX esse panorama, conforme nos informam as plantas do conjunto, não se alterará, continuando, pois, o hotel, o cassino e os vários chalés entremeados de lotes vazios tomados por vegetação e areia. Ainda assim, antes de sua inauguração o plano de parcelamento e arruamento da Vila se apresentava de modo audacioso, sendo definidas 5 alamedas paralelas ao mar, de extensão variável devido à condição topográfica do sítio, cortadas por 9 avenidas. Cada uma dessas alamedas seria pontuada por árvores em ambos os costados e receberia nomes, no mínimo simbólicos. A primeira delas, ou seja aquela que beirava o jardim, a estação, a praia e o cassino, e tinha a maior extensão seria nomeada Hans Staden, em homenagem ao marinheiro alemão, tido como a primeira figura civilizada a habitar a ilha. A segunda alameda seria nomeada Cunhambebe, em homenagem ao líder tupinambá que teria sido responsável por assinar junto ao jesuíta Anchieta, personagem que nomearia a terceira alameda, o tratado de paz entre indígenas e portugueses. A quarta alameda se chamaria Gaudano em homenagem a Nicolás Gaudano, holandês jesuíta que teria escrito sobre a fertilidade da Ilha de Santo Amaro, e por fim a última alameda receberia o nome de Elias Chaves em homenagem ao capitalista que levou à frente a ideia e efetivou a construção da Vila. É difícil precisar se estes nomes foram efetivamente duradouros, nenhuma das vias atende por essa nomenclatura hoje em dia e nas plantas encontradas apenas a via Cunhambebe aparece sinalizada, indicando que esse tenha sido seu nome até ao menos o ano de 1915. No entanto, por meio da intenção de seus nomes estariam geograficamente representados marcos de uma narrativa histórica que se buscava construir na e por meio da ilha, com a qual se buscava consolidar marcos de uma determinada civilidade. Ao contrário das alamedas, as avenidas que cortavam as vias, e com elas conformavam quadras de cerca de 100x100m, seriam numeradas de 1 a 9 e só receberiam nomes muito posteriormente.

Ainda que este desenho em planta indique a intenção proposta pelo alinhamento viário apontando para uma divisão clara entre os espaços públicos e os espaços privados do lote, e de uma soberania da geometria sobre a natureza do sítio, a ocupação esparsa dos lotes, a ausência de passeios bem definidos em grande parte da Vila e a condição topográfica que interrompe a continuidade das vias, fazem com que essa leitura não se efetivasse completamente ao observarmos fotografias e postais. Dessa forma, ainda que alinhada a preceitos da ciência e da engenharia e organizada segundo uma teoria que interpreta e ressignifica o espaço a partir de uma mirada abstrata, o assentamento dessa proposta tardará algum tempo para que efetivamente se concretize.

Internamente as quadras possuíam parcelamento bastante diverso, havendo lotes de grande proporções, junto a lotes bastante pequenos. Essa variação, além de garantir a construção de tipologias variadas de chalés, provavelmente se relaciona com a provisão

das moradias dedicadas aos funcionários da Cia e a estabelecimentos de serviço e apoio necessários ao seu funcionamento. Como veremos mais a frente, mesmo a quadra onde está implantado o Hotel, ou seja uma quadra com grande destaque no conjunto, será, na parte posterior dividida em lotes menores e ocupadas por chalés mais simples, destinados a moradia de superintendentes e construções em alvenaria onde se aloca-riam serviços como a cozinha.

Em relação à infra-estrutura, a Vila se destacava pela provisão tanto de iluminação elétrica, quanto de água e canalização do esgoto. Foram projetadas dessa forma, instalações de apoio, provavelmente situadas junto à estrada de ferro e em áreas mais afastadas da Vila que garantissem a devida provisão desses serviços. A água, conforme noticiado, seria captada de uma *cachoeira da serra, a 18 metros de altura, com uma descarga de 2 milhões de litros por 24 horas*.¹³⁹

Situada em um lote de esquina, provavelmente no encontro das Alameda Cunhambebe e Avenida 4, em esquina diametralmente oposta aos fundos do Hotel, estava edificada a pequena capela, também de madeira. Como já descrito, desde o início da ocupação da ilha, diferentes capelas foram construídas e a presença da imagem de Santo Amaro em uma delas culminou na nomeação da Ilha. Uma vez concluídas as obras da igreja da Vila Balneária, a imagem do Santo, que habitava a capela junto ao forte de Barra Grande, é levada para a igreja da Vila, fortalecendo sua presença simbólica na ilha, e tornando-a destino de peregrinação não só dos viajantes como também de demais habitantes religiosos da Ilha. Assim como os salões do cassino, do restaurante do hotel ou o saguão da estação ferroviária, a igreja se constitui naquele momento como importante ponto de sociabilidade também dos viajantes e hóspedes do conjunto, e a ida à missa se constituía como mais um rito essencial a ser cumprido mesmo em vilegiatura.

A arquitetura da igreja é bastante diversa das antigas capelas coloniais da ilha e permite retomar as discussões sobre o caráter representativo da arquitetura proposta pela Cia. De planta retangular, a igreja ocupava, como já dito, um pequeno lote de esquina, cuja entrada em leve desnível, se dava pelo eixo da face de menor extensão junto à Avenida 4. A maior face, beirando a alameda arborizada, se afastava da via por um pequeno jardim cercado e era perfurada por 6 janelas de igual proporção, mais altas do que largas que atingiam a base do pequeno beiral que percorria todo o seu perímetro. Bastante singela, a igreja tinha destaque dado por uma torre que se elevava a partir do corpo da igreja, interrompendo a cobertura de 4 águas, e disposta no encontro das faces, deslocada portanto da esquina, sobre a qual estava disposta uma cruz. A torre de base quadrada possuía ainda outras quatro cruzeiras menores, situadas no encontro das paredes que a delimitavam com o início das águas da cobertura que subiam em acentuada inclinação. A cruz do topo da torre, diferentemente das demais, tinha ao redor do nó central um círculo, se configurando como uma espécie de cruz céltica, ainda que simplificada. Ora se toda a arquitetura da igreja, a torre, sua materialidade, o desenho das aberturas e da cobertura nos levam a asso-

¹³⁹ O Estado de S. Paulo 17/05/1893

cia-la às igrejas protestantes norte-americanas edificadas sobretudo no noroeste dos EUA, a presença da cruz celta, símbolo do presbiterianismo deixa explícita essa relação.

Conforme destaca Bernardini, o fortalecimento dos vínculos entre Brasil e os Estados Unidos, passava também pela identificação de parte da elite brasileira, em especial a elite progressista do sudeste com o protestantismo¹⁴⁰. Desde o fim da década de 1850, reverendos estadunidenses visitaram o interior da província do Estado em missões evangelizadoras que buscavam disseminar os princípios cristãos reformados pelo movimento calvinista. A essas missões, soma-se o surgimento de escolas americanas onde os preceitos dessa religião também eram difundidos e associados a práticas do cotidiano, e com as quais, como vimos, Elias Fausto estaria intimamente relacionado. A associação entre a prática religiosa protestante com ideais de liberdade, autonomia individual e republicanismo é a característica central nesse processo e estaria presente, já nas páginas da revista *Aurora Brasileira* dos estudantes brasileiros em Cornell:

O catolicismo é uma sociedade hierárquica de que o clero é o governo o dogma que os chefes espirituais promulga, é a lei desta sociedade, e força a ele submeter-se sob pena da religião. O protestantismo pelo contrário é por essência uma religião individual, toda a igreja reformada é uma comunidade de iguais que não reconhece de todo classe diretora. A verdade religiosa não tem para os protestantes o caráter forma e legal que a igreja católica atribui. Entre os limites da sagrada Escritura esta verdade patenteia-se aos que a buscam nas mesmas condições que a verdade científica; cada um possui a parte que pode descobrir e compreender.¹⁴¹

Nos EUA, segundo Mendonça, desde o início do século XIX o protestantismo ganha vulto, quando o modelo de vida burguês é ajustado a partir de preceitos religiosos. Fortalece-se nesse momento uma inter-relação entre evangelizar e civilizar, onde o indivíduo seria convocado a centralidade das práticas e sua salvação estaria atrelada à interpretação direta e pessoal da Bíblia, à ética racional do trabalho e à moral burguesa vitoriana¹⁴².

Se a capela não se constitui integralmente como um espaço dedicado ao protestantismo, seja devido à estrutura das missas conduzidas por padres, bispos e cardeais católicos ou ainda por abrigar as imagens de Santo Amaro, cuja adoração estaria intimamente relacionada com a prática católica, sua arquitetura busca de alguma maneira evidenciar a aproximação simbólica do templo com os ideais de liberdade e republicanismo acima descritos, fortalecidos pela experiência de vida burguesa associada à valorização de uma determina-

¹⁴⁰ Bernardini; 2007:492.

¹⁴¹ *Aurora Brasileira*, Ano 1, n.3 1873:19. Bernardini; 2007:497.

¹⁴² Mendonça, Antonio Gouvea. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. *REVISTA USP*, São Paulo, n.67, p. 48-67, setembro/novembro 2005

da ética e noção de trabalho.

Após esse passeio rápido pela Vila retornamos à praia. Este era o espaço marcado pela presença selvática e intocada da natureza, no entanto também ali despontavam estruturas que o transformavam, servindo como dispositivos e estratégias capazes de garantir sua devida incorporação como espaço de cura, recreio e sociabilidade. Era em frente à praia, provavelmente situada após a estação ferroviária, relativamente distante do edifício do Hotel e do Cassino, que se situava um grande pavilhão dividido em cômodos menores que serviam a troca de roupas dos banhistas. O pavilhão, completamente edificado em madeira, possuía 10 portas em seu corpo central e cada um de seus extremos era marcado por uma pequena torre de planta circular, que também poderia ter seu interior acessado. As janelas, ao contrário dos demais edifícios da Vila, eram apenas encerradas por persianas, não havendo vidros, o que conferia a privacidade necessária, ao mesmo tempo que garantia a circulação do vento. As pequenas torres em muito se assemelham àquelas dispostas sobre o edifício do cassino, e remontavam dessa forma ao conjunto da Vila, mesmo que o pavilhão cobrasse certo isolamento. Ao lado, encontravam-se ainda cabines móveis, pequenos cômodos de madeira, assentados sobre quatro rodas, também de madeira, que realizavam o deslocamento dos banhistas em direção ao mar.

147

Longe de garantir uma experiência coletiva de banhos, o que esses dispositivos garantiam era que a prática pudesse ser realizada em privacidade, e com a devida assistência. Ainda que, como se nota na fotografia, à frente do pavilhão encontrem-se bancos e cadeiras móveis, a prática de banhos de mar, no início do funcionamento da Vila, ainda se dissociava dos banhos de sol, e deveriam ser realizados conforme regras e normas predefinidas e prescritas medicinalmente.

Os vapores da Cia também garantiam que a praia, o mar e a Vila pudessem ser vivenciados de outra maneira. Passeios eram comuns a bordo do “Cidade de São Paulo” pelo mar em frente à praia do Guarujá, quando os viajantes se aproximavam da ilha da Moela que se localiza em frente à Vila e sobre a qual se eleva um farol, construído em 1829, que indicava aos navios o caminho de chegada ao porto, cujo movimento causava fascínio aos viajantes. Além da ilha se avistava desde o mar toda a Vila Balneária, e era de lá que esse conjunto poderia ser apreciado a uma só vez, compreendido entre o movimento contínuo das ondas e o anteparo verdejante das montanhas ao fundo.

03.21 Traçado geral do Tramway. Itapema - Guarujá. [1923] Fonte: FAMS

O traçado da linha de ferro se apresenta bastante retilíneo, com apenas 3 paradas e algumas travessias em pontes até a chegada à Vila Balneária.

03.22 Planta dos terrenos da Comp. Guarujé na Ilha de Santo Amaro. Santos. [1915].
Fonte: FAMS.

03.21

03.22

03.23 Mapa realizado a partir do conjunto cartográfico reunido, indicando o isolamento do sítio devido a sua condição topográfica, a extensão da vila em relação à extensão da praia, a sala de pedras, e as edificações existentes até o ano de 1915. A quadra onde está situado o Hotel sofreria com a renovação em 1913, ligeiras modificações vistas no mapa anterior.

- 01. Quadra hotel (A. Hotel, B. Cassino)
- 02. Estação Ferroviária
- 03. Parque
- 04. Igreja
- 05. Chalé família Penteado
- 06. Chalé família Paes de Barros
- 07. Sala de Pedras

03.24 Arredores de Santos. Guarujá, vista geral. [s.d.] Fonte: FAMS

03.25. Imagem ilustrando alguns dos chalés de madeira e em primeiro plano a igreja. [s.d.]. Fonte: acervo pessoal Geraldo Anhaia Mello.

A torre da igreja, suas proporções e materialidade, e a cruz celta no topo, se assemelham àquelas construídas em importantes cidades norte-americanas da região de New England, do fim do século XIX como Boston, associadas, mais aos espaços de culto protestantes que católicos .

153

03.24

03.25

03.26 Cabines de banho móveis. [s.d.]. Fonte: 100 Anos de República - Volume I - 1889-1903, Ed. Nova Cultural, São Paulo/SP, 1989.

03.27 Cabines de banho instaladas na primeira versão do Hotel. Fonte: Acervo pessoal Geraldo Anhaia Mello.

155

03.26

03.27

THOMASSO BEZZI E A PRIMEIRA REINVENÇÃO DO GUARUJÁ

Às 3:25 da madrugada do dia 17 de novembro de 1897 o Hotel foi vítima de grande incêndio que danificou boa parte de sua estrutura. O fogo teve início na chaminé da cozinha, disposta, segundo relatos, em um edifício de alvenaria situado na parte posterior do edifício principal. Entre ambos, estaria situada a copa, construção em madeira, que facilitou que o fogo atingisse o corpo principal do prédio e rapidamente, antes das 4 horas, tivesse consumido todo o edifício. Segundo contam os periódicos, o fogo teria sido visto inicialmente pelo Sr. José Ferraz de Camargo, fazendeiro da região de Limeira e naquele momento residente do chalé de número 5 situado em um dos lados do Hotel. Nenhum hóspede foi vítima do incidente, ainda assim, portas foram arrombadas para garantir que mesmo aqueles que não responderam aos chamados conseguissem escapar do edifício. Entre os hóspedes do hotel estaria o conceituado fotógrafo José Wolsack¹⁴³, que com o fogo teria perdido toda a sua bagagem em um valor estimado de 6 contos de reis. Além do Hotel, parte do Cassino teria sido atingida bem como o chalé do Dr. Francisco Xavier Paes de Barros.¹⁴⁴

156

Pouco se sabe sobre as causas ou possíveis motivações do incidente. A madeira e a brisa marítima com frequência despontam como as principais propagadoras do incêndio, de certo modo, tidas como responsáveis pelo rápido avanço do fogo. No dia seguinte Eulálio da Costa Carvalho, então superintendente da Cia, rumou junto a Guilherme Ellis, diretor da Cia, a Santos onde prestarão depoimentos à polícia em busca de maiores esclarecimentos. Além deles, no dia seguinte, algumas outras figuras foram convocadas: o referido José Ferraz de Camargo; Henry Leonardos, negociante santista, provavelmente hospedado na Vila durante o incidente e outros três funcionários da Cia, o jardineiro Antônio Carrara; o guarda da estação Jesuíno Cordeiro Mendes e Luiz Gouvêa, então empregado no Cassino. Os avanços da investigação e as raízes do incêndio são incertas, no entanto serão retomadas, como veremos à frente, quando a Vila for alvo de novo ocorrido e o funcionário Luiz Gouvêa ressurgirá como autor suspeito deste e de outro incidente.

Tanto o edifício quanto a mobília estariam assegurados em um valor equivalente a 300:000\$000, quantia bastante considerável, tendo em vista que o aluguel de 23 chalés da Cia ocupados no mês de novembro do ano anterior teria rendido à empresa um total de 5:125\$000¹⁴⁵, conforme consta em relatório publicado em março de 1897. Esse mesmo relatório aponta que mesmo antes do incêndio grande parte do conjunto edificado da Vila encontrava-se em péssimo estado de conservação e que obras de conservação, reforma e ampliação do Hotel, Cassino e demais instalações eram urgentes, não apenas para garantir seu funcionamento, como também para buscar sua saúde financeira.

143 Wolsack, anos mais tarde no início do século XX publicaria um série de anúncios nas novas revistas de variedades sendo o “primeiro e mais barateiro fotógrafo que em São Paulo sabe imprimir os retratos com uma graça verdadeiramente agradável”. Martins, Ana Luiza. *Revistas em revista. Imprensa e práticas culturais em tempo de República* p. 255.

144 O Estado de S. Paulo 17/11/1897

145 Relatório Cia. Balneária publicado no O Estado de S. Paulo 28/03/1897

Dessa forma, ainda que acidental, o incêndio ocorrido no Hotel desencadeou um processo de transformação e renovação do conjunto que já vinha sido gestado há alguns meses. Não é possível afirmar se a substituição completa do edifício já estivesse sendo planejada antes que o prédio fosse consumido pelo fogo, no entanto o curto espaço de tempo entre o acidente e a inauguração do novo edifício, ocorrida em setembro do ano seguinte, ou seja passados apenas 10 meses do incidente, é curiosa.

O projeto do novo edifício ficou a cargo do engenheiro italiano Thomasso Gaudencio Bezzi. Nascido em Turim no ano de 1844, Bezzi formou-se na Universidade de Turim e serviu a campanha de unificação da Itália, atingindo o posto de Tenente-Coronel, que lhe conferiu um lugar de prestígio social ao longo de sua vida¹⁴⁶. Antes de desembarcar no Brasil em 1875, atuou profissionalmente no Uruguai e na Argentina, onde desenvolveu projetos de residências, prédios, estabelecimentos de linhas telegráficas na região Platina e de um Boulevard em Buenos Aires, entre os anos de 1871 e 1873. Chegando ao Brasil, casou-se com Francisca Nogueira da Gama Carneiro Bellens Bezzi, neta do mordomo do Paço Imperial do Rio de Janeiro, com quem teve 5 filhos e que ao certo garantiu a Bezzi um trânsito importante dentro da Corte Imperial. O meio social que Bezzi passa a integrar contava com importantes figuras, que contribuem para que seu trabalho fosse apreciado e desenvolvido nos mais altos círculos sociais da capital do Império. Lá estava com frequência com o Barão de Rio Branco, o Visconde de Rio Branco, Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa entre outros.

157

Por intervenção do Visconde de Rio Branco, é convidado pela Comissão Central do Monumento do Ipiranga a apresentar um projeto para a comemoração da Independência do Brasil, e a despeito de concurso realizado anteriormente, Bezzi é contratado para a realização do projeto, bem como para a elaboração de relatórios, demarcações das áreas onde se localizaria o edifício, prestar esclarecimentos quanto ao andamento da obra entre demais funções.¹⁴⁷ O transcorrer da obra foi marcado por enormes tensões entre Bezzi, o governo do Estado e os responsáveis pelo empreendimento, o que levou seu afastamento da obra. Uma vez inaugurado, no entanto, o edifício se consolidaria como um marco arquitetônico na cidade e, conjuntamente com os edifícios recém inaugurados da Secretaria do Estado, projetados por Ramos de Azevedo no Pátio do Colégio, servirá como modelo paradigmático na difusão da arquitetura eclética de feições europeias pela cidade e pelo restante do Estado.

Após a conclusão do Monumento, em 1892, Bezzi integrará parte de uma comissão dedicada a organizar uma Exposição em São Paulo, cujo intuito era fortalecer as relações comerciais entre o Reino da Itália e o Estado de São Paulo – a exposição Ítalo-paulista. Bezzi ocuparia na comissão, juntamente com Elias Fausto Pacheco Jordão o posto de vice-presi-

146 Maria José Ellias. Resumos Biográficos. In: *Às Margens do Ipiranga, 1890-1990. Exposição do Centenário do Edifício do Museu Paulista da USP*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1990, p. 27.

147 José Costa de Oliveira Filho. O Monumento à Independência – Registros de arquitetura. In *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v. 10/11. p. 127-147 (2002-2003).

dente efetivo. A presença de Elias Fausto na comissão é notável e novamente indicativa de seu papel atrelado à circulação de ideias, produtos e investimentos do complexo cafeeiro, posto que será novamente retomado no ano seguinte quando irá compor a Comissão Brasileira dedicada a Exposição Universal e Chicago.

A presidência da comissão ficaria a cargo do Conselheiro Antônio Prado, enquanto Luiz Pucci, engenheiro que participa ativamente das obras do monumento da independência e presidente ainda da Companhia Ítalo Paulista, e João Alves Rubião Junior, deputado e membro da intendência municipal de São Paulo, foram convocados como secretários. Havia ainda delegados especiais locados na Itália, entre os quais estava Martinho Prado Junior.

A aproximação de Bezzi com membros da elite paulistana e com sócios da Cia Balneária ocorre, portanto, já durante o período de construção da Vila e da primeira versão do Hotel. Em São Paulo o engenheiro se tornaria ainda muito próximo ao advogado Álvaro de Carvalho e aos filhos de Antônio Prado, em especial Eduardo Prado e Paulo da Silva Prado, o que lhe garantiria circulação constante entre os membros da elite paulista, apesar das dificuldades relativas à implantação do monumento da independência.

Chama a atenção também os interesses que motivam a organização da exposição. O número crescente de imigrantes italianos em São Paulo, passava a ser entendido como uma fonte rentável de capital, se não para a indústria nacional, de interesse crescente das indústrias italianas. A exposição cujo objetivo era tornar conhecidos “os artefatos e produtos das florescentes indústrias”¹⁴⁸ da Itália no Brasil, era organizada, ainda tendo em vista as futuras exposições de Palermo e Gênova, onde os produtores brasileiros, uma vez fortalecido o vínculo entre as duas nações, poderiam mostrar e vender seus produtos. A articulação indica, pois, novamente, a enorme capacidade de articulação dos capitalistas paulistas com o mercado internacional. A exposição Ítalo-Paulista contava ainda com o apoio financeiro do Banco do Commercio e Industria de São Paulo, e teria isenção completa de tributação para a importação e reexportação de todos os produtos chegados no porto de Santos com destino à exibição.

Antes ainda da execução do projeto no Guarujá, Bezzi desenvolveu um projeto no estado de Minas Gerais, que, por certo tornava seu nome ainda mais atraente para o desenvolvimento do novo edifício beira-mar. Trata-se de um estabelecimento termal situado em Cambuquira, terras da antiga fazenda Boa Vista localizadas então no pequeno município de Três Corações do Rio Verde, no sul de Minas Gerais, próximo à divisa dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro e da já conhecida estação termal de Caxambu. O estabelecimento fora encomendado pela União Industrial dos Estados do Brazil, companhia com sede no Rio de Janeiro que se dedicava à construção de estradas de ferro por todo o Brasil. Vê-se assim novamente o estreito vínculo entre o desenvolvimento de estâncias balneares com o espraçamento das linhas ferroviárias, que longe de garantir a mobilidade exclusividade de cargas, permitiram e fomentaram a circulação crescente de passageiros por distintas partes do país.

148 Documento datado de 07/05/1892 consultado no acervo de Bezzi no MP

As terras da fazenda haviam sido declaradas de utilidade pública desde o ano de 1861 frente à intensa atração que provocavam as nascentes e as águas virtuosas que ali brotavam utilizadas como remédio para os mais diversos males físicos. O isolamento das fontes e a adequação delas para ampla utilização só tiveram início no início da década de 1890, comandadas pelo engenheiro civil carioca Américo Werneck¹⁴⁹ e pelo químico francês Ch. Berthand¹⁵⁰.

O estabelecimento encomendado disporia de um hotel e um cassino, além de instalações adequadas à prática hidroterápica e, para a realização de seu projeto, Bezzi contou com consultoria do químico francês, quem, em cartas, estabelecia recomendações a serem seguidas:

Senhores diretores, me permito lhes dar um conselho sobre o projeto do hotel, para que não se esqueçam da questão da higiene moderna do ponto de vista da construção e da divisão dos quartos que serão especialmente afetados pelos doentes: o clima de Cambuquira demanda no verão que os quartos do hotel sejam aquecidos, para permitir aos doentes, que acabam de passar por um tratamento hidroterápico não percam o efeito do tratamento ao voltar a um quarto frio.

159

Não falarei com os senhores de todos os meios de ventilação e depuração dos quartos porque disso vocês já sabem; mas, parecendo-me um ponto muito importante para um hotel que será frequentado não somente por doentes mas também por pessoas bem educadas é a separação dos quartos por sistema de dupla vedação de tal maneira que o vizinho não ouça os gemidos do outro; assim como o piso.¹⁵¹

A carta torna evidente que para além de garantir os devidos cuidados para com os doentes que ao hotel rumariam em busca de cura, o conjunto deveria ser edificado seguindo os preceitos da elegância e conforto destinado às classes mais abastadas, assim como aquele que mais tarde se construiria no Guarujá.

Em cartas posteriores descobrimos que o projeto teria início ainda em 1892, quando teriam sido trocadas as primeiras informações entre a União e o engenheiro, indicando dados do terreno onde seria implantado o conjunto. A elas teriam se sucedido o envio das

149 Américo Werneck formado na escola politécnica em 1877, assumiria com a proclamação da República inúmeros cargos políticos nos estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Dentre eles, elege-se deputado estadual e federal no Rio de Janeiro, secretário de Agricultura e Obras Públicas do estado de Minas Gerais, e prefeito do município de Águas Virtuosas do Lambari no estado de MG. (<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/WERNECK,%20Am%C3%A9rico.pdf>)

150 GIACOMETTI, Erasmo Catauli. Cambuquira. Minas Gerais. IBGE – Conselho Nacional de Estatística, Coleção de Monografias, no 240, p.3

151 Carta datada de 29 de outubro de 1894 encontrada no acervo do Museu Paulista. Tradução de Raphael Daibert.

primeiras plantas gerais do Hotel e do Cassino em escala 1:250 e 1:500 e de orçamentos de engenharia e custo geral da proposta. As escalas dos desenhos indicam que o projeto se encontrava ainda em estudo bastante preliminar naquele momento e não se pode descobrir o quanto ele teria sido desenvolvido posteriormente. Assim como no processo de construção do Monumento a Independência, o projeto da Estação Termal de Cambuquira seria marcado por tensões entre contratante e contratado, e no ano de 1894, Bezzi por meio de seu representante legal, o advogado Martinho Garcez, cobraria os seus recebimentos da União que giravam na ordem de 30:000\$000, valor que, segundo o advogado representaria menos de 2% do orçamento estimado do estabelecimento.

O Hotel do Guarujá de autoria de Bezzi, ao contrário do projeto em Minas Gerais, sairia do papel e seria efetivamente inaugurado no dia 11 de Setembro de 1898, em meio a grandes festejos que contaram com a participação de Bezzi e de Pedro Fagnani, construtor, também de origem italiana que seria responsável pelas obras. Pouco se sabe sobre o contrato estabelecido entre o engenheiro e a Cia. ou sobre o andar da obra; a velocidade, porém, com que se edificou o prédio¹⁵² somada à presença do engenheiro e do construtor em sua inauguração, bem como à aproximação mantida posteriormente entre o italiano e Eduardo Prado, talvez sejam indicativos de um processo menos conturbado.

O edifício proposto por Bezzi diferia bastante de seu antecessor e conforme relato de periódico:

A fachada principal do edifício que é todo em pedra, cal e tijolo, tem 78 metros de frente, com 3 portas e 18 janelas, encimada por três pavilhões sendo um ao centro, com vinte metros de frente sobre três de fundo e cinco janelas, os dois laterais sobre cada extremidade do edifício, medindo 7 metros e 50 de frente com três janelas cada um e o mesmo fundo que o anterior.

Dá acesso ao primeiro pavimento elegante alpendre, cuja cobertura é assentada por colunas de ferro, sendo o solo de ladrilho em mosaico.

Atinge-se o alpendre por uma escadaria de granito oriundo de pedreiras existentes na própria ilha.

Entrando-se pela larga porta principal encontra-se um vestíbulo onde permanece o porteiro e estão os quadros destinados a colocação das cartas que ali chegam e finalmente o indicador elétrico em contato com as campainhas dos diversos aposentos.

152 A obra teria durado apenas 7 meses, iniciada em fevereiro, e inaugurada em setembro. Alguns relatos indicam que quando da inauguração parte do edifício ainda carecia de pintura e reparos internos. (O Estado de S. Paulo 11/09/1898.)

A direita está instalado o escritório da empresa e à esquerda a sala de leitura, em cujas paredes veem-se belas telas, ricamente emolduradas, representando duas, a vista geral da praia do Guarujá observada de pontos diversos, outras paisagens, todas devidas ao pincel do distinto artista santista benedito Calixto. A mobília é elegante e confortável, destacando-se uma bela escrivaninha de jacarandá lavrado e piano.

Em frente depara-se a ampla escada que dá acesso ao pavilhão central da parte superior do edifício; longo corredor divide em duas partes iguais todo o primeiro pavimento, e à sua direita e à esquerda estão os quartos, todos eles com largas janelas protegidas por vidraças e venezianas, mobiliados com simplicidade e elegância e iluminados por lâmpadas elétricas incandescentes da força de 10 velas.

Na parte posterior do edifício, oculta da vista dos que observam-no de frente, partindo do ponto central onde se ergue o grande pavilhão, foi construída uma ala de 30 metros de comprimento sobre 9,5 de largura, dividida em pavimento superior e inferior, correndo ao centro de ambos extenso corredor à cuja direita e esquerda estão colocados numerosos aposentos, perfeitamente iguais aos da fachada principal do edifício.

Aí tivemos ocasião de ver as dependências destinadas à rouparia, ao salão de barbeiro e cabelereiro.

Há em todo o edifício 75 aposentos de várias dimensões.¹⁵³

A longa descrição permite percorrer não apenas o exterior do edifício, registrado também nas fotografias e postais, como também seu interior, cuja planta elaborada a partir de originais encontrados em Santos de 1910, foi possível recuperar. O edifício estaria organizado em dois pavimentos, e ao contrário do seu antecessor seria dividido em quatro alas de dupla altura, conectadas por dois trechos de apenas um pavimento. Duas delas eram situadas em cada um dos extremos da face de maior comprimento, uma no trecho central, e a última se dispunha de maneira perpendicular ao restante do edifício, conectada a anterior. A divisão em alas, ausente na primeira versão do Hotel, recobra organizações residenciais típicas dos grandes *hôtel particuliers* franceses, que servirão como base para a organização tipológica dos novos palacetes residenciais edificadas em São Paulo¹⁵⁴. Com essa proposta há uma redução expressiva dos quartos que se voltam ao oceano, que passam a mirar, em

¹⁵³ Correio Paulistano 11/09/1898

¹⁵⁴ Camargo, 2007:319. Ver também nesse sentido Marcia Cecília Naclério Homem. O palacete Paulistano e outras formas de morar da elite cafeeira: 1867-1918. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

sua maioria, os pátios posteriores do Hotel. Do total de cômodos apenas 25 se voltam ao mar, sendo que deles só 11 estão no andar superior e podem assim gozar plenamente da vista marítima.

A partir dessa nova distribuição o edifício será marcado também por cinco núcleos de circulação vertical, dos quais um de menor dimensão e disposto junto à rouparia, indica a existência provável de um percurso destinado exclusivamente aos empregados da Cia, fortalecendo a sua semelhança com os palacetes residenciais e garantindo espacialmente a hierarquia funcional e social do uso do edifício.

Diferentemente do prédio anterior, este é marcado pela ausência de varandas, havendo apenas um pequeno alpendre junto à entrada principal como área externa coberta; o restante das faces é pontuado apenas pelas sucessivas aberturas, dando dessa forma destaque para a massa edificada em alvenaria decorada ligeiramente com alguns frisos horizontais. O início da cobertura é escondido por uma pequena platibanda, essa sim ricamente decorada. Pelo pouco que se pode vislumbrar da ala situado aos fundos, esta parece ser uma construção bastante mais simplória que o restante do edifício, estando ausentes os frisos bem como a platibanda decorada. Tais mudanças propostas não são apenas estilísticas, e conferem ao conjunto uma experiência distinta da anterior. Se como já dito a renovação do hotel ocorre concomitante ao processo de apagamento dos chalés em São Paulo, frente à sua crescente popularização, no Guarujá a substituição dessa tipologia arquitetônica que se voltava de maneira mais franca ao exterior, pela arquitetura proposta por Bezzi, representa um cambio também nas práticas de sociabilidade, marcadas por uma maior sobriedade, hierarquização e isolamento dos cômodos, em especial aqueles destinados ao retiro dos hóspedes e uma maior importância dos espaços interiores.

O projeto proposto se destaca ainda por sua materialidade. Além de ser edificado em alvenaria de tijolos, provavelmente oriundos da olaria de posse da Cia situada na Ilha, o prédio fazia uso de pedras locais, indicando o fortalecimento não só de produtos locais, como de mão de obra da ilha. Desde a inauguração da Vila ocorrida há 5 anos, é bastante provável que sua ocupação tenha se alterado, e que haja havido um deslocamento não só de viajantes como de trabalhadores para o entorno. Já em 1895, o Correio Paulistano anuncia a presença de outro hotel na Ilha, o Grande Hotel Cosmopolitano controlado por Mme. Etienne¹⁵⁵. Não se sabe a exata localização do empreendimento, a trajetória de sua proprietária ou quaisquer de suas características além daquelas anunciadas –bem montado estabelecimento, recomenda-se pela sua boa situação. Serviço com todo capricho, asseio e prontidão. Cozinha francesa. Diária 8\$000¹⁵⁶. No entanto, sua presença indica a fluência crescente de pessoas à ilha, sejam aquelas desejosas de gozar de suas qualidades, sejam aquelas que dela buscam ganho e sustento financeiro.

¹⁵⁵ O Estado de S. Paulo 01/06/1895

¹⁵⁶ Não se descobriu os valores das diárias oferecidos pelo Hotel do Guarujá neste momento. No entanto, anos mais tarde o valor mais baixo praticado corresponderia ao dobro do valor do Hotel de Mme. Etienne.

Além de possíveis outros hotéis na ilha de Santo Amaro, a partir de 1896, surgem nas areias da antiga Barra de Santos, outros tantos hotéis, que à semelhança daquele situado no Guarujá, se destinavam às classes mais abastadas¹⁵⁷. A renovação do conjunto se tornava nesse sentido imperativa para assegurar que a Vila mantivesse seu lugar conquistado dentro dos círculos sociais paulistas, condição que a geografia e a natureza sozinhas não conseguiam assegurar. O festejo de inauguração desempenhava assim papel central para marcar simbolicamente o ressurgimento do hotel e assegurar seu posto como verdadeiro “*paraíso, tudo o que se pode desejar de belo e de grandioso*”¹⁵⁸.

A inauguração de 1898 seguiu alguns moldes daquela realizada em 1893: a viagem, com início em São Paulo em trens especiais e ricamente decorados, fez-se com a presença de música à cargo da banda do Corpo de Bombeiros. A chegada em Santos, foi marcada pela recepção de diretores da Cia, que ali se juntaram aos ilustres convidados a bordo das lanchas, também decoradas até a chegada a ilha. Um vez transposto o canal e cruzado os trechos da ilha sobre os trilhos da linha ferroviária que conectava o Itapema à praia, os convidados puderam explorar os espaços edificados da Vila, e cresciam em número a cada nova chegada de trens, tendo o último comboio aportado na ilha apenas às 23h. Além das danças ocorridas após o jantar servido às 21h e após o chá oferecido às 24h00 - realizados em mesas ricamente ornamentadas com flores naturais, elementos de prata *Christofle* que reluziam a luz elétrica disposta engenhosamente dentro de cada um dos arranjos – uma corrida de ciclistas dividida em 5 páreos no espaço beira-mar provocou enorme entusiasmo e animação entre os presentes durante toda a tarde.

Os ciclistas estavam presentes desde a gare da luz, de onde, em comboio exclusivo acompanhavam o restante dos convidados e assim garantiam o deleite entre os presentes pelo

novos gêneros de sport, discutindo-se a superioridade da máquina Cleaveland sobre a Brewster, dessa sobre a Columbia, com o que não concordavam, mas que afirmavam categoricamente que a melhor marca era a Defiance, seguindo-se logo a contestação dos entusiastas da Monarch etc etc.¹⁵⁹

O ciclismo e uso da bicicleta ganhavam cada vez mais adeptos em São Paulo e para além de constituírem uma prática benéfica recomendada pelos médicos, se configurava como

157 Sobre isso retornaremos no capítulo seguinte.

158 Correio Paulistano 11/09/1898

159 Correio Paulistano 11/09/1898

03.28 Planta primeiro pavimento Grande Hotel.

03.29 Planta pavimento térreo Grande Hotel.

01. Entrada	08. Correio
02. Hall	09. Barbeiro
03. Escritório	10. Sala de Jantar
04. Porteiro	11. Sala de Jantar para meninos
05. Salão	12. Sala de Jogos
06. Banho	13. Adega
07. Quartos	

As plantas foram elaboradas a partir de plantas posteriores que indicavam transformações no edifício segundo projeto de ampliação de Ramos de Azevedo, presente no acervo da FAMS.

03.28

165

03.29

03.30 Corpo principal do Hotel em sua segunda versão, com casino no primeiro plano e chalés ao fundo [s.d.]. Fonte: IEB. Acervo Caio Prado Junior

Imagem retirada do álbum de fotografias da família Prado. O Registro do Hotel em sua segunda versão indica que as fotografias presentes no álbum remontam a data posterior a 1897. Se alcance ver de perto aspectos do arruamento, os postes de iluminação elétrica e detalhes da arquitetura do corpo principal do Hotel.

03.31 Anúncios de bicicletas publicados no ano de 1898. Fonte: Correio Paulistano.

03.30

BYCICLETAS
MARCA
REMINGTON (americana)
AO THERMOMETRO
Casa especial de instrumentos de alta cirurgia, instrumentos de musica, brinquedos e artigos de phantasia. Especialidade em oculos e place-mez. Oficina para concertos.
Antonio Pereira da Cunha
30 - RUA DIREITA - 30
S. PAULO

A MELHOR?
A MAIS SOLIDA?
É A BYCICLETA

CLEVELAND
LEVE, EXTRA-SOLIDA, ELEGANTE
UNICOS AGENTES
LIDGERWOOD MANUFACTURING C.ª L.ª
14 - Rua do Commercio - 14
S. PAULO

03.31

prática de recreio que reunia admiradores¹⁶⁰. Para dar suporte às práticas membros da família Silva Prado doaram parte de terreno situado no bairro da Consolação para a instalação de um Velódromo, que teria sua inauguração em setembro de 1895. Com projeto de Demetrio Ricci, contava com uma pista elíptica de 380 metros de extensão e largura variável de 4 a 8 m revestida em saibro, arquibancadas em madeira, oficina, bilheteria e um chalé onde ficava sediada a sede do clube, com escritório, vestiários, refeitório e dois salões para a prática esportiva¹⁶¹. Pouco tempo após a inauguração, em junho de 1896, o conjunto seria novamente inaugurado, a pista e as arquibancadas passaram por reforma e a sede do clube por uma pequena ampliação, projetos que seriam também de autoria de Thomasso Bezzi. O velódromo poderia assim receber entre 800 a 1000 pessoas, e em dias de grande lotação, contando-se com espectadores em pé, o público poderia acomodar até 4000 pessoas.

Para além das corridas no velódromo, notícias sobre excursões em bicicleta são encontradas nas páginas dos periódicos. Ciclistas amadores partem de São Paulo a pontos distantes, como Santos, sobre as duas rodas, à despeito das péssimas condições das estradas e em seu destino são esperados e saudados calorosamente por multidões.¹⁶²

As bicicletas tinham origem diversas, sendo importada dos EUA, Inglaterra, França entre outros países e vendidas em diversas lojas situadas no centro da cidade. Para além das debatidas entre os ciclistas a caminho da Balneária, despontavam nas lojas paulistanas as famosas “Bicyclettes Clement” e “Bicyclettes Lambert” importadas em escala comercial desde Paris. Anunciadas para homens e mulheres, crianças e corredores, despontavam como um novo objeto de consumo, fruto do processo de industrialização, que em conjunção com o corpo humano representava novas formas de civilidade e fontes de pulsão e energia. Conforme nota Sevcenko:

O fenômeno era recente e suas trilhas de difusão pulsavam manifestantes. Considerado um avanço incontestável, uma conquista social, seu advento marcava uma nova etapa na história da humanidade, De par com as últimas descobertas tecnológicas, de fato como um desdobra-

160 Para mais sobre o ciclismo e o avanço de suas práticas atreladas a modelos de sociabilidade urbana ver: SCHETINO, André Maia. Pedalando na modernidade: a bicicleta e o ciclismo: uma análise comparada entre Rio de Janeiro e Paris na transição dos séculos XIX e XX. 2008. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, Rio de Janeiro; MELO, Victor Andrade de; PERES, Fabio de Faria. “Lazer, esporte e cultura urbana na transição dos séculos XIX e XX: conexões entre Paris e Rio de Janeiro”; MELO, Victor Andrade de; SCHETINO, André. A bicicleta, o ciclismo e as mulheres na transição dos séculos XIX e XX. Rev. Estudos. Feministas vol.17 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2009; SOUZA, Yuri Vasquez. Quando as rodas conquistam a cidade: cultura, tensões, conflitos e ações na prática do ciclismo em São Paulo. Mestrado em História PUCSP, São Paulo 2016.

161 Nota-se a presença dessa modalidade arquitetônica novamente aliada a equipamentos de recreio que se configuravam como espaço de sociabilidade moderna nas classes mais abastadas. (Gambeta; 2015,77). A bola rolou.

162 Correio Paulistano 27/01/1897. Cabe destacar que as figuras que percorrem esse trajeto não são atletas mas sim entusiastas amadores das práticas. Encontram-se entre eles: Pedro Luiz Pereira de Souza, farmacêutico; Bento Viana, mecânico; Mario Jordão e Edmundo Jordão, cuja atividade profissional não é revelada. Essa característica é central para a conquista da bicicleta como prática desportiva incorporada à sociabilidade burguesa.

mento delas, se destacou também a noção de um corpo humano em particular e a sociedade como um todo são também máquinas, autênticos dínamos geradores de energia.¹⁶³

A conjunção portanto do beira-mar com ciclismo, reinventava não só o espaço da praia, marcando-o como um nova localidade para realização de práticas esportivas, como também renovava os corpos dos que por ali passavam, alargando a imagem do banhista ou do viajante. O ciclismo exaltado e praticado, não só por atletas, mas sobretudo por membros da elite social, fortalecia o surgimento de um novo corpo sadio que para além de evitar a doença, buscava uma eficácia física e mental e portanto encontrava-se em perfeita sintonia com os preceitos difundidos pela estação balnear. Ali o corpo pode despontar a partir de uma nova relação entre tamanho e peso, desenvolvimento muscular e mobilidade, garantido e capaz de ser medido não só pelos dispositivos mecânicos que organizam movimentos e força muscular¹⁶⁴ como também pelo cenário aparelhado, pela natureza controlada e pela vida ao ar livre.

Se essa transformação ainda era bastante embrionária no fim do século XIX, acarretaria em mudanças fundamentais no uso da praia no século seguinte, em especial a partir da década de 20, onde o estilo de vida esportista praiano se consolidaria como mais uma das marcas distintivas desse espaço.¹⁶⁵

A participação de Bezzi, cuja atuação como vimos está relacionada a diversos outros projetos emblemáticos da cidade que postularão modelos paradigmáticos tanto dentro do campo disciplinar da arquitetura e engenharia, como ainda, de uma civilidade e maneiras de estar no mundo a serem alcançadas; somada aos ritos de inauguração da nova sede do Hotel e Cassino da Vila, busca alinhar o conjunto aos novos preceitos de modernidade, que incidem sobre espaços e corpos. Assim, por meio da renovação de seus dispositivos e munidos de novas estratégias de ocupação, organização e desfrute a Vila Balneária do Guarujá continuaria ocupando lugar central dentro dos espaços de sociabilidade das elites paulistas, alargando e expandindo seus sentidos, e renovando seus traços distintivos.

Como curiosidade nos parece interessante abordar ainda momento posterior na trajetória de Bezzi, que encontrará espelhamentos no Guarujá que, mais adiante buscaremos anunciar. É quando por volta do ano de 1907, o engenheiro italiano se associa ao empresário Francis Walter, ao arquiteto R. G. Lovell e a R. G. Reidy, para

obter do Governo Federal e dos governos estaduais a concessão de favores com o fim de instalar luxuosamente Hotéis e Hotéis Sanatórios e mais melhoramentos coligados a esse gênero de estabelecimento, como

163 Sevcenko, p.45

164 O corpo corrigido, trabalhado e executado. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jaques; VIGARELLO, Georges (org.) . Historia do corpo: As mutações do olhar: o século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

165 Nesse sentido ver O'Donnell, 2013 em especial o capítulo 5: Um estilo Copacabana

sejam banhos de mar e os divertimentos que se podem anexar a Hotéis nas cidades, no campo, sanatórios ou estações balneares.¹⁶⁶

Francis Walter era um dos sócios fundadores da Walter Brothers & Co. empresa de capital inglês com sede no Rio de Janeiro, dedicada, desde o começo dos anos 1900 ao comércio de comissões, importações e exportações diversas, e seria o responsável pela articulação das demais figuras. O arquiteto inglês se apresentava como perito e especialista em matéria de hotéis e seu nome estaria ligado ao estabelecimento e construção dos hotéis Carlton em Londres, Johannesburgo, Edimburgo, Madri, Granada, Montreal, do Hotel Ritz em Londres, e outros tantos situados em Nice, Lisboa, San Sebastian...

Cartas então são trocadas entre Bezzi e Walter a fim de discutir os avanços das negociações com o Estado para que se instale o primeiro desses luxuosos hotéis, disposto no entroncamento das Avenida Central e Beira-Mar no Rio de Janeiro, fronteiro ao, até então existente, Palácio Monroe. Os grandes *melhoramentos* realizados na cidade do Rio de Janeiro nos recentes anos e o grande numero de transeuntes nacionais e estrangeiros pela cidade são elencados como as principais motivações para o desenvolvimento do empreendimento. O hotel que estaria ligado às companhias de navegação nacionais e estrangeiras, como também à estrada de ferro, seria construído pelo *sistema mais moderno* e com todos os melhoramentos mais atuais de acordo com os regulamentos ingleses e adaptados às posturas municipais da capital.

É curioso notar nesse sentido as transformações brutais que sofrem, em um curto espaço de tempo, a montagem desse tipo de estabelecimento em determinados pontos do país, dentre os quais assim como o Rio de Janeiro, o Guarujá será testemunha. A presença de capital financeiro internacional; a constituição de redes hoteleiras internacionais que sistematizam e padronizam os serviços ofertados; a reinvenção e manutenção dos sentidos distintivos de práticas beira-mar; o caráter representativo da arquitetura eclética de traços europeus; a relação imbricada entre os agentes privados e o poder público, tornar-se-ão características centrais, passíveis de serem vislumbradas também na última renovação do Hotel do Guarujá ocorrida em 1913.

ENTRE PORCELANA, ZINCO E PÓLVORA

CAPITULO 04

Já se sentia encantado pelo ritmo agradável de tal existência. Rapidamente o fascinara a suntuosa e cômoda moleza desse modo de viver. Não era deveras maravilhoso esse lugar, que unia as amenidades de um balneário civilizado numa praia meridional às vantagens da simpática proximidade duma cidade esquisita e prodigiosa? Aschenbach não amava o prazer. Quando e onde quer que se tratasse de folgar, de repousar, de levar uma vida ociosa, o enjôo e a inquietude faziam logo - sobretudo nos tempos da sua mocidade - com que ele ansiasse por voltar à sua sublime labuta, ao sagrado e prosaico serviço de todos os dias.

*Thomas Mann. A morte em Veneza, 1912*¹⁶⁷

UM MÉDICO NA BALNEÁRIA

No dia 1º de dezembro de 1896 assume a superintendência da Cia Balneária, após votação em assembleia ocorrida em fim de novembro do mesmo ano, o Dr. Eulálio da Costa Carvalho. Nascido na Bahia é médico de formação, atividade que exerce de maneira autônoma na cidade de São Paulo desde o início da década de 80, conforme atestam os inúmeros anúncios públicos nas páginas do Correio Paulistano. A partir de 1885 assumirá durante pouco mais de dois anos posto de médico da câmara municipal de São Paulo, quando se torna responsável pela elaboração de múltiplos atestados de óbitos, atendimentos públicos e avaliador de alguns processos de transformação urbana que envolvem debates acerca a noção de higiene da cidade. Ainda antes de assumir seu posto na Cia, Eulálio assumirá outro cargo público que o torna figura corrente nas páginas dos periódicos. É quando, após a morte de seu tio José da Costa Carvalho, Marquês de Monte Alegre importante político do império que morre sem deixar herdeiros, torna-se oficial do Registro Geral de Hipotecas a comarca da capital, cargo vitalício que ocupará mesmo durante o período em que esteve à frente da gerência da estação balnear.

175

Ambas as atuações prévias farão com que Eulálio tenha um lugar de destaque na Cia, ora respondendo tendo em vista sua experiência enquanto médico, ora recorrendo à sua experiência mais administrativa, avaliando as finanças e as condições dos bens materiais da Vila Balneária que passam à sua responsabilidade. Seu vínculo ao aparato estatal, desempenhado em ambas as atividades, também será de grande valia, como poderemos ver. A gerência e superintendência do empreendimento deixam assim as mãos de algum de seus sócios fundadores e passam ao controle de um terceiro cuja trajetória profissional é entendida enquanto chave para que a função seja devidamente desempenhada. Ainda que essa característica seja fundamental, Eulálio, não é uma figura alheia ao grupo dos fundadores da Cia, e não só circula no mesmo meio de exclusividade dos membros das famílias Prado, Chaves e Jordão, como também provém de uma tradicional família de políticos e empresários do Império, ligadas tanto aos círculos baianos como também do interior paulista, possuindo importantes fazendas em Piracicaba, onde exerceu a função de presidente da Câmara, e, cuja família é ligada por vínculos matrimoniais com membros de outras famílias da elite cafeeira.¹⁶⁸

168 Vale ainda ressaltar que para além de toda a importância política de seu tio durante o Império, este fora casado com Genebra de Barros Leite, viúva do brigadeiro Luís Antônio de Sousa Queirós, e após sua morte, com Maria Izabel de Souza Alvim, estreitando assim os vínculos entre as elites paulistas e baianas.

A chegada de Eulálio à Ilha de Santo Amaro coincide com um grave momento vivido em Santos resultado do rápido espriamento da epidemia de febre amarela. Se já no ano de 1889, a febre atacava a cidade com extrema intensidade vitimando quase 4% de seus habitantes, na década seguinte será tratada como caso de calamidade pública, havendo um enorme contingente de vítimas durante toda a década com um acentuado número nos anos de 1894 e 1895, justamente os anos que antecederam a chegada do médico ao estabelecimento.¹⁶⁹ Assegurar, por todos os meios possíveis que a febre não atingisse a Ilha de Santo Amaro, e que o conjunto da Vila Balneária seguisse imune às epidemias, servindo inclusive como espaço para a cura de seus males, configurou-se assim como uma das atribuições centrais de Eulálio.

Erguida, como já visto, a partir dos preceitos de modernidade que atrelavam as noções de progresso, higiene e saberes científicos, a ameaça que a febre apresentaria para a Vila prejudicaria não só os rendimentos econômicos, mas sobretudo as bases de sua constituição. A febre se coloca dessa forma como mais um elemento antitético do conjunto edificado não havendo, simbolicamente, espaço possível para seu florescimento.

A febre amarela, bem como outras febres paulistas eram naquele momento alvo de intensas pesquisas e debates entre os médicos e cientistas; durante as décadas de 1880 e 1890, crescia o interesse pelos mecanismos de transmissão das doenças com etiologia microbiana e as investigações em curso punham em evidência, de um lado, água, esgotos, alimentos, dejeções do corpo, portadores humanos assintomáticos e, de outro, cães, gatos, pássaros, insetos...¹⁷⁰ Os primeiros relatórios publicados em 1897 por Adolpho Lutz, um dos principais pesquisadores das febres e doenças tropicais desse período, apontam para a concentração de importantes focos de malária na Barra de Santos, no Guarujá, no Rio de Janeiro e em Paranaguá¹⁷¹. Se a presença desse foco no Guarujá é pouco retratada nos periódicos consultados, ou que seja difícil precisar em que ponto da Ilha de Santo Amaro ele se concentra, é impossível ignorar sua presença nos relatórios do pesquisador, e ainda mais não salientar a sua possível proximidade com a Vila Balneária, uma vez que é este o trecho da Ilha que atende até aquele o momento sob o nome Guarujá.

Eis então que em maio de 1898 o periódico Noite publica em suas páginas que dois óbitos ocorridos no Guarujá teriam sido fruto do avanço da febre amarela sobre a Ilha. Sem negar a ocorrência das vítimas e sem esclarecer a sua causa, Eulálio presta declarações a periódicos santistas refutando a existência da febre não só na ilha, como buscando relativizar a intensidade da epidemia também em Santos:

Declarou-nos ontem o sr. Dr. Eulálio da Costa Carvalho ser inteira-

169 “Entre 1890 e 1900 morreram vítimas das epidemias 22.558 pessoas. Este numero correspondia a mais ou menos metade da população da cidade.” Lanna; 1996, 69

170 Ferrovias, doenças e medicina tropical no Brasil da Primeira República, BENCHIMOLL, Jaime Larry; SILVA André Felipe Cândido da. Ferrovias, doenças e medicina tropical no Brasil da Primeira República. In: Hist. cienc. saude-Manguinhos vol.15 no.3 Rio de Janeiro Jul/Set. 2008.

171 idem

mente destituída de fundamento a informação prestada à Noite por uma pessoa vinda de Santos de que a epidemia de febre amarela está gravando naquela cidade de um modo assustador.

Disse mais que os dois óbitos que se deram na Ilha balneária do Guarujá, a que se refere o informante da Noite, não foram de febre amarela.

O dr. Eulálio disse-nos mais ser exagerado o numero de doentes de febre amarela que o informante do nosso colega da Noite disse existir no hospital de Santos.¹⁷²

Outra curiosa indicação desponta nas páginas do Correio Paulistano pouco antes da chegada de Eulálio à ilha. Trata-se de um pequeno chiste, que se não é caracterizado por retratar um fato específico, indica que a febre não passava tão longe do Guarujá nem do ponto de vista do imaginário:

No Guarujá achava-se uma senhora inconsolável com a perda de uma filha querida.

- Coragem! Minha senhora, diz-lhe um banhista, conhecido cavalheiro desta praça. Minha filha também foi há 8 dias arrebatada.

- Com certeza pela febre amarela!

- Não minha senhora, pelo vizinho da frente!¹⁷³

A conclusão cômica do diálogo transcrito, contrasta com o início da conversa. A alusão ao tempo do ciclo da doença somada à própria presença dos dois personagens na estação balnear marcada ainda pela presença da água, podem tanto indicar a ameaça da doença na estação quanto a consolidação desta como destino para não só aplacar os sintomas dos contagiados, mas também para o arrefecimento da tristeza gerada pela perda – seja ela causada pela doença ou pelo suposto *vizinho da frente*.

Ambas notícias transcritas são publicadas nos meses considerados mais propícios para a estação de banhos - que ocorria entre maio a setembro - e ao mesmo tempo nos meses de maior controle das epidemias e, portanto, menor incidência da febre. Ainda que os relatos não constatem a existência efetiva das febres na Vila, a ameaça de sua existência estava colocada e era repostada justamente nos momentos em que a frequência de visitantes aumentava. Em possível reação a isso ou talvez buscando a erradicação de casos silenciados da doença, como parte de conjunto de modificações na estrutura física da Vila, Eulálio mandara aterrar parte de um bosque situado nos fundos do Grande Hotel, considerado por muitos como um possível foco irradiador da doença. Como vimos anteriormente a

172 Commercio de SP 22/05/1898

173 Correio Paulistano 30/08/1895

ilha era marcada pela presença de inúmeros rios e córregos, que conformavam áreas pantanosas e de mangue, em especial no trecho próximo ao Itapema, que desde a fundação da Vila era visto com maus olhos. Durante a expansão das epidemias, essa seria a natureza intensamente combatida e que passaria por transformações e, para além da presença efetiva do médico na Vila, seria a medida mais significativa de combate às doenças levada a cabo naquele momento.

Nos mesmos anos em que Eulálio comanda estação, abre-se ao público um conjunto de novos estabelecimentos hoteleiros de luxo, similares ao do Guarujá, na orla atlântica de Santos, que nestes anos se modifica enormemente devido à contribuição à mobilidade oferecida pela expansão das linhas de bonde pelas Av. Ana Costa e Conselheiro Nébias.¹⁷⁴ O Grande Hotel do Guarujá passava a disputar então não só com o espraçamento da febre amarela, mas também com outros estabelecimentos que possuíam uma oferta de serviços bastante similar, ou ainda mais ampla, em edificações recém inauguradas. A necessidade de atualização dos serviços oferecidos e de transformação de suas estruturas físicas tornam-se fundamentais, e também a elas corresponde esse conjunto de transformações físicas acima referido. Soma-se a isso o agravante de a Cia apresentar, passados mais de três anos de sua inauguração, sinais de envelhecimento, desgaste material, em especial nos edifícios construídos em madeira, e principalmente um grande débito financeiro, sanado ano após anos por meio de sucessivos aportes financeiros realizados pela Cia Prado Chaves. Todas essas indicações se fazem presentes no primeiro relatório produzido por Eulálio, divulgado em março de 1897, revelador da grave situação que se encontra o empreendimento.

O relatório começa por listar os bens de propriedade da Cia, para logo em seguida ressaltar seu estado físico precário e a necessidade de importantes aportes para sua manutenção:

O hotel, o cassino, todos os chalés de madeira, a estação, os quartos dos banhistas reclamaram e reclamam providências importantes e urgentes; tais quais a pintura em geral, concertos ou substituição dos assoalhos das varandas, das venezianas e das ferragens.

O teatro da mesma forma, porque a parte da madeira está bastante estragada.

Se o conjunto construído em madeira apresentava a necessidade urgente de manutenção,

174 É evidente que este não é o único fator de contribuição para a transformação da ocupação da orla atlântica santista. Como temos visto, a ocupação beira-mar ocorre em consonância a uma série de preceitos físicos, materiais, imaginários, psicológicos, devendo ser compreendida em suas múltiplas dimensões. Entre os estabelecimentos inaugurados cabe destacar: o Hotel Internacional situado no bairro de José Menino, inaugurado em 1895, o Miramar em 1896, o Parque Balneário e o Hotel Atlântico situados junto ao fim da Av. Ana Costa, e por fim o Hotel Palace.

considerada a princípio mais simples, todo o aparato necessário para a realização do traslado dos hóspedes, visitantes e cargas desde a cidade de Santos até a estação do Guarujá estava completamente danificado e exigiria aportes bastante mais significativos:

O trem rodante achava-se quase todo em mau estado e apesar de muito melhorado, exige ainda trabalhos e despesas não pequenos : somente uma locomotiva funcionava regularmente e duas estavam de todo fora do serviço por danificadas, mas agora funcionam três e em breve funcionará a quarta.

Um dos carros de 1ª classe estava fora do serviço por muito estragado e já está em termos de voltar ao tráfego, de todo restaurado.

O carro misto de 1ª e 2ª classes trabalha muito mal em virtude do mau estado das rodas e em breve será retirado do serviço para substituir estas e fazer outros reparos.

Achando-se brek muito deteriorado, fiz o substituir por um feito na oficina aproveitando-se para isso a mesa de um wagon de lastro pequeno.

Três wagons grandes de lastro estavam e ainda continuam em mau estado a servir nos trabalhos de aterro; mas está providenciado para sua reconstrução em breve tempo.

(...)

Encontrei o material da navegação em tristes condições, quase em termos de ser suspenso o serviço ou lançar mãos de lanchas alugadas e, apesar de meus continuados esforços, é preciso confessa-lo, não esta em pé conveniente.

Esse serviço da navegação exige os maiores cuidados e toda energia para ser levado a condições satisfatórias, por que depende de pessoal da pior espécie.

O vapor “São Paulo” - ha muitos meses - está no porto do Rio de Janeiro a fim de ser vendido, sem que isso tenha sido conseguido, fazendo entretanto despesa mensal superior a seis contos mil réis.

Examinado - ha pouco - o estado do casco e das maquinas e orçados os concertos, importariam estes em mais de quarenta contos de réis , o que não convém despende, principalmente, por que esse vapor, depende de custeio elevado, pode ser dispensado.

Já em novembro último o “Santos” estava em concertos e em princípios de dezembro, verificada a necessidade de grandes reparos, esta recebendo reforma quase radical.

Infelizmente na cidade de Santos faltam muitos recursos e por isso, apesar dos meus esforços, ainda se conservará fora do serviço talvez por mais de um mês.

A barca “Guarujá”, a que melhores serviços tem prestado, também necessitava de reparos, conquanto estivesse trabalhando.

(...)

A “Santo Amaro”, alimentada a querosene, ha muito que não trabalha por desmancho na maquina. Falta em Santos quem a concerte.

(...)

Tendo sido encomendada para a Europa nova barca á querosene , maior do que a Santo Amaro, mandou-se contratar profissional que com ela venha e trabalhe. Espero a vinda desta para reparar aquela maquina de construção e funcionamento semelhante.

Ha dois botes em bom estado, ainda reparados ultimamente, dois carecem de não pequenos concertos e dois acompanharam segundo dizem-me, o vapor “São Paulo”.

Das três lanchas de carga - uma trabalha a outra vae ser reparada e uma parece condenada por incapaz.

180

A longa transcrição revela que apesar de empenhados esforços já desde os primeiros meses em que assume a superintendência por meio de imediatos reparos, provavelmente visando garantir o funcionamento das instalações durante estação de banhos que se aproximava, Eulálio constata o desmonte de toda a infraestrutura primordial do estabelecimento. Tanto os vapores, alguns dos quais trazidos dos Estados Unidos e noticiados com bastante entusiasmo alguns anos antes, quanto os trens já se encontravam em absoluta precariedade, sendo grande parte dele inutilizada. Fica evidente assim o descompasso entre a imagem profetizada pela Vila e seu péssimo estado de conservação e funcionamento.

Eulálio chama ainda atenção ao precário estado das construções e abrigos destinados ao trabalho de funcionários da Vila e também ao seu recolhimento. O relatório apresenta assim pistas de como estavam organizados espacialmente o vasto e heterogêneo grupo de funcionários do empreendimento:

Os ranchos em numero superior a vinte, esparsos aqui e ali no Guarujá e no Itapema, são da pior construção e sua permanência é inconveniente. Fechados e cobertos por folhas de zinco, em geral velhas e de pedaços de madeiras, sem pintura, fazem péssima impressão, além de acomodarem pessimamente os operários empregados da Companhia.

(...)

A oficina mal merece este nome : sob telheiro mal construído e con-

servado ameaçando desabar , trabalham os mecânicos da companhia, guardam-se alguns dos carros e locomotivas, estão colocadas e funcionam as poucas e pequenas máquinas para os serviços de ferreiro, ajustadores, encanador e carpinteiros.

Além da construção não oferecer a segurança necessária, o interior do telheiro é lavado pelas chuvas , que interrompem os trabalhos e danificam tudo , especialmente os carros e as locomotivas que ficam expostos as intempéries, porque além de tudo o telheiro não tem a capacidade para resguarda-los.

Dispersa ao longo da estrada de ferro que liga a chegada da balsa no Itapema à estação ferroviária do Guarujá, parte dos funcionários trabalharia e viveria em precárias edificações de simples construção, que dispunham de parcos fechamentos em relação ao ambiente exterior, realizados como descrito em folhas de zinco, assemelhando-se às mais precárias e rudimentares autoconstruções situadas em geral à margem dos portos. A designação de ranchos permite supor ainda a ausência de qualquer compartimentação interior, indicando o provável compartilhamento dos abrigos por diversos funcionários, ou ao menos das atividades ali dentro desempenhadas, não havendo, pois, a provisão de unidades ou cômodos segregados¹⁷⁵. O contraste entre as construções pré-fabricadas de madeira, organizadas em uma estrutura urbana reconhecível e ordenada situadas a beira-mar, com a dispersão desses ranchos pelo território, edificados a partir de resquícios do processo de industrialização é portanto elemento central na constituição da Vila. O estranhamento provocado por esse contraste, distanciando os ranchos, seja em função de sua condição física e material, seja ainda pelo modos como eram utilizados e vividos, dos preceitos que organizam o restante das construções na Vila é evidente; no entanto, para além de indicar disparidades e hierarquias dispostas desde o início da exploração da ilha, remonta a estruturas do processo de modernização e urbanização então em curso, assentadas sobre uma brutal diferenciação sócio-espacial, e que de certo modo perduram longamente nos processos de ocupação litorânea paulista.

Desponta ainda nesse pequeno trecho, um grupo grande de trabalhadores, cujos serviços estão longe das vistas do grande publico de passeantes: mecânicos, carpinteiros, encanadores, ferreiros. Seriam estes que habitariam e trabalhariam nos precários ranchos, revelando também diferenciações internas entre a experiência vivida pelo grupo de funcionários da Vila.

O relatório segue ainda descrevendo a condição financeira do empreendimento, destaca também pelo seu grave estado, em constante débito, que não seria sanado sequer pela completa utilização das estruturas existentes por visitantes pagantes:

175 Em dicionários do período consultados a palavra rancho recebe a seguinte definição: *pessoas que comem e dormem na mesma camarada. A divisão da mesma camarada. Tenda ou barraca movem nos caminhos.* (dicionário da Língua Brasileira Luiz Maria da Silva Pinto.)

É irresistível a eloquência dos algarismos !

O balanço que submeto á vossa consideração, se não é de todo desanimador obriga a cogitações muito sérias, infunde receios muito justificados aos que tem seus capitais comprometidos na empresa, cujo ativo e passivo ele demonstra.

(...)

A renda do Cassino é insignificante ou quase não há renda ; a do hotel desde dezembro é nenhuma em relação a despesa indispensável e, chegados os meses de frequência de hospedes, os saldos apurados mal darão para compensar as despesas de agora com a compra de louças, roupas, muitos outros objetos para decente tratamento e sobre tudo com os concertos e pintura das varandas.

Os chalés alugados produzem menos de dois terços do que deveriam produzir mensalmente por acharem-se muitos desocupados : a 30 de novembro somente havia 23 chalés ocupados , produzindo apenas 5:125\$000 apesar da elevação dos alugueis ; a 28 de fevereiro, apesar da redução nestes, havia somente 28 alugados rendendo 5:471\$000; entretanto que o aluguel mensal de todos seria superior a nove contos de réis.

O desanimador relato constata a imperiosa necessidade de gastos para a manutenção da Vila ao mesmo tempo que a sua aparentemente incapacidade de produzir ativos, seja por meio dos serviços oferecidos pelo Casino, pelo Hotel ou ainda pelo arrendamento dos vários chalés. Reside aí um impasse essencial entendido pela contraposição entre o desejo de constituição de um espaço de lazer exclusivo e de sua exploração enquanto um empreendimento comercial, produtor de mais riquezas para os que o disfrutam.

Após elencar tão trágico panorama e indicar a existência desse aparente insolúvel impasse, Eulálio lista medidas que considera necessárias para salvar o empreendimento e reposiciona-lo frente aos demais, ajustando principalmente suas estruturas físicas mas também reconstruindo sua estabilidade financeira e comercial. Por um lado, destaca Carvalho, a Cia deveria, ainda que em condições financeiras bastantes fragilizadas, não só fazer a correta manutenção da estrutura existente (com a provisão de pintura, manutenção das varandas, assoalhos, telhados, esquadrias etc), mas também dotar a Vila de novas edificações que permitam a ela oferecer novos meios de divertimento, distração e conforto aos visitantes, que acarretariam uma possível ampliação de ganhos financeiros, mas sobretudo seriam melhoramentos que embelezariam o conjunto. Eram sugeridas então: casas baratas de alvenaria para operários, serventes e banhistas; nova oficina, cujo plano ja estaria previa-

mente organizado; uma linha telefônica que ligue o Guarujá a Santos e finalmente construir um estabelecimento balneário com banhos de água quente e fria, doce e salgadas, banhos de imersão e duchas, salas de ginástica e inclusive uma sala de patinação. Eulálio estabelece assim não só um plano de manutenção, mas também um novo programa de serviços, em provável sintonia com o que vinha sendo oferecido em outros estabelecimentos. O novo estabelecimento constituiria segundo o superintendente em um atrativo real e *“poderoso para o Guarujá e a provisão de novas e baratas casas além de oferecer abrigo conveniente e necessário aos operários, concorrerá para o embelezamento da vila, tornando o Guarujá acessível a todos”*.

A Cia dispunha no entanto de recursos financeiros ainda não realizados, que segundo Eulálio, dariam conta de efetuar os melhoramentos propostos, porém não seriam suficientes para arcar com manutenção nem mesmo imediata da Vila, já que esta é apontada como muito pouco lucrativa. Caberia ao Estado, sugere Eulálio, socorrer a Cia frente ao conjunto de benfeitorias prestadas pelo empreendimento durante todos os anos que transcorreram desde sua inauguração e também a ele arcar com os divertimentos e com a manutenção da Vila nos anos seguintes:

183

Pedir auxilio ao Poder Público é um direito da Companhia.

Ela promoveu com recursos próprios a instalação e desenvolvimento de uma vila, sem dúvida de utilidade pública, prestando um serviço ao Estado, porque beneficiou-o com o estabelecimento de estação balneária que é a admiração e o encanto de estrangeiros que não lhe conhecem rival pelas belezas naturais da situação.

À sua custa foram estabelecidas e são custeadas as vias de comunicação - marítima e férrea para pessoas e cargas: construiu uma rede de esgotos que serve gratuitamente a população ; realizou a canalização de água potável, fornecida por preço mínimo aos habitantes das suas casas e das particulares e usada gratuitamente pelos demais habitantes moradores de ranchos, empregados ou não empregados seus ; instalou a iluminação elétrica, de modo a ser considerada, senão a primeira, uma das melhores do Estado e, se recebe remuneração á taxa fixa dos habitantes das casas, a mantém gratuitamente nas ruas da povoação.

Parece que bem e justiceiramente merece auxilio dos poderes públicos.

O tesouro do Estado auxilia sem distinções todas as localidades do Estado para o serviço dos respectivos saneamentos : esgotos e canali-

zação de águas são feitos a custa da renda estadual e ainda sobre esta pesam outros serviços sob a mesma verba : porque não merecer a balneária algum favor, especialmente quando o Guarujá oferece abrigo nas épocas epidêmicas ?

Parece-me claro o seu direito e convicto lembro à companhia a conveniência de requerer ao digno presidente do Estado uma subvenção, cuja importância ele determinará.

Fica evidente assim a estratégia que se delineia para não só a retomada dos serviços oferecidos pela Cia, mas principalmente para a solução do impasse provocado entre a provisão de um espaço de lazer exclusivo, a exploração econômica do empreendimento e a saúde financeira da empresa: financiamento publico. Ora, o Estado, controlado por figuras centrais dentro do estabelecimento, faria então o papel de garantir o devido socorro financeiro da empresa e assim garantir que essas mesmas figuras fruissem novamente de maneira adequada o beira-mar e a todas as benfeitorias dessa *“linda e saudavel povoação, onde, a largos orvos de purissima brisa do oceano alcutam-se e vivificam os organismos.”*¹⁷⁶

Não se sabe ao certo o quanto se recorreu efetivamente a essa estratégia nos anos que se seguiram, quantas novas concessões estaduais foram fornecidas a empresa e companhia balneária, ou o quanto a Cia Prado Chaves despendeu de finanças para atender as demandas anunciadas no relatório. É, porém apenas um ano mais tarde, que as obras do novo Hotel são iniciadas e concluídas e que culminam em uma ampliação dos serviços oferecidos. Ainda que a renovação do conjunto, desponte nas páginas dos periódicos como fruto do incêndio ocorrido no hotel em janeiro de 1898, o relatório permite constatar que o fogo foi apenas mais uma das motivações por trás das obras, às quais soma-se a crescente concorrência que o empreendimento passa a confrontar. É ainda notório, após a análise desse relatório, que também a partir do ano seguinte, o Hotel passe a contar com sucessivos arrendatários, que buscarão dotar o empreendimento de outros atrativos, relativizando seu caráter de exclusividade, e que assim acabam por contribuir para sua saúde financeira e comercial.

O CRIME DO GUARUJÁ

Para além do combate à febre amarela e da fragilizada situação de todo o empreendimento, durante os pouco mais de dois anos de sua estadia no Guarujá, Eulálio se envolve em um incidente que permite entrever outras tensões relativas ao funcionamento e implantação do Hotel, bem como outros aspectos da experiência do mundo vivido por aqueles que

ali estavam não de passagem, mas de modo mais permanente. No começo da madrugada do dia 23 de maio de 1898 o chalé de número 25, onde Eulálio, já viúvo, reside com as 5 filhas é alvo de um atentado: uma bomba de dinamite explode entre o piso elevado do chalé e a areia, deixando a estrutura da casa danificada, despedaçando parte do assoalho do quarto de Eulálio, deslocando móveis, destruindo vidros, janelas e forro desse e demais cômodos do chalé, provocando um *terrível estampido* que ecoa por toda a pequena Vila Balneária e, conforme noticiam os jornais, gerando, após instantes de silêncio, gritos de socorro e grande pânico em Eulálio e sua família. Apesar de não provocar nenhuma vítima, o incidente é imediatamente retratado como uma tentativa de homicídio direcionada especificamente a Eulálio da Costa Carvalho que naquele momento exerce o cargo de superintendente da Cia Balneária; a utilização de uma bomba de dinamite e sua disposição junto ao pilarete de alvenaria que sustentava a alcova do funcionário, localizada a cerca de 60cm de distancia do terreno arenoso, e muito próxima à suposta posição de sua cama se colocam como o maior indicativo dessa intenção, tornando imediatamente o atentado em crime premeditado.

O atentado é retratado nos meses que se seguiram com certa frequência nos periódicos paulistanos e santistas e, fortalecido pelo interesse do público, logo recebeu a alcunha de *Crime do Guarujá*. A investigação é iniciada na manhã seguinte à explosão e seria liderada naquele momento inicial pelo então delegado responsável da cidade de Santos, Dr. Paulo Passalacqua¹⁷⁷.

No dia seguinte ao atentado seria preso o primeiro suspeito pela autoria do crime. De origem francesa François Caistiang, funcionário da Cia Balneária, teve sua busca anunciada já no dia 24 de maio nas páginas do jornal O Commercio de Santos, em uma nota intitulada *Attentado Annarchista*. Passados dois dias de sua captura, acaba liberado frente à ausência de provas e possivelmente ao aparecimento de um segundo homem considerado ainda mais suspeito. Neste momento é preso na cidade de Santos o espanhol Angelo Alonso portando, quando da sua captura, duas bombas de dinamite supostamente similares àquelas que haviam sido utilizadas na destruição do chalé de Eulálio da Costa Carvalho. Assim como Castiang, Alonso é liberado frente à ausência de demais provas, somando-se o fato que à diferença do francês, não possuía nenhum vínculo com a Cia Balneária e pela afirmação do suspeito de que sequer conhecia Eulálio da Costa Carvalho ou ainda que tivesse estado na Ilha de Santo Amaro. Passalacqua encontra ainda um terceiro suspeito, Luiz Gouvêa, que bem como os demais, após breves depoimentos, seria liberado frente à ausência de provas consideradas até então como irrefutáveis pela autoria do crime.

Após a prisão e liberação consecutiva desses três suspeitos e frente a não resolução do caso, a investigação passa às mãos do Dr. Antônio de Godoy, sobrinho de Eulálio da Costa Carvalho, que ocupa o posto de chefe de polícia responsável e 2º delegado auxiliar da cida-

177 Paulo Passalacqua, membro do partido republicano, concorreria, anos mais tarde ao cargo de prefeito da cidade de Santos, e apesar de gozar de suficiente prestígio, perde a disputa para Vasconcellos Tavares, eleito o primeiro prefeito municipal.

de de São Paulo. A investigação do atentado migra, dessa forma, ao controle muito próximo de Eulálio da Costa Carvalho e desloca todo o aparato necessário à sua concretização da cidade litorânea, serra acima. Ainda que esse deslocamento tenha sido aparentemente inquestionado em um primeiro momento, mais tarde ele será debatido e tensionado, fonte de questionamentos sobre a perda de autonomia das instituições santistas em relação às instituições paulistanas e também sobre um certo aparelhamento dessas mesmas instituições por parte das elites paulistanas.

Sob o controle de Godoy, eis que finalmente a investigação culmina com a criminalização de um suspeito, que será preso, julgado em duas instâncias, e tratado, desde o mandado de prisão preventiva emitido no dia 25 de julho do mesmo ano, como o verdadeiro autor do crime sendo retratado na maior parte do tempo como monstruoso assassino - ainda que, como já expressei, o atentado não tenha promovido efetivamente nenhuma vítima. O inquérito que originou o pedido de prisão foi realizado em apenas dois dias e a celeridade com que Antonio de Godoy solucionou o caso e indicou o suspeito foi digna de nota. A investigação é levada a cabo na própria Ilha de Santo Amaro, e passados dois dias, ele retorna a São Paulo com

um resultado completamente inesperado e oposto ao que se julgava até hoje como autoria do crime. Pelas suas investigações este cabe a Luiz Gouvêa, ex-guarda noturno do Guarujá, demitido desse emprego por causa do seu mau procedimento.¹⁷⁸

Uma vez definida pelo aparato policial a responsabilidade do atentado dão-se início às buscas por Luiz Gouvêa, que naquele momento já não mais residia na Ilha onde supostamente havia sido empregado. Encontrado às 9 horas da noite do dia 22 de julho na Rua Piratininga no bairro do Brás em São Paulo, Luiz Gouvêa, *que não opôs resistência à prisão*¹⁷⁹, é conduzido à Repartição Central e de lá levado de volta a Santos onde cumpriria a prisão preventiva. Passados, pois, três meses do incidente é encontrado um suspeito, cuja trajetória estaria estreitamente vinculada aos serviços oferecidos pela Cia e cujas motivações centrais estariam relacionadas a um suposto desejo de vingança em relação ao seu ex-chefe, Eulálio da Costa Carvalho.

O julgamento de Luiz Gouvêa ocorre em setembro do mesmo ano, passado um mês de decretada sua prisão preventiva. Se antes o caso já despertara interesse do público leitor dos jornais, a partir de então ganha expressivo destaque e será retratado como uma espécie de folhetim. Dia após dia, será relatado de maneira detalhada o andamento do julgamento e transcritos integralmente os discursos da acusação, a cargo de uma equipe liderada pelo renomado advogado Brásio Machado¹⁸⁰ e da qual integravam ainda os Drs. Afrodísio

178 Correio paulistano

179 Correio Paulistano 23/07/1898

180 A grafia aparece em muitas fontes de maneira distinta, ora como Brásio ora como Brasílio, esta de modo ligeiramente mais frequente.

Vidigal e Álvaro da Costa Carvalho, filho de Eulálio¹⁸¹. De maneira oposta, o discurso da defesa do réu, a cargo de José Fernandes Coelho, não aparece senão em pequenos fragmentos ou ainda de modo inteligível nas entrelinhas das réplicas proferidas pela acusação e pela promotoria que seriam também transcritas nas páginas dos jornais (Diário de Santos e Correio Paulistano). O modo como esses grandes jornais operam em relação ao caso, destacando os discursos da acusação e apagando quase por completo as falas de defesa, estabelecendo a criminalização imediata de Gouvêa e enaltecendo as motivações do réu elencadas por Brasília e equipe, revelam a sua associação direta com a perspectiva acusatória. Nesse sentido, tendo como principal fonte de pesquisa as páginas dos periódicos consultados, a ênfase da análise do caso e do julgamento partirá dos discursos proferidos pela equipe de acusação. É a partir deles que se tentará revelar aspectos e tensões relativos a uma faceta da vida na Vila Balneária, que estariam então relacionados às supostas motivações do réu para a realização do atentado.

Para além do grupo de advogados de acusação, o julgamento contava ainda com a atuação do promotor público santista Norberto Cerqueira, alinhado com a perspectiva da equipe de Brasília e buscando portanto a condenação do réu. A equipe de acusação composta de proeminentes figuras da elite paulista, que assumem não só cargos de cunho jurídico como também importantes postos políticos e empresariais se contrapõe assim à figura do advogado de defesa a cargo de José Fernandes Coelho. Pouco se sabe sobre a relação entre Luiz Gouvêa e José Fernandes Coelho, sobre os acordos contratuais e modos de aproximação entre ambos, no entanto, ao contrário do que se esperaria nesse caso, tendo em vista a condição sócio-econômica do réu, a defesa de Luiz Gouvêa é efetivamente constituída pelo advogado.¹⁸² Conhecido abolicionista e integrante desde 1874 da Irmandade de São Benedito, José Fernandes Coelho desde os anos 1880 presta inúmeros serviços de defesa em Tribunais de Juri e participa de outros tantos como jurado, conforme atestam descrições no jornal o Correio Paulistano. Seu estreito vínculo às irmandades negras e sua relação com movimentos abolicionistas, próximo às figuras de Luís Gama e Rubim Cesar, o levam a atuar como defensor das Irmandades em importante disputa com o padre José de Camargo Barros, futuro bispo da diocese de São Paulo, que culmina com a derrota de

181 Álvaro da Costa Carvalho já tinha sido “*vereador na capital e intendente de Finanças de São Paulo. Em 1891 foi eleito deputado estadual constituinte e participou dos trabalhos de elaboração da primeira Constituição republicana de São Paulo. Depois de promulgada a Constituição, exerceu o mandato ordinário até 1894. Nesse ano foi eleito deputado federal e em maio assumiu sua cadeira na Câmara dos Deputados, no Rio de Janeiro, então Distrito Federal. Permaneceu no Legislativo federal até 1896, quando foi nomeado pelo presidente de São Paulo, Manuel Ferraz de Campos Sales (1896-1897), para a Secretaria de Estado da Agricultura onde exerceu o cargo até o ano seguinte.*” (<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CARVALHO,%20Alvaro%20Augusto%20da%20Costa.pdf>). Já Brasília Machado teve sua carreira iniciada como promotor público na cidade de Piracicaba, assumindo posteriormente o cargo de inspetor do Tesouro Providencial Paulista e posteriormente de secretário do Tribunal de Relação de São Paulo. Em 1884, assume a presidência da província do Paraná e retornando a São Paulo em 1890 retoma a vida acadêmica e assume posto de professor e membro do Conselho de Instrução Pública de São Paulo.

182 Em anúncio publicado no jornal A Nação em março do mesmo ano, fica indicado que José Fernandes Coelho possuía escritório localizado na rua Santa Thereza, 09, pequena rua que conecta a ladeira do Carmo com a Praça da Sé, e que residia na Rua Conselheiro Furtado, importante rua do bairro da Liberdade, situada a poucos metros de seu escritório. Destaca-se ainda a incumbência de seus serviços especializados em “*defesas perante o Tribunal do Jury e nas localidades servidas por estradas de ferro*”, atividade que de fato desempenha no julgamento de Luiz Gouvea.

Coelho e leva à dissolução das irmandades da Santa Efigenia e Santo Eslebão em maio de 1890¹⁸³. Sua atuação profissional estaria dessa forma relacionada à luta contra a discriminação racial seja nos meios institucionais, nos espaços públicos ou no mercado de trabalho recém aberto aos cidadãos negros e talvez seu vínculo com o réu Luiz Gouvêa possa ser compreendido a partir dessa perspectiva.

O julgamento transcorre durante todo o dia 22 de setembro, tendo início por volta das 11h40 da manhã e encerrando às 3h55 da madrugada. Ao longo do dia falas da promotoria e da acusação são entremeadas por pausas, leituras do processo, inquerimento de testemunhas, cabendo à defesa um único momento de fala, ocorrido já por volta das 23h00. O processo se inicia por apresentar a figura de Luiz Gouvêa, não só ao júri constituído por 31 pessoas¹⁸⁴, como também ao grande número de espectadores, muitos deles ilustres, que lotavam as galerias do tribunal, como ressaltam as transcrições:

Podemos ver no Tribunal os drs. Martin Francisco Ribeiro de Andradá, José Soares da Cunha e Costa, Francisco de Malta Cardoso, Isidoro de Campos, Heitor Peixoto, Vicente de Carvalho, Constantino de Mesquita, Elias Pimenta, Perita das Neves, Sacramento Macuco, Freitas Paranhos, Martins de Menezes, Joaquim Motta e Silva, Custodio Martins, Estacio Córrea, dr. Luiz Porto Moretz Sohn de Castro, juiz da 2a vara, Arthur Torres, juiz de paz.... A galeria estava selecta.¹⁸⁵

Pardo, de *estatura mais que regular*, bigode e cavanhaque grisalhos, cabelos rentes e encaracolados, natural do Rio de Janeiro, 51 anos e residente em São Paulo pelo último mês, Gouvêa se apresenta ao julgamento trajando *calça, paletot de casemira escura, colarinho baixo, com pequena gravata de gorgorão*. De *fisionomia serena e bastante simpático*, Gouvêa é retratado pela promotoria e acusação como ex-funcionário da Cia Balneária onde exercera cargo de vigilante e fiscal do policiamento na ilha – atividade a princípio negada por ele. Assim como seu filho, que também teria prestado serviços a Cia. ocupando o posto de chefe da estação, Luiz Gouvêa teria sido demitido por Eulálio da Costa Carvalho por apresentar comportamento inadequado. Conforme o discurso de Brasília:

183 Quintão, Antonia Aparecida. Irmandades Negras: outro espaço de luta e resistência. São paulo: Annablume, 2002.

184 inicialmente o júri fora composto por 44 pessoas, 7, no entanto foram recusadas pela promotoria e outras 6 pela defesa. O conselho do júri seria formado por João Braz de Azevedo, Antonio Mariano de Campos Moura, José Francisco Wright, Aprigio Carlos de Macedo, Manoel da Silva Junior, Pedro Alcover, Domingos, Baptista de Lima, Mario Alves de Moraes, Francisco Apocalypse, Francisco Monteiro da Silva, Justino Ferreira Junior e Julio Donenk.

185 Correio Paulistano 23/09/1898

O dr. Eulálio, superintendente da empresa, o nomeara em maio do ano passado, fiscal do serviço de policiamento na ilha, entendendo que estava em condições de bem desempenhar aquele cargo, prevenindo desordem, amparando a segurança e a tranquilidade de quantos buscam aquele estabelecimento balneário. Gouvêa, porém, passado pouco tempo, deu mostras repetidas de que não correspondia às vistas da administração; em vez de elemento de ordem, de garantia, de segurança, ele se fez desordeiro. Homem violento e arbitrário, cometeu excessos, atos reprovados, que produziam cenas lamentáveis e pondo em risco a tranquilidade do lugar; o que atestam as testemunhas do primeiro inquérito. Chamado a contas severas pelo dr. Eulálio, Gouvêa pede a sua demissão, e esta foi-lhe imediatamente concedida. Isto em setembro ou outubro do ano passado.¹⁸⁶

O posto de Gouvêa que oscila entre vigia, chefe dos vigias e fiscal de policiamento durante os discursos, bem como o encerramento dos serviços prestados que ora despontam como resultado de uma demissão do próprio funcionário e ora como ordem do superintendente, cujo momento exato é desconhecido, indicam as frágeis linhas constitutivas do trabalho assalariado naquele período, cujas balizas legais não estariam montadas, características por certo potencializadas em uma localidade “distante” de centros urbanos onde o grupo de trabalhadores disponíveis seria mais reduzido. A demissão de Gouvêa, bem como a demissão posterior de seu filho, seriam, segundo a acusação, a maior motivação para a realização do atentado e corresponderiam ao plano premeditado do réu em articular uma vingança perversa ao então superintendente da Cia. e ex-chefe. A essa motivação somariam-se outras tantas ao longo de todo o discurso de Brasília e da promotoria, no entanto o desejo de vingança se conforma como o ponto de partida fortalecendo ainda mais os tensionamentos e fragilidades próprios da estrutura da Cia Balneária. Nesse sentido é interessante notar que Brasília dá início ao caso ressaltando sua importância, não como caso particular mas sim como causa de uma sociedade. Luiz Gouveia será retratado dessa forma não somente como uma figura específica, mas também, seja a partir da motivação inicial de vingança ou ainda a partir de um conjunto de preceitos morais colocados em xeque, como uma figura exemplar ocupando o lugar do elemento ameaçador à devida constituição da sociedade burguesa, síntese das conhecidas *classes perigosas*. Pardo, Luiz Gouvêa representaria, ainda que não maneira explícita, o suposto resultado desequilibrado da mistura de raças, que conferiam a ele maior propensão à criminalidade, ao vício e ao alcoolismo.¹⁸⁷

186 Correio Paulistano 23/09/1898

187 Nesse sentido ver Schwarcz O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. É curioso perceber que um dos grandes divulgadores desse pensamento, que converte, cor e raça em uma importante régua para medir a capacidade das pessoas, é o cientista suíço naturalizado nos EUA, Agassiz. Professor de Harvard e também de Cornell, ele seria o organizador das missões que trazem o geólogo Hartt ao Brasil, como vimos, e portanto, atrelado ao deslocamento de paulistas a Ithaca em busca de formação profissional. Aqui no Brasil Agassiz teria “comprovado” sua teorias sobre a degeneração da miscigenação e escreveu: “quem quiser conhecer a degeneração que venha ao Brasil!” (Schwarcz, 2017;52)

O início do discurso da acusação é marcado pela declaração das relações entre Eulálio e o corpo jurídico da acusação, buscando construir, em oposição à imagem monstruosa de Luiz Gouvêa, a figura de Eulálio. Brásilio, não estaria ali, conforme afirma, exercendo um ofício mercenário, mas desempenha seu papel como modo de apaziguar as dores sentidas frente ao atentado cometido contra Eulálio da Costa Carvalho e suas filhas, de quem era amigo próximo há mais de 25 anos.

Há 25 anos que afinidades de coração o prendem a esse respeitabilíssima família, cujo chefe é um velho carregado de serviços, e que em 64 anos de idade, jamais se desviou uma só linha da severidade de seus costumes, da brandura de seu coração, da dedicação a seus filhos, da firmeza de um caráter rude, mas honestíssimo, franco mas elevado. E, quando a morte veio separa-lo da suas companheira de seus dias, e da mãe extremíssima de seus filhos, para estes multiplicou o dr. Eulálio da Costa Carvalho as expansões de um grande coração, e quase de todo se absorveu na vida de seu lar entre as saudades por quem partia e o amoroso enlevo pelos que ficavam.¹⁸⁸

Em contraposição à imagem de Eulálio, homem trabalhador, chefe de família e de costumes longamente respeitados, Luiz seria retratado a seguir como um trabalhador violento, de hábitos questionáveis, portador de uma máscara que esconderia uma *ebulição de sentimentos desencontrados* que lhe seriam característicos.

Primeiro sinal dessa vida de excessos estaria inscrito na sua vida doméstica. Acusado de levar uma vida promíscua, Gouvêa seria responsável por *tirar uma moça virgem da casa de seus pais* e com ela amarsiar-se. Além da vida corrompida ao lado de uma suposta concubina, Luiz dividiria ainda um chalé nas proximidades ao de Eulálio com outros dois trabalhadores da Cia. Estevam Simões da Silva e Ambrosino de Freitas, levados assim como sua concubina, D. Antônia Julia do Nascimento, como testemunhas do crime. Neste mesmo chalé, Luiz Gouvêa, após o encerramento dos serviços prestados a Cia, é acusado de organizar jogos de azar e entregar-se à especulação do jogo, práticas não entendidos aqui como concorrentes ou em consonância àquelas ofertadas e realizadas nos amplos salões do Casino e do Hotel, mas sim dentro da chave do vício e da imoralidade. A figura do jogador é a partir de então tratada com muita retórica pelo advogado não só para ressaltar seus aspectos imorais mas sobretudo para caracterizá-lo frente ao júri, como uma pessoa fria e calculista capaz, pois, de planejar friamente o atentado, em oposição a suposta empatia que sua figura causava:

Jogador, não está fora do seu papel, na impossibilidade, na frieza, na calma grotesca, que tem procurado guardar neste tribunal. O jogador

de profissão, que outros recursos não colhe, além dos que recebe nos lanços do jogo, precisa ser calmo, frio. O calculo prende toda sua vida e modera e dirige todos os seus movimentos.

Quaisquer que sejam os riscos da cartada, como quer que venham os ganhos, como quer que se precipitem as perdas, deve ele dominar os impulsos do temperamento, recalcar bem fundo as emoções que percorrem o seu sistema nervoso. Os olhos não terão lampejos, embota rápidos, por onde se divulguem as sensações intimas, os músculos da face se não contraem, por mais intenso que seja o golpe que a fortuna vibre, a boca ou ficará silenciosa, ou indiferente. O jogador se oculta atrás de uma máscara, que o hábito torna impenetrável e muda. Mas dentro do intimo, lá onde a sonda do olhar humano em balde revolve a ebulição dos sentimentos, os mais desencontrados, não cessa a ambição dos reu nas entranhas, mas silenciosamente...¹⁸⁹

191

É curioso, portanto, que ao mesmo tempo em que características internas ao funcionamento do empreendimento – a provisão e o compartilhamento de casas do conjunto edificado pela Cia. por diferentes funcionários, ou ainda a prática do jogo – se constituam no discurso da acusação como aspectos depreciativos, que condenariam não só os signos de distinção que deveriam ser alavancados pela Vila como também modelos e praticas de domesticidade.

A proximidade do chalé de Eulálio com aquele em que habitam Gouvêa, Estevam, Ambrosino e Antonia Julia também se converte em mais um indicio da culpa do réu:

Na vila balneária do Guarujá, colocada à esquina da rua posterior ao hotel da empresa e, no mesmo quadro em que este se construiu, e no local correspondente aos fundos do Casino, está o chalet de n.25, que o dr. Eulálio da Costa Carvalho habitava, em companhia de cinco de suas filhas...

Em frente ao chalet estende-se uma quadra de terreno que vem até a rua principal do Guarujá, a rua da frente: quadra que por um dos seus lados é fronteira àquela em que estão construídos numa extremidade, na frente, o Cassino e noutra, nos fundos, o chalet de n 25. Ora, nessa quadra fronteira, há ainda dois chalets, um na esquina que defronta com o chalet do dr. Eulálio, outro no ponto oposto, direção diagonal, o chalet ocupado nesta noite por Luiz Gouvea o acusado.

Para quem se quisesse comunicar do chalet de Gouvea para o chalet do dr. Eulálio, o caminho mais curto seria pelo quintal do primeiro chalet, quintal que por uma cancela comunica-se para um terreno em aberto e daí para a rua. Assim, sando pela porta da cozinha, porta dos fundos do chalet de Gouvea , atravessando o quintal correspondente, e pela cancela ganhando o terreno aberto, e daí à rua, com um percirsi de cerca de oitenta metros, ou como dizem as testemunhas, gastando o tempo de dois minutos, poder-se-ia chegar facilmente ao chalet habitado pelo dr. Eulálio.¹⁹⁰

192

Se pouco se sabe sobre a provisão de habitação aos funcionários da Cia, ou ainda sobre os modos de vida de todo o corpo de trabalhadores do empreendimento - para além do extraído pelo relatório analisado anteriormente - essa descrição somada à análise de mapas elaborados que indicam a distribuição das edificações da Vila, sugerem algumas hipóteses. A primeira delas é relativa à existência de edificações na quadra do Hotel e do Cassino dedicadas a funcionários provavelmente do alto escalão da Cia, frente aos seus lotes maiores, ao isolamento das construções dentro do lote e à proximidade imediata com as principais edificações do conjunto. Esse é o caso do Chalet de n. 25 ocupado pela família de Eulálio e que se encontra nos fundos do Cassino em um lote de cerca de 12x30m colocado à esquina, com acesso à rua posterior, paralela à via principal e uma outra perpendicular a essa, beirando toda a extensão lateral do salão de jogos. Um lote equivalente a este está colocado em posição oposta, nos fundos do corpo do edifício do Hotel, de frente ao chalé pertencente à família Penteado, e provavelmente acomodaria outro funcionário da Cia com a mesma importância de Eulálio. Entre esses dois lotes encontra-se ainda um terceiro, com uma edificação comprida, maior que a boa parte dos chalés indicados no mapa, e ao contrário das outras duas, conjugada ao corpo do Hotel. É impossível assegurar sua destinação, no entanto frente a sua constituição espacial é provável que esta seja também uma edificação destinada a funcionários, não tão especializados porém quanto os anteriores. Sua conjugação com o corpo do Hotel, seu tamanho e sua relação de proximidade com o chalé do superintendente suscitam algumas perguntas: estariam aí localizados os prestadores de serviço diretamente relacionados ao hotel – camareiras, recepcionistas, faxineiras – em uma habitação compartilhada? Estariam aí locados alguns cômodos de serviço do hotel? Pouco se pode precisar, no entanto é notável sua alteridade em relação às demais edificações indicadas e caracterizadas como os chalés destinados a vilegiatura, encontrando-se aí uma provável pista de sua destinação. Por fim, chegamos ao chalé ocupado por Gouvêa, sua mulher e seus colegas. Pela descrição do julgamento este chalé estaria localizado na quadra lindeira ao cassino que faria frente também à avenida beira-mar e ao jardim do hotel construído à sua frente. É curioso portanto pensar que um dos dois chalés localizados em quadra tão privilegiada fosse ocupado por funcionários da Cia, ainda mais no mês de maio, considerando que a estação de banhos tinha início no fim do mês de abril. No mapa, os chalés que constam nessa quadra ocupam grandes lotes, o primeiro que defronta com o de Eulálio, localizado à esquina com cerca de 50x50m, equivalente ao

pertencente à família Penteado, e o outro com 25x50m, tendo sua fachada na face de menor dimensão voltada ao Oceano. Além desses dois chalés constam pequenas edificações, espécies de edículas, dispostas ao fundo dos chalés junto aos limites dos lotes. É possível então que Gouvêa e os demais ocupassem a edícula desse segundo chalé de frente ao mar, borrando de certo modo as fronteiras que separam a vida nos salões do hotel e dentro dos chalés, os trabalhos oferecidos pela Cia balneária e aqueles levados a cabo dentro dos vários chalés. Ainda que essas fronteiras sejam maleáveis do ponto de vista das estruturas organizacionais do trabalho e espaciais da Vila, o julgamento de Gouvêa aponta para a existência de inúmeras clivagens sociais e assimetrias latentes em uma relação tensionada portanto com esta configuração espacial.

Ainda relativo ao universo doméstico cabe uma menção que talvez tenha um viés menos acusatório dentro do discurso encabeçado por Brasília, porém não menos significativa nesse trama que estamos tentando reconstituir. É a alusão à luz elétrica na casa de Luiz Gouvêa que estaria ainda acessa apesar do apagamento de todas as demais luzes na Vila controladas pela Cia:

Ora, foi à uma hora da madrugada de 23 de maio, depois de apagada a iluminação à luz elétrica em todas as casas da empresa balneária, quando o único chalé onde se distinguia ainda luz era o de Gouvêa, foi a hora dessa noite escura... foi a essa hora da noite, escura, chuvosa, sem vigilância, quando todas as casas estavam às escuras, menos a de Gouvêa, que uma tremenda detonação se ouviu...¹⁹¹

Essa singela passagem, claramente marcada pela retórica do advogado típica em tribunais do júri, indicaria não só mais um indício de seu envolvimento com o crime como também um outro ato de desobediência, indicando a resistência do réu ao modelo de vida disciplinado e ordenado que deveria ser desempenhado na Vila Balneária. A constituição espacial bem como as infraestruturas da vila como um todo, novamente são entendidas como mais um mecanismo de controle e vigilância que incidem sobretudo nos modos de vida dos trabalhadores ali presentes.

Passados alguns meses após sua demissão Gouvêa teria ido embora da ilha e somente retornado em abril do ano seguinte, cerca de um mês antes do atentado. Não se sabe onde esteve Gouvêa durante esse período, sua partida no entanto será associada, não só ao encerramento de seus serviços prestados à Cia, como também a outro incidente ocorrido na Vila. É quando, como visto anteriormente um incêndio tem início na cozinha do Hotel, e de lá pelo forro se alastra e destrói boa parte da edificação que será completamente substituída.¹⁹² Naquele momento Eulálio já era superintendente da Cia. e não ocupava o chalé de n. 25 e sim um dos quartos situados justamente sobre a cozinha do Hotel. A acusação

191 Correio Paulistano 28/09/1898

192 A substituição da edificação do hotel e suas causas são tratadas no capítulo anterior.

levanta aí a hipótese de Gouvêa, já naquele momento, armar uma vingança contra o chefe e associa sua participação com o incêndio que teria sido criminoso. Seria somente após a ocorrência deste que Gouvêa deixaria a ilha junto a sua mulher, sem que ninguém soubesse de seu paradeiro até seu retorno. As testemunhas, em grande parte trabalhadores do hotel¹⁹³, são inqueridas de forma a corroborar com a narrativa de acusação, fortalecendo o suposto desejo de vingança do ex-vigia, que estaria expresso não só na ocorrência do atentado mas em diversos outros momentos quando algumas delas teriam sido inclusive convidadas a, juntamente com Gouvêa, *dar uma sova de chicote no dr. Eulálio*. O latente desejo de vingança, sua articulação com diversos outros trabalhadores do hotel, seja como organizador de jogos, encontros regados a álcool ou a vida doméstica compartilhada, somado ao seu posto de vigia e fiscal, que lhe garantia uma imagem de força e um lugar de poder entre outros funcionários da Vila, seguramente presente também em sua relação com Eulálio, são algumas das características que se tornam imputáveis à sua relação direta com a detonação da bomba.

A acusação segue o seu discurso tratando então não mais detalhadamente sobre o réu mas detendo-se sobre o uso da bomba de dinamite.

Nos crimes violentos, mas repentinos, resolvidos de momento, quase que a escolha da arma não entra na resolução criminosa; e a primeira, se não a mais eficaz das armas que o criminoso encontra, será o instrumento empregado: é o punhal, a faca, a arma de fogo. Nos crimes mais ou menos lentamente planejados, a arma pode ser outra, o emprego demanda precauções; é o tóxico, é o explosivo. O emprego, pois, da bomba de dinamite no crime do Guarujá denuncia o calculo do assassino, a inteligência do assassino em lidar com semelhantes explosivos.¹⁹⁴

A utilização da bomba seria compreendida então em sincronia direta com o desejo de vingança lenta e friamente calculado e orquestrado por Gouvêa durante meses, com seu conhecimento profissional adquirido de seu posto de vigia e fiscal de policiamento e também com sua aparente placidez que esconderia os seus sentimentos verdadeiros encapsulados em profunda ebulição. A bomba de dinamite seria entendida assim como a arma perfeita que não só provocaria o atentado mas também metaforicamente constituiria a imagem de Luiz Gouvêa. Nesse sentido, caracterizando o uso do explosivo, a acusação ainda segue:

193 As testemunhas levadas ao julgamento do caso são: Christovam Leão de Campos (guarda noturno), Avelino Nicacio (funcionario da Cia de cargo não precisado, mas próximo a Gouvêa), Manuel dos Santos, Astrogildo Alves Junqueira, Estevam Simões da Silva (funcionario da Cia e colega de Gouvêa), Joaquim Coimbra (guarda que seria embriagado por Gouvêa e portanto deixara a Vila a mercê da atuação do réu durante o atentado), José de Castro (funcionario de cargo não precisado), d. Antonia Julia do Nascimento (mulher de Gouvêa), Alfredo Ansado. Além dessas figuras outras testemunhas haviam sido convocadas mas se ausentaram do julgamento, são elas: Augusto Teixeira de Carvalho, Ambrosino de Freitas (funcionário da Cia e colega de Gouvêa) e Francisco Nobre.

194 Correio Paulistano

Instrumento de morte, que de preferencia o anarquismo adotou, não como assassinos vulgares, mas como portadores de uma ideia, destruidora embora, mas sempre um principio, nessa propaganda medonha em que ecoa o grito da revolução contra a sociedade burguesa.¹⁹⁵

A acusação retoma, pois seu mote inicial, atrelando a importância do caso não como ocorrência pontual e específica mas sim como caso de interesse de toda a sociedade. O uso da dinamite é assim central na associação direta entre Gouvêa, senão especificamente a movimentos anarquistas específicos, ao menos em relação aos desejos, preceitos e ideologias desse movimento, entendidas naquele momento justamente como combatentes à formação da sociedade burguesa capitalista, ideal posto a cabo junto à sua vontade de vingança. Tanto o advogado de defesa quanto a promotoria se referem ao artefato, recuperando aspectos mais técnicos decorrentes do exame de corpo delito ou ainda escritos científicos sobre o aparato, destacando seu caráter destruidor, não apenas de elementos físicos, como também do frágil território moral e social em vias de consolidação. A ideia de que a explosão de uma bomba de dinamite converte objetos e sujeitos em novos projéteis é assim entendida tanto em sua dimensão física, ou seja que a explosão promove uma profusão de novos projéteis fatais, quanto em sua dimensão simbólica, que a explosão concatenaria uma série de outros levantes também explosivos que até então se encontrariam encapsulados. Essa ideia é reforçada ainda pelos próprios jornais, uma vez que desde a busca do primeiro suspeito relacionam diretamente o uso do material ao movimento anarquista a possíveis bandeiras políticas ameaçadoras dos valores burgueses.

195

Nesse sentido é interessante notar a confluência da presença estrangeira entre os primeiros suspeitos. Os trabalhadores imigrantes pobres que aportam em Santos a partir de fim do século XIX representam também uma massa ameaçadora e no processo de investigação do atentado realiza-se uma transposição direta entre a figura do imigrante pobre trabalhador aos ideais e militantes anarquistas perturbadores da ordem burguesa.

A acusação termina constatando que

Atentados como esse repercutem longe e se reproduzem fatalmente. O contágio do homicídio é indisputável: o assassino de amanhã copiará em sangue os planos do assassino de ontem. Condenando a Luiz Gouvêa, o júri salvará a um só tempo a majestade da lei, o dever de sua consciência e a segurança social.¹⁹⁶

A condenação de Luiz Gouveia servia portanto a um objetivo exemplar e disciplinador. Mais do que ajuizar o atentado ocorrido meses antes, buscava-se estabelecer mecanismos de assegurar um determinado conjunto de valores, práticas, normas, territorialidades.

195 Correio Paulistano

196 Correio Paulistano

04.01 Mapa ampliado da Vila Balneária.

O mapa e as indicações foram elaborados com base nos relatos e plantas posteriores da Vila encontradas no acervo da FAMS. É difícil precisar se as indicações são precisas, a leitura do julgamento no entanto nos levou a essas presunções.

- 01.** Hotel
- 02.** Cassino
- 03.** Chalé nº 25 - Eulálio da Costa Carvalho
- 04.** Chalé superintendência
- 05.** Chalé nº 24
- 06.** Edícula ocupada por Luiz Gouvêa

Apesar de todo o aparato discursivo e institucional somado à força econômica e política dos membros da acusação, já no começo da madrugada, Luiz Gouveia é absolvido por 7 votos. São poucos os excertos da defesa transcritos que permitem entrever as razões da decisão tomada pelo júri, mas ainda que escassos indicam importantes chaves de interpretação.

A defesa começaria seu discurso, e de certa forma centraria seus questionamentos, no deslocamento do caso serra acima. José Fernandes Coelho questiona a intervenção paulista no caso santista, incluindo a participação do chefe de polícia paulista e a saída, aparentemente involuntária, de Passalacqua do controle do caso, tido como conhecedor da região, das pessoas, e da vida no litoral. A defesa reforça a interpretação de que com o deslocamento do inquérito e com a liberdade dada ao espanhol, na verdade o julgamento interferia na autonomia santista e se prestava não só a atender os desejos de uma família que se via ameaçada, como ainda mais grave representaria uma subordinação política das instituições municipais santistas ao crescente poderio de São Paulo. O caso revela portanto tensões existentes na relação com o planalto, evidenciando atritos que remontam ao processo de urbanização e à disputa política entre as elites de ambos os núcleos que transcorriam durante esse mesmo período. Essa disputa surge via de regra em momentos em que o poder estadual ou grupos econômicos pretendem intervir na cidade de Santos e em geral são veementemente combatidos pelos santistas. São exemplares desse caso o tratamento dado ao combate as epidemias, o processo de concessão do porto ou ainda o traçado e desenvolvimento da ferrovia que ligaria ambas as cidades. Em todos esses processos a interferência do poder estadual, ou o controle econômico por parte de grupos estrangeiros ou não santistas será intensamente combatido na cidade¹⁹⁷. O caso assim novamente ganhava contorno mais amplos, aproximando a detonação da bomba a conflitos múltiplos, parte integrante, portanto do experiência de urbanização do território paulista.

Para além do deslocamento do caso, José Fernandes Coelho destaca o aparelhamento da investigação e das forças policiais pela família de Eulálio. Segundo o advogado a proximidade do investigador com o acusado era nociva ao andamento do julgamento e só poderia representar uma interferência direta sobre o caso. Soma-se a isso outro fato agravante: diversas testemunhas informam terem sido espancadas pela polícia de São Paulo após terem sido levadas obrigadas a depor serra acima. Estavam e D. Antonia Julia, são duas delas, cujos depoimentos serão largamente modificados nos dois inquéritos, provavelmente fruto da força de repressão policial, que atuava em consonância com os desejos de prisão de Gouvêa. A utilização dessa força repressora elencada pelas testemunhas que ali depuseram, segundo Coelho seria suficiente para anular o conteúdo de todo o seu discurso e indicar que o processo todo teria sido forjado.

Em relação à bomba, a defesa constrói sua narrativa sobre o fato de que efetivamente nenhuma vida foi tomada e que apenas danos materiais foram ocasionados. Recorrendo ao corpo delito afirma que a *“bomba era sem força e sem eficácia, não devendo portanto ser*

197 Nesse sentido ver Ana Lanna. Uma cidade na transição. Santos: 1870-1913. São Paulo/Santos: Editora Hucitec e Prefeitura Municipal de Santos, 1996

*considerado este fato como tentativa de morte.*¹⁹⁸ Questiona-se ainda o porquê da liberdade concedida ao espanhol que foi encontrado com posse de dinamites, em uma espécie de aceno ou aproximação com o discurso de acusação, onde ambos colam na figura do imigrante a imagem de um perigoso anarquista em potencial.

Por fim Coelho retoma o seu argumento central e sintetiza suas alegações

dizendo que espera da civilização de Santos, da honra deste povo, do caráter da grande terra de José Bonifácio, a absolvição do seu constituinte, que se sentou no banco dos réus por orgulho de uma família rica.¹⁹⁹

Segundo os jornais após seu discurso “*o povo que enchia o recinto rompeu e deu vivas e palmas ao orador, sendo necessário serem chamados à ordem.*”²⁰⁰

Luiz Gouvêa será julgado novamente em segunda instância em junho do ano seguinte, novamente enfrentando as mesmas assimetrias decorrente do intenso aparato que o desejava preso. Não se sabe se durante esses oito meses que separam os dois julgamentos, depois de feita a apelação de Brásílio, lhe foi consentida a liberdade ou se foi mantido em cárcere preventivo. Neste momento a acusação ficaria a cargo do advogado Martim Francisco, estando no entanto entre os presentes os Dr. Álvaro de Carvalho e Afrodísio Vidigal, membros de acusação da primeira instância. Entre as testemunhas intimadas a depor só se apresentariam Estevam Simões da Silva, Ambrosino de Freitas - este ausente no primeiro julgamento - e João Oliveira da Fonseca, que não havia sido intimado no primeiro momento; todas as demais, grande parte integrantes do julgamento em primeira instância não se apresentaram²⁰¹. A defesa continuou a cargo de José Fernandes Coelho que durante as duas horas de sua fala, recorreu novamente ao espancamento das testemunhas que por isso tiveram seu depoimento largamente transformado, à força inócua da bomba e em menor grau ao dessa vez ao deslocamento da investigação e inquérito.

Novamente Gouvêa será absolvido, desta vez de maneira unânime.

Tanto o atentado quanto o julgamento transcorrem durante momento de importante renovação do empreendimento não só material quanto também administrativa. Dias após o atentado seria lavrado em Santos contrato que concederia o arrendamento do empreendimento a empresa de Manoel D’Huicque, que já estivera envolvido com a empresa balneária como capitalista. A fragilidade intrínseca ao funcionamento do empreendimento exposta no momento do atentado, poderia, pois, ter reverberações também financeiras.

198 Correio Paulistano 23/09/1898

199 Correio Paulistano 23/09/1898

200 Correio Paulistano 23/09/1898

201 Não compareceram: Christovam Leão de Campos, Avelino Nicasio, Manuel dos Santos, Astrogildo Alves Junqueira, Joaquim Coimbra, José de Castro, Augusto Teixeira de Carvalho, Antonia Julia do Nascimento e Alberto Benxe, destes somente Alberto Benxe não havia sido intimado no primeiro julgamento.

Se o incêndio ocorrido meses antes, teria suas consequências sanadas por meio de uma renovação material completa do conjunto edificado que o colocaria em sintonia com os preceitos de modernidade mais avançados, atualizando sua arquitetura, ampliando sua oferta de cômodos e serviços e portanto reposicionando a estação balneária frente a outros empreendimentos semelhantes que desde 1896 começavam a surgir nas proximidades; as possíveis consequências do atentado entendido enquanto crime detonador de futuros levantes só poderiam ser solucionadas com uma prisão e criminalização exemplar.

Ainda que não declaradas as motivações ou encontrado o autor ou autores do atentado ao chalé de Eulálio da Costa Carvalho, durante os julgamentos do ex-vigia, os discursos de acusação, o desejo de criminalização do ocorrido e o discurso de defesa deixam evidente um conjunto de aspectos que a Vila combatia em sua essência e conjunto de tensionamentos interiores a sua realização que extrapolam a experiência de vida para além dos limites da Ilha de Santo Amaro. O *Crime do Guarujá* funciona portanto como mais uma porta de entrada que permite entender a constituição da Vila Balneária não puramente como espaço físico mas sim um agente e objeto de múltiplas territorialidades, físicas e morais, que são mutuamente constitutivas.

BILHETES DE EXCURSÃO

A centralidade do Grande Hotel dentro da Vila Balneária, em torno do qual estão dispostos o conjunto de casas e demais equipamentos que dão suporte ao funcionamento da Vila, caracteriza essencialmente o desejo pela construção de novas práticas e ritos de sociabilidade, incorporados ao modelo de vida disciplinar e burguês que ali se instaurava. Além das funções básicas de hospedagem, o Grande Hotel dispunha de um conjunto de outros espaços, salão de jogos, sala de bilhar, salão de visitas além de um *vasto refeitório, uma cozinha excelente e uma adega abundante*. Desde a sua inauguração e em todas as sucessivas renovações, esses espaços ganham destaque nas descrições, sediando *caprichados e escolhidos menus*. No momento de sua primeira renovação, após detalhada descrição do conjunto edificado e ampliado a cargo do arquiteto italiano Thomasso Bezzi e do construtor também italiano Pedro Fagnani, registra a notícia do Correio Paulistano:

O salão de jantar que mede aproximadamente 10mx12m, é pintado de cor clara, circundado de vidraças que resguardando-o do vento não impede entretanto que durante as refeições se descortine o esplendido panorama que oferece o oceano. Aí vê-se, elevado números de mesas podendo estar perfeitamente bem acomodadas, ao mesmo tempo, 250 a 300 pessoas.

Todas as peças de porcelana, cristais e metais, que servem nas refeições são custosas e finas e em todas vê-se em monograma as iniciais C.B.²⁰²

Neste momento o hotel havia ampliado a oferta de quartos de hóspedes, que passara de 50 a 75 apartamentos. O salão de jantar, destacado do corpo principal do Hotel, conectando com o salão de baile e concerto, onde *diariamente está uma orquestra contratada pela Empresa, sob a regência do maestro Dr Martino, que durante as refeições executa os mais escolhidos trechos*²⁰³, envidraçado, com acesso à varanda e ao antigo pavilhão de jogos, cumpre papel central nos ritos de sociabilidade. A área somada dos dois salões, que chega a 300m², e sua alta capacidade são indicativos de sua relevância e seu papel como lugar de encontro não só de hóspedes do Hotel, como também dos proprietários e inquilinos das casas da Vila e visitantes de Santos e São Paulo, que cada vez mais passam a disfrutar das instalações oferecidas. É ali que se desenrolariam jantares, discursos, festejos, com a presença de ilustres convivas horas adentro da madrugada. Não só o espaço, como também a coloração das paredes, mobília e utensílios, estes devidamente sinalizados como de uso exclusivo da Companhia Balneária, são destacados de modo a ilustrar o aspecto geral harmônico e o *raffinement* do salão; a decoração somada à vista panorâmica oferecida, garantiria o devido conforto visual ²⁰⁴ aos presentes, a organização dos elementos materiais aprendidos essencialmente pela visão desencadeariam um *conjunto de necessidades simbólicas responsáveis pela noção de bem-estar*²⁰⁵ e fortaleceriam os sentidos de distinção e exclusividade desejada.

201

Para além dos aspectos materiais de tais dependências, a comida desponta em diversos momentos como protagonista da experiência beira-mar. Seja por meio de anúncios do Hotel publicados em periódicos que destacam, em meio aos demais *melhoramentos* a presença de hábeis cozinheiros, seja ainda por meio da transcrição dos pratos e menus oferecidos em diversas ocasiões: *Paillets aux aunchovs, Consomé froid au fumet de tomates, Crevettes roses à l'américaine, Supreme de Lengüado á la Murat, Soufflé Norwegienne...* Sempre descritos com os nomes de origem, via-se fortalecido o referencial francês ainda que a medida que se analisa atentamente cada um deles desponte um certo ar cosmopolita – vide os camarões à americana ou ainda o suflê norueguês. As referências a diversas partes do mundo, ainda que sempre intermediadas pela célebre e sofisticada culinária francesa convida, por meio da experiência à mesa, a um passeio ficcional por lugares distintos do globo e estabelece mais um meio de articulação entre as areias do Guarujá e elegantes localidades do mundo, proporcionando aos comensais a sensação de uma experiência compartilhada de modernidade e civilidade.

Fica evidente, portanto, a associação entre a constituição desse novo território, com as experiências gastronômicas e a noção de *boa mesa*, asseguradas pela conjunção de um *elegante salão bem montado e decorado*, a provisão de uma *seleta adega*, o fornecimento

202 Correio Paulistano 11/09/1898

203 Correio Paulistano 11/09/1898

204 Nesse sentido ver: CARVALHO, Vânia Carneiro de. Gênero e artefato: o sistema soméstico na perspectiva da cultura material. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2008.

205 Carvalho; 2008, 283

de uma requintada comida devidamente preparada por *hábeis cozinheiros* e servida sobre louças e cristais especificamente escolhidos.

Desde meados do século XIX em São Paulo, os hotéis que surgem timidamente em contraste com a paisagem ainda provinciana da cidade, sediam a primeira geração de renomados restaurantes da cidade.²⁰⁶ É no entanto a partir da década de 1870 que esses restaurantes começam a se integrar ao cotidiano de seus habitantes, constituindo um espaço de sociabilidade importante junto aos cafés, casas de chá, confeitarias, brasseries que, em número crescente, passam a oferecer além de variada comida, em geral de inspiração francesa acompanhados de recitais de música e orquestra, panoramas e vistas da cidade, conformando uma experiência e expressão de um novo modo de vida que se desejava cosmopolita e moderno. A posição desses hotéis dentro do tecido urbano, em geral situados em localidades onde estavam sendo levados a cabo os sucessivos melhoramentos, em geral marcados pela provisão adequada de luz elétrica ou ainda da abertura de novos espaços livres públicos, colabora para a espetacularização dessa experiência. Sentados à mesa dos recém inaugurados salões os clientes são transformados a uma só vez em espectadores da vida urbana que se descortina além das vidraças e em atores fundamentais no processo de transformação de hábitos e costumes. No Guarujá a experiência ocorria de modo semelhante. Ainda que o panorama não fosse exatamente urbano, a paisagem que se apreendia através dos vidros estava longe de ser considerada natural; em planos sucessivos até o alcance da linha do horizonte, eram visíveis: a alameda beira-mar pontuada por uma sequência de árvores e postes devidamente guarnecidos de iluminação elétrica, o ramal da estrada de ferro, o jardim da orla, com paisagismo controlado e desenhado, os arrimos de pedra que asseguravam a posição elevada do conjunto em relação à areia e ao mar, dotando, pois, a paisagem de um conjunto de modificações que a distanciavam de um cenário inóspito, selvagem ou desordenado.

O avanço dessas novas práticas, ainda que restritas a membros da elite, possui estreito vínculo com a atuação de uma rede de agentes que são reconhecidos muitas vezes como tutores dessas transformações, possuidores de devido refinamento e *savoir-faire* das boas práticas, presentes em outros tantos núcleos urbanos espalhados pelo mundo e incorporados a partir da década de 70 na cidade e imediações de São Paulo. São em geral os imigrantes europeus que aportam em Santos a partir de então e que munidos além do saber referidos de um certo capital financeiro, que irão gerir esses novos espaços e colaboraram ativamente para o sucesso e popularização dessas práticas. Conjuntamente com todo o aparato material de que faziam uso, os restaurantes serão incorporados como símbolos e vetores das transformações nos modos de vida, atuando como marcos de uma nova civilidade a ser conquistada, bem como pontos fundamentais de conexão com outras partes do mundo e, finalmente, como lugares essenciais de negociação entre os novos imigrantes que passam a habitar o território e as tradicionais famílias paulistanas.

Dentre esses imigrantes, talvez o mais célebre que passa a ilustrar com frequência as

páginas dos periódicos paulistanos desde o fim do século XIX seja Daniel Antoine Sousquieres. Francês nascido em 1861 muda-se aos 21 anos de idade de Paris a Buenos Aires onde passa a trabalhar em diversos restaurantes e hotéis, servindo e organizando festas e banquetes. Evadindo da Argentina frente à crise econômica, após temporada gerenciando o Grande Hotel de Mar del Plata²⁰⁷, balneário argentino que no último quartel do século XIX figurou como destino favorito da elite portenha, chega em São Paulo, onde passa a dirigir aquele que se tornaria o Hotel mais icônico da cidade: o Grand Hôtel de la Rôtisserie Sportsman. Inicialmente estabelecido na R. São Bento, o Hotel passaria ao longo dos anos por sucessivos processos de ampliação e renovação, em um aumento constante de sua centralidade dentro do circuito cultural da elite paulistana. Em 1912, quando já goza de evidente prestígio será vendido e, assim como o Grande Hotel do Guarujá, passará a posse da Compagnie des Grands Hotels, empresa filiada ao grupo econômico da Brazil Railway Co.²⁰⁸ para então, alguns anos mais tarde, estabelecer sua sede em edifício projetado por Samuel das Neves, localizado no cruzamento das ruas Libero Badaró e Direita, junto ao viaduto do chá, nas encostas do Anhangabaú incorporando o processo de sucessivos embelezamentos e melhoramentos do vale.

Nos primeiros anos do século XX, após um período de exploração do Grande Hotel do Guarujá pela empresa de Manoel D’Huicque, imigrante também oriundo da Argentina, Sousquieres torna-se arrendatário desse estabelecimento, constituindo aí uma espécie de sucursal da Rôtisserie Sportsman estreitando ainda mais os vínculos entre os espaços de sociabilidade da elite paulista serra acima com aquele constituído à beira-mar. O cargo que ocupa Sousquieres no Guarujá aparece de maneira bastante ambígua nas páginas dos periódicos, ora tido como arrendatário de todo o Hotel, ora como arrendatário dos salões, ora despontando como chef de cozinha. De todas maneiras, em qualquer um desses postos, Daniel assumiria um lugar situado justo a fronteira entre os ilustres visitantes e o grande grupo de trabalhadores da Cia. – imigrantes e brasileiros – ocupando assim lugar privilegiado fruto principalmente dos modos como propaga sua trajetória internacional. À frente dos salões, Sousquieres promove inúmeros festejos e aclamados banquetes e recepções, sua fama de *fin de gourmet* reforça os sentidos pretendidos pela presença do Hotel na Vila e a conecta não só com São Paulo, mas agora, frente ao passado compartilhado de Sousquieres, com os espaços mais aclamados da França e da Argentina.

É notável nesse sentido a importância crescente que o país latino-americano assume dentro dos círculos ilustrados da elite paulista. Além de Sousquieres, Manoel D’Huicque, que arrendara o Hotel anteriormente durante cerca de 4 anos, era oriundo desse país, que despontava como referencia sul-americana de elegância e cosmopolitismo.²⁰⁹ O desloca-

207 A presença de Sousquieres em Mar del Plata é indicada em alguns relatos publicados pelo Correio Paulistano. É possível que sua estadia no balneário argentino tenha sido realizada no que depois ficou conhecido como Hotel Bristol, inaugurado em 1888.

208 Em 21/06/1912 o Correio Paulistano anuncia a venda da Rotisserie Sportasman, propriedade de Daniel Sousquieres, a Brazil Railway pela quantia de 500:000\$000.

209 Camargo afirma que já desde meados do século XIX, Buenos Aires desponta como importante paradigma, oferecendo um amplo conjunto de hospedagens e espaços destinados a prática do lazer burguês, evocada somente à sombra de Paris e outras capitais europeias. (Camargo, 2007:272)

mento das referências culturais do velho continente em direção às Américas, presentes no Guarujá por meio de diferentes agentes – Sousquieres, Manoel D’Huicque, Elias Fausto, Percival Farquhar, entre outros –, ou ainda visíveis por meio de sua arquitetura, permitem entrever o espelhamento de cenários construídos sobre a mesma base de exploração colonial, que apesar de muito distintas, poderiam se transfigurar em um futuro marcado pelo progresso capitalista e industrial regado a cosmopolitismo e padrões de civilidade típicos da modernidade.

A fama e prestígio do chef garantiam que em qualquer relato, reportagem ou anúncio veiculados do Hotel, sua presença fosse destacada, convertendo-o em mais um chamariz entre os serviços já prestados pela estação balneária. Aproveitando-se dessa condição, durante o período em que esteve à frente do Hotel uma importante inovação passou a ser comercializada: bilhetes especiais de excursão eram oferecidos aos fins de semana e dias festivos, que incluíam a passagem de ida e volta de trem à ilha permitindo dessa forma a realização de uma refeição em sua celebrada cozinha. Os bilhetes eram anunciados a preços reduzidos e deveriam ser adquiridos na própria Sportsman serra acima. Assim, inúmeros foram os viajantes que se dirigiram à ilha afim de “*gozar algumas horas respirando a plenos pulmões o ar embalsamado do mar*”²¹⁰ e de disfrutar dos almoços dirigidos pelo francês. Esses bilhetes eram oferecidos também fora da estação balnear, para além das temporadas em vilegiatura, torna-se possível vivenciar a estância balnear de modo efêmero, porém sem a aclamada vivência nas grandes festas e bailes, estes sim ainda permaneciam restritos ao círculo de exclusividade:

Passou-se a estação balnearia do corrente ano. Entretanto continua esta belíssima praia a ser procurada por muitos banhistas, retardatários, talvez, mas que preferem mais o sossego, do que as brilhantes festas que ainda há pouco se realizavam todas as noites no hotel, do Sr. Sousquieres Daniel.²¹¹

O oferecimento dos bilhetes somado à presença de renomado chef à frente da cozinha e salões do Hotel são indicativos do desejo de expansão do sentidos simbólicos do Hotel que a menudo introduzem transformações materiais ou alargamento dos serviços oferecidos. Para além disso, é importante ressaltar o fortalecimento nesse momento do estreito vínculo entre a infraestrutura ferroviária e o florescimento de novos espaços de lazer. Se é evidente que o binômio estrada de ferro – espaços de lazer está presente desde o início da exploração da Ilha de Santo Amaro, possibilitando que ela seja de fato ressignificada por meio de seus novos usos, é somente nesse momento que essa associação se torna de fato um potente mecanismo de ampliação desejosa de ganhos financeiros. Há tempos a ferrovia havia transformado os hábitos e a mobilidades dos habitantes das localidades que atravessava, o famoso trem dos comissários por exemplo, que partindo de São Paulo pela

²¹⁰ O Commercio de São Paulo 21/08/1904

²¹¹ O Commercio de São Paulo 21/08/1904

manhã com destino a Santos, retornando ao planalto no meio da tarde permitia com que membros da elite pudessem cuidar de seus negócios na cidade litorânea mas mantivessem residência serra acima, contribuindo para uma intensa mobilidade em geral assimilada ao universo do trabalho. É também conhecida a associação entre as ferrovias e o escoamento de inúmeros produtos, em especial do café, respondendo ao desejo pela concentração econômica e pela diversificação dos investimentos de membros da elite cafeicultora que passam a investir massivamente na construção de ramais ferroviários, como já visto anteriormente²¹², ampliando significativamente seus ingressos.

A exploração de um potencial mais massivo do lazer e dos divertimentos, entendidos a partir de uma perspectiva financeira, aproveitando-se das características trazidas pela implantação das estradas de ferro, no entanto ainda não havia sido explorada. Assim diferentemente dos importantes centros de vilegiatura europeus, como Deuville, Nice, Montecarlo, Brighton, que tem as raízes de sua exploração fincadas nesse binômio²¹³, no Guarujá, essa associação será esboçada nesse momento e somente potencializada anos mais tarde, quando o Hotel será incorporado a uma das empresas sob o guarda-chuvas da Brazil Railway. O ideal de exclusividade e o desejo de uma conformação territorial marcada por sua especialização e segregação social, que deram início ao surgimento da Vila Balneária, talvez se colocassem de antemão como uma contradição à exploração deste binômio. O fornecimento dos bilhetes de excursão passados pouco mais de 10 anos da inauguração do conjunto, se não é capaz de desmontar por completo esse território de exclusividade, pretende ao menos tensionar essa noção e indica para um reposicionamento da noção de lazer ali desempenhados. Os preços reduzidos anunciados dos bilhetes são indicadores desse cambio, e a partir de então os signos de exclusividades deveriam ser também repensados.

Após a venda do Hotel a Compagnie des Grands Hotels, Sousquieres volta à França para uma temporada de descanso e, anos mais tarde, retornando a São Paulo e mais especificamente ao Guarujá assume a direção do Cassino do Grande Hotel. Ainda que não mais à frente da cozinha, Daniel assume novamente um posto disposto à fronteira, reiterando seu papel como trabalhador especializado, mediando as relações entre os hóspedes e jogadores, com os demais trabalhadores da Cia. Daniel assume tal cargo até sua morte, ocorrida em julho de 1914, vítima de uma enfermidade adquirida enquanto vivia na Europa, e da qual convalesce na própria Ilha de Santo Amaro. A morte destacada nos periódicos, foi também no Guarujá tratada com importância: há o hasteamento da bandeira em funeral e a suspensão completa dos divertimentos do cassino e do concerto diário ocorrido durante o jantar dos hóspedes; o corpo foi velado no Guarujá durante a noite por inúmeras figuras dignas de nota nas páginas dos jornais – Srs. João Marcellino da Silva, Manoel de Almeida e senhora, Julio Judah, diretor do Guarujá, dr. Horacio Sabino, José Anselmo de Carvalho, dr. Maximiliano Maia, Pedro de Queiroz Lacerda, J. de Sá Rocha, Alfredo Ransepp e se-

212 A relação entre café, ferrovias e demais investimentos sera trabalhada no primeiro capítulo da dissertação.

213 Ver para tanto Zucconi, Guido. *Ferrovia e villes d'eaux: tre casi di studio*. In: *Architettura e paesaggi della villeggiatura in Italia tra Otto e Novecento*. Milano: Franco Angeli, 2015.

TRABALHO E DISTINÇÃO

nhora, mme Virginia Berra, senhorita Angela Berra²¹⁴ – e outras tantas anônimas retratadas de modo genérico como empregados do Cassino e do Hotel. As homenagens prestadas à vítima também partem desses grupos distintos. O corpo seguiu em cortejo desde o Hotel até São Paulo em barca e vagão especial, onde da gare da Luz parte para ser enterrado no cemitério da Consolação, junto a outros tantos membros da elite paulista. Como destacam os jornais, entre as pessoas que tomaram parte do cortejo estão ministros, secretários da presidência do Estado, representantes de empresas, membros da elite cafeeira, representantes da imprensa e ainda representantes do corpo de empregados da Cia com destaque para os representantes da Sociedade Aliança de Copeiros e Cozinheiros, nas figuras de João Padula, Jacinto Gandolpho, Miguel Troverca e Luigi Fuoni²¹⁵, indicando não só o trânsito de Sousquieres, como também o fortalecimento da articulação entre os empregados, passados mais de 20 anos da inauguração do empreendimento.

Eulálio da Costa Carvalho, Luiz Gouvêa, Daniel Sousquieres, além de outras figuras acima retratadas compõe não só a diversa rede de empregados da Cia Balneária, como suas distintas agências e contribuições ao longo dos anos no Guarujá, permitem entrever um cruzamento de experiências, estratégias, mecanismos de ocupação e estruturação de territorialidades, que alargam as fronteiras de interpretação da Ilha de Santo Amaro. Assim, o *grande, belo e confortável edifício*, passa também a ser visto a partir de seu desgaste material e do desalinho de suas instalações; a *esplendida e importada vila* é entremeada por uma sequência de lotes desocupados; os jantares, concertos e festejos, acompanhados pelo *estampido* de bomba e pelo avanço rápido do fogo. Os funcionários da Cia e trabalhadores na ilha deixam ainda de compor uma categoria coesa, cujas experiências são compartilhadas e vivenciadas da mesma maneira.

Mesmo que profundamente dispare, essa condição tensiona e situa as areias do Guarujá em um plural e conflituoso processo de modernização. As relações, que se constroem mutuamente ao longo do tempo a partir da diversidade de experiências retratadas, convocam a um certo dinamismo entre a vivência de seus habitantes, efêmeros ou não, com o desenvolvimento de Guarujá, Santos, São Paulo. Nesse sentido, o Guarujá deixa de ser compreendido como um núcleo que simplesmente orbita entorno dos demais e passa a ser entendido em uma posição simultânea de complementaridade e alteridade à esses centros urbanos. Ali, todo o aparato material, somado às práticas desempenhadas - banhos de mar, jogos, práticas esportivas, jantares, festas, recitais e orquestras – e ainda somado

214 Sobre as figuras elencadas pouco se sabe, com frequência, no entanto, despontam seus nomes na coluna Chronica Social do Correio Paulistano, indicando sua chegada ou partida da cidade, sua estadia nos hotéis da cidade - dentre os quais o Sportsman aparece com maior frequência - ou ainda em eventos sociais onde se cruzam, como festejos de inaugurações de edifícios, casamentos ou ainda outros enterros e funerais.

215 Correio Paulistano 04/07/1914

às experiências, de certo modo, disruptivas – acidentes, conflitos entre trabalhadores, desgaste físico e financeiro - ao mesmo tempo que cultivam novos modos de estar no mundo, reposicionando o culto ao lazer na formação dos valores da sociedade burguesa e operando de maneira bastante eficaz como mais uma ferramenta de distinção das camadas dominantes, atuam também de modo a tentar disciplinar e construir novos corpos – físicos e sociais - que remontam não apenas hierarquias e assimetrias mas tensões, confrontos e conflitos do mundo social que ecoam e incidem de maneira ampla.

Os relatos e agências retratados ajudam, dessa forma, a pensar o Guarujá para além de um espaço de retiro, de cura ou de prazeres, e o beira-mar ressurgente então como um espaço a ser reiteradamente conquistado.

Paralelamente, portanto à cidade construída a partir da experiência dos hóspedes e viajantes, buscou-se compreender em que medida os trabalhadores e suas agências tensionam as noções de distinção e exclusividade da Vila, seja quando são capazes de informar o lugar de submissão de seus corpos e que se converteram em trabalhadores comportados e produtivos, seja ainda em momentos de intenso conflito.

207

Entre aquelas que asseguram os sentidos de exclusividade da Vila e principalmente do empreendimento Hoteleiro, encontram-se principalmente os superintendentes da Companhia. Vários foram os homens que assumiram esse cargo, em geral representando a face pública do Hotel²¹⁶, recebendo comitivas, hóspedes e demais convivas, além de um trabalho mais administrativo. Grande parte deles exercia outras atividades profissionais ou estava a frente de outros empreendimentos, seja como investidor, seja como proprietário, e em sua maioria possui ainda estreitos vínculos familiares com sócios fundadores da Cia Balneária, em especial com membros das famílias Prado e Chaves, fechando ainda mais o círculo de exclusividade do empreendimento. São trabalhadores que se situam dessa forma em posição social próxima àqueles que frequentam os salões do Hotel ou arrendam os chalés de seu entorno, cuja atuação profissional junto ao hotel é sempre passageira e por isso não necessariamente responde a anseios de uma realização profissional ou constitui por si mesma um posto de inserção social.

Além dessas figuras, outras se destacam por se situarem justo na fronteira tênue entre a massa de trabalhadores potencialmente perigosos e o pequeno grupo de cavalheiros distintos que ali também trabalham, do qual Eulálio faz parte. Nesse caso é central a agência de Daniel Sousquieres. A ambiguidade que possui sua atuação junto ao empreendimento – ora tido pelas fontes consultadas como arrendatário do Hotel, ora como funcionário da Cia - fortalece a interpretação de seu lugar limiar, constituindo um curioso entre-espaço, espécie de interstício entre os membros da elite paulista e a massa de trabalhadores imigrantes que desde o fim do século XIX aporta em Santos. Além de Daniel Sousquieres,

216 Entre eles cabe destacar as figuras de Elias Fausto Pacheco Jordão, já tratada anteriormente, e o sr. Lindolfo de Freitas, cuja atuação seria lembrada pelas melhorias na infraestrutura do conjunto edificado da Vila balneária, em especial do ramal ferroviário, nas balsas que realizam a travessia do Canal do porto e no conjunto de ruas.

Manoel D’Huicque, argentino que se tornará arrendatário do Hotel, frente contrato com acionistas da Prado & Chaves, nos últimos anos do século XIX; João Constantino Janacópulos, engenheiro, sócio fundador das Companhias Santista de Construção e Materiais, e Companhia Santista de Serviço Marítimo e Vicente Rosati que na primeira década do século XX se tornará arrendatário do celebre Bar do Theatro Municipal e do Trianon, “pontos preferidos da alta sociedade”²¹⁷, constituem esse grupo, em geral de imigrantes, que assumirá funções centrais no empreendimento.

Finalmente, quase que a contrapelo, despontam nas fontes pesquisadas alguns poucos trabalhadores pertencente às tais *classes perigosas*. Luiz Gouvêa se consolida como o mais emblemático, situado em lugar de oposição à sociedade e à cidade burguesa que se deseja implantar. Estevam Simões da Silva, Ambrosino de Freitas, Antônio Carrara, Jesuíno Cordeiro Mendes, todos em algum momento convocados a depor na policia frente a incidentes ocorridos na Vila Balneária, também reiteram esse lugar ocupado pelos funcionários, que remonta às enormes clivagens sociais e raciais que estruturam o funcionamento e exploração da Vila.

O ensejo, já tratado anteriormente, pela constituição de um território disciplinar, moderno, dedicado ao ócio e à vilegiatura, é entendido como parte integrante dos processo de renovação urbana em curso, que como em outras cidades como Santos, Rio de Janeiro ou São Paulo, se assentavam em uma especialização social crescente no tecido urbano. Era essencial assim, para a disseminação e generalização dos valores burgueses, para os quais o Hotel e a Vila como um todo, tanto se prestavam, a implementação de uma Vila não só bela e higiênica mas também devidamente alheia às influencias das chamadas *classes perigosas* ou ainda *massas desprovidas de cultura* e sua dita inerente promiscuidade, associando de uma vez salubridade física e social. No Guarujá não só as definições arquitetônicas, o desenho urbano e a distância precisa entre os demais centros urbanos se prestaram a esse grande objetivo, mas também sua assimilação simbólica e o escamoteamento e sucessivo apagamento da experiência cotidiana do trabalho vivida por inúmeros trabalhadores da Cia. A crença de que esses trabalhadores representariam uma ameaça à incorporação dos valores burgueses que se desejavam implantar, se colocando diametralmente opostos às novas noções de higiene, aos preceitos morais e familiares, confrontam o desejo de constituição de um território exclusivo e distintivo. Ainda que fundamentais para o bom funcionamento, os trabalhadores pobres da vila, representavam uma ameaça constante funcionando como uma base arenosa sobre a qual se funda todo o empreendimento. Não à toa cabe lembrar que o Código de Posturas de São Paulo, já em 1886, ou seja, antes mesmo da abolição da escravidão, definia que todos os “criados de servir” - pessoas de condição livre que sob salario ocupam-se de moço de hotel, cozinheira, copeiro, cocheiro, ama de leite, costureira etc. - devem inscrever-se na polícia e especificar nome, cor, idade, emprego anterior, etc.²¹⁸ A ameaça era, pois evidente, e a vigilância, doutrinação e apagamento, cruciais.

²¹⁷ Correio paulistano 04/03/1919

²¹⁸ Lanna, 1996 p.224

Esse imbricado processo não se delineia de maneira explícita em parte das fontes consultadas – periódicos e iconografia essencialmente - que em grande medida enaltece as características do empreendimento e suas contribuições para a formação de um conjunto de práticas e ritos em consonância com os postulados morais, técnicos e científicos da modernidade. Nessa perspectiva é exemplar, por exemplo, o papel que desempenha o casal Eglantina Penteado e Antônio Prado Jr., filhos respectivamente do Conde Alvares Penteado e do Conselheiro Antônio Prado, este junto com seu irmão e primos, sócio fundador da Companhia Balneária Ilha de Santo Amaro. O casal, que se tornaria célebre na cidade de São Paulo, símbolo da nova geração atrelada ao modo de vida urbano da Belle Époque, ele considerado “*um dos mais brilhantes rapazes da sociedade paulista e um dos mais ativos organizadores da vida elegante esportiva de São Paulo*” e ela “*uma paulista quase parisiense que constitui um dos mais belos ornamentos da nossa sociedade feminina*”²¹⁹, desponta com frequência na iconografia consultada desfrutando seus dias nas areias do Guarujá, bem como nas descrições dos periódicos em momentos chave da constituição da Vila.

Além deles, o retrato da experiência de uma série de outras figuras de passagem pela estação balnear irá reiterar a inscrição hegemônica no imaginário da Vila como espaço dedicado exclusivamente à recomposição dos ânimos em retiro e aos prazeres, destinados a uma determinada classe. Se a cidade é o lugar do trabalho, o beira-mar é essencialmente o lugar do ócio e do descanso.

209

Em artigo publicado pelo Jornal de São Paulo no verão de 1899, intitulado “Balneário da Aristocracia”, essa ideia se vê fortalecida, e à oposição evidente entre os espaços de trabalho cotidiano e os espaços de lazer situados fora da cidade, adiciona-se ainda a noção de distinção marcada por enormes clivagens sociais e raciais:

Nem tudo é trabalho e política na vida dos audaciosos e laboriosos Prado. O prazer também tem sua vez. É nesses momentos que as paradisíacas praias do Guarujá – um balneário que já está despontando entre a elite paulista – acabam sendo o destino certo. É lá que os Prado estão passando as férias de verão, em companhia de pessoas não menos aristocráticas. Nas finas areias do Guarujá, os Prado podem ser vistos conversando e trocando ideias com os filhos de Andréa Matarazzo ou de um menino santista de pais ingleses chamado Roberto Simonsen. E quando o sol está muito forte todos refugiam-se nos elegantes chalés de madeira, importados dos Estados Unidos. A cor ‘enegrecida e vulgar’ deixada pelo sol é uma marca que todos querem evitar.²²⁰

São raros, nos periódicos consultados, os momentos em que a vivência de momentos do

²¹⁹ Trecho da revista São Paulo Magazine, 15/06/1906.

²²⁰ Jornal de São Paulo 1899. apud Amanda Cristina Franco. Águas fundam cidades: a formação de estâncias hidrominerais no Brasil no início do século XX. São Carlos, 2005.

ócio e o distanciamento das responsabilidades cotidianas do mundo do trabalho e da cidade são questionadas. Bernardino de Campos, importante político do Partido Republicano Paulista e duas vezes presidente eleito do Estado de São Paulo, ao contrário de seu colega Antônio Prado, sofrerá inúmeras críticas frente a suas temporadas frequentes em vilegiatura nas areias do Guarujá:

Enquanto Santos referve ao calor da politicagem, que se está desenvolvendo perturbadoramente, ao influxo das ambições que a incendeiam, o governo do Estado recreia-se incuidoso na sua vilegiatura do Guarujá.

Nem lhe perturba a mente, deliciosamente embalada pela cadencia das ondas que rolam espumosas pelo oceano soprado, os desmandos que por ventura se iniciam com o aparato dos grandes feitos que mais tarde hão de secundar-lhe o pensamento inclinado para um futuro que além descobre na realização de um plano que sorridente afaga.

Batido pelos gelos do serro, embora sonorizado pelas fanfarras de um congresso saído do estado de sítio, ele retempera-se no ambiente da marulhosa praia, saturada das emanções que reconfortam nessa estação deliciosa, que é como que um sonho de Maupassant a procurar lugares inefáveis.

Não lhe abalam as comoções da vida na abandonada terra que lhe viu os passos na veloz jornada; todo voltado ao egoísmo de sua filúcia, n'uma veneração de si mesmo, que manda que, como um grande rei, como um grande senhor, ostente e goze, nesta nova Rússia, ele despreocupa-se como um soberano contente no gozo das blandícias da Dinamarca.²²¹

O Guarujá desponta assim como lugar idílico marcado pela presença de uma natureza controlada, de divertimentos modernos e de uma civilidade de moldes europeus. A experiência na Vila Balneária e a fruição de todas as suas instalações mantêm assim uma relação propositadamente deslocada do universo do trabalho e das responsabilidades, disputas e confrontos cotidianos típicos da vida urbana. Seja em longas temporadas de vilegiatura, ou em viagens diárias garantidas pelos bilhetes de excursão comercializados que davam acesso ao restaurante e a um dia na praia, a experiência ali consumida e propagandeada era aquela relacionada à ideia de retiro, de ausência de obrigações que acarretam o ocultamento completo de todas as atividades ligadas ao mundo do trabalho.

221 Em Vilegiatura. Santos Comercial 12/06/1985

Esta deslocamento constitui no entanto apenas uma dentre as múltiplas experiências inerentes ao processo de urbanização da ilha. Ainda que nem sempre tão explícitas, buscamos recuperar por meio de agências e experiências diversas, outras facetas desse processo de urbanização que reposicionam a vila em relação aos núcleos urbanos mais próximos e asseguram a constituição de um passado mais plural composto por uma multiplicidade de atores, cuja contribuição individual é fundamental para repensar o desenvolvimento do Guarujá e os tensionamentos dele decorrentes.

DA VILEGIATURA ÀS FÉRIAS

CAPITULO 05

A vida, tal como nos coube, é muito difícil para nós, traz demasiadas dores, decepções, tarefas insolúveis. Para suportá-la, não podemos dispensar paliativos. ('Sem construções auxiliares não é possível', disse Theodor Fontane). Existem três desses recursos, talvez: poderosas diversões, que nos permitem fazer pouco de nossa miséria, gratificações substitutivas, que a diminuem, e substâncias inebriantes, que nos tornam insensíveis a ela. Algo desse gênero é imprescindível.

Sigmund Freud. O mal-estar na civilização.²²²

RAMOS DE AZEVEDO E O CAPITAL INTERNACIONAL

Durante os primeiros anos do século XX um conjunto de fatores fez com que a intensa expansão do capital cafeeiro paulista se converte-se em um imbricado processo. Por um lado o crescimento da imigração europeia - intensificado com a formação da Sociedade Promotora da Imigração em 1886 - somado ao conjunto de medidas dos primeiros governos republicanos que aumentaram o fornecimento de crédito por bancos privados, facilitaram a formação de sociedades anônimas e fortaleceram a diversificação do capital cafeeiro²²³. Por outro lado a crise cambial iniciada em 1896, a relação de dependência com o mercado internacional e a desvalorização da moeda nacional passaram a constituir fissuras na interrelação inicial entre os diversos investimentos. Essa situação se fortaleceu ainda mais no ano de 1906 com a diminuição constante de preços que o café sofreu em mercado internacional. O convênio firmado por Estados produtores para a compra do produto, tornou a economia nacional ainda mais dependente do capital internacional, que fornecia já desde o fim do século anterior, vultuosos empréstimos ao poder público e tornava o país não só um importante credor como também componente dentro da economia mundo capitalizada e cada vez mais financeirizada.

215

Conforme destaca Saes, com a economia em crise e em um momento em que os mercados internacionais estão a procura de novas aplicações, facilita-se a entrada de capital estrangeiro no país. Tal característica pode ser percebida já desde 1899, quando respondendo a esse contexto, e de certa forma, contribuindo para o fortalecimento das dificuldades das empresas nacionais, a exploração de atividades ligadas à economia urbana passou ao controle de empresas majoritariamente organizadas com capitais internacionais.²²⁴

É em meio a esse cenário, que muitas das empresas ferroviárias controladas por membros

223 Esse conhecido processo de expansão monetária e do fornecimento de crédito, gerou o surgimento de inúmeras empresas fictícias, que se aproveitavam dessa situação para uma mera especulação e valorização financeira, característica central no processo de transformação capitalista. Segundo Filomeno: “Entre a data da Proclamação e o ano de 1891, incorporaram-se no Rio de Janeiro sociedades com capital global de 3 milhões de contos, enquanto é sabido que, ao iniciar-se a especulação, em novembro de 1889, o capital de todas as sociedades existentes no país somente ultrapassava 800.000 contos. Naturalmente, a quase totalidade das novas empresas era fictícia e não tinha existência concreta, a não ser no papel. Organizavam-se apenas com o fito de emitir ações e despejá-las no mercado de títulos, onde passavam rapidamente de mão em mão em valorizações sucessivas”. Essa situação contribui para que posteriormente se instaurasse uma grave crise cambial, uma enorme desvalorização da moeda nacional e uma inflação crescente que culminou na falência de inúmeras empresas e na maior participação do capital internacional na economia brasileira (Filomeno, 2010)

224 1899 é o ano em que a São Paulo Tramway, Light and power Co Ltd. Passa a operar na cidade de São Paulo, explorando a provisão de transporte urbano, energia elétrica e serviços de gás e telefonias (esses últimos incorporados apenas alguns anos mais tarde) .

da elite cafeicultora passam por graves crises, e passam de mão em mão até encontrarem um destino próprio. É também neste momento, no ano de 1906, que se funda a Brazil Railway Company, cujo objetivo essencial era a exploração ferroviária do sul do Brasil, organizada até então por diferentes empresas. Fundada segundo normas do estado norte americano do Maine a partir da junção de capitais ingleses, belgas e franceses, a empresa tinha como sócios figuras vinculadas a outras empresas internacionais atuantes no país, como a São Paulo e a Rio de Janeiro Tramway, Light and Power Company, e sua liderança ficou a cargo do estadunidense Percival Farquhar²²⁵ e do parisiense Hector Legru²²⁶.

Durante seus primeiros anos, entre 1906 e 1913, a empresa vivenciou uma fase de enorme expansão, quando não só adquiriu empresas ferroviárias do sul do Brasil (como a Sorocabana - que desde 1902 era gerida pela União - a Estrada de Ferro São Paulo- Rio Grande, as Linhas Férreas do Paraná entre outras), como passou a controlar, por meio da posse de ações em Bolsa, um conjunto enorme de outras empresas dentre as quais se destacam, para além das empresas ferroviárias, empresas portuárias, empresas madeireiras e empresas dedicadas à construção e exploração de hotéis. Conforme registrado em Paris, nestes anos a empresa estava reconhecidamente vinculada com:

1. Exploração direta de estradas de ferro: Sorocabana Railway; estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande; Linhas férreas do Paraná; Cie. Auxiliare des Chemins de fer au Brésil
2. Participação em diversas linhas ferroviárias: Cia. Paulista de Estradas de Ferro; Cia Mogiana de Estradas de Ferro; Madeira Mamoré Railway; Uruguay Railway; Antofagasta and Bolivia Railway.
3. Empresas Portuárias: Porto do rio Grande do Sul; Porto do Rio de Janeiro
4. Empresas Agrícolas e Florestais: 2.500.000 hectares de terra
5. Empresas madeireiras: Southern Brazil Lumber and Colonization

225 Percival Farquhar nasceu no estado da Pensilvania em outubro de 1864. Após graduar-se em Yale, atua junto a seu pai em empresa de exportação de maquinário, cujo principal destino era a America Latina. A partir de 1890, inicia sua atuação com a exploração de ferrovias, transportes urbanos eletrificados e setor imobiliário em New Jersey. O acumulo de capital e o conhecimento técnico da burocracia administrativa e financeira o impulsionam a, a partir de 1898, iniciar uma longa trajetória explorando operações financeiras em diversos mercados internacionais, atividade que realizaria efetivamente no Brasil a partir de 1906, com a criação da Brazil Railway (Percival Farquhar papers New Haven Connecticut).

226 Hector Legru, nascido em Paris em 1846 e foi um banqueiro parisiense, cuja participação na empresa garantia uma maior facilidade da Cia adentrar nos mercados europeus de capitais. Antes de assumir parceria com Farquhar, *“em 1880, assumiu a gerência da fábrica de açúcar dirigida por seu pai. Os dois foram a bancarrota e, para evitar problemas maiores, ele sai da França entre 1883 e 1889, indo para o Canadá e Bélgica. Fez fortuna na América e teceu ali uma rede de relações que o auxiliaram a participar cada vez mais de negócios americanos. Volta para a França em 1889 e funda na 11 Rue Louis le Grand importante casa financeira. Este nobre endereço será também, na primeira década do século XX, o endereço oficial em Paris da Brazil Railway Company. Legru é fundador ou administrador de vários negócios industriais, notadamente a Sociedade Anônima de Fosfatos Tocqueville(Algéria); Sociedade Mineira e Industrial Rotchenko; Sociedade de Altos Fornos e Acerias na Rússia; Companhia Francesa do Porto do Rio Grande do Sul; a Companhia de Tranway Canadense que opera no Rio de Janeiro”*. (Lanna, 2013).

6. Empresas de criação: Brazil Land, Cattle and Packing Co.
7. Construção e Exploração de Hotéis: Societé Generale de Construction; Cie. Des Grands Hôtels de São Paulo.²²⁷

O amplo programa da Cia assume uma dupla função, desenvolver o tráfego ferroviário, em uma rede ampla e articulada, ao mesmo tempo que buscava estabelecer empresas subsidiárias, que em grande medida exploravam parte do território lindeiro e concedido às estradas de ferro, que posteriormente poderiam contribuir para um maior aproveitamento dos trilhos e lhe assegurariam uma maior prosperidade. Nesse sentido é crucial por exemplo a exploração no sul do país de terras para gado, áreas para colonização, do porto e da estrada de ferro; detinha-se assim tanto as terras, a concessão para exploração da agropecuária, a provisão de mão de obra e os meios de escoamento dos produtos. A exploração e construção de hotéis, ainda que mais circunscrita, pode ser entendida nessa mesma perspectiva, impulsionada e impulsionando o tráfego das estradas de ferro. Os planos originais da Compagnie des Grands Hotels de São Paulo, eram construir modernos hotéis e cassino em São Paulo, Rio de Janeiro e Guarujá, que passariam todos ao controle da célebre empresa hoteleira Ritz- Carlton, que desde o início do século operava importantes hotéis em Paris e Londres.

217

Não foi possível explorar dentro dos limites desse trabalho maiores informações sobre o processo de compra e venda da Cia Balneária, que passará nesses anos, ao controle da Cie. Des Grands Hotels de São Paulo, cujo capital acionário²²⁸ era integralmente controlado pela Sorocabana Railway, empresa arrendada pela Brazil Railway desde 1907. A complexa articulação entre as empresas que permaneciam sob o guarda-chuva da Brazil Railway, e estabeleciam entre si uma engenhosa articulação de capital financeiro, remonta à principal estratégia de Farquhar e Legru de valorização do seu patrimônio a partir da especulação e circulação constante de ações do grupo e de empresas subsidiárias nos mercados internacionais.²²⁹ Cabe ainda destacar, que, se em um primeiro momento a construção da Vila se via alavancada pelos investimentos exclusivos da elite paulista, que dessa forma ampliava seus capitais políticos e sociais, neste momento a passagem ao controle pelo capital internacional, indica a conformação cada vez mais entrelaçada da economia capitalista.

Como vimos, em 1912 a Brazil Railway efetuará também a compra da Rotisserie Sportasman. Neste mesmo ano o Hotel e o Cassino do Guarujá já haviam sido parcialmente demolidos e reconstruídos; uma parcela do conjunto já se encontrava em operação e o restante ainda em processo de renovação e ampliação com projeto a cargo do Escritório Técnico de Ramos de Azevedo.

227 Flavio A. M. De Saes, Os investimentos franceses no Brasil: o caso da São Paulo Railway Company (1900-1930). In: Revista Usp, n 119, 1998.

228 Segundo Gremand, a Cie des grands Hotels era organizada em 50.000 ações, cada uma no valor de 100\$000. (Gremand; 172)

229 Para uma melhor compreensão do funcionamento financeiro da Cia ver: Saes, 1998. O autor evidencia como grande parte dessas empresas não possuía efetivamente o capital anunciado, e que as transações de ações na bolsa se conformavam como as estratégias recorrentes de acumulação e multiplicação do capital.

Naquele momento o Escritório Técnico Ramos de Azevedo já era detentor de um enorme prestígio. Francisco de Paula Ramos de Azevedo, arquiteto e construtor responsável pelo escritório, desde 1886, com graduação em Engenharia e Arquitetura pela Escola de Engenharia Civil da Universidade de Gante, na Bélgica, e havia assinado grande parte das novas edificações que não somente alteravam a paisagem da cidade de São Paulo, como também orientavam um novo modo de vida urbano explícito pelo programa desses novos edifícios: a educação básica e a formação de mão de obra técnica, a cultura e as artes, o palacete burguês etc. O escritório que contou com até 500 colaboradores, era liderado por Ramos e Ricardo Severo naquele momento, e entre os demais integrantes estavam inúmeros egressos da Escola Politécnica e do Liceu de Artes e Ofícios que Ramos ajudou a criar e dirigir²³⁰.

Já em 1910 são apresentados às autoridades santistas projetos de engrandecimento do hotel, que até então ainda apresentava as feições do projeto anterior de Bezzi. O novo projeto, cujos desenhos são de autoria de Armando Reichmann, arquiteto integrante do Escritório de Ramos²³¹, previa a união das alas originalmente apartadas no 1º pavimento, garantindo uma maior oferta de quartos privados; o prolongamento da ala perpendicular do hotel; a construção de uma nova ala ligada a esta última e o acréscimo de um novo pavimento marcado por galerias externas e pontuado por duas torres em cada uma das extremidades do hotel. No pavimento térreo, uma grande galeria coberta foi proposta percorrendo toda a frente do edifício, interrompida somente no trecho central, onde a entrada era sinalizada por um leve desnível, conformando uma varanda elevada, cujo acesso era realizado pelo eixo central ou por cada uma das laterais. Os trechos destinados aos empregados ficavam situados na parte posterior do edifício, em um dos extremos do terceiro pavimento recém criado, e contavam não só com circulação vertical exclusiva, devidamente conectada às áreas da cozinha, como também com galerias independentes, garantindo hierarquia e autonomia tanto ao fluxo de hóspedes como ao de empregados.

O antigo cassino de madeira seria inteiramente demolido para dar lugar a um novo hotel de luxo de 4 pavimentos conectado, no pavimento térreo, à área de jogos, às salas de jantar, bilhar e leitura. Diferentemente do edifício ao lado, neste, os quartos teriam banheiros privados, e todos os que se situavam de frente ao mar seriam providos de um pequeno balcão individual, retomando as varandas que estiveram ausentes por mais de 15 anos. O edifício possuía extensão maior que o anterior, acarretando um pequeno desvio do arruamento lateral e uma leve modificação na quadra lindeira, que foi parcialmente transformada em um jardim.

230 Para mais sobre a atuação do Escritório e de Ramos ver CARVALHO, M. C. W. de. Ramos de Azevedo. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2000.

231 Não foi encontrada nenhuma informação sobre o arquiteto, sendo este um ponto que merece ainda maior investigação. Como destaca Bueno, os protagonistas do escritório jamais assinavam projetos, a estrutura fordista de produção fazia com que cada parte coubesse a um profissional que em geral despontavam por meio de sua abreviatura nos carimbos. (Escritório Técnico Ramos de Azevedo, Severo & Villares: longevidade, pluralidade e modernidade (1886-1980) Beatriz Piccolotto Siqueira BuenO Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil. Revista CPC, São Paulo, n.19, p.194–214, jun. 2015.)

O hotel assume assim novas proporções, as novas edificações contíguas possuíam cerca de 200 apartamentos que além dos terraços abertos ao mar eram dotadas de telefones próprios. Além do edifício anexo com cabines para banhistas, que garantiam a continuação das práticas de banhos, em seus arredores foram construídos ainda pequenos parques e áreas destinadas a práticas esportivas, como o golfe, o cricket, o tênis, a patinação, constituindo todo um conjunto de atrativos modernos para os diversos visitantes:

O Grande Hotel La Plage no Guarujá é um imponente edifício, ocupando em uma parte a área do antigo hotel que ha uns vinte anos teve seu período áureo na vida mundana da Paulicea. Consta de dois edificios principaes, que de destacam pela sua architectura; o edificio propriamente de hotel, que foi inaugurado o anno anterior; e o edificio do hotel de luxo, com o annexo do Casino comprehendendo o salão de baile, de jogos, bilhares, etc.

219

No quadro pitoresco e alegre da nossa praia do Guarujá, o edificio destaca-se como uma nota artística de modernidade e progresso que sobremodo agrada a quem amando a nossa paisagem tão opulenta e característica a estima ver engallanada com estes ornamentos que são manifestações de avançado progresso.

O Grande Hotel do Guarujá é construído no typo dos mais modernos hotéis, não lho faltando os dispositivos de hygiene, de conforto e de esthetica próprios destas opulentas habitações collectivas da atualidade.

O edificio hoje inaugurado tem os seus quartos acompanhados pelos respectivos gabinetes de toilette e banho, com amplos corredores, áreas e antecâmaras, e dá-nos o aspecto, pela tonalidade clara de sua pintura e a distincta singeleza de sua decoração, de uma aprasivel e alegre sanatório.

O conjunto do hotel, casino, annexos para usinas electrica, lavanderia, cozinhas, caldeiras de aquecimento, frigoríficos, depósitos, salas para o pessoal, rodeados e intermediados por parques e jardins e ligados por galeria envidraçadas, constitue uma grande villa, do mais importante aspecto.

Nas instalações deste conjunto de edificios com o seu parque, junto às collinas do fundo, locaes para sports, rink, carreira de tiro e outros di-

05.01 Planta pavimento superiores Hotel de Luxo. [s.d.] Fonte: FAMS

05.02 Elevação frontal Hotel de Luxo. [s.d.]. Fonte: FAMS

Na planta e na elevação podemos ver o reaparecimento das varandas, que surgem nesse momento individualizadas. Na planta nota-se também a presença de banheiros privados.

221

05.01

05.02

vertimentos, distribuição geral de água, luz e esgotos, dispendeu esta empresa, cerca de seis mil contos. A importância desta somma, dá-nos uma idéa comparativa da considerável valia dos melhoramentos executados na Ilha de Santo Amaro e da colaboração que nos presta esta brilhante iniciativa.²³²

O hotel contaria ainda com uma ampla garagem onde se encontrariam à disposição dos hóspedes *numerosos automóveis* com os quais se poderiam percorrer atrativos mais longínquos da ilha. A chegada do automóvel à ilha, que se consolidaria plenamente em 1918 com a provisão do serviço das balsas e lanchas adaptados para o transporte dos veículos, permitiria uma nova exploração econômica e territorial da ilha, ainda que internamente os caminhos trilhados no meio da mata fossem escassos²³³. Naquele momento, mais que uma possibilidade de locomoção pela ilha, os carros reforçavam os vínculos do conjunto com a modernidade e com o progresso científico e tecnológico, e eram entendidos como mais um dos divertimentos oferecidos:

A estação de banhos no Guarujá é um hábito para muitas famílias de São Paulo. Este ano, pois com a abertura do novo hotel e com o interessante programa de divertimentos, aquela linda praia será o ponto de reunião da sociedade fina e dos que desejem revigorar-se dos trabalhos cotidianos com o repouso do corpo e do espírito, num lugar ameno, onde a natureza e a inteligência humana reuniram tudo quanto poderia contribuir para tornar agradável a vida.²³⁴

Se as práticas esportivas já haviam desde a ultima inauguração do conjunto despontado como um signo de progresso e modernidade, nesse momento, a presença do esporte, não apenas como espetáculo a ser admirado, mas propriamente como atividade que molda e estrutura os corpos físicos e sociais dos viajantes se apresenta de forma potente. Genericamente chamados de *divertimentos*, um novo conjunto de hábitos, físicos, sensoriais e mentais, passam a constituir uma rede interativa de experiências centrais no contexto social e cultural, atuando como mais uma fonte representativa de identidade e estilo de vida. Conforme destaca Sevecenko, a partir desse momento e cada vez mais, *não é descansando que alguém se prepara para a semana vindoura, é recarregando as energias, tonificando os*

232 O Estado de S. Paulo, edição de 09/06/1913.

233 Em brochura divulgada já na década de 1920 aparece: “*Pode-se ir de carro pela mais linda Estrada do mundo: São Paulo-Santos-Guarujá. Pode-se toar o ferry-boat em Guarujá. Há também uma passagem de bote sobre um braco de mar, sobre a qual passam automoveis a qualquer hora do dia ou da noite. O ferry-boat faz a travessia em vinte minutos até a ilha, onde se liga a um bonde eletrico, com carros abertos e fechados. A viagem nos leva através de plantações de bananas e pequenas fazendas por cerca de meia hora, e nos dirige à estação junto ao Hotel.*” (Documento Biblioteca Nacional).

234 Estado de São Paulo 22/05/1913. A reportagem destaca ainda as famílias que já tinham encomendado reservas ao Hotel para a estação de banhos daquele ano. Entre eles figuram: Antonio Prado e família, Caio Prado e família, Condessa Alvares Penteado, baronesa Monteiro de Barros, Giuseppi Crespi, Nicola Puglise Carbono e família, Fabio da Silva Prado e família, Martinho da Silva Prado e família, dr. Altino Arantes entre diversas outras. Nota-se que à elite cafeeira que desde o fim do século anterior frequenta as areias do Guarujá, somam-se famílias de imigrantes industriais enriquecidos.

*nervos, exercitando os músculos, estimulando os sentidos, excitando o espírito.*²³⁵ O Guarujá cumpre dessa forma ainda mais seu propósito, ampliando os efeitos causados iniciados pela proximidade com o oceano.

Rebatizado, o Grande Hotel La Plage é reinaugurado em junho de 1913²³⁶. A enorme festa, amplamente anunciada e divulgada pelos jornais, contaria com a presença de importantes figuras políticas nacionais e internacionais, entre as quais estavam Regis de Oliveira, ministro interino das Relações exteriores; Jorge Tibyriça²³⁷ e demais representantes do governo do Estado de São Paulo e da imprensa, levados ao hotel por trem exclusivo que sairia da Estação da Luz pela manhã e regressaria no fim da tarde.

Os festejos teriam ainda performance do aviador Edu Chaves, conforme descreve o jornal o Estado de S. Paulo, em edição de 5 de junho de 1913:

A mesma diretoria comunica-nos que por acordo feito com o arrojado aviador Edu Chaves, este contribuirá para um maior brilhantismo da festa do dia 8. Edu partirá de S. Paulo com seu aparelho no dia 7, levando um passageiro, pretendendo aterrar na praia do Grande Hotel Guarujá, às 4 horas da tarde aproximadamente. No dia seguinte, isto é domingo 8, por ocasião do acto inaugural do Hotel, voará na praia, e depois de uma série de evoluções, procurará bater o recorde de altura, isto é, elevar-se acima de 5.000 metros.²³⁸

223

Eduardo Pacheco Chaves nascido em 1887, havia conquistado a permissão para a realização de voos em Paris um ano antes dos festejos de inauguração do Hotel, e neste mesmo ano realiza os primeiros voos no Brasil, entre as cidades de São Paulo e Santos. Edu Chaves, como era conhecido, era filho de Elias Pacheco Chaves, antigo sócio fundador da Cia Balneária. Sua presença, portanto, assume curiosos interesses. Por um lado a presença humana nos ares do Guarujá, novamente incide sobre a potência do controle das naturezas e do domínio científico e tecnológico sobre o cenário antes indomável, se até então mares, terra e montanha já surgiam modificadas pela agência humana, agora corpo e artefato lançavam-se também sobre os céus que ressurgem como mais uma fronteira conquistada e alargada. Por outro lado, se a situação econômica que garantiu a entrada de capitais internacionais ao mesmo tempo que removeu o controle do empreendimento da antiga elite cafeeira, a presença de Edu nos ares, reforça que os laços de vínculos entre essa elite e aquele território estavam longe de estar rompidos, e, ao contrario, ainda desempenhavam importantes marcas de poder e distinção.

235 Sevcenko; 1992,33

236 Essa inauguração se refere ao edifício do Hotel de luxo propriamente dito. O edifício ao lado já estaria operando desde o ano anterior.

237 Jorge Tibirica, foi presidente do Partido Republica Paulista e presidente do Estado de São Paulo entre os anos de 1904 a 1908. Foi sob seu governo que se firma o Convênio de Taubaté e que Sorocabana deixa as mãos da união e passa a ser gerida pela Brazil Railway.

238 O Estado de S. Paulo 05/06/1913

Apesar de toda a mobilização frente à renovação do conjunto, o reforço das ilustres figuras que remontavam o Guarujá como destino exclusivo e distinto, os jornais anunciavam que os preços do hotel não seriam tão elevados, havendo diárias disponíveis por quantias a partir de 15\$000, valor correspondente ao bilhete em camarote em uma noite de apresentação no Teatro São José, ou a uma mensalidade de aulas particulares noturnas de inglês, francês ou datilografia anunciadas na rua 15 de novembro.

Pouco se sabe ainda sobre o restante do conjunto pertencente a Cia Balneária. Junto às plantas de ampliação e renovação do Hotel, encontraram-se algumas que indicam transformações propostas para a usina de geração de energia - que se converteria em um depósito de materiais - e outros desenhos referentes à renovação da usina elevatória de esgotos. Quanto aos terrenos e chalés, tudo indica que eles também passariam ao controle da Companhia, que a partir de 1915, proporia uma expansão do arruamento e das quadras existentes em direção às montanhas, com um novo loteamento, cujos lotes de cerca de 1000m² (com 20m de frente e 50m de fundo), seriam colocados a venda buscando uma maior lucratividade e gerando uma ocupação bastante mais densa no entorno do Hotel.

DOS ÁLBUNS DE FAMÍLIA ÀS PÁGINAS DAS REVISTAS

Em setembro de 1913, pouco após a terceira inauguração do Hotel, a visita da Princesa de Pless²³⁹ acompanhada de *numerosa comitiva* é registrada na primeira página do *Correio Paulistano*. O menu do almoço, redigido em francês, bem como o programa da orquestra que ali se apresentou são reproduzidos na íntegra. A descrição do restante do cronograma de viagem, que inclui estadia na famosa *Rotisserie Sportsman*, na fazenda Santa Gertrudes, *a bela propriedade agrícola do Sr. Conde Prates*, visita ao *Instituto Serumtherapico do Butantan*, e a partida ao Rio de Janeiro no noturno de luxo, acaba por associar mais uma vez o Hotel de La Plage a uma rede de espaços urbanos que simbolicamente constroem a imagem de cidade moderna e cosmopolita que se pretendia alavancar. O novo nome francês, a nova arquitetura de matriz classicizante europeia, a nova empresa gerenciadora e o acompanhamento frequente dos jornais dos hóspedes e visitantes reorientam a imagem do empreendimento. É concomitante a esse processo que imagens do Hotel, instantâneos e postais passam a circular com maior alcance pelos habitantes da cidade, substituindo as representações literárias, rompendo as fronteiras dos álbuns de família, que até então resguardavam a poucos os registros das temporadas em vilegiatura e fortalecendo o fascínio e mobilização entorno da construção de uma identidade social e estilo de vida urbano.

As reproduções fotográfica permaneciam até a década de 20 uma enorme novidade para a maioria dos habitantes da cidade, e sua crescente utilização nas novas revistas de varieda-

239 Correio Paulistano, 16/09/1913. A Princesa de Pless, foi uma aristocrata de origem galesa, cujo reinado, fruto de seu casamento com o Príncipe de Pless da Prússia, perdurou de 1907 a 1938.

des cujas páginas eram tomadas por fotografias - retratos de ruas, grupo de pessoas desconhecidas, ilustres figuras paulistanas, paisagens, edificações importantes, acompanhadas ou não de breve legenda sem necessariamente conter qualquer informação textual que as acompanhasse, reproduzidas com enorme qualidade técnica - exerciam um enorme fascínio no público leitor. Grande parte dessas fotografias aparecia ainda modificada, resultado de montagens, colagens e superposições, envolvida por molduras e desenhos que remetiam à imagem fotografada, artifícios que acabavam por ressignificar o objeto retratado, seja por meio da espetacularização do evento, da despersonificação dos sujeitos ou ainda articulação de espaços e tempos antes fragmentados e dispersos. As imagens cumpriam assim múltiplas funções, construindo uma cidade miniaturizada, palpável e sobretudo simultânea, servindo elas também como um novo agente histórico, que finalmente

forneciam representações da cidade e criavam referências para os comportamentos e para as múltiplas identidades que os diversos grupos sociais iam estabelecendo, conforme o padrão de vida que alcançavam e o estilo que adotavam para si naquele contexto de reordenação da cidade²⁴⁰

225

Ainda que as imagens divulgadas gerassem maior intimidade entre os habitantes e a cidade, em grande medida saciando o desejo de participação efetiva no cotidiano da cidade e principalmente a noção de integração a uma sociedade mediada por valores e visões compartilhados, os lugares e eventos retratados não se configuravam de fato como um lugar de encontro e sublimam a leitura de uma cidade que se expande e transforma marcadamente pelos conflitos e por uma crescente distinção sócio-espacial. Assim se a renovação da cidade seguia marcada por forte clivagens sociais, raciais e espaciais, as estratégias e dispositivos utilizados pelo uso da fotografia nessas revistas reposicionava esses tensionamentos a partir da divulgação de padrões e estilos de vida.

Distanciando-se do nicho destinado aos leitores de jornais produzidos até então, a revista *A Cigarra* que começa a ser veiculada a partir de março de 1914²⁴¹, se fortalece ao veicular um conteúdo focado no entretenimento e na cultura, fortalecido pelas intensas transformações dos modos de vida urbano em curso, em seus exemplares:

O debate político cedia lugar ao cenário urbano... muitas delas [revistas] faziam as vezes de um guia, trazendo informações sobre cinemas, lojas, restaurantes, reportagens sobre bairros, reformas urbanas, asfaltamento de ruas e uma infinidade de assuntos que diziam respeito

240 Padilha, 1997: 83

241 A eleição por tratar desta revista se deu, pois, pela quase concomitância com a reabertura do Hotel. Gelásio Pimenta foi editor da revista e sócio principal da empresa responsável por sua fundação: a Gelásio Pimenta & Comp. Conhecedor do mercado editorial, fazia também parte do corpo editorial da revista Ariel, que assim como A Cigarra, buscava responder aos anseios da nova sociedade em formação.

a vida na cidade.²⁴²

A revista seguiu funcionando até 1974²⁴³, e nos primeiros anos de sua existência, vivenciou um crescimento estrondoso partindo de 8.500 exemplares em sua primeira edição para a quantia de 25.000 exemplares em sua nona edição, alcançando cifras ainda maiores impulsionadas pelos inúmeros concursos que promovia entre seus leitores²⁴⁴. Ainda que não tivesse um intervalo fixo entre cada um de seus números, a variação entre seus exemplares em média não tardava mais que 3 semanas, havendo uma maior regularidade a medida em que a revista de fato foi se afirmando no mercado editorial.

Voltada às crescentes camadas médias urbanas, e se fortalecendo lentamente dentro de um crescente público feminino, a revista tratava de temáticas variadas, fartamente ilustradas apresentando desde crônicas literárias, reportagens urbanas,

casamentos, eventos cívicos, quermesses beneficentes, banquetes, as feiras no Palácio das Industrias, retratos de artistas e leitores, piqueniques, corridas no Jóquei, 'matches' de futebol, visitas de personalidades a cidade, inaugurações de lojas e corsos carnavalescos... Em suas paginas apareciam comentários dos filmes levados nas varias salas da cidade, fotografias e fofocas da vida dos artistas de Hollywood, colunas sociais comentando casamentos, nascimentos, formações de sociedades comerciais, enfim, tudo aquilo que dissesse respeito a ordenação dos espaços e aos novos valores com os quais os paulistanos passavam a conviver.²⁴⁵

A revista se constituía, pois, como um *verdadeiro referencial do espaço urbano para os habitantes das diversas camadas sociais que se formavam em São Paulo*, ainda que marcada por um forte acento conservador, transmitindo e construindo constantemente em suas páginas os valores tradicionais acatados e reproduzidos pelas elites urbanas.

A concomitância do lançamento da revista e da reinauguração do Hotel é notável e assim, o Guarujá aparecerá nas páginas da revista em diversas edições. São frequentes expedições da revista a localidades fora da cidade de São Paulo, retratadas em seções intituladas *A Cigarra no Guarujá*, *A Cigarra em Santos*, *A Cigarra em Taubaté*...As aparições do espaço à beira-mar do Guarujá nessa seção se resumem a imagens e se referem ao espaço marcado especificamente pela presença do Hotel e da praia à sua frente; praticamente não aparecem nas páginas da revista nenhum outro espaço da Ilha de Santo Amaro, nem mesmo aqueles que compunham a Vila Balneária construída inicialmente, da qual o Hotel é parte

²⁴² Padilha, 1997:10

²⁴³ Após a morte de Gelásio Pimenta em 1924 a revista ficou a cargo da Editora o Cruzeiro.

²⁴⁴ O jornal o Correio Paulistano criado em 1872, atinge, somente em 1904, passados então 32 anos de sua fundação, uma tiragem de 8500 exemplares (Sodre, 1966:225)

²⁴⁵ Padilha, 1997.

integrante, estão ausente: os imponentes chalés, a pequena igreja de madeira, a linha e estação ferroviária, as cabines de banho, as ruas arborizadas e providas de iluminação etc. Não há também quaisquer referências textuais que remontem a essas expedições, descrições literárias, relatos de viajantes, crônicas ou demais elementos do gênero, com exceção de pequenas legendas que acompanham algumas das imagens publicadas e que em sua maioria destacam as condições pitorescas e aprazíveis do sítio e do clima local e ressaltam a condição de hóspedes das figuras registradas. As imagens reproduzidas retratam, tanto de modo displicente quanto de modo ensaiado e posado, *dinstintas senhoras paulistas* com seus ornamentados chapéus sentadas à mesa na varanda do hotel, *famílias e cavalheiros* caminhando *na pitoresca praia* observando elementos presentes na areia, hóspedes do Hotel posando ou caminhando em casais ou em grupos em seu entorno imediato, permitindo dessa forma vislumbrar a imponente edificação, alguns panoramas da praia de banhos sempre pontuados por visitantes, etc. Ao contrário da maioria dos postais e, de certo modo, visualmente mais próximo a imagens encontradas nos típicos álbuns familiares, as imagens tem como foco central as figuras nela presentes, figuras essas absolutamente anônimas identificadas somente pela sua condição estrangeira ao local e, portanto, etérea, algumas vezes, inclusive retratadas com um certo desleixo.

Nas imagens encontram-se ainda intensificados os elementos de moda, que surgem de maneira espalhada pelas páginas da revistas, permitindo vislumbrar o modo como também as areias do Guarujá incidem sobre noções de civilidade. Em sua maioria as figuras retratadas trajam leves roupas brancas, as mulheres longas saias e camisas que cobrem toda a extensão de seus corpos e os homens calças, camisas, ternos e gravatas, também de cores claras e praticamente todos, homens e mulheres, adornam suas cabeças com um distinto chapéu. As meninas também aparecem retratadas usando vestidos mais curtos, no entanto com as pernas cobertas por escuras meias-calças enquanto os garotos aparecem trajando calças e camisas. Ainda que absolutamente cobertas, seja por longos vestidos, ou por camadas de camisas e terno, as pessoas retratadas, já diferem em muito daquelas presentes no álbuns de família, onde o preto impera, seja em volumosas e pesadas saias, seja nos ternos e calças. Anos mais tarde os trajes de banho estarão em posição central em um amplo e acalorado debate que convoca o poder público a regular e normatizar usos e práticas. É quando, a partir da década de 1920, o maiô se populariza, incorporando ombros e pernas a paisagem e substituindo as antigas pesadas baetas de flanela ou os longos trajes de sarja escura.²⁴⁶

Os instantâneos reproduzidos se resumem a momentos de sociabilidade marcados pelo encontro dos hóspedes, descanso, *footings*... momentos de uma vida de hábitos urbanos cujo cenário é apresentado de modo idílico, estando ausentes qualquer sinais de urbanização, pontuado apenas pela presença do Hotel e da praia, diferindo, assim enormemente com os demais clichês que reproduzem cenas serra acima.

246 Para maior discussão sobre o tema ver O'Donnell, 2013. Sobre o papel central que tais discussões passam a ter dentro do processo de modernização e renovação urbana intensificado nos anos 20 ver Monica R. Schpun, *Beleza em jogo*. São Paulo: Boitempo, 1999.

05.03 Página álbum de fotografia pertencente à família Prado [cerca 1888]. Fonte: IEB USP Acervo Caio Prado Junior.

05.04 Página álbum de fotografia pertencente à família Prado [s.d.]. Fonte: IEB USP Acervo Caio Prado Junior.

A segunda imagem é posterior à terceira renovação do conjunto. As roupas, poses e a construção do Hotel ao fundo indicam as alterações ocorridas nesse curto espaço de tempo.

229

05.03

05.04

05.05 Um grupo de alegres banhistas, na praia do Guarujá, em Santos, posando especialmente para “A Cigarra”. Fonte: Revista A Cigarra 09/08/1914. Acervo de periódicos do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

05.06 Família e cavalheiros em passeio pela pitoresca praia, em uma linda manhã. Fonte: Revista A Cigarra 01/08/1914. Acervo de periódicos do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

231

05.05

05.06

05.07 A Cigarra no Guarujá. Imagem publicada nas páginas da revista A Cigarra em 01 de Agosto de 1914, retratando o encontro de hóspedes do hotel nas areias da praia. Fonte: Acervo cartográfico e de periódicos do Arquivo Publico do Estado de São Paulo.

05.08 A Cigarra no Guarujá. Imagem publicada nas páginas da revista A Cigarra em 01 de Agosto de 1914, retratando o encontro de hóspedes do hotel e em uma das entradas do Hotel.

233

05.07

05.08

A aparente ausência da figura do banhista nas imagens surge insinuada por meio das legendas e em algumas referências textuais dentro da revista. Já em seu primeiro número, a revista traz logo em suas primeiras páginas um pequeno texto intitulado *Banhos de Mar* propagandeando a prática e associando-a a saúde, mental e física, fertilidade, juventude, moda, beleza...:

Passados, os banhos nos bailes, sob túnicas de gaze afflorarão relevos firmes que antes vacilaram com moleza gelatinosa. A própria gymnastica das danças dos clubs, em que se exibem os mais curiosos exemplares da fauna choreographica, esbelta-lhes o corpo, dando-lhes flexibilidade às articulações, desempenando os movimentos, tornando-os ágeis à voz dos pares marcante...²⁴⁷

Para além portanto de sua imagem higiênica, a vila fora ainda frequentemente representada por meio de sua elegância presente em sua arquitetura, mas sobretudo fruto de seu desempenho recreativo. Assim o hotel, *vasto e esplendido* se concretiza como uma *vivenda completa, destinado a ser o lugar das diversões para os banhistas, tendo para isso sala de jogos, 'soirres' e outros gêneros de divertimento*.²⁴⁸

Além dessa relação de fundamental relevância para a consolidação da modernização almejada do território paulista, se destaca a importância dada ao convívio com os demais membros integrantes da mesma elite. As areias do Guarujá servem então como lugar de encontros e trocas de uma elite que, serra acima, se vê inserida em um conjunto complexo de relações sociais, onde não raro se veem forçadas a ressignificar seu papel de centralidade. No Guarujá, por sua vez, ao mesmo tempo em que encontram o conforto e a privacidade necessárias em seus chalés, desfrutam de momentos de convívio, realizado fundamentalmente entre iguais, proporcionando uma vivência urbana altamente concentrada, seja nas areias da praia, nas extensas varandas e na ampla sala de jantar do hotel ou nos salões do cassino. A existência pois dessas duas esferas da vivência, devidamente controladas pela chave da exclusividade, expressa por toda a ordenação do conjunto e seu isolamento insular, garantia a constituição de um território perfeitamente construído em torno da busca de prazeres prescritos para esses sujeitos e devidamente reproduzidos por meio de seus elegantes ritos de consagração.

Nesse sentido, são vários os relatos das festas e bailes que tomavam as maiores proporções possíveis, regados de muito *entusiasmo e animação*. De *casacas e smokings* os homens acompanhavam as mulheres em suas belas *toilettes* de seda em quadrilhas comandadas pela banda militar ou por orquestras especialmente escaladas, que se arrastavam noite a dentro no salão do Hotel, se estendendo às mesas de jogos do cassino. As datas de abertura das estações balneária, normalmente ocorridas no fim do mês de abril, eram divulgadas

²⁴⁷ REF

²⁴⁸ REF

nos periódicos e amplamente festejadas contavam com programação especial, orquestras convidadas e jantares elaborados.

As viagens rumo às areias do Guarujá adquirem assim múltiplos sentidos que se consolidam, se transformam, e se renovam ao longo dos primeiros 20 anos de sua existência. De modo amplo, no entanto, por um lado, em relação à crescente *deterioração da vida social urbana*, a estação balnear compreenderia uma certa fuga com destino *a encantadora e selvática praia, que oferece o mais estupendo e imponente espetáculo aos olhos do passeiante*, transformada em espaço devidamente aparelhado capaz, pois, de apaziguar males que incidiam sobre corpo e espírito. Por outro, em certa medida oposto ao sentido anterior, as temporadas em vilegiatura reforçavam a mesma vida urbana da qual se buscava escapar, fortalecendo ritos de modo a garantir reconhecimentos mútuos e afirmações de identidades, as quais não se permitiam desvanecer.

235

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Hotel permaneceu em funcionamento até década de 1950. As motivações do fechamento não foram estudadas mas são recorrentemente compreendidas em associação com a proibição dos jogos de azar, promulgada por decreto lei em 1946. Nesse momento o jogo seria novamente associado a práticas imorais, reverberando preceitos presentes anos antes no julgamento de Luiz Gouvêa. A concomitância da ampliação do desejo marítimo que provoca o crescente deslocamento de multidões ao litoral com a promulgação do decreto e o encerramento dos serviços oferecidos pelo Hotel, nos parece um ponto importante a ser estudado, uma vez que repõe o sentido de exclusividade e o controle moral associado ao avanço das práticas burguesas marcadas pelos ideais de distinção.

Com o encerramento das atividades hoteleiras, o edifício passou ao controle do poder público que durante poucos anos ocupou o edifício com uma sede dos correios, até ser completamente demolido. Pouco antes disso, no início da década de 1960, os terrenos ocupados pelo hotel foram alvo de um concurso arquitetônico para a implantação de edifícios residenciais em altura anunciando a transformação significativa do modelo de ocupação que seria adotado nas décadas seguintes nas quadras e terrenos de antiga propriedade da Cia. Balneária. Nenhuma das propostas apresentadas pelo concurso, no entanto, saiu do papel, e após o breve controle do poder público, parte da área ocupada pelo hotel foi aproveitada para a instalação do Clube da Orla, com projeto do arquiteto Sergio Bernardes²⁴⁹. O Clube funcionou por alguns anos até que no início da década de 90 foi substituído pelo Shopping La Plage, que até hoje ocupa a parcela do terreno situada no limite da faixa de areia.

247 O clube da orla não fez uso de nenhuma construção antiga do hotel que foi completamente desmontado. Apenas uma piscina, que foi construída anos após a renovação proposta por Ramos na antiga área do parque foi aproveitada pelo clube.

O restante dos terrenos, bem como os chalés da companhia, foram sendo ocupados e substituídos paulatinamente ao longo dos anos. Desde o ano de 1915 a companhia organizou sucessivos planos de loteamento para seus terrenos que foram lentamente ocupados, primeiramente por casas unifamiliares e posteriormente por edifícios verticais multifamiliares. A verticalização intensa da ocupação deste trecho da Ilha estaria intimamente associada à inauguração da Via Anchieta em 1947 e da Rodovia Piaçaguera Guarujá na década de 1970 e sobretudo atrelada renovação constante dos preceitos de modernidade que desde o século anterior constituem, em uma via de mão dupla, as transformações ali desenroladas; tema que merece seguramente estudos aprofundados.²⁵⁰

Essa breve narrativa e o trajeto percorrido nos capítulos anteriores apontam as tremendas modificações da ocupação litorânea da Ilha, que tem início no fim do século XIX, mas que tem parte de seus sentidos alterados a partir da década de 1910. A última renovação do conjunto é entendida, pois, como marco temporal para a inauguração de novos tempos. A partir das transformações arquitetônicas propostas por Ramos de Azevedo; da ampliação do programa de divertimentos oferecidos; do controle da Cia pelo capital internacional; das alterações lentas e graduais dos modos de estar na praia, que revelam e incidem na transformação de corpos e paisagens; da associação central do empreendimento com o mercado imobiliário, entre demais pontos que buscamos brevemente apontar, a ocupação litorânea do Guarujá se expande marcada ainda pelo crescente fluxo sazonal em inter-relação com o desenvolvimento dos núcleos urbanos mais próximos, mas ainda assim constituindo uma dinâmica de urbanização e experiência cotidiana própria.

O crescente deslocamento de pessoas em direção ao beira-mar, que se torna um dos espaços prediletos para temporadas de descanso e lazer, pode ser entendido enquanto elemento chave para a compreensão da expansão territorial que transformaria a ocupação da ilha durante todo o século XX. Nesse sentido o esforço maior desse trabalho foi tratar dos primeiros anos da invenção do Guarujá, e indicar apenas de maneira breve e sugestiva o seu desenvolvimento futuro.

O trabalho buscou, ao resgatar a invenção do Guarujá e ao concentrar a análise nos seus primeiros anos de funcionamento, estabelecer inúmeras pontes que unem o processo de urbanização e ocupação territorial com a agência de diversos personagens entendidos enquanto grupos empresariais, familiares ou percursos individuais (ainda que não necessariamente individualizados); ao intenso trânsito de saberes no Mundo Atlântico, que congregam práticas e referenciais que se constituem mutuamente e portanto remetem a uma compreensão de que o mundo se constitui a partir de circularidades e entrelaçamentos crescentes; às fundamentais contribuições de campos disciplinares demarcados pelo seu caráter prático e científico, constituindo de modo crescente o fazer urbano em um campo disciplinar específico; ao desejo pela erradicação de sinais de pobreza e imoralidade na construção de um cenário urbano idealizado... Essas pontes bem como outras não enun-

250 Nesse sentido seria essencial apontar os sentidos da ocupação vertical, o aproveitamento financeiro dos terrenos, que frente a condição topográfica do sítio, apresentam uma ocupação de certo modo limitado.

ciadas mas percorridas ao longo da dissertação confluem na tentativa de conferir concretude aos processos e vivências de um determinado projeto de modernização.

Nesse sentido cabe ainda destacar o central papel que a arquitetura desempenha dentro dessas múltiplas articulações. Entendida a partir das correlações trabalhadas e de seu caráter representativo, ela se torna um potente elemento discursivo a partir do qual se pode entrever silhuetas desse projeto. A concepção física e material, que remontam à sua constituição formal ou estilística; o embate com demais campos discursivos, intelectuais e profissionais, em especial da engenharia e medicina; a conjunção de realidades físicas territoriais com interesses individuais, coletivos e de classe; ou ainda circunstâncias materiais e transformações produtivas, foram cruciais na análise realizada. A partir dessa ampla e fascinante teia, tentou-se tratar da arquitetura de madeira presente nos chalés, igreja, hotel e cassino inaugurados em 1893, do traçado das ruas e quadras, do parcelamento proposto e das renovações trazidas pelo projeto do engenheiro italiano Thomasso Bezzi.

Outro ponto que parece central retomar é a importância dada à contribuição de determinados agentes para o desenvolvimento histórico estudado. Ao buscar reconstruir o surgimento e as reinvenções do Guarujá a partir de diferentes experiências e contribuições individuais – sejam elas a de Valencio Teixeira Leomil, Elias Fausto Pacheco Jordão, Eulálio da Costa Carvalho, Luiz Gouvêa, Daniel Sousquieres, Antonieta Penteado e Antonio Prado Jr., Edu Chaves, Thomasso Bezzi etc – desejou-se evidenciar a pluralidade das significações e vivências atreladas ao processo em curso. Profundamente influenciado pelas ideias difundidas pela historiadora Sabina Loriga, acredita-se ainda na potência das transformações decorrentes da compreensão histórica a partir dessas agências, que repõe os limites e fronteiras de um *sistema* ou *estrutura* supostamente absolutamente dominadores.

239

A relação da dinâmica da formação de uma vida urbana com a estruturação do mundo do trabalho também se constituiu como importante chave de análise. Nos anos marcados pela transição ao trabalho livre, as agências tratadas iluminam a conformação de uma sociedade complexa, que articula na formação dos valores burgueses, ainda que de forma assimétrica, agências díspares. Os trabalhadores da Cia Balneária, deixam, no decorrer da pesquisa, de serem entendidos enquanto um bloco homogêneo que se opõe de maneira simples e direta aos viajantes e hóspedes, e passam a constituir um espectro mais amplo de vivências, que ora se aproxima ora se afasta do cenário de valores idealizados. Nesse sentido são exemplares as trajetórias de Luiz Gouvêa e Eulálio de Costa Carvalho, onde as disputas se tornam reais e efetivas. Para além disso, a adesão do Guarujá às noções de prazeres e retiro, em contraposição à adesão de São Paulo ao universo do trabalho, remonta à uma construção imaginária potente que por sua vez repõe enormes clivagens sociais, estruturantes do processo de metropolização da capital paulista e da ocupação litorânea. Nesse sentido, retomamos um ponto crucial da pesquisa, que é a centralidade da ideia de distinção na conformação do Guarujá, ponto que atravessa todos os capítulos da dissertação. Ao longo dos anos, essa centralidade será reposta e repensada como vimos, por exemplo, por meio dos distintos festejos de inauguração. A ampliação dos serviços prestados e

a associação do beira-mar com demais práticas e aspectos de uma sociabilidade exclusiva foram temáticas importantes nesse processo.

Finalmente, e retomando os questionamentos que deram origem a esta pesquisa, buscamos ao tratar da emergência da Vila Balneária do Guarujá, apontar para elementos, desejos, hábitos, discursos etc. que repõem o desejo marítimo como componente importante no processo de desenvolvimento urbano de São Paulo. Marcado pelas noções de distinção, cura e ócio, o Guarujá desponta como cenário paradoxal, ao mesmo tempo signo e paliativo da experiência urbana paulista.

BIBLIOGRAFIA

Obras de Referência

AMBROZIO, Julio. Viagem, Turismo e Vilegiatura. In: GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 18, pp. 105 - 113, 2005

ANDRADE, Oswald de. Um homem sem profissão: sob as ordens de mamãe. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 2000.

ASSIS, Machado de. Quincas Borba. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras: 2012.

ASSIS, Machado de. A chave. In. Obra Completa de Machado de Assis, vol II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ATIQUE, Fernando. Arquitetando a “Boa Vizinhança”: a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano. 1876-1945. Tese de Doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

BARBUY, Heloísa. A cidade-exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo 1860-1914. São Paulo: Edusp, 2006

BARBEDOR, Isabelle. Les différentes échelles de l'espace de la villégiature balnéaire : l'exemple de la côte d'Emeraude. In In situ. Revue des Patrimoines 4, 2004: Les réseaux de la villégiature. (<http://insitu.revues.org/2076>)

BEGUIN, François. As maquinarias inglesas do conforto. In: Espaços e Debates. Revista de estudos regionais e urbanos, ano XI, 1991.pp 39-53.

BENCHIMOLL, Jaime Larry; SILVA André Felipe Cândido da. Ferrovias, doenças e medicina tropical no Brasil da Primeira República. In: Hist. cienc. saude-Manguinhos vol.15 no.3 Rio de Janeiro Jul/Set. 2008.

BENJAMIN, Walter. Rua de Mão Única: obras escolhidas II. São Paulo: Editora Brasiliense, 2011.

BERMAN, Marshall. Um século em Nova York: espetáculos em Times Square. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

_____. Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BERNARDINI, Sidney. Construindo infra-estruturas, planejando territórios. A secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas do governo estadual paulista. Tese de doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

BISPO, Alexandre Araujo. Mapas Fotográficos: memória familiar, sociabilidade e transformações urbanas em São Paulo (1920-1960). Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

BINZER, Ina von. Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 2004.

BOURDIEU, P. Gosto de classe e estilo de vida. In: ORTIZ, R. Pierre Bourdieu. São Paulo: Ática, 1983. p. 82-121.

BOURDIEU, P. Remarques Provisoires sur la perception du corps. In: Actes de la Recherche en Sciences Sociales n° 14 p.51-64

BRESCIANI, Maria Stella. Dimensões do estar no mundo/cidades: o público, o privado, o íntimo. In: Corpocidade: gestos urbanos. Fabiana Dultra Britto; Paolo Berenstein Jacques. Salvador: Edufba, 2017.

BRUNO, Ernani Silva. Histórias e tradições da cidade de São Paulo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. 3 v. v. 3

BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. Escritório Técnico Ramos de Azevedo, Severo & Villares: longevidade, pluralidade e modernidade (1886-1980) Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil. Revista CPC, São Paulo, n.19, p.194-214, jun. 2015.

CAMARGO, Haroldo Leitão. Uma pré história do Turismo no Brasil: recreações aristocráticas e lazeres burgueses (1808-1850). São Paulo: Aleph, 2007.

CAMPOS, Eudes. Chalés Paulistanos. In: Anais do Museu Paulista. vol.16 no.1 São Paulo Jan./Junho 2008.

_____.Arquitetura paulista sob o Império. Aspectos da formação da cultura burguesa em São Paulo. Tese de doutoramento, São Paulo, Faculdade de Arquitetura Universidade

de São Paulo. São Paulo, 1997.

CANO, Wilson. Raízes da concentração industrial em São Paulo. Rio de Janeiro: ed. Difel, 1977.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. Gênero e artefato: o sistema soméstico na perspectiva da cultura material. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2008.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. Quatro vezes cidade. Rio de Janeiro: Editora Sete Letras, 1994.

CARVALHO, Maria Cristina Wollf de. Ramos de Azevedo. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2000.

CASTRO, Ana Claudia Veiga de. Um americano na metrópole [latino-americana]. Richard Morse e a história cultural urbana de São Paulo, 1947-1970. Tese de doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

_____. Moderna, nacional, estrangeira. A imagem de São Paulo nos anos 1920 nas crônicas de Menotti del Picchia. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CASTRO, Ana e MELLO, Joana. Entre nacionalismos e cosmopolitismos: imagens da metrópole moderna paulistana nas primeiras décadas do século 20. In: Anais do VIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo (CD-Rom), Niterói, UFF, 2004.

CHARTIER, Roger. O Mundo como representação. In: Estudos Avançados 11 (5), 1991.

CORBIN, Alain. "O território do Vazio: a praia e o imaginário ocidental." São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jaques; VIGARELLO, Georges (org.) . História do corpo: As mutações do olhar: o século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

COSTA, Emilia Viotti. Urbanização no Brasil no século XIX. In: Da Monarquia à República: momentos decisivos. São Paulo: Ed. Unesp, 1998, pp.233-70.

COSTA, Luiz Augusto Maia. O moderno planejamento território e urbano em São Paulo. A presença norte-americana no debate da formação do pensamento urbanístico paulista, 1886-1919. Tese de Doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CRUZ, Heloisa de Faria. São Paulo em tinta e papel: periodismo e vida urbana 1890-1915. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013.

CUEILLE, Sophie. Les stratégies des investisseurs : des bords de ville aux bords de mer. In In situ. Revue des Patrimoines 4, 2004: Les réseaux de la villégiature. (<http://insitu.revues.org/1756>)

DAMASCENO, Monica de Barros; MOTA, Paulo. Pérola ao Sol. Apontamentos para uma história de Guarujá. Guarujá.

ELLIAS, Maria José. Resumos Biográficos. In: Às Margens do Ipiranga, 1890-1990. Exposição do Centenário do Edifício do Museu Paulista da USP. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1990, p. 27.

ENKE, Rebecca Guimarães. O espetáculo do mar em uma estação balneária do Rio Grande do Sul. A vilegiatura marítima na Vila Sequeira/ Praia do Cassino. (1885-1960). Tese de Doutorado em história Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

FAUSTO, Boris. O crime do restaurant chine: carnival, futebol e justice na São Paulo dos anos 30. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FEIJÃO, Rosane. As praias cariocas no início do século XX:sociabilidade e espetáculos do corpo. In. Revista Escritos ano 7, nº7, 2013.

FRANCO, Amanda Cristina: Cidades da cura, cidades de ócio – a influência de concepções estrangeiras no urbanismo de três estâncias paulistas: Águas de Lindóia, Águas da Prata e Águas de São Pedro 1920 – 1940. Dissertação de Mestrado. São Carlos, EESC-USP, 2005.

_____. Águas fundam cidades: a formação de estâncias hidrominerais no Brasil no início do século XX. São Carlos, 2005.

FREITAS, Marcus Vinicius de. Contradições da Modernidade: o jornal Aurora Brasileira (1873-1875). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

FREUD, Sigmund. O mal estar na Civilização. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

GAMBETA, Wilson. A bola rolou. São Paulo: Sesi-Sp Editora, 2015.

GIACOMETTI, Erasmo Catauli. Cambuquira. Minas Gerais. IBGE – Conselho Nacional de Estatística, Coleção de Monografias, nº240.

GREMAND, Amaury Patrick. O Brasil e o fluxo internacional de capitais. 1870-1930. São Paulo, Dissertação de Mestrado, FEAUSP , 1992.

HARVEY, David. Paris: capital da modernidade. São Paulo: Boitempo: 2015

HOMEM, Maria Cecília Naclerio. O palacete Paulistano e outras formas de morar da elite cafeeira: 1867-1918. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

JORDÃO, Sebastião Pacheco. Dr. Elias Fausto Pacheco Jordão. Traços biográficos. 1949.

KING, Anthony D. The bungalow: the production of a global culture. London and Boston: Routledge and Kegan Paul, 1984

LAGEISTE, Jérôme, RIEUCAU, Jean. La plage, un territoire singulier: entre hétérotopie et antimonde. I: Geographie et cultures, 67, 2008.

LANNA, Ana Lucia Duarte. Uma cidade na transição. Santos: 1870-1913. São Paulo/Santos: Editora Hucitec e Prefeitura Municipal de Santos, 1996

LANNA, Ana Lucia Duarte. A Brazil Railway Company: ferrovia, territórios, modernidade no início do século XX. In: XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, 2013.

LEPETIT, Bernard. Sobre a escala na história. In: Jogos de Escalas: a experiência da microanálise/ Jacques Revel (org), Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998

LEVI, Darrel. A família Prado. São Paulo: Cultura 70, 1977

LE GOFF, Jacques. A civilização do ocidente medieval. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

LLOYD, Reginald. Impressões do Brasil no Século XX . Sua história, seu povo, comércio, indústria e recursos. Londres: Lloyd's Greater Britain Publishing Company, Ltd., 1913.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: Jogos de Escalas: a experiência da microanálise/ Jacques Revel (org), Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998

HARDMANN, Francisco Foot. "Trem-fantasma: a ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva." São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MACHADO, Helena Cristina F. A construção social da praia. In. Sociedade e Cultura 1. Caderno do noroeste, série sociologia, vol. 13 (1), 2000, pp. 201-218.

MANN, Thomas. *A morte em Veneza*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. *A montanha mágica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MARINS, Paulo Cesar Garcez. *Habitação e Vizinhaça: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras*. In: SEVCENKO, Nicolau (org.); NOVAIS, Fernando A. (dir.). (Org.). *História da vida privada no Brasil*, v. 3 (Da Belle Époque à Era do Rádio). 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 3, p. 131-214.

_____. *Avenida Paulista na belle époque: elites em disputa*. In: *Ciudades sudamericanas como arenas culturales*. Fernanda Areas Peixoto e Adrian Gorelik (org) Buenos aires: editor Siglo Vientiuno, 2016.

_____. *Um lugar para as elites: os Campos Elíseos de Glette e Nothmann no imaginário urbano de São Paulo*. In: *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. Ana Lanna et all (orgs.). São Paulo: Alameda, 2011.

_____. *Através da rótula. Sociedade e arquitetura urbana no Brasil. Séculos XVIII-XX*. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 2001

MARRAS, Stélio Alessandro. *A Propósito de Águas Virtuosas: formação e desenvolvimento de uma estação balneária no Brasil*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FFLCH-USP, 2002.

MARTIN-FRUGIER, Anne. *Os Ritos da Vida Privada Burguesa..* In: PERROT, Michele (org.) “*Historia da Vida Privada 4: Da revolução francesa à Primeira Guerra*” São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MARTINS, José de Souza. *Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha*. São Paulo: Hucitec, 1992.

MELO, Victor Andrade de. *O mar e o Remo no Rio de Janeiro do século XIX*. In: *Estudos Históricos* 23, 1999, pp. 41-71.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas*. In: *Revista USP*, n67, set/nov 2005, São Paulo, pp.48-67.

MENEZES, Ulpiano Bezerra T. *Morfologia das cidades brasileiras. Introdução ao estudo histórico da iconografia urbana.*”*Revista USP*, São Paulo (30), 144/145, junho, agosto ,1996.

_____. *A cidade como bem cultural: áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance da preservação do patrimônio ambiental urbano*”. In: MORI, Vitor Hugo et al.

(Orgs.). Patrimônio: Atualizando o Debate. São Paulo: 9a SR/ IPHAN, 2006.

MICELI, Sergio. Nacional Estrangeiro: história social e cultural do modernismo artístico em São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. Intelectuais à brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MORSE, Richard. Formação Histórica de São Paulo, de Comunidade à Metrópole. São Paulo; Difel, 1970.

O'DONNELL, Julia. A invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro (1890-1949). Rio de Janeiro: Zahar, 2013

OLIVEIRA, Ana Luiza Valle. As duas Atlântidas 1939/1952. O veraneio moderno e a constituição dos balneários no litoral norte gaúcho. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

249

OLIVEIRA FILHO, José Costa de. O Monumento à Independência – Registros de arquitetura. In Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v. 10/11. p. 127-147 (2002-2003).

OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. Entre a casa e o armazém. Relações sociais e a experiência da urbanização. São Paulo: 1850-1900. São Paulo: Alameda, 2005.

PADILHA, Marcia Lotito. A cidade como espetáculo. Publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

PEREIRA, Alexandre Queiroz. Urbanização-metropolização e vilegiatura no litoral nordestino brasileiro. In: Mercator, fortaleza, v.14, Número Especial, pp. 107-121, dez. 2015.

PEREIRA, Viviane; GOMES, Marias Helena; GIRAUD, Laire José. Memórias da Hotelaria Santista. São Paulo: Páginas e Letras editora e gráfica, 1997.

PIRES, Mário Jorge. Raízes do Turismo no Brasil. São Paulo, Manole, 2001

QUINTÃO, Antonia Aparecida. Irmandades Negras: outro espaço de luta e resistência. São Paulo 1870-1890 São paulo: Annablume, 2002.

RAGO, Margareth. A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950. In Adriana Duarte et al, Paula Porta (org.) História da cidade de São Paulo. A cidade na primeira metade do século XX 1890- 1954. São Paulo: Paz e Terra, 2004. 3 v. v. 3)

_____. Do Cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista. Brasil 1890-1930. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Guarujá e faroeste. Quem se lembra?. São Paulo, 1990 (In: Jornal da Tarde. Caderno de Sábado, São Paulo, p.6, 23 mai. 1990)

RIO, João do. Correspondência de uma estação de cura. São Paulo: Editora Scipione, 1992.

_____. A alma encantadora das ruas: crônicas/ João do Rio; organização Raúl Antelo. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ROUDINESCO, Elisabeth. Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo. Rio de Janeiro: Zahar, 2016

SARLO, Beatriz. Modernidade Periférica: Buenos Aires 1920/1930. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SAES, Flávio A. M. de. Os investimentos franceses no Brasil: o caso da Brazil railway Company (1900-1930). In: Revista Usp, n 119, 1998.

_____. A grande empresa de serviços públicos em São Paulo: 1850-1930. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979.

_____. Estradas de ferro e diversificação da atividade econômica na expansão cafeeira em São Paulo, 1870-1900. In: SZMRECSÁNYI, Tamás; LAPA, José Roberto do Amaral (Org). História Econômica da Independência e do Império. São Paulo: Hucitec, 2002

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SANTOS, Jany Ellete Rabelo. Atlântico Hotel: preservação e modernização, desafios para sua sobrevivência. IN Revista Patrimônio: lazer e turismo. Março, 2004.

SCHAPOCHNIK, Nelson. "Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade". In: Nicolau Sevcenko, História da Vida Privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, vol.3, pps.423-512

SCHOSSLER, Joana Carolina. "As nossas praias": os primórdios da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul (1900-1950). Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

_____. “Utopias marítimas no Atlântico Sul: imaginário e tipologias no litoral do Uruguai e do Rio Grande do Sul(1860-1950). Tese de doutorado Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade estadual de Campinas, Campinas, 2016.

SCHPUN, Monica R. Schpun. Beleza em jogo. São Paulo: Boitempo, 1999.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. Lilia Moritz. Lima Barreto: triste visionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SCHWARZ, Roberto. As ideias forado lugar: ensaios selecionados. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

251

SEVCENKO, Nicolau. Introdução: O prelúdio Republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, Nicolau (org.); NOVAIS, Fernando A. (dir.). (Org.). História da vida privada no Brasil, v. 3 (Da Belle Époque à Era do Rádio). 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 3.

SOUSA, Pedro Luis Pereira de. Meus Cinquenta anos na Companhia Prado e Chaves. 1950

SOUZA, Yuri Vasquez. Quando as duas rodas conquistam a cidade: cultura, tensões, conflitos e ações na prática do ciclismo em São Paulo. Dissertação de Mestrado. História Social. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2016.

SOUZA, Adriana Barreto; LOPES, Fábio Henrique. Entrevista com Sabina Loriga: a biografia como problema. In: História da historiografia n°9, Agosto 2012, pp 26-37. Ouro Preto.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Mauad, 1994.

SMITH, Paul; VEBLEN, Boris. Deuville, la vitrine Balnéaire des *Élégances*. Quetigny: Edition B2, 2011.

THOMPSON, E. P. Costumes em Comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TREVISAN, Ricardo. Incorporação do ideário da Garden-City inglesa na urnabística

moderna brasileira: Águas de São Pedro. Dissertação de Mestrado. Engenharia Urbana do Centro de ciências exatas e de tecnologia da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2003.

TOULIER, Bernard (diretor da publicação). *Tous à la plage! Villes balnéaires du XVIII^e siècle à nos jours*. Paris: Lienart Édition, 2016.

ZAN, João Carlos. Ramalho Ortigão e o Brasil. Tese de doutorado Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

ZUCCONI, Guido. Ferrovia e villes d'eaux: tre casi di studio. In: *Architettura e paesaggi della villeggiatura in Italia tra Otto e Novecento*. Milano: Franco Angeli, 2015.

Acervos e Arquivos Consultados

Rio de Janeiro

Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil (Hemeroteca Digital, Acervo Iconográfico, Acervo Percival Farquhar, Acervo Periódicos)

Instituto Moreira Salles (Brasiliana Fotográfica)

São Paulo

Arquivo Público do Estado de São Paulo (Acervo de Cartografia e Periódicos)

Instituto de Estudos Brasileiros (Acervo Caio Prado Junior)

Biblioteca FAUUSP (Acervo de Projetos e Material Iconográfico)

Museu Paulista (Acervo Thomasso Gaudêncio Bezzi)

Santos

Fundação Pesquisa e Memória de Santos – FAMS (Arquivo Permanente- Coleção Costa e Silva Sobrinho, Arquivo Permanente- Fundo de Câmara Municipal de Santos, Acervo Cartográfico, Acervo Iconográfico)

Acervo Iconográfico Particular Geraldo Anhaia Mello

ANEXOS

Foram reunidos nessa seção alguns relatos trazidos nos jornais que tratam dos ritos de inauguração da Vila e do Hotel, entendidos ao longo do trabalho como momentos importantes na renovação dos preceitos difundidos pela Cia. Balneária.

Além deles, consta também o Relatório produzido por Eulálio da Costa Carvalho na íntegra, em um movimento complementar a esses ritos e conferindo maior pluralidade na compreensão dos sentidos da Vila Balneária.

VILLA BALNEARIA

Não é desconhecido de nossos leitores o projecto da criação de uma villa balnearia na ilha de Santo Amaro, a pouca distancia da barra de Santos.

Para levar avante essa grandiosa idéa, constituiu-se, ha tempos nesta cidade uma companhia anonyma com avultado capital tendo á sua frente cavalheiros distintos pelo seu tino administrativo e espirito emprehendedor. Ao mesmo tempo que se pensava em supprir para as classes abastadas desta capital e do interior, a uma necessidade que se fazia urgente, qual a de dotar o Estado de S. Paulo com uma povoação, um estabelecimento confortavel, para a estação calmosa e o uso de banhos de mar, tão preconizado para a restauração do organismo em pessoas de toda a idade, sexo e profissão, não descuravam também os iniciadores da luminosa idéa de obter seductora remuneração para os capitães que iam empregar.

Escolhido á beira-mar um sitio pittoresco, saudavel, ameno, até pela temperatura e constante ventilação, fizeram aquisição do terreno sufficiente, dividiram-n'o, arruaram-n'o, organizaram emfim sobre o papel toda a theoria de uma esplendida villa, começaram a execução da planta, e com admiravel celeridade, sem ostrepto, sem reclames, sem rufar de tambôr, quasi em segredo—fazem surgir de surpresa grandes edificações, jardins ruas, chalets palacetes, vivendas elegantes e outras construcções de gosto n'um lugar pouco antes deserto... Segundo fomos hontem informados, pretende a companhia inaugurar em Maio ou Junho proximo a pequena cidade que está, apenas por terminar os ultimos retoques de sua toilette caprichosa. Está montado um grande hotel para 150 pessoas, faltando-lhe apenas a pintura que se concluirá brevemente.

Tambem estão sendo montados um elegante cassino, com grande salão para boile, sala de bilhares, jogos, divertimentos, etc.; uma elegante egrejinha com architectura apropriada; 40 calets de madeira, construidos nos Estados Unidos e deacordo com as nossas condições climatericas.

A viagem de Santos á nova povoação será feita em 40 minutos, sendo 30 em vapor da companhia, já em Santos, e depois em estrada de ferro, bitola de um metro, numa linha de 6 kilometros, já em trafego, com 2 locomotivas e 5 carros de passageiros.

O sitio escolhido é, como dissemos, extraordinariamente aprazivel, fresco, acariciado pelas brisas do oceano. O terreno é secco. A praia arenosa, alva, extensa, pois mede 9 kilometros. Seu declive é manso, sem perãos. A agua é limpida e fortemente salgada.

A povoação será dotada de todos os melhoramentos modernos, agua em todas as casas, exgottos e luz electrica. Não será uma cidade sumptuosa, mas será extremamente confortavel e faceira.

Além dos predios que a companhia construiu por conta propria, estão tambem concluidos os dos drs. Carlos Paes de Barros, Francisco Xavier Paes de Barros, das exmas. sras. dd. Viridiana Prado e d. Francisca Paes de Barros.

Vendeu tambem a companhia terrenos aos srs. conselheiro Antonio Prado, drs. Eduardo, Martinho Prado e Elias Fausto, Benedicto Barboza, Antonio Augusto Monteiro de Barros, Joaquim Franco de Camargo.

Antes de concluímos a noticia, cumprenos mencionar que são directores desta futura empresa os srs. drs. Elias Fausto, presidente; dr. Francisco Xavier Paes de Barros e Valencio Leomil.

Congratulamo-nos com o Estado de S. Paulo pela proxima aquisição desse grande melhoramento, de inestimavel alcance para os nossos costumes, para a economia da vida paulista, para a hygiene do corpo... e do espirito.

EXCURSÃO

Os distintos cavalheiros drs. Elias Fausto Pacheco Jordão e Francisco Paes de Barros, dignos directores da Empresa Balnearia Ilha de Santo Amaro, convidaram diversas pessoas da nossa sociedade, para uma magnifica excursão á Ilha de de Santo Amaro, em Santos, onde está fundada a Empresa Balnearia Ilha de Santo Amaro.

Partiram desta capital, no sabbado passado, os convidados em carro especial, gentilmente offerecido pela digna directoria daquella associação.

De Santos á ilha foram os convidados transportados em elegante e sólido vapor, pertencente á Empresa.

N'um dos mais pittorescos pontos da ilha, está situado a futura Villa Balnearia.

Já estão construidos elegantissimos chalets e muitos se acham em construcção.

O Hotel da Empresa está já construido tambem: é um vasto e esplendido chalet, situado n'um dos melhores pontos da ilha e offerecendo condições extraordinariamente boas, não só no ponto de vista hygienico, como tambem no recreativo.

É uma vivenda completa, e apenas um ultimo de mão que lhe falte, não será isso obra demorada.

As suas dependencias estão quasi promptas, salientando-se entre ellas a que está destinada a ser o local das diversões, para os banhistas, tendo para isso salas para jogos, «soirées» e outros generos de divertimentos.

As construcções actualmente alli existentes, são todas de distintos cavalheiros da nossa sociedade.

Reside na ilha o honrado cidadão Valencio Leomil, que tambem é director da Empresa. Foi tambem de muita gentileza para com os convidados.

Estes alli passaram dois dias agradabilissimos, impressionados com a imponencia do panorama, e confortavel e graciosa hospitalidade que receberam da digna directoria e do intelligente cidadão José Romeu, activo gerente da Empresa.

Reunido no mais intimo convivio, o grupo de convidados teve ensejo de verse-lhe proporcionar uma serie ininterrupta de distrações e divertimentos taes como bellissimos passeios pela selvatica e lindissima praia, e no vapor «Cidade de São Paulo», uma esplendida excursão ao alto mar, contornando a ilha, em altura que chegou-se a avistar a de S. Sebastião, meio velada por tenue cerração.

É como já dissemos o ponto mais pitoresco de toda a ilha esse onde está situada a Empresa, que com admiravel tenacidade conseguiu transformar uma praia selvagem e quasi desconhecida n'um esplendido local para uma estação balnearia.

A ilha da Moela, fica fronteira á villa, a pequena distancia.

Comquanto não fosse essa visita á ilha, uma inauguração official, que está marcada para Julho, mesmo assim não deixou a bellissima festa, de ter o seu caracter solemne, pois que, aproveitando a oportunidade a digna directoria, fez lançar a pedra fundamental da futura igreja, na presença dos convidados, que deixaram as suas assignaturas n'um termo lavrado na occasião.

Lauto banquete então offereceu a Empresa aos seus convidados e no qual reinou sempre expressiva alegria, trocando-se «au dessert» entusiasticos brindes.

Como o dia de sabbado, o de domingo foi passado sob a mesma agradável impressão.

Ante-hontem pela manhã regressaram os convidados satisfeittissimos com a deliciosa excursão.

VILLA BALNEARIA

Fei uma festa encantadora, a da inauguração da Villa Balnearia, na ilha de Santo Amaro.

Muita recordação grata, muita saudosa lembrança no espirito dos que nella tomaram parte.

Desde a partida do trem especial que desta cidade conduzia os convidados, até o seu regresso, a nota predominante foi a da alegria feliz e communicativa o da satisfação a mais franca.

A convite da directoria da companhia, que superintende e dirige a futura empreza, partiram desta capital, ás 11 horas da manhã de sabbado ultimo, cerca de oitenta convidados, entre os quaes notámos o sr. dr. Bernardino de Campos, presidente do Estado, o dr. Cesario Motta Junior, secretario do interior, o sr. bispo coadjutor, d. Joaquim Arcoverde, ministros do Tribunal de Justiça, deputados estadoaes, representantes da municipalidade desta capital, do commercio, da imprensa e outros convidados.

A chegada a Santos verificou-se á 1.40 da tarde.

Grande massa de povo enchia a «gare» da «S. Paulo Railway», achando-se ali tambem varios chefes politicos da cidade, representantes da camara municipal, imprensa e officialidade do 3º batalhão policial.

Uma companhia de guerra deste corpo, postada á entrada da estação, prestou ao exm. presidente as devidas continencias.

Varios bonds especiaes esperavam os convidados, que foram transportados á ponte da allandega onde o vapor «Cidade de S. Paulo», um elegança «yatch» para viagens de recreio, aguardava-os para leva-los á ilha.

Depois de um pequeno percurso pelo centro da cidade os convidados embarcaram no «Cidade» que largou ás 2 horas e tanto, em direcção á ilha, fazendo uma marcha suavissima, deslizando por entre os navios surtos no porto, na sua maioria embandeirados, o que imprimia áquillo tudo, um alegre ar de festa.

Depois de uma travessia de 40 minutos mais ou menos, o «Cidade» atracava á «Costeira», o ponto de desembarque na ilha.

Uma pequena linha ferrea pertencente á empreza, faz dahi até á Villa o transporte dos convidados.

Numa extensão de cerca de 6 kilometros está ella assente; faz-se o trajecto em 10 minutos.

A locomotiva e tres wagões de primeira classe, compunham o comboio que conduzia a comitiva.

Os Drs. Bernardino, Motta e Elias Fausto fizeram o trajecto, na frente da locomotiva, em um banco, elegantemente adornado.

D. Joaquim e seu sequito, seguiram num wagão, ricamente enfeitado de galhardetes e festões.

A chegada do comboio á villa foi feito entre aclamações de centenas de operarios da empreza, que tinham á sua frente o activo e prestante cidadão, tambem director da empreza, Valencio Leomil, quando desembarcaram o dr. presidente e sr. bispo, foram vivamente aclamados.

A banda de musica do 1º batalhão policial, postada no alpendre do vasto e elegante hotel da empreza, executava o hymno nacional.

no nacional.

Passado o entusiasmo da recepção, cada um tratou de installar-se, para o que encontraram a mais cordial e lhana affabilidade e cortezia da parte do dr. Elias Fausto, e do pessoal do hotel.

Depois de tocos accomodados e d'um solido «lunch», dirigiram-se em visita á praia, a encantadora e selvatica praia, que offerece o mais estupendo e imponente espectáculo aos olhos do passeiante.

Innumeras barracas para banhistas, estão alli enfileiradas e sob o seu tecto assentaram-se muitos dos convidados, abrigando-se assim dos raios do sol, que á essa hora, estava a nado.

Outros convidados dirigiram-se á extremidade da praia, á ponta do «Guarujá».

Outros ainda percorriam as edificações da ilha, elegantissimos chalets de madeira sueca, muito bem dispostos e que ficam dos lados do hotel, que é uma vasta e colossal construção, tambem de madeira.

É um enorme «chalet», com accomodações hygienicas, bem arejadas, todas com janellas para o exterior, e no ponto central da ilha, de modo que recebe em todos os sentidos a fresca aragem de terra e a saudavel viração do mar.

Tem o Hotel cincoenta quartos para hospedes, um vasto refeitório e grande salão de visitas e é illuminado a luz electrica.

Além disso, no que diz respeito á serviço interno pôde rivalizar com o melhor estabelecimento congener, que porventura possuamos. A cozinha é excellente; a adega escolhida e abundante.

Já o pharolete da «Mocla», começara a brilhar, um leve crepusculo roseava os contornos da ilha, quando a campã do colossal edificio acou, annunciando que o banquete ia ser servido.

Eram seis horas e meia da tarde.

No vasto refeitório, brilhantemente illuminado, dispunham-se quatro grandes mezas.

Na da cabeceira sentaram-se os principaes cavalheiros da comitiva, e algumas distinctas familias da nossa sociedade, que estão fazendo na villa uma estação de banhos.

Serviu-se um escolhido e caprichado «menu».

Emquanto a alegria communicava-se e expandia-se entre os convidados, a excellente banda de musica, executava magnificos trechos de opera.

«Au dessert», o dr. Elias Fausto historiou a vida da empreza, desde que o seu grande espirito de iniciativa deliberou levar avante aquella grandiosa idéa, e tornou-a a realidade pujante, que naquella instante se inaugurava. Terminou o seu brinde saudando o dr. presidente do Estado.

Agradecendo essa saudação o dr. presidente brindou o dr. Elias Fausto, legitimo representante da iniciativa paulista.

O dr. Elias respondendo, saudou o sr. bispo d. Arcoverde.

De d. Arcoverde, em resposta ao dr. E. Fausto.

Trocaram-se depois destes, varios outros, recordando-nos dos seguintes:

O sr. Valencio Leomil a d. Arcoverde.

Desembargador Brotero á Associação Commercial na pessoa de Fritz Christz.

Fritz Christz á Companhia Balnearia e dr. Elias Fausto.

Dr. Pedro Vicente á municipalidade de Santos, na pessoa do dr. Isidoro Campos.

Dr. Isidoro Campos agradece e brinda a Balnearia.

Dr. Thomaz Alves a d. Arcoverde o dr. Bernardino.

Bernardino.
Desembargador Brotero á Companhia Ingleza na pessoa do sr. Speers.

Dr. Thomaz Alves á propaganda republicana na pessoa do dr. Vieira de Carvalho.

Dr. Cezario Motta Junior em nome do governo de S. Paulo á Companhia Balnearia.

Dr. Bráulio Gomes, a dr. Elias Fausto; dr. Alvaro Carvalho á imprensa; o sr. Araujo Guerra, redactor da «Platée», agradece em nome da imprensa paulista e brinda ao dr. Elias Fausto; Juvenal Pacheco brinda ao dr. Cezario Motta; dr. Alvaro de Carvalho ao desembargador Brotero e juiz Thomaz Alves como representantes do poder judiciario; Alberto Veiga, em nome do povo santista, ao dr. Bernardino; Juvenal Pacheco ás senhoras que assistiam ao banquete; dr. Cezario Motta Junior, agradecendo, falla sobre o saueamento ne Santos largamente e brinda sua municipalidade; Alberto Veiga á imprensa paulista; Juvenal Pacheco ao «Diario de Santos»; e finalmente o brinde de honra, erguido pelo dr. Bernardino ao futuro e grandeza de S. Paulo.

Dirigiram-se em seguida quasi todos os convidados para o «Casino», onde dançouse animadamente até uma hora e meia da madrugada.

No dia seguinte, mal a aurora tingia de fresco todo o ambito da ilha, já alguns grupos e valentes dos convidados atiravam-se ao magnifico banho.

Em seguida houve extensos passeios pela praia, fazendo-se hora para a missa pontifical, que ia ser dita por s. exc. revdima.

A bonita capella da ilha é construida em eguaes condições das demais edificações: o mesmo typo de architectura, a mesma materia prima.

A capella possui entre as suas reliquias, duas preciosidades de grande valor historico: as imagens de S. Amaro, em numero de duas, encontradas por pescadores na ilha. E pelo exterior das imagens, pelo muito que a acção do tempo nellas se faz

notar, vê-se que é verosimil a origem que lhes é attribuida.

Depois da benção geral da capella, disse a missa o sr. bispo, acolytado por alguns sacerdotes que iam em sua companhia.

Seguiu-se um sermão, pregado por um intelligente sacerdote.

Finda a missa, foi servido um lauto almoço.

A's 2 horas da tarde partiam da ilha os convidados entre ruidosas manifestações dos operarios e pessoal do hotel.

Chegados á «Costeira», tomaram de novo o «Cidade de S. Paulo», que aproou para Santos.

No tombadilho, aproveitando a calmaria do mar e o dia, gloriosamente illuminado por um sol faiscante, pouco abrazador, porém, um grupo organisou uma interessante contradança, e o pittoresco trecho entre a «Costeira» e Santos veio alegremente saudado pelos accordes da quadrilha.

O «Cidade» atracou no cães. Por uma deferencia do sr. W. Speers, superintendente da «Railway», veio esperar a comitiva, junto dos novos armazens que alli foram construidos.

E depois de cordenes despedidas, o comboio moveu-se e partiu trazendo para S. Paulo os convidados. A bordo do «Cidade» as familias, em «villegiatura» na villa, agitavam os seus lenços, e no comboio os chapéus, agitados no ar, correspondiam á sympathica manifestação, ao som de uma alegre peça que a banda executava.

A's 5.55 da tarde saltava toda a comitiva na «gare» da Luz.

Só nos resta agora saudar com todo o entusiasmo os dignos promotores do grande melhoramento, pedindo venia para convergir as nossas saudações e agradecimentos na pessoa do distincto cavalheiro dr. Elias Fausto Pacheco Jordão.

HOSPITAL DOS LAZAROS

O movimento do hospital de S. Lazaro, no mez de Agosto findo foi o seguinte:

Existiam 27, entraram 2, sahiram 4, existem 25, sendo homens 16; nacionaes 15, portuguez 1, e, mulheres 9, nacionaes 7, africanos 2.

- Ao mesmo hospital fizeram-se doativos durante esse mez assim descrimnados:

Pensado & Irmão, 2 saccoes de feijão; J. Antonio Ribeiro, 6 litros de azeite doce, Arthur Furtado, 200 litros de piche; Jesuino Campos & Comp., 1 sacco de arroz, 1 sacco de farinha e 1 barril de banha; um anonymo, 2\$900; d. João Mendes de Almeida, 832\$220 para completar a despesa ordinaria do mez de Agosto.

NA BALNEARIA

A Ilha de Santo Amaro ou Ilha Balnearia, como queiram, um attestado vi-vissimo da iniciativa particular, onde o genio paulista constituiu uma estação agradabilissima para a sociedade brasileira, e um dos pontos mais notaveis do Estado de S. Paulo para o *touriste*, *attrahia-me* ha muito tempo a attenção e fizera com que eu combinasse com um amigo uma excursão por lá nestes dias.

Ocasião mais propria não se me poderia apresentar do que na semana passada. Um baile offerecido á exma. familia do dr. presidente do Estado realisava-se no sabbado, e um convite gentilmente mediado pelo Juvenal a elle me permittia assistir. Nada havia a pensar. Puz alguma roupa na mala e eis-me na estação da Luz, no sabbado, pela manhã, á espera do trem que ás 7,20 devia conduzir-me a Santos, em companhia de muitos convidados.

Essa viagem não devia ser aqui mencionada se não fôra uma viagem fôra do commum, onde a alegria, as pilherias em grande numero e todas ellas apimentadas, se tornaram a nota caracteristica; um facto que por mais que eu quizesse não poderia bem referir aos leitores, e se o pudesse, os deixaria com agua á bocca, com inveja, talvez, de quem houvesse gozado aquellas venturas.

No meu wagon, quasi que sómente occupado pelos convidados, tambem se achavam homens de idade, que haviam dobrado a montanha, como elles diziam; longe, porém, do que pensava eu e com certeza pensam os leitores, a galhofa, a malicia se faziam sentir mais nas pilherias dos velhos do que mesmo entre os rapazes.

Todos de bom humor rimos a bom rir até Santos. Houve, entretanto, um momento triste na historia da viagem de S. Paulo áquella cidade. Lá pelo Alto da Serra, o estomago começou o que se diz a dar horas, facto natural, naturalissimo, tanto mais que desde ás 5 horas estávamos acordados. Por esse motivo a alegria ia desaparecendo pouco a pouco, e por sua vez a fome augmentava de uma maneira assustadora. Já não se fallava noutra cousa a não ser num bifesinho.

E estávamos mais ou menos nessas condições quando de um lado se levanta um companheiro alto e velhusco e diz naquella tom tragico do tragico Vicente quando bradava o «ltararé ou morte!» — «As armas que sou a hora de entrarmos em combate!»

Era um desafôro! porque não tinha fome estava zombando dos que tinham! disseram todos exhaltadissimos. A exaltação chegou a um ponto que quasi dão uma séva ao pobre homem alto e velho e eu mesmo cheguei a ver uma revolta no wagon.

Estávamos enganados. O alto era o salvador da situação, um *pae da patria*; tinha toda a razão quando nos havia convidado para comer. A seu lado estava um grande cesto contendo almoço sufficiente para 3 ou 4 pessoas. Foi pouco para nós todos, mas ficámos contentes para não dizer satisfeitos; só não ficou contente o meu amigo e nosso infatigavel companheiro de...prosa, Adalberto C., de quem ouvi a seguinte exclamação:

«Tinha fome para comer um boi e encontrei uma coxinha de gallinha!»

O resto da viagem correu sem incidente notavel. Desembarcamos na estação Inglesa ás 10 horas e cada um, fazendo-se criado de si mesmo, levou a sua mala á estação da Companhia Balnearia. Em seguida dirigimo-nos ao restaurante mais proximo, *Maison Doré*, se não me engano, onde comemos um bife á cavallo, á galope, fim de que pudesse-mos apanhar a barca *Piracicaba* que devia deixar o porto ás 11 1/2.

Comemos bifes, bifes na verdade que não foram grande cousa e tomamos a barca. A viagem de Santos á Ilha de Santo Amaro, foi tão bem descripta pelo collega *Filindal* quando lá foi assistir á inauguração que não posso resistir á tentação de aqui reproduzir um pequeno trecho.

Desculpem-me os leitores e porque não? Igual, garanto-lhes, não faria eu.

«Desprendida da amarra a barca singrou para Santa Amaro. Quarenta minutos no vasto porto de Santos e no esplendido canal de aguas limpidas e tranquilas, acariciados por uma brisa leve e fresca, sob o sol brando de um dia maravilhoso. Todos os passeantes na tolda de prôa, admirando a paisagem, de um verde tenro nas duas margens do canal, de um azul carregado de montanhas longinquoas, caprichosamente recortadas no céu limpo. Findos os quarenta minutos chegavamos á ilha. A barca atracou á ponte da Balnearia; estendeu-se a prancha, saltamos á terra. Essa ponte é a estação do caminho de ferro particular da empresa. Uma machina e dous carros, tudo novo, tudo polido, tudo reluzente de limpeza e cuidado. Esse trem da empresa é uma galanteria, mas com toda a segurança e conforto».

Mais dez minutos de estrada de ferro e estamos chegando à Villa Balearia.

O espectáculo que se apresenta ás nossas vistas á entrada da Villa é simplesmente sublime!

À direita, a formosíssima praia, o mar, então bastante agitado, causando um certo pavor aquelle constante murmurejar das ondas a pessoas que, como eu, poucas vezes o têm visto, e em opposição a isso, á esquerda, um quadro verdadeiramente encantador, uma infinidade de chalets de madeira artisticamente armados no meio de jardins, destacando-se d'entre todos o Cassino e o vasto edificio do Hotel da Companhia; e mais além um pouco, a vista descortina o magestoso morro de Santo Amaro.

Phantastico o que ali se vê!

Mas deixemos os panoramas de lado, cuja descripção já foi feita neste jornal

pelo mesmo collega, e entremos na Balearia.

Desembarcámos na pequena estação, que fica exactamente em frente ao hotel, e é preciso que o digamos, desembarcámos no meio de flores. Sim, outra cousa não eram aquellas lindas moças, todas em *toilettes* claras, proprias da estação, povoando os elegantes salões do hotel, e que, á medida que atravessava um convidado a extensa ala que haviam formado, lhe dirigiam graças acompanhadas sempre de risos ironicos. «E' casado, tem tanta mala...» disseram ao primeiro que passou; «este não é feio», e isto e aquillo, etc.

Apresentados ao dr. Elias Fausto, presidente da Companhia, cavalheiro de distincção, fomos por elle acompanhados a um chalet, um pequeno castello de principe que se acha á extremidade direita de uma avenida, onde nos alojámos. Ahí ficámos a preparar-nos para o jantar, deslumbrados ainda com as extraordinarias paizagens que havíamos divisado logo á chegada.

Infelizmente, ou felizmente para nós, porque iamos passar mais um dia agradável naquelle lugar, o baile não se realisou no sabbado, como estava marcado, por um desarranjo no motor da luz electrica, e sim no domingo.

Occupámo-nos nesse dia em outros divertimentos que lá proporcionam ao habilitado. Na mais franca intimidade—todos sabem quanto são facéis as relações de amizade em logares desta natureza—levamos horas e horas a deliciar-nos com a admiravel prosa das gentis moças que lá se achavam; fizemos conhecimentos com o popular Quim Alvaro, bacharel em direito, trocista de marca maior, e que no baile do dia seguinte desempenhou com o agrado geral o espinhoso cargo de mestre-sala.

À tarde, na praia corridas a pé e a velocipedes, no Cassino jogos, e á noite ainda, para cumulo dos cumulos, quando todos reunidos no chalet, um amigo que no jantar havia comido muito e bebido mais, começou a dissertar sobre as diferenças entre as duas classes da sociedade, aristocracia e burguezia, concluindo que o burguez é mais aristocrata que o proprio aristocrata. Não discuto o caso; talvez elle tivesse a sua razão.

No domingo, a mesma cousa: divertimentos em todos os logares e em tudo distracções. Desde a manha, preparativos para o baile, moças que iam evinham, enfeitando se, etc. À tarde, no jantar, tiveram os hospedes e convidados e muito principalmente as moças a risos e agradável surpresa de ver o hotel todo illuminado e consequentemente de saber que o baile se realisaria nessa noite. Uma salva de palmas rompeu de todos os lados.

Desde essa hora começou-se a notar uma certa debandada na sala de jantar. Grupos de moços e moças, velhos e velhas tambem, sahiam furtivamente afim de preparar-se para o baile.

Às 8 1/2 da noite viu-se surgir da pequena rua de palmeiras que uno o hotel ao Cassino, uma moça, não mais na *toilette* singela com que a tínhamos visto durante o dia, mas com uma de seda, em adoravel *decote*; outra, outra e outra e eis finalmente o salão do Cassino completamente povoado dessas interessantes avesinhas, sempre cantando, sempre alegres. Os cavalheiros correpunham perfeitamente ás *toilettes* das senhoras: casacas e *smokings* era o que se via.

Às 9 1/2, rompia uma banda de musica militar um signal para quadrilha. Iam-se dançar a quadrilha official. Immediatamente moveram-se os cavalheiros e pouco-depois deu-se principio ás danças.

Após esta pequena formalidade, tomou o baile as maiores proporções possiveis. Enthusiasmo e animação era o que não faltava. Lá estava o celebre Quim Alvaro dizendo com eloquencia no meio da maior confusão—«Balancée com o pardo vis-à-vis, «tour» com a da esquerda.» Devo tambem citar uma quadrilha americana, formada por moços folgazões e que se tornou logo digna de nota porque della tambem eu fazia parte. Não menos notavel, uma moça bastante joven ainda, trajando uma «*toilette*» encarnada, que fez successo por ser optima walsista e um espirituoso par, e a qual, revelo aos leitores, deram o nome de «holophote vermelho», pelo facto de sua belleza brilhar, illuminar toda aquella sala.

À 1 1/2 hora depois de meia noite, cada par se dirigia novamente para o hotel, onde estava servida uma ceia.

Vou abrir um parenthesis. Na mesa, tive uma contrariedade, pequena é verdade, mas da qual não posso esquecer-me. Talvez cansado de tanto fallar ou mesmo por estar com fome e entregar-me de bocca aos saborosos pratos que eram servidos, deixei um instante de conversar. A' minha direita estava uma moça bonita e de espirito e á esquerda o *holophote vermelho*. A primeira observára que eu estava quieto havia muito tempo e disse-me: «O sr. está mudo?!» Vi-me forçado a dizer qualquer coisa, comprehendí a obrigação de fallar, e quando a gente é obrigado a fallar, nada falla, ou se falla, diz asneiras. Foi o que me aconteceu. Vi-me para os visinhos da esquerda onde se conversava sobre a hora em que pretendiam levantar-se no dia seguinte: dirigime então ao *holophote* com esta frase banal: «Até que horas de amanha pretendes v. exc. dormir?» Tive a resposta que devia ter e mais clara só a tinta em que mergulho a minha penna: «Até acordar!» Enguli a resposta, fiquei vermelho, e calamidade! por todos os lados, riso!

Enfiado, como se costuma dizer, levei instinctivamente aos labios o copo contendo um finissimo Bourgogne.

Ma' sabia eu, entretanto, que naquelle copo se achava o remedio da occasião: minutos depois, á semelhança das pes-

soas que occupavam a mesa fronteira onde o bourgogne estava fazendo o effeito que os leitores devem ter previsto, ria-me, ria-me muito, alegre, satisfeito da vida como ninguem.

Voltemos ao baile. Tendo eu já dito que havia animação no baile antes da ceia, desnecessario se torna dizer qual foi essa animação depois da mesa, onde imperaram eloquentemente o bourgogne e o champagne.

Só poderei dizer que ás 4 1/2 dirigiamos eu e alguns companheiros para o chalet, onde ás pressas arrumámos as malas e viemos á estação alcançar o trenzinho das 5-20. Contarei tambem que todos nós estávamos cansadissimos, num estado que não se pode dizer se acordados, se dormindo.

Só acordei quando, ao apitar a machina, olhei por uma janella para despedir-me dos que ficavam, e senti as saudades daquelles estúpidos dous dias, daquella esplendida festa, e até... do caso da mudez que se deu commigo.

E saudades tiveram todos, os que vieram e os que lá estão, tal foi a festa que se realisou na Villa Balnearia, no sabba-do passado.

JOÃO DA TREVA.

RELATÓRIO da Companhia Balnearia Ilha de Santo Amaro, apresentado na assembléa geral ordinária a 30 de março de 1897.

Srs. accionistas:
Assumindo a 1 de dezembro a superintendencia da companhia, para a qual fôra nomeado em assembléa geral extraordinária de 28 de novembro ultimo, em observancia dos estatutos apresento-vos o balanço do activo e passivo em o anno de 1896, acompanhado do relatório demonstrativo de estado da companhia.

PROPRIEDADE DA COMPANHIA

Além dos terrenos adquiridos a títulos diversos e não transmittidos, a companhia possui:

- o hotel,
- o cassino,
- o theatro,
- a casa de machinas para a illuminação electrica,
- quarenta casas, sendo 33 de maljeira e 7 de tijolos,
- a estação em Guarujá e os quartos dos banhistas,
- a olaria,
- a linha ferrea, bifurcada para a Costeira e Itapema com o respectivo trem rodante, diversos ranchos no Guarujá e no Itapema e os quartos juncto á ponte na Costeira,
- cinco lanchas a vapor, 4 alimentadas a carvão e 1 a kerozene, botes e lanchas para carga,
- a officina,
- as pontes na Costeira, Itapema e Paqueta.

O hotel, o cassino, todos os chalets de madeira, a estação, os quartos dos banhistas reclamaram e reclamam providencias importantes e urgentes; taes quasi a pintura em geral, concertos ou substituição dos soalhos das varandas, das venezianas e das ferragens.

O theatro pela mesma forma, porque a parte de madeira está bastante estragada.

A casa das machinas para a illuminação faz honra á companhia, pela installação e conservação dosapparelhos e materias em perfeito estado.

A olaria continúa arrendada ao dr. A. Lencidariu na forma do contracto, que expirará em 1.900.

A linha ferrea funcionava e funciona regularmente, sendo satisfactorio o estado de conservação do leito em direcção ao Itapema, dependente comtudo de assiduos cuidados para dar saída na aguas das chuvas, accumuladas ás margens e que poderiam infiltrar-se no aterro e occasionar o respectivo abatimento.

A parte da linha em direcção á Costeira não é transitada até a olaria e por isso não é conservada.

A ponte na Costeira achava-se abandonada e hoje está em boa parte desmanchada para aproveitarem-se as madeiras.

A ponte no Itapema, com quanto apparentemente em perfeito estado e em serviço constante, carece de ser consolidada, sob pena de abater em momento mais ou menos proximo, podendo occasionar facto lamentavel.

O trem rodante achava-se quasi todo em mau estado e apesar de muito melhorado, exige ainda trabalhos e despesas não pequenos; ámente uma locomotiva, funcionava regularmente e duas estavam de todo fóra do serviço por damnificadas, mas agora funcionam tres e em breve funcionará a quarta.

Um dos carros de 1ª classe estava fóra do serviço por muito estragado e já está em termos de voltar ao trafego, de todo restaurado.

O carro mixto de 1ª e 2ª classes trabalhava muito mal em virtude do mau estado das rodas e em breve será retirado do serviço para substituir estas e fazer outros reparos.

Achando-se o brek muito deteriorado, foi substituído por um feito na officina, aproveitando-se para isso a mesa de um wagon de lastro pequeno.

Tres wagons grandes de lastro estavam e ainda continuam em mau estado a servir nos trabalhos de aterro; mas está providenciado para sua reconstrução em breve tempo.

Protendo converter em carro de 2ª classe o antigo brek, muito grande e pesado para o serviço diario, e farei outro brek de outro wagon de lastro pequeno actualmente fóra do serviço.

São preciosos e vão ser encommendados jogos de rodas, que possam substituir, quando convier, as dos diversos carros que tenham se estragado, evitando-se o que agora acontece inutilisar-se um carro sómente pelo mau estado das rodas.

Os ranchos em numero superior a vinte, esparsos aqui e alli no Guarujá e no Itapema, são da peor construcção e sua permanencia é inconveniente. Fechados e cobertos por folhas de zinco, em geral

velhas e de pedaços de madeiras, sem pintura, fazem pessima impressão, além de accommodarem pessimamente os operarios empregados da Companhia.

Os quartos da costeira conservam-se em bom estado e faze diligencia por alguns os.

Encontro o material da navegação em tristes condições, quasi em termos de ser suspenso o serviço ou lançar mãos de lanchas alugadas e, apesar de meus continuos esforços, é preciso confessar-o, não está em pé conveniente.

Esse serviço da navegação exige os maiores cuidados e toda energia para ser levado a condições satisfactorias, porque depende de pessoal da peor especie.

O vapor « São Paulo » — ha muitos meses — está no porto do Rio de Janeiro a fim de ser vendido, sem que isso tenha sido conseguido, fazendo entretanto despesa mensal superior a seis centos mil reis.

Examinado — ha pouco — o estado do casco e das machinas e orgaos os concertos, importariam estes em mais de quarenta contos de réis, o que não convém despendar, principalmente, porque esse vapor, dependente de custeio elevado, pôde ser dispensado.

Já em novembro ultimo o « Santos » estava em concertos e em principios de dezembro, verificada a necessidade de grandes reparos, está recebendo reforma quasi radical.

Infelizmente na cidade do Santos faltam muitos recursos e por isso, apesar dos meus esforços, ainda se conservará fóra do serviço talvez por mais de um mez.

A barca « Guarujá », a que melhores serviços tem prestado, tambem necessitava de reparos, conquanto estivesse trabalhando.

Tornando-se impossivel o seu serviço, esteve dezasseis dias recebendo concertos dos quaes foi encarregado o sr. João Palva, industrial em Santos, mas, infelizmente, dentro em breve será preciso encalhala para remediar defeito talvez consequente á má execução dos trabalhos feitos.

Não escapou tambem a costeira, que ainda ultimamente careceu da substituição de tubos da caldeira.

A « Santo Amaro », alimentada a kerozene, ha muito que não trabalha por desmancho na machina. Falta em Santos quem a concerte.

Em Janeiro tive noticia de que Armino do tal, industrial com officina em Santos, tinha competencia para concertar a e com elle contractei o serviço por oito contos mil réis, pagaveis ômente depois de verificada a perfeição do mesmo pelo funcionamento normal da machina.

O concerto deveria estar concluido a 28 do fevreiro p. p. o até esta data não foi iniciado, o que para mim significa a desconfiança do industrial da própria capacidade para a execução do serviço.

Tendo sido encomendada para a Europa nova barca a kerozene, maior do que a Santo Amaro, mandon-se contractar profissional que com ella venha e trabalhe: Espero a vinda desta para reparar aquella machina de construção e funcionamento semelhante.

Ha dois botes em bom estado, ainda reparados ultimamente, dois carecem de não pequenos concertos e dois acompanharam, segundo dizem-me, o vapor «S. Paulo».

Das tres lanchas de carga—uma traba h', outra vai ser reparada e uma parece condemnada por incapaz.

A officina mal merece este nome: sob telheiro mal construido o conservado, ameaçando desabar, trabalham os mechanicos da companhia, guardam-se alguns dos carros e locomotivas, estão collocadas e funcionam as poucas e pequenas machinas para os serviços de ferreiro, ajustadores, encanador e carpinteiros.

Além da construção não offerecer a segurança necessaria, o interior do telheiro é lavado pelas chuvas, que interrompem os trabalhos e danificam tudo, especialmente os carros e as locomotivas que ficam expostos as intemperies, porque além do tudo o telheiro não tem a capacidade precisa para resguardal-os.

Sob esse telheiro ha tambem um vapor, que poderá servir de motor em officina regular, embora modesta e adequada somente ás exigencias dos serviços da companhia.

Tendo pedido ao muito competente dr. Gustavo da Silveira, plano e orçamento para construção de officina em taes condições, já foi o meu pedido satisfeito e o orçamento conforme o plano em meu poder é de Rs. 38.500\$000.

Ha ainda na officina uma machina de fazer gelo, em mau estado, a qual não deve ser conservada, porque além da elevada importancia dos concertos, seria o custo dispendioso e difficil, assim como a sua conservação.

ESTADO FINANCEIRO DA COMPANHIA.

E' irresistivel a eloquencia dos algarismos!

O balanço que submetto á vossa consideração, se não é de todo desanimador, obriga a cogitações muito sérias, infunde receios muito justificados aos que tem seus capitães comprometidos na empresa, cujo activo e passivo elle demonstra.

Consta desse documento um debito a 31 de dezembro de 1896 na importancia de 2.348:005\$120, 2.000:000\$000 representados por debenturas emitidos e 345:335\$120 em que importam diversas contas e é de meu dever declarar-vos que essa quantia não significa a realidade das responsabilidades actuaes, não só porque a casa Prado, Chaves & Comp. tem fornecido de 1 de janeiro até esta data a quantia de Rs. 28:297\$350 para occorrer ao pagamento dos deficits verificados, como tambem porque além dos debitos escripturados ha outros, que sobem a somma superior a cem contos de réis, sobre cujas importancias ha duvidas e reclamações da Companhia, como por exemplo para com a casa Lidgerood e a Companhia Mechanica e Importadora, como ainda porque nesta data deve ainda a Wilson Sons & Comp. cerca de 17:054\$760 de fornecimentos atrasados e á Companhia Dúcas de Santos cerca de 2:100\$000; sendo que esta ultima está assim reduzida, porque obtive a redução do aluguel mensal da ponte no caso de Santos de Rs. 600\$000 a 300\$000, a contar de fevreiro de 1896 e

em relação aquella consegui que não fossem contados juros sobre o total da divida a 31 de dezembro—superior a Rs. 26:000\$000.

Por outro lado o activo da Companhia deve ser calculado actualmente em valor muito menor. Os edificios, em parte deteriorados e necessitados de grandes concertos, tem certamente valor muito inferior; o material da navegação vale muito menos do seu custo; parte ao menos do trem rodante da linha ferrea tem tambem diminuido em valor e algumas verbas de receita estão reduzidissimas.

A renda do Cassino é insignificante ou quasi não ha renda; a do hotel desde dezembro é nenhuma em relação a despesa indispensavel e, chegados os mezes de frequencia de hospedes, os saldos apurados mal darão para compensar as despesas de agora com a compra de louças, roupas, muitos outros objectos para decente tratamento e sobre tudo com os concertos e pintura das varandas.

Os chalets alugados produzem menos de dois terços do que deveriam produzir mensalmente por acharem-se muitos desocupados: a 30 de novembro sómente havia 23 chalets occupados, produzindo apenas 5:125\$000 apesar da elevação dos alugueis; a 28 de fevreiro, apesar da redução destes, havia sómente 28 alugados rendendo 5:471\$000; entretanto que o aluguel mensal de todos seria superior a nove contos de réis.

A falta de qualquer divertimento, a diminuição de moradores e de hospedes no Guarujá paralyzaram quasi totalmente a concorrência de visitantes e, pois, não sómente isso contribuiu para a diminuição dos resultados do hotel, como tambem re-

duziu a renda produzida pela venda das passagens e transporte de cargas.

Consequentemente não ha mex que se liquide sem deficit, para cujo preenchimento suppe a casa Prado, Chaves & Comp., com as quantias precisas, como já vos disse.

Entretanto é neste estado difficilissimo que urge a necessidade da execução de serviços importantes, indispensaveis, inadiaveis, se a Companhia quizer obstar a deterioração completa da sua propriedade, a suspensão do trafego da linha ferrea e das barcas e crear elementos de vida e prosperidade para a sua empresa.

A não execução da pintura e das reformas e substituição dos soalhos, das venezianas e das ferragens, importará na ruina completa dos edificios de madeira dentro de pouco tempo; a paralyzação dos concertos das barcas e do trem rodante, acarretará o despoimento do Guarujá; não consolidar a ponte de Itapema virá manter acesa constante aos que por ella transitam.

E' urgentissimo attender de prompto a esses serviços.

E não menos preciosos, apesar das difficuldades da companhia, são os seguintes:

- (a) construir casas de alvarazin, baratas, para operarios, serventes e banhistas que só possam dispôr de poucos meios;
- (b) construir estabelecimento balneario com banhos de agua salgada e doces, quentes e frios, de imersão e em duchas, salas de gymnastica e patinação;
- (c) construir a officina conforme o plano organiado;
- (d) estabelecer linha telephonica ou telegraphica que ligue o Guarujá a Santos e além;
- (e) crear meios de divertimentos e distracção.

A construção de casas além de offerecer abrigo conveniente e necessario aos operarios, concorrerá para o embelezamento da villa, fixará no lugar pessoal para o serviço domestico, hoje muito difficil e fará augmentar o numero de frequentadores para a estação de banhos, tornando o Guarujá accessivel a todos.

Não constituirá sacrifícios, porque dará renda remuneradora.

O estabelecimento balneario será a realisação da ideia contida no n. 3, do art. 1.º dos estatutos, um atractivo real e poderoso para o Guarujá, porque os banhos de mar não convêm para muitos doentes, que encontrarão nos de outra especie o remedio desejado.

A construção da officina é inaliavel e o onus por ella produzido será perfeitamente compensado pela facilidade, promptidão e economia nos serviços da companhia.

Não sei se o estabelecimento da linha telephonica ou telegraphica produzirá renda directa immediatamente, mas sei e o todos o reconhecerão que concorrerá e muito para a prosperidade da Companhia e o desenvolvimento do Guarujá, facilitando as communicações para toda parte e consequentemente destruirá de vez a unica razão poderosa contra a procura dessa linha e saudavel povoação, onde a largos torvos de purissima brisa do oceano alegram-se e vivificam-se os organismos.

Promover divertimentos licitos é dever e interesse da Companhia. Os ha muitos e a escolha não será difficil: faz-se necessaria resolução sómente.

Pensar-se que sómente o jogo illicito rearterará a prosperidade e engrandecimento do Guarujá, é um erro.

Reanime-se a Companhia, dispenda os seus capitães com criterio e proveitosamente, e não será impossivel futuro compensador.

MEDIDAS A ADOPTAREM-SE

Está denunciada a minha convicção a respeito do futuro da Companhia.

Administrada como actualmente em hesitação e constantes, confiada no imprevisto, cada vez mais aggravando as suas responsabilidades, sem contar com recursos para solvel-as, só tem e só terá diante de si o anniquilamento completo.

A tibieza na adopção das providencias prolongará apenas o estado penoso actual: é necessaria resolução prompta e energica.

As providencias são intuitivas:

1.º resolver novas chuallas

2.º pedir auxilios ao poder publico.

A Companhia tem ospital não realiado no valor de rs. 50 \$000 e tanto não será preciso para os melhoramentos agora necessarios.

Faça a Companhia chamadas nos termos dos Estatutos, podendo dar-lhes maiores intervallos, com a clausula terminante de ser o producto dellas applicado exclusivamente ás obras urgentemente necessarias, aos melhoramentos inadiaveis.

Essa medida que seria impossivel em outras condições, é perfeitamente realisavel em relação á Companhia pelas condições especiaes dos seus accionistas.

Penso que adopta a terá a salvação da Companhia, se houver criterio e economia nos dispendios.

Pedir auxilios ao poder publico é um direito da Companhia.

Ella promoveu com capitães proprios a instalação e desenvolvimento de uma villa, sem duvida de utilidade publica, prestando um serviço ao Estado, porque beneficiou-o com o estabelecimento de estação balnearia que é a admiração e o encanto de estrangeiros que não lhe conhecem rival pelas bellezas naturaes da situação.

A sua custa foram estabelecidos e são custeadas as vias de communicação — maritima e ferrea para pessoas e cargas: construiu uma rede de ergolles, que serve gratuitamente a população; realisou a canalisação de agua potavel, fornecida por preço minimo aos habitantes das suas casas e das particulares e usada gratuitamente pelos demais habitantes-moradores de ranchos, empregados ou não empregados seus; installou a illuminação electrica, de modo a ser considerada, senão a primeira, uma das melhores do Estado e, se recebe remuneração á taxa fixa dos habitantes das casas, a mantem gratuitamente nas ruas da povoação.

Parece que bem e justiceiramente merece auxilios dos poderes publicos.

O thesouro do Estado auxilia sem distincções todas as localidades do Estado para o serviço dos respectivos saneamentos: ergolles e canalisação de aguas são feitos a custa da renda estadual e ainda sobre esta pesam outros serviços sob a mesma verba: porque não merecer a balmaria algum favor, especialmente quando o Guarujá offerece abrigo nas epochas epidemicas?

Parece-me claro o seu direito e convicção, lembro á companhia a conveniencia de requerer ao digno presidente do Estado uma subvenção, cuja importancia elle determinará.

Além dessas, que considero providencias capitães, a companhia poderá adoptar outras, que servirão de auxilio no momento actual.

Tres locomotivas são sufficientes e por tanto se promoverá a venda de uma, assim como a do vapor «São Paulo» — esta pelo preço encontrado, porque além de tudo se evitará a despesa feita actualmente.

Convém vender terrenos e casas, barateando para isso os respectivos preços, porque disso resultará a salutar consequencia de augmentar o numero dos interessados pelo futuro de Guarujá, além de que disso provirá augmento de renda para a companhia pelo augmento de transito nas suas linhas.

A companhia tem muitos objectos de que não carece e mais ou menos vendaveis e deverá dispôr de tudo quanto não fôr-lhe preciso.

Julgo ter dito o conveniente para guiar-vos em vossas deliberações.

S. Paulo, 15 de março de 1897.

O superintendente,

EULALIO DA COSTA CARVALHO.

2 NO GUARUJÁ

A Companhia Balnearia

Grande Hotel e Cassino

Accedendo ao convite que nos fôra feito pelo sr. dr. Enlailo da Costa Carvalho, superintendente da Companhia Balnearia Ilha de Santo Amaro, que pessoalmente viera manifestar o desejo do nosso comparecimento á inauguração do Novo Hotel e Cassino do Guarujá, de propriedade daquella Companhia, encarregamos a um de nossos companheiros de representar alli o *Correio Paulistano*, colhendo todas as informações acerca da brilhante festa a realizar-se, e que transmitimos hoje aos nossos leitores.

No trem que da gare da Luz partiu ás 7 horas e 20 minutos da manhã do dia 8 do corrente, com destino a Santos seguiram diversos cavalheiros da nossa melhor sociedade, assim de, como nós, assisti á inauguração do Novo Hotel e Cassino do Guarujá, além de innumeráveis cyclistas que alli iam patentear o adiantamento desse genero de sport entre nós, disputando cinco pares que deveriam realizar-se na linda e magnifica praia do Guarujá. Em wagon especial, collocado na vanguarda do comboio, havia tomado logar a esplendida banda de musica do Corpo de Bombeiros, que durante toda a viagem fez-se ouvir despertando o entusiasmo de todos, principalmente dos nossos cyclistas, que alegres e folgados traziam um barulho infernal, com grande magoa para os que contavam ainda recuperar as horas de somno que o fatal horario da S. Paulo Railway lhes fizera perder e com gaudio dos que se deleitam com o novo genero de sport, pois que, alli fazia-se a chronica do cyclismo e dos cyclistas, discutindo-se a superioridade da machina *Cleedon* sobre a *Diamond*, dessa sobre a *Columbia*, com o que não concordavam uns que affirmavam cathgoricamente que a melhor marca era a *Defiance*, seguindo-se logo a contestação dos entusiastas da *Monarch*, etc. etc.

Chegamos a Santos ás 10 e 15 minutos e logo a banda do Corpo de Bombeiros fez ouvir a sua fanfarrá, e, gaitou, recusando o bond especial que fôra posto á sua disposição pela Companhia Balnearia, percorreu as ruas Santo Antonio, 25 de Março, 15 de Novembro e Praça da Republica em demanda do cás, sempre prece-

dida pelos nossos cyclistas já então guiando suas bellas machinas, dentre as quaes despertava a mais viva attenção, pela sua originalidade, elegancia e velocidade, uma bella quadricicla *Cleedon* guiada por 4 distinctos rapazes desta capital.

Na estação fomos recebidos pelo sr. dr. Enlailo de Carvalho, e, abi tomando bondes especiaes dirigimo-nos para o ponto de embarque, no cás da Companhia Docas de Santos, na parte posterior do edificio d' Alfandega.

Tomamos logar na lancha *Cidade de Santos*, embandeirada em arcos, depois de passarmos pela *Cidade de S. Paulo*, outra lancha que, como aquella pertence á Companhia Balnearia, servindo, porém, de estação flutuante e communicando-se com o cás, por uma larga prancha.

Ás 10 horas e 45 minutos largavamos daquelle ponto em demanda da ponte do *Itapema*. «dentro de poucos minutos deixamos a boreste o aviso de nossa marinha de guerra *Trinidade* que naquella porto se abastecia de viveres e carvão e passavamos entre a praa do vapor inglez *Thames* da *Royal Mail* que havia entrado pela manilha, procedente do Montevideo, e a poupa do vapor nacional *Itatiaia* da Companhia Navegação Costeira Norte e Sul.

Ás 11 horas exactas a lancha atracava á ponte do *Itapema* á pequena distancia do velho e pequeno forte deste nome, construido ainda nos tempos coloniaes e hoje em completa ruina: ali deviamos embarcar nos carros da estrada de ferro que possua a Companhia Balnearia e que pôe em contacto a costa da Ilha de Santo Amaro banhada pelas quietas aguas da baía de Santos e aquella que é batida pelas alterosas vagas do oceano.

Aguardava-nos um comboio composto de dois carros de 1.ª classe e um de 2.ª onde tomou logar a banda do Corpo de Bombeiros e ao qual fôra engatada a machina n. 2 da *Baldwin Locomotive Works* garbosamente enfeitada com folhas de palmeira, bandeiras e guiada pelo machinista Cassiano dos Santos.

Depois da demora necessaria para manobras, embarque de bagagens, etc., isto é, ás 11 horas e 15 minutos, ouvta-se o silvo da locomotiva, e ao som de musica punha-se o comboio em movimento. Pouco adiante, em um desvio, achava-se a machina n. 3, também adornada com folhagens e bandeiras, atrelada a dois wagons descobertos occupados pelos alegres cyclistas e suas machinas, que á nossa passagem saudaram-nos com vivas e aclamações de entusiasmo. Fizemos o percurso de 11 kilometros, que tanto é a distancia do Itapema ao Guarujá, em 20 minutos, e tivemos occasião de notar a boa construção e conservação da linha, que tem a bitola de um metro, sendo construida em grande parte sobre solidos aterros superpostos á extensos mangues.

Brasil, finalmente, 11 horas e 40 minutos da manhã, quando entramos na grande recta onde está construído o hotel, e ao som de musica desembarcamos na estação do Guarujá, construída de madeira, em forma de chalet, como quasi todas as construções da ilha. O espectáculo que ahí se offerece aos olhos dos visitantes é o mais encantador.

Alli está o Oceano, grande, immenso, infinito, confundindo suas aguas com o proprio céu, espalhando-as, transformadas em brancos mantos de espuma, sobre a arêa clara da larga e longa praia. Ao longe, á direita, em diagonal, destaca-se a ilha da Moella, grande montanha de bizarra forma, surgindo das vagas e encimada pelo bello pharol rotativo que á noite serve de guia aos navegantes que demandam o canal de Santos. Á esquerda, a perder de vista a alva faixa de arêa branca que em ligeira curvatura vai cingindo a montanha de exuberante vegetação que separa a Praia do Guarujá da enseada do Santo Amaro.

Ao fundo, a uma distancia approximada de 400 metros, erguem-se soberbos montes ostentando bellas matas, onde a nossa natureza se ostenta em todo o seu esplendor. Ao centro destaca-se o magnifico edificio do hotel, hontem inaugurado. Uma atmosphera leve e pura envolve esse quadro.

No centro ergue-se o sumptuoso

Hotel

Como os nossos leitores devem ainda lembrar-se, na noite de 16 para 17 de novembro 1897 fôra preso das chammas o edificio que a Companhia Balnearia

edificara e installara o primitivo hotel, soberbo chalet, construído de madeira, gracioso e elegante, um verdadeiro primôr no genero. O rubro elemento encontrara todas as condições favoráveis para exercer sua terrível acção: a madeira secca pela acção do sol de alguns verões, revestida de camadas de tintas e vernizes e a brisa marinha que sopra sempre ali, com maior ou menor intensidade. Em poucos momentos só se viu um punhado de cinzas e nada mais.

Nenhuma esperança restava aos que se haviam habituado ali passar o verão ou procurar repouso á vida agitada das cidades que houvesse quem pensasse em reconstruir novo edificio quando alli já se havia empregue, sem remuneração alguma, a fabulosa somma de tres a quatro mil contos.

Mas o genio do empreendedor audacioso que tanto se orgulham os paulistas de possuir, teve legitimo representante na importante firma de nossa praça Prado, Chaves & C., os maiores accionistas da Companhia Balnearia, a quem se deve tudo que alli se vê, constituindo um caso unico no Brazil e talvez em toda America do Sul: uma estação balnearia completa, perfeita, preparada para receber as pessoas ainda as mais exigentes e habitadas e frequentar as estações de aguas das paizes mais adiantadas da Europa. Essa firma recommendando

se á benevolencia dos paulistas resolveu reconstruir o hotel, adiantando á Companhia todo o capital preciso.

Em fevereiro do corrente anno eram iniciadas as obras do grande, bello e confortavel edificio que hontem se inaugurou e cuja construção incontestavelmente obedeceu a todas as regras de hygiene, elegancia e conforto exigidas para o fim a que se destinava.

Fôra encarregado de levantar a planta do novo edificio o engenheiro-architecto Thomaz Bezzi, que disso desempenhou-se brilhantemente: da construção fôra encarregado o sr. Pedro Fagnani, que com garbo e respeito para si, levou-a, ou antes, levou-a ao cabo, pois falta ainda terminar uma pequena parte, dependente apenas de pinturas e pequenos reparos internos para sua final conclusão.

A fachada principal do edificio que é todo de pedra, cal e tijollo, tem 75 metros de frente, com 3 portas e 18 janellas, encimada por tres pavilhões sendo um ao centro, com vinte metros de frente sobre tres do fundo e cinco janellas, e dois lateraes sobre cada extremidade do edificio, medindo 7 metros e 50 de frente com tres janellas cada um e o mesmo fundo que o anterior.

Dá accesso ao principal pavimento elegante alpendre, cuja coberta é sustentada por columnas de ferro, sendo o solo de ladrilho em mosaico.

Attinge-se o alpendre por uma escadaria de granito oriundo de pedreiras existentes na propria ilha.

Entrando-se pela larga porta principal, encontra-se o vestibulo, onde permanece o porteiro e estão os quadros destinados aos cartões dos habitantes do hotel, com a indicação dos quartos que occupem, a collocção das cartas que ahí chegam, e, finalmente, o indicador electrico em contacto com as campainhas dos diversos aposentos.

Á direita está installado o escriptorio da empresa e á esquerda a sala de leitura em cujas paredes veem-se bellas telas, ricamente emolduradas, representando duas, a vista geral da praia do Guarujá observada de pontos diversos, ontras, paesagens e marinhas, todas devidas ao pincel do distincto artista santista Benedicto Calixto. A mobilia é elega e confortavel destacando-se uma bella escrevaninha de jacarandá lavrado e piano *Garcen*.

Em frente depara-se a ampla escada que dá accesso ao pavilhão central da parte superior do edificio: longo corredor divide em duas partes eguaes todo o primeiro pavimento e á sua direita e á esquerda estão os quartos, todos elles com largas janellas protegidas por vidraças e venezianas, mobiliados com simplicidade e elegancia e illuminados por lampadas electricas encandecentes da força de 10 velas.

Na parte posterior do edificio, occulta as vista dos que observam-no de frente, partindo do ponto central onde se ergue o grande pavilhão, foi construída uma ala de 30 metros de comprimento sobre 9,5 de lar-

gura, dividida em pavimento superior e inferior, correndo ao centro de ambos extenso corredor a cuja direita e esquerda estão collocados numerosos aposentos perfeitamente eguaes aos da fachada principal do edificio.

Ahi tivemos occasião de ver as dependencias destinadas à rouparia, ao salão de barbeiro e cabeleireiro.

Ha em todo o edificio 75 aposentos de varias dimensões.

Na rouparia vimos as peças que se destinam ao uso dos hospedes e verificamos a sua superior qualidade sendo completamente novas e todas com o monogramma em bordado C. B.

Em todas as secções do edificio ha magnificas installações de banheiros e exotos.

Todos os compartimentos internos são pintados a fresco com frisos azues.

A agua que abastece a toda ilha, provem de immensa cachoeira existente em uma das montanhas proximas, a cincoenta metros acima do nivel do mar, cuidadosamente captada em um reservatorio de pedra e cimento com capacidade para conter um milhão de litros approximadamente e d'ahi distribuida em encanamentos de ferro.

A iluminação de todas as dependencias da Companhia, das ruas e praças de toda a ilha, bem como de todas as habitações, é fornecida pela usina de electricidade installada a pequena distancia.

Todas as machinas que alli observamos foram installadas pela casa Arens Irmãos e fornecem electricidade capaz de illuminar toda a cidade de Santos, sendo digna de nota a fixidez da luz por ella produzida.

Outras dependencias

Destacada do corpo central do edificio cuja ligeira descripção acabamos de fazer eleva-se o pavilhão reservado para salão de jantar e cassino.

Uma parte desse edificio é da antiga construcção, isto é, de madeira.

O salão de jantar que mede approximadamente 16 m. x 12 m., é pintado de côr clara circundado de vidraças que resguardando-o do vento não impede entretanto que durante as refeições se descortine o esplendido panorama que offerece o oceano.

Ahi vê-se, elevado numero de mezas podendo estar perfeitamente bem acomodadas, ao mesmo tempo, 250 a 300 pessoas.

Todas as peças de porcellanas, crystaes e metaes, que servem nas refeições, são custosas e finas e em todas vê-se em monogramma as iniciais C. B.

Vem de molde dizer que o serviço de cozinha e adega satisfazem ao paladar mais educado estando este serviço a cargo do sr. Manoel D'Haique por contracto celebrado com a Companhia.

Em seguida passa-se ao salão de baile e concerto.

Esse salão construido de madeira é

Corridas

Sempre com a maior animação foi executado o programma distribuido, com excepção do 4.º pareo.

I PAREO

Seniors 7. — 500 metros

Guarany. — Brazil. — Cenis. — Bayard. — Clevaro. — Zucca. — Pylades. — Meyer.

Chegada: — Cenis em 1.º e Meyer em 2.º.

Ambos montavam bicycletas Prinetti-Stucchi.

II PAREO

Seniors 1. — 1000 metros

Osmond. — Otto. — Cacique. — Mago. — Barreyre. — Brennabor. — Pylades.

Chegada: — Barreyre em 1.º e Cacique em 2.º.

Machinas: Roché e Osmond.

III PAREO

Grande Novidade

Corridas de costas em bicycleta

500 metros

Otto. — Cacique. — Bayard. — Cenis.

Chegada: — Cenis em 1.º e Cacique em 2.º.

Machinas: Prinetti-Stucchi.

V PAREO

Triplets e Tandems

1500 metros

Odarp. — Otto. — Osmond. — Barreyre. — Cacique. — Clevaro. — Cenis.

Chegada: — Odarp — Otto — Osmond em 1.º, Clevaro e Cenis em 2.º.

Machinas Prinetti Stuchi e Clement.

Este pareo despertou vivo entusiasmo, pois foi corrido em um tempo admiravel e calorosamente disputado.

A chegada de cada um dos vencedores a banda do Corpo de Bombeiros fazia ouvir um trecho do seu vasto repertorio.

Após o jantar, ás 9 horas da noite começaram as danças que, sempre animadas, prolongaram-se até 2 horas da manhã.

Ahi, no salão, pudemos ver entre outras pessoas, cujos nomes não nos occorre, no momento as seguintes: — Conselheiro dr. Antonio Prado e familia, visconde de Tourinho, officialidade do aviso de guerra *Trindade*: Alphonse Block, dr. Victor Godinho, Alphonse Allinhu, A. Beuwell, Julian Haugwitz, dr. J. Mondonça, viuva Levy, Levy filho, Conceição filho, dr. Plinio Prado e familia, dr. Eulalto da Costa Carvalho e familia, dr. Aphrodisio Vidigal e familia, dr. Afonso Arinos, Henrique Fischer, dr. Odowaldo Pacheco e familia, A. Menezes e familia, Paulo Prado, dr. Elias Fausto, dr. Alvaro de Carvalho, Antonio Prado Filho, dr. Eduardo M. Gonçalves, dr. João Berrenback, dr. João da Costa, dr. Pereira de Sousa, J. Cerquinho filho, Clovis Glicerio, F. G. da Silva Carvalho, dr. Sousa Lima e A. Woodhouse e filho.

A meia noite foi servido esplendido chá acompanhado de magnifico serviço.

A mesa achava-se preparada com raro gosto e distincção. Merece que se destaque, pela sua originalidade, a bellissima ornamentação de flores naturaes, em toda a extensão da mesa, surgindo dentro os ramalhetes lampadas electricas, que eugenhosamente preparadas, projectavam seus reflexos sobre as pequenas fontes de crystallina agua que irrompião dentro as flores, collocadas nas jarras e peças de crystallo que ornamentavam a mesa.

Essa surpresa, original e de bellissima effeito, foi saudada com uma salva de palmas.

Depois do chá, fez-se ouvir, cantando varias romanças o 2º tenente Theodoro Souto, que foi muito applaudido.

Grata impressão deixou essa festa, fazendo nós votos pela prosperidade da Companhia Balnearia para que ellas se repitam, attestando assim o adeantamento da nossa sociedade e que salemos corresponder ao esforço daquelles que souberam dotar o nosso Estado com um verdadeiro paraizo, pois o Guarujá, é tudo o que se pode desejar de bello e de grandioso.

Cumprimos um dever aqui regis-

trando os nossos agradecimentos ás pessoas que dispensaram attencões ao nosso representante, especialmente ao sr. Conselheiro dr. Antonio Prado que cavalheirosamente offereceu-lhe um lugar no trem especial que havia tomado para s. exc. e sua exma. familia, quando, tendo perdido o trem do horario, só á tarde lhe seria possível regressar.

A ESTAÇÃO DE BANHOS DE GUARUJÁ

O novo hotel e os divertimentos que a empresa organizou

Estamos em vésperas da estação de banhos. As principais famílias paulistanas preparam-se para passar algumas semanas de repouso no Guarujá, nesta encantadora praia, vizinha de Santos.

E' pois, ocasião propícia para darmos algumas notícias dos preparativos que a empresa está fazendo do modo a offerecer aos seus hospedes, banhistas, não só todas as commodidades, como também uma série interminavel de divertimentos que os façam passar alegremente os dias de estação.

Uma palestra com o director da Empresa poz-nos ao corrente do programma que alli será executado.

A primeira e mais importante noticia é a da abertura do novo hotel, edificio elegante e amplo cuja construção ficou terminada este anno.

No novo hotel os banhistas encontrarão todas as commodidades e tudo quanto requerem as normas da hygiene moderna e do conforto: magnificos quartos de dormir, cada um com o seu gabinete de toilette anexo, amplas salas de leitura, de jogos e de diversões, installações completas e serviço irreprehensivel.

Os srs. banhistas terão, enfim, tudo o que se encontra nos grandes hotéis da Europa, a começar por uma cosinha de primeira ordem.

A vida, porém, numa estação de banhos não pode consistir somente em banhos de mar, no repouso e nas palestras entretidas nas salas do hotel; deve ter também a sua parte mundana. E é deste ponto que a empresa cuidou com esmero.

Os banhistas terão pois, no Guarujá, um bom numero de cavallos para cavalgadas e passeios aos arredores, e uma «garage» provida de numerosos automoveis, á disposição dos srs. hospedes.

A empresa pretende também inaugurar em Junho uma grande sala para patinação, cuja direcção será entregue ao sr. Rollin, do «Skating Palace», que dará lições desse sport a quem o queira praticar.

Os srs. hospedes terão, em summa, no Guarujá, durante a estação sports de toda a sorte, inclusive aviação, concurso hippico, etc., assim como magnificos concertos e audições de artistas celebres.

A direcção do Guarujá quer fazer e pôr á disposição de seus hospedes tudo o que possuem os grandes hotéis das estações balnearias da Europa; pretende organizar uma série de divertimentos de modo que os srs. banhistas não tenham tempo de esaborear o que as semanas passadas naquella bellissima praia, que para os paulistas tem a vantagem de ser tão proxima da capital, sejam as mais agradaveis.

E' tudo isso sem estabelecer ou impor preços exorbitantes, pois a directoria resolveu adoptar a tarifa de 15\$000 para cima.

A estação de banhos no Guarujá é já um habito para muitas famílias de São Paulo. Este anno, pois, com a abertura do novo hotel e com o interessante programma de divertimentos, aquella linda praia será o ponto de reunião da sociedade fina e dos que desejem revigorar-se dos trabalhos quotidianos com o repouso do corpo e do espirito, num lugar ameno, onde a natureza e a intelligencia humana reuniram tudo quanto poderia contribuir para tornar agradável a vida.

Muitos cavalheiros e famílias já se acham na pittoresca ilha e outros solicitarão da directoria reservasse-lhes aposentos para a primeira quinzena do proximo mez de Junho.

Entre essas pessoas estão as seguintes: srs. dr. Antonio Prado e familia; Caio Prado e familia; condessa Alvares Pontes, condessa do Arary, baroneza Monteiro do Barros, dr. Rondino e familia; Menotti Falchi e familia, Giuseppe Falchi e familia; Giuseppe Crespi, Edgard Conzeição e familia; Egidio Pinotti Gamba e familia; Nicola Puglisi Carbone e familia; Alexandre Mendonça, Numa de Oliveira, Fabio da Silva Prado e familia; Martinho da Silva Prado e familia; Antonio Alves de Lima e familia; mr. Mag. Picard e familia; dr. Ernesto Ramos e familia; mr. mad. R. Pacheco Chaves, mr. mad. Bueno de Azevedo e familia, mr. mad. Leão Renato Pinto e familia, mr. mad. dr. Valadão, mr. George Ennor, mr. F. Israel, mr. mad. Latham, mr. Broad, mr. tenente Reichardt, conde de Lara e familia; senador Ignacio Uchoa, dr. Altino Arantes e C. Monteiro do Barros.

A ESTAÇÃO BALNEAR NO GUARUJÁ

estação balnear, tão brilhantemente inaugurada no Guarujá, vão-se tornando cada vez mais interessante: festas, jogos, sports de toda a espécie levam à encantadora praia o que de mais fino, de mais elegante há na nossa sociedade, juntamente com numerosas das mais distintas famílias do interior.

A Directoria dos Grandes Hotéis de S. Paulo, que está transformando o Guarujá a pito de tornal-o um pequeno canto de paraíso, não poupa esforços, despertando a afeição de todos quantos lamentavam a absoluta falta de conforto e mesmo de comodidades indispensáveis nos nossos hotéis.

A acomodação para os hóspedes e a cozinha, nada deixam a desejar no Guarujá, cuja Directoria tudo previu de forma a satisfazer os mais exigentes.

Jogos de «golf», o «croquet», o «tennis»; poder-se dar belíssimos passeios a cavallo ou a automovel; há lanchas para os que apreciam o mar; e, para os que preferem ouvir, ouvindo um bom trecho de musica, há uma orchestra completa.

E, além de tudo isso, ainda há outro attractivo: Edu' Ohaves, que frequentemente realiza alli magníficos vôos.

Domigo proximo, o intrepido aviador pretendo bater o record da altura, e, na proxima semana, em dia que ainda não está mandado, pretendo partir do Guarujá para o Rio, para regressar no mesmo dia ao ponto de partida.

Como vê, não faltam attractivos na lindissima praia. Felizes os que podem ali passar a deliciosa estação!